

ALFREDO CLEMENTE PINTO

PROFESSOR



Selecta



em Prosa e Verso

20.^a EDIÇÃO



PORTO ALEGRE

SILBACH & MAYER

LIVREIROS-EDITORES

Aissa Hajali Gasse

Anna Fogal Faurer

SELECTA

EM

PROSA E VERSO

DOS

MELHORES AUCTORES BRAZILEIROS E PORTUGUEZES

POR

ALFREDO CLEMENTE PINTO

OBRA ADOPTADA

NAS AULAS PUBLICAS E EM QUASI TODOS OS COLLEGIOS
PARTICULARES DO ESTADO

20.^a EDIÇÃO

CONSIDERAVELMENTE AUGMENTADA, CORRECTA E ACOMPANHADA
DE NUMEROSAS NOTAS

PORTO ALEGRE

SELBACH & MAYER

SUCC. DE JOÃO MAYER JR. & Cia.

LIVREIROS-EDITORES

92-94 — RUA MARÉCHAL FLORIANO — 92-94

1909

Esforçamo-nos outrosim por prestar um pequeno auxilio aos que se applicam á arte de escrever, pondo-lhes deante dos olhos trechos que lhes possam servir de modelo em seus exercicios de redacção; e este foi o motivo que nos determinou a coordenar os assumptos sob a classificação dos generos de composição.

Cumpre ponderarmos que, sempre que nos foi possível, escolhemos de preferencia assumptos que dizem respeito aos nossos homens e ás nossas cousas, por isso que mais de perto nos interessam a nós.

Releva tambem notar que muito de proposito não fomos *exclusivista*, isto é, que não nos limitámos tão sómente aos escriptores nacionaes, mas ainda aos portuguezes fomos buscar grande copia de trechos. E assim fizemos, não porque na litteratura patria não haja de sobejo com que ornar, amenizar e enriquecer um livro de leitura, sinão porque entendemos que, num livro desta natureza, em que se não aprende sómente a ler correctamente, mas tambem a se expressar *portuguezmente*, não deviamos abrir mão dos escriptos de Vieira, Bernardes, Camões e outros da edade classica, nem tão pouco dos de Garrett, Alexandre Herculano, Castilho, Mendes Leal, Latino Coelho, e outros muitos ornamentos da litteratura contemporanea.

Quanto á orthographia puzemos peito a uniformizal-a, seguindo as regras da Etymologia.

Para que, porém, o nosso trabalho produza os resultados que tivemos em vista ao compila-lo, pedimos aos Senhores Professores façam estudar de cór aos seus discipulos bom numero de trechos, tanto em prosa como em verso, que a experiencia

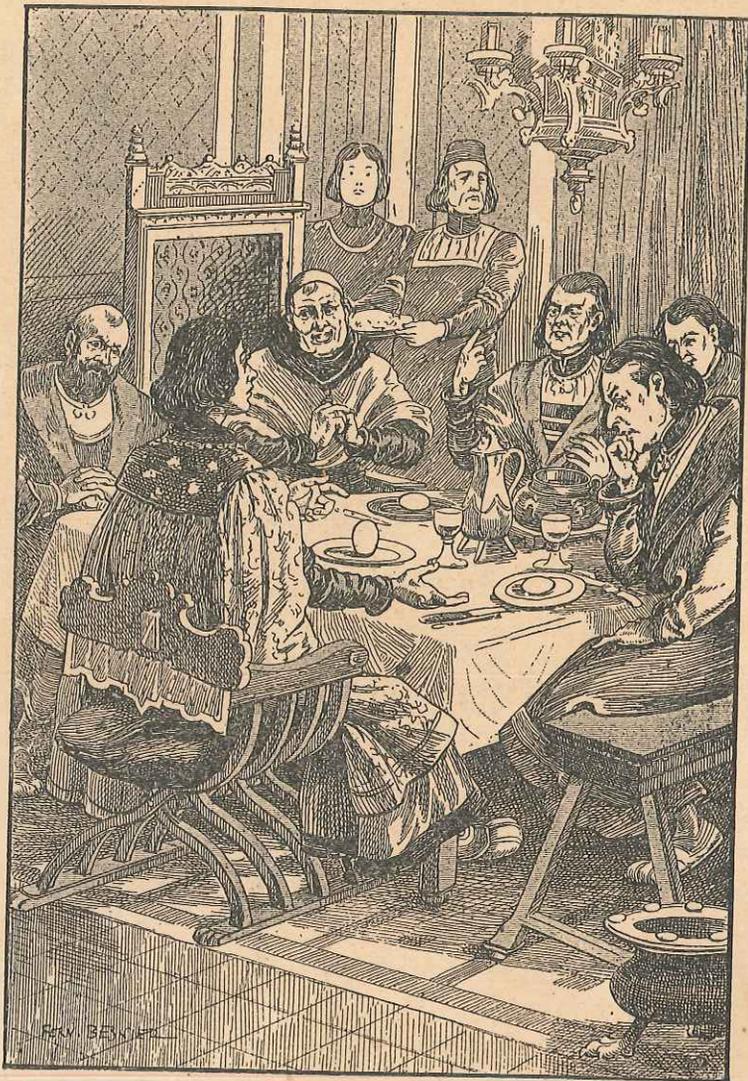
tem mostrado ser este estudo de grande vantagem para os mesmos discipulos, os quaes assim, sem muito esforço, adquirirão uma dicção correctea e elegante e dilatarão o circulo de suas idéas, aprendendo ao mesmo tempo a combina-las e expressa-las convenientemente.

Ultimamente manda a justiça declaremos que neste nosso trabalho muito nos ajudámos de livros congeneres já existentes, destacando-se dentre estes o de Caldas Aulete, o Parnaso Brasileiro e o Novo Secretario de Roquette.

Não presumimos o nosso trabalho isento de defeitos, posto que lidassemos por evita-los; pedimos, pois, aos Senhores Professores que no ensino se utilizarem deste humilde trabalho, queiram communicar-nos suas observações, para que, si tiver de reaparecer em 2ª edição, possam esses defeitos ser cuidadosamente evitados.

Outubro de 1883.

O AUCTOR.



Primeira parte

Contos — Narrações — Lendas

Christovão Colombo e o ovo

Os homens notáveis encontram sempre invejosos que por todos os meios procuram deprimir-lhes as suas acções e merecimentos.

Christovão Colombo não devia servir de excepção a essa lei geral; também elle encontrou alguns que pretendiam depreciar o valor e importancia do descobrimento da America. A esses senhores, depois de realizada, afigurava-se tão facil essa grandiosa empresa que qualquer a podia ter feito.

Um dia estava Colombo á mesa com alguns cavalheiros seus amigos, alguns dos quaes pretendiam provar-lhe que o descobrimento do Novo Mundo tinha sido uma empresa facillima.

Quando estavam mais animados, appareceu na mesa um prato de ovos cozidos; então Christovão Colombo, pegando em um delles, volta-se para os seus interlocutores e pergunta-lhes:

„Qual dos senhores é capaz de descobrir o modo de suster em cima da mesa um destes ovos sobre uma das extremidades e sem encosto de especie alguma?“

Todos immediatamente lançaram mãos á obra, e lidaram, mas em vão, para manter os ovos a pino¹⁾, amparando-os com os dedos, a ver si descobriam o modo de elles

¹⁾ A *pino*, locução adverbial — a prumo.

não tombarem. Por ultimo e estando já cançados, declararam que não havia meio de o conseguir.

„Pois não é assim?!“ observou Colombo; e batendo na mesa com uma extremidade do ovo, amolgou-a e fez que ficasse direito.

„Isto não é admiração nenhuma,“ exclamaram todos a um tempo; „assim tambem nós faziamos.“

„Mas então porque o não fizeram?“ respondeu, sorrindo-se, o illustre viajante. E accrescentou: „Entre nós ha esta differença: eu fiz o que os senhores *podiam* fazer.“

(Traducção.)

Um juiz ás direitas

Um ricaço muito avarento perdêra um saquitel¹⁾ com boa somma de dinheiro em ouro. Deitou logo annuncios nas folhas, prometendo cem talers²⁾ de alviçaras³⁾ a quem lh'o restituísse. Um camponez, que tinha encontrado o sacco, foi contentissimo entrega-lo ao nosso homem. Elle contou e tornou a contar o dinheiro, e, depois de certificar-se de que nada faltava, disse com a maior serenidade para o camponez:

„Deviam estar aqui dentro oitocentos talers; não encontro sinão setecentos; vejo que vocemecê teve o cuidado de tirar por suas proprias mãos os cem que eu tinha prometido: estamos pagos.“

O camponio caíu das nuvens⁴⁾, porque não tinha tocado no dinheiro, e semelhante recompensa de modo algum o podia satisfazer. „Vamos ao Sr. juiz,“ exclamou elle muito azedado com a historia; „não, senhor, isso não fica assim; vamos ao Sr. juiz, e o que elle disser é o que se faz.“ Foram. O juiz ouviu um e outro com a maior attenção, peñsou um pouco sobre o caso, e por fim saíu-se com esta sentença:

„Vocemecê,“ disse elle, voltando-se para o ricaço, „perdeu um sacco com oitocentos talers; e vocemecê,“ continuou o magistrado, dirigindo-se ao camponio, „achou um sacco com setecentos talers. Muito bem. Está provado que o

¹⁾ *Saquitel* — uma das fórmulas diminutivas de sacco.

²⁾ *Taler* ou *thaler* — moeda allemã que vale mil e oitocentos réis.

³⁾ *Alviçaras* — gratificação que se dá a quem achou o perdido ou a quem traz alguma boa novidade — emprega-se quasi sempre no plural.

⁴⁾ *Caír das nuvens* — ficar desapontado.

sacco que vocemecê achou, não é o mesmo que este senhor perdeu; e portanto tome vocemecê outra vez conta delle, e guarde-o até que appareça alguém a reclama-lo. Quanto ao meu amigo, concluiu o juiz, voltando-se novamente para o avarento, com um risinho de escarneo, „não tem outro remedio sinão ficar esperando com paciencia que lhe appareçam os seus oitocentos talers.“

(Traducção.)

A herança de nosso pae

Foi um sultão¹⁾ á mesquita²⁾ fazer a sua oração. Aproxima-se delle um pobre mui esfarrapado e diz-lhe:

„Poderoso senhor, acreditas no que diz o santo propheta³⁾?“

O sultão, cuja piedade era notoria, respondeu:

„Si creio! Sem duvida nenhuma; creio firmemente em tudo quanto diz o propheta.“

O pobre redarguiu⁴⁾:

„O propheta diz no Alcorão⁵⁾: „*Todos os homens são irmãos*“. Senhor meu irmão, tende a bondade de repartir comigo da herança.“

O sultão sorriu-se, pensando comsigo: eis um modo originalissimo de pedir esmola. E deu ao pobre uma piastra⁶⁾.

O mendigo olhou e tornou a olhar para a moeda; voltou-a nos dedos mais de uma vez, e por fim, levantando a cabeça, disse para o sultão:

„Senhor meu irmão, tu dás-me apenas uma piastra e possues mais ouro e prata do que poderiam carregar cem camelos. Chamarás tu a isto repartir irmanmente?“

O sultão poz o dedo na bocca, como para indicar-lhe silencio, e accrescentou:

„Cala-te, meu querido irmão, contenta-te com isso e cala-te, muito calado; não digas a ninguem o que te dei,

¹⁾ *Sultão* — titulo do imperador da Turquia.

²⁾ *Mesquita* — templo mahometano.

³⁾ *O santo propheta* — Mahomet, fundador do Mahometismo, 569-632 dep. de Chr.

⁴⁾ *Redarguiu* — pronuncia-se redarguiu

⁵⁾ *Alcorão* — livro sagrado dos Mahometanos.

⁶⁾ *Piastra* — moeda turca do valor de duzentos réis.

porque bem sabes quanto a nossa familia é numerosa; e, si cada um começasse a exigir o que lhe pertence, ainda tu terias que repor.“

O querido irmão convenceu-se e decidiu-se a ir immediatamente esbanjar a herança antes que lhe pedissem tornas¹⁾.

(Tradução.)

A união faz a força

Um velho, achando-se ás portas da morte, em torno a si congregou seus tres filhos, e, apresentando um feixe de varas, disse-lhes:

„Vêde si podeis quebrar estas varas assim unidas, como se acham. Depois explicar-vos-ei o que com isso pretendo ensinar-vos.“

O mais velho dos irmãos tomou o feixe de varas, e, depois de empregar em vão toda a sua força, largou-o, assegurando não haver quem o pudesse quebrar.

Cada um dos outros, por seu turno, fez quanto podia, mas debalde.

A todos resistiu o feixe de varas, sem que uma só estalasse. „Gente franca!“ disse o velho, „apesar da minha velhice e de estar já para morrer, vou mostrar-vos quanto mais forte do que vós ainda sou.“

Ouvindo estas palavras, creram os moços que seu pae gracejava, e se puzeram a rir.

Então desatou o velho aquelle feixe de varas e sem custo as foi quebrando uma por uma.

„Nisto que acabais de ver, considerai, meus filhos, os efeitos da concordia e da união.“

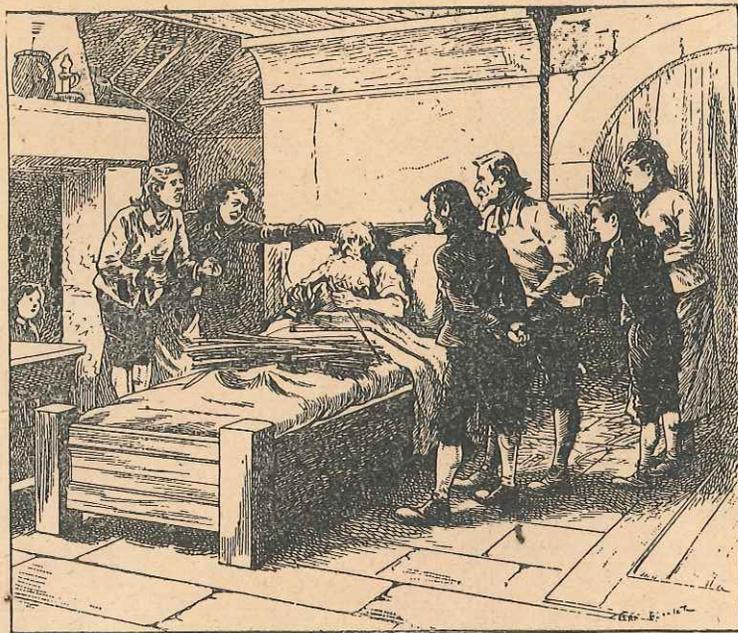
„Sêde, pois, sempre e muito unidos, caros filhos, amai-vos estremecidamente uns aos outros, que fortes e felizes haveis de ser.“

E daquelle dia por deante, quasi em outra cousa não falou o velho até morrer. Nos bons resultados da união e do amor iam sempre dar as suas conversas.

E quando sentiu chegada a sua hora final, chamou de novo seus filhos, e lhes falou deste modo:

¹⁾ *Tornas* — compensação que dá o herdeiro mais favorecido na partilha aos outros co-herdeiros afim de egualar os quinhões.

„Queridos filhos, é tempo de deixar-vos! Eu vou reunir-me aos nossos antepassados. Recebei a minha benção. Adeus!“



„Mas antes que eu morra, promettei-me viver sempre como bons amigos e bons irmãos, e tranquillo darei o ultimo suspiro.“

E aquelles irmãos não só prometteram, sinão que juraram cumprir os desejos de seu pae.

Então, com o semblante radioso de consolação, aquelle sabio velho os abençoou novamente e expirou.

Herança muito consideravel, mas cheia de complicações, coube aquelles irmãos, pelo que tiveram que sustentar varias demandas, das quaes sempre sahiram-se vantajosamente, emquanto amigos e unidos.

Mas quão pouco durou aquella feliz união!

O sangue e os conselhos do seu velho e bom pae os tinham unidos: os interesses e a ambição os desuniram.

Chegada a occasião da partilha e querendo cada um

ser mais bem aquinhoado, desuniram-se, e, mais do que isto, inimizaram-se.

E começaram elles proprios a demandar uns contra os outros.

Tambem novos credores appareceram, que daquella desunião se aproveitaram.

Grande foi então o desconcerto! Um queria accomodar-se, os outros não; e, por fim de contas, em pobreza caíram todos, lembrando-se afinal, porém já tarde, da sábia lição que com aquelle feixe de varas lhes havia dado seu pae.

O derviche¹⁾ astucioso

Havia noutro tempo um rei no Oriente, que vivia muito aborrecido; um derviche, para o distrahir, inventou o jogo chamado do xadrez, um jogo que os meninos não conhecem, mas de que lhes vou dar uma idéa.

Sebre um taboleiro, como o das damas, os dois adversarios dispõem em ordem de batalha, em duas fileiras, diferentes peças chamadas peões, bispos, cavallos, torres, o rei e a rainha.

Trava-se o combate. Os peões, simples soldados de infantaria, destinados como sempre a colher os primeiros louros e aparar os primeiros golpes, começam o ataque. Alguns caem como bravos no campo de batalha.

O rei presencia o destroço, mas de longe.

Segue-se depois a cavallaria, que começa a distribuir golpes para a direita e para a esquerda; os bispos combatem com o entusiasmo compativel com a sua dignidade, e as torres protegem, ora aqui, ora acolá, os flancos do exercito.

Por fim decide-se a victoria.

Num dos campos a rainha está prisioneira; o rei perdeu as suas torres; um cavallo e um bispo que restam, praticam prodigios de valor para lhe proporcionar a fuga, mas infelizmente succumbem: o rei está cercado; não ha recurso possivel neste estado; a partida está perdida.

¹⁾ *Derviche* ou *dervis* — especie de monge musulmano ou mahometano.

A majestade aborrecida gostou muito deste jogo tão engenhoso, e perguntou ao derviche que recompensa pedia elle pela sua invenção.

— Luz dos crentes, respondeu o inventor, um pobre derviche com pouco se contenta. Basta que me deis um grão de trigo pela primeira casa do taboleiro, dois pela segunda, quatro pela terceira, oito pela quarta, e assim successivamente, duplicando sempre o numero de grãos até a ultima casa, a sexagesima quarta, e com isso me contentarei, e terão os meus pombos que comer alguns dias.

— Este homem está doido, disse consigo o rei, porque, tendo occasião de se enriquecer, pede-me simplesmente um punhado de trigo.

Em seguida, voltando-se para um dos seus ministros:

— Contem dez mil sequins¹⁾ e entreguem-no a este homem, edêem-lhe além disso um sacco de trigo; sempre será cem vezes mais do que elle me pede.

— Commendador dos crentes, replicou o derviche, podeis guardar os vossos sequins, que os meus pombos não podem comer; dai-me antes o trigo que vos pedi.

— Pois bem, em vez dum sacco, dar-te-ei cem.

— Não é bastante, respeitavel Sol da justiça.

— Pois então terás mil.

— Ainda não basta, adorado Terror dos infieis, não perfaria talvez a conta.

Durante o dialogo os fidalgos cochichavam entre si admirados da pretensão do derviche, que entendia que mil saccos de trigo não perfaziam o total de um grão duplicado successivamente sessenta e quatro vezes!

O rei, já impaciente, convocou os sabios da corte, para que procedessem ao calculo do trigo pedido.

O derviche sorriu-se com malicia, e afastou-se modestamente para um canto da sala, esperando o resultado do calculo.

Os mathematicos começam a encher o papel de algarismos, e a cifra a crescer cada vez mais.

Terminadas as operações, o presidente levantou-se e disse:

— Sublime Commendador dos crentes, o resultado do calculo é que não tendes nos vossos celleiros trigo sufficiente para satisfazerdes o pedido. Sabei mais que não ha na cidade nem no reino trigo que chegue.

¹⁾ *Sequim* — moeda de ouro que valia cerca de quatro mil réis.

O trigo que se vos pede, senhor, chegaria para cobrir com uma camada de um dedo de espessura a terra toda, incluindo mares e continentes.

O rei, ao ouvir isto, mordeu o beijo de despeito, e na impossibilidade de satisfazer o pedido, nomeou granvizir¹⁾ o inventor do jogo, que era exactamente o que o arteiro der- viche desejava.

(Tradução.)

Ninguém deve rir-se dos pobres

Certo professor, conhecido pelo nome de amigo dos estudantes, passeava uma tarde pelos arrabaldes da cidade com um dos seus discípulos. A beira da estrada deram com um par de sapatos todos enlameados, que pertencia a um pobre homem que andava a trabalhar num campo.

„Vamos nós, disse o estudante, prégar uma peça áquelle homem? Escondemos-lhe os sapatos, e depois, encobertos com aquellas arvores, podemos muito bem ouvir d'ahi o que elle diz e tambem ver a cara com que fica, quando der pela falta.“

„Meu amigo, respondeu o professor, ninguém deve rir-se á custa dos pobres; e, como tu és bastante rico, estás perfeitamente no caso de lhe fazeres experimentar a elle e de experimentares tu mesmo um prazer muito maior. Mette uma moeda de cinco tostões dentro de cada um dos sapatos, e vamos esconder-nos depois.“

O estudante assim o fez, indo em seguida collocar-se por detraz das arvores juntamente com o professor. Dahi a pouco o pobre aldeão, acabado o trabalho, dirigiu-se para a beira do caminho, onde tinha deixado a jaqueta e os sapatos, e, ao mesmo tempo que vestia aquella, foi tambem mettendo o pé num dos sapatos. Como, porém, sentisse dentro delle o quer que fosse, uma dureza qualquer, abai-xou-se para ver o que era, e deu com a moeda de cinco tostões. A surpresa e a admiração estamparam-se-lhe no semblante: pegou no dinheiro, mirou-o e remirou-o; poz-se a olhar para todos os lados, e, como não visse ninguém,

¹⁾ Gran-vizir — primeiro ministro.

guardou-o na algibeira. Todo impressionado ainda, vae a calçar o outro sapato, e encontra a segunda moeda. Cheio de commoção, lança os joelhos em terra, e levantando os olhos para o céu exclamou:

„O' meu Deus, meu Pae, como é certo que nunca des-amparais os que em vós confiam! Meus filhos não tinham pão, minha mulher estava doente de cama, e eu havia ex-gottado os ultimos recursos. Vós bem o sabeis, e por isso foi que, servindo-vos, como instrumento, duma alma caridosa, me mandastes este dinheiro. Permitti, ó meu Deus, que o meu coração vos fique perpetuamente reconhecido, e aben-çoado seja aquelle de quem vos servistes como instrumento.“

O estudante tão commovido ficou ao ouvir estas pa-lavras que não pode conter as lagrimas.

Então o professor, olhando-o attentamente disse:

„Não é verdade que estás sentido neste momento uma satisfacção muito maior, um prazer muito mais agradável do que sentirias, si tivesses obedecido ao teu primeiro impulso?“

„Ah! meu querido mestre, respondeu o estudante, a lição que acabais de dar-me jamais a esqueceré: de ora em diante ficará bem gravado no meu coração que nunca se deve zombar dos pobres, e que só devemos chegar-nos para elles com o intuito de lhes fazer bem.“

E' de certo uma grande felicidade para qualquer, e sobretudo para os meninos, terem sempre junto de si quem os desvie do mal e os aconselhe e guie para o bem, um ver-dadeiro amigo, como era aquelle professor. Mas não se pense que cada um de nós não tenha sempre a seu lado um com-panheiro, um amigo muito intimo, que em todos os casos da vida nos assiste com o seu conselho: esse companheiro é a consciencia; ella faz as vezes dum conselheiro seguro, mas é necessario que se escute sómente a sua voz e se obedeça aos seus avisos.

(Tradução.)

O assobio ou não gastes o teu dinheiro em cousas inuteis

Quando tinha sete annos, os meus parentes presentea-ram-me num dia de festa com algumas moedas de cobre. Apenas me vi senhor daquelle dinheiro, corri immediatamente para uma loja, onde se vendiam brinquedos de creança. No

caminho, porém, encontrei outro rapaz com um assobio, cujo som me agradou por tal fórma, que da melhor vontade lhe dei por elle quanto dinheiro levava. Satisfeito com o negocio, voltei para casa, e corri-a toda a assobiar, pois que o meu assobio dava-me tanto prazer a mim, quanto era o incommodo que eu causava á familia.

Mas logo que meus irmãos, irmãs, primos e primas souberam do meu negocio, disseram a uma¹⁾ que eu tinha dado pelo assobio quatro vezes mais do que elle valia. Esta circumstancia fez com que eu me puzesse a pensar quantas cousas bonitas poderia ter comprado com o resto do dinheiro; e, porque elles fizessem mofa da minha leviandade, comecei a chorar de raiva. O arrependimento causava-me então um desgosto muito maior do que tinha sido o prazer que o assobio me havia proporcionado.

Este successo, porém, teve a vantagem de ficar profundamente gravado no meu espirito, o que me serviu de muito pela vida adeante; e cada vez que me via inclinado a comprar uma cousa inutil, dizia sempre: „*Não dês tanto pelo assobio,*“ e deste modo poupava o meu dinheiro.

Depois que cresci e entrei no mundo, onde tinha de apreciar as acções dos homens, encontrei muita, muitissima gente que pagava caro o seu assobio.

Quando via um homem, cubiçoso de honrarias, solicitar com toda a ancia o favor da côrte, gastar o seu tempo nas antecamaras, sacrificar o seu descanso, a sua liberdade, a virtude e até os proprios amigos, para as alcançar, então dizia eu comigo mesmo: „*Aquelle paga bem caro o seu assobio.*“

Quando via outro homem requestar a aura popular²⁾, metter-se continuamente em negocios politicos, não cuidar dos de sua casa, chegar por causa disso ao ultimo extremo, dizia eu então: „*Caro lhe custou o assobio.*“

Quando dava com um avarento que se privava de tudo, desprezava a estima dos seus concidadãos e renunciava ao prazer da amizade sómente para accumular thesouros, então pensava eu: „*Pobre homem, muito caro te fica o assobio!*“

Quando encontrava um homem todo dado aos divertimentos, que pospunha aos prazeres meramente sensuaes os

¹⁾ A uma — ao mesmo tempo.

²⁾ A aura popular — o favor, os applausos populares.

gosos do espirito e as occasões de augmentar os seus haveres, dizia comigo: „*Tu alcanças a dor em vez do prazer, tu compras muito caro o teu assobio.*“

Si via um homem ostentar ricos vestidos, bellas mobílias e esplendidas equipagens, que excediam as suas posses, contrahir dividas para sustentar tudo isso, e terminar seus dias numa prisão, dizia com os meus botões: „*Desgraçado! pagaste bem caro o teu assobio.*“

Numa palavra, por toda a parte, notei que os homens preparam por suas proprias mãos o maior número das suas infelicidades; não sabem apreciar o valor das cousas e *pagam muito caro os seus assobios.*

(T uccão.)

Arrependimento infantil

Era uma vez uma menina — linda menina que ella era! — muito linda de rosto e de gesto, e de figura e de tudo, porém, muito feia de coração.

Vivia esta menina com sua mãe, que a adorava, e com outra irman que tinha, mais velha e melhor, sem comparação muito melhor.

Adorava-as ambas, como vos digo, a boa de sua mãe, que era uma senhora moça e ainda formosa: mas pesava-lhe muito e muito que tanta maldade se escondesse em tão galante creatura. Quem visse a menina, chamar-lhe-ia¹⁾ um anjo, que tamanha gentileza tinha; mas quem a tratasse... — ai! Deus do céo! nem me atrevo a pensar no que lhe²⁾ chamaria.

Tinha ella sete annos, uns sete annos travessos como os sete peccados mortaes. e, si bem me lembra, chamava-se Luiza. Ora a menina Luiza, que vivia muito estimada e acarinhada por sua mãe, e com tantos mimos de coração, era, como vos ia contando, uma creatura muito endiabrada, muito e muito má lá por dentro. Custa-me deveras ter que dizer-vos isto de tão linda menina, mas é a pura verdade.

¹⁾ e ²⁾ Note-se a regencia do verbo *chamar* que, quando significa *appellidar*, *dar nome de*, em lugar da fórma objectiva *o*, *a* do pronome *elle*, *ella*, admite a fórma *lhe*, e portanto dizemos: *Chamavam-lhe o pae dos pobres*; alguns auctores, entretanto, preferem escrever: *Chamavam-no o pae dos pobres.*

Fazia chegar o prazer ao coração ve-la logo de manhan bem vestida, bem pregada e bem pentcada, feita um brinquinho, com muitos cuidados e desvelos; era uma dor d'alma, quando, meia hora depois, apparecia enxovalhada e desgrehnhada para a vista. Não era isto que ella fosse do seu natural inimiga do asseio, mas porque tanto corria, tanto saltava, tantas travessuras fazia, que em breve todo aquelle conchego, arranjo e concerto era como si nunca lho houvessem feito.

Ora, bem vêdes que menina assim só sua mãe — e tão boa mãe como ella era — a poderia soffrer. Mas, para que melhor vejais até onde chegava a maldade daquelle coração pequenino, quero contar-vos um caso que lhe succedeu — um caso cruel, que a fez chorar muito e muito e por muito tempo.

Havia em casa uma cadellinha, côr de ganga, bonita — era uma perfeição. Fiel e boa amiga como quem era, limpa e nédua a não poder ser mais. Era a perola da especie canina: só lhe faltava falar. Em mansidão não havia excedel-a¹⁾. Brincava com as duas meninas como si tivesse entendimento. Deixava-se arrastar, torcer e beliscar pela diabolica Luiza, sem de tudo aquillo se mostrar offendida; antes, de cada vez lhe lambia mais e mais as mãos, fazendo-lhe festas, com ar queixoso, sim, mas não agastado.

Cançada de ver que todos os seus maus tratos não enraiveciam a boa cadellinha, ou talvez inspirada pelo demônio tentador das meninas más (que eu não quero acreditar possa haver maldade bem profunda nestas almas novinhas, ainda de pouco saídas dentre as mãos do Creador), quereis saber o que ella fez?

Sem se importar com os bons conselhos de sua irman, que lhe pedia com as lagrimas nos olhos²⁾ não fizesse tal, pegou de um cordel muito forte e chamando a cadellinha com o engodo de alguns bolos — arripiam-se-me os cabellos só de pensa-lo — ata-lho á cauda, e começa a apertar-lhe sem alma, cada vez mais e mais, com muito prazer seu e muitas sentidas queixas da pobre cadellinha, que toda se torcia e genia com a grande dor que lhe faziam padecer.

¹⁾ Não havia excedel-a — não era possível excedel-a.

²⁾ Note-se a ellipse da conjuncção *que*, muito frequente depois dos verbos que significam *desejo*, *pedido*, *mando*.

Emquanto o triste brutinho erguia para a horrenda pequena uns olhos lacrimosos e reprehensivos, que fariam estalar de pena o coração mais duro, ria-se ella como uma perdida. Ria, como si lhe tivessem dado um paraíso de alegrias. Ria, ria, ria, e cada vez apertava mais.

A cadellinha era muito mansa, muito docil, mas não era de pedra. Afinal seccaram-se-lhe todas as lagrimas do seu padecer, fugiram-lhe os gemidos dolorosos. Estava já a ponto de desmaiar de puro soffrer, quando por um instincto de defesa, mais poderoso do que a vontade, fez um movimento rapido, muito cego e muito cheio de desesperação, voltou a cabeça e cravou os dentes nas mãos da cruel menina.

Vejam que horror! A pobre da cadellinha logo no mesmo momento arrependida do mal que a sua dor causára, começou a ganir com magua ainda maior, e deitou-se de rojo não chão, lambendo-lhe os pés, como quem se offercia ao castigo.

Quizera eu que todas as creanças mal inclinadas vissem aquella vista, — Que vista, meu Deus! — O brutinho com um annel ensanguentado, feito pelo fatal cordel, na cauda que dantes encaracolava com tamanha graça! E ella, a doida da Luiza com a mão aberta pelo desespero do pobre animalzinho, que nunca na sua mansa vida fizera mal a ninguem. — Ai anjos do céu! Devia de ser medonho!

Mas — podereis cre-lo — apesar da grande dor que sentiu, Luiza não chorou. Não chorou, porque uma voz desconhecida lhe disse ao ouvido que toda aquella dor só a sua maldade lha¹⁾ tinha feito, e ella nem um grito soltou!

Oh! por muito má que uma menina sejá, lá lhe ha de chegar por força uma hora em que ouça aquella santa voz da consciencia, que é a voz de Deus, pae de todas as meninas. Luiza não chorou, mas asseguro-vos que tambem já não ria como dantes ria. Os gemidos generosos que a seus pés soltava a cadellinha, entraram-lhe pela alma dentro, ensinando-lhe²⁾ a arrepende-se.

Nisto chegou sua mãe com sua irman, que vira aquella desgraça e vinha toda chorosa. Que scena para tal mãe!

O primeiro impeto de Luiza foi atirar-se-lhe aos braços, mas não se atreveu. Parecia que tinha os pésinhos prega-

¹⁾ Note-se o emprego pleonastico do *promone*.

²⁾ Mais correcto seria — *ensinando-a*.

dos no sobrado¹⁾ e tinha, que o peso da vergonha não lhe consentiu dar um passo. A boa da senhora, sabendo a feia acção daquella má, tinha a custo, a muito custo, — crêdem — composto um semblante mui severo e rigoroso; mas, á vista daquella confusão em que estava posta a culpada, daquelle grande arrependimento e daquelle sangue que vertia a branca e linda mão de sua filha, todo o rigor se lhe trocou em magua e piedade.

Sentiu-se tambem ferida no seu seio de mãe, e abriu-lhe os braços — uns braços immensamente consoladores, vergando de perdões e misericórdias.

E como a infeliz — que assim podemos chamar-lhe²⁾ — e como a infeliz se achou leve de repente! Como correu a mergulhar, naquellas ondas de compaixão, a dor do seu arrependimento! Como se foi depressa esconder no peito de sua mãe o rosto e a vergonha! — Si a visseis... que dó!

A boa mãe já tinha perdoado. Perdão para tamanha culpa só poderia alcança-lo um grande arrependimento; e o arrependimento da menina era tal como vo-lo não sei contar. Apertou-a muito, muito a si, e, por entre as lagrimas com que aljofrava o rosto, sorria-lhe ternamente como só sabe sorrir quem é mãe.

Deve ser assim o céo, quando um criminoso se arrepende.

A prudente senhora não lhe ralhou, não. Bem o merecia ella, mas a consciencia dizia mais á pobre menina, muito mais do que ralhos poderiam dizer. Ralhos, quanto a mim, só são para a maldade que não tem pejo nem promette emenda. Si as meninas soubessem quanto devem de custar a quem é mãe esses feios ralhos!... Não ralhou, como vos digo; só lhe disse, enquanto lhe lavava as feridas da mão com a agua dos seus olhos, e as da alma com o desvelo do seu amor:

„Vês, filha, quantas boccas te reprehendem da tua maldade?

E de certo reprehendiam. A dor fizera entrar bem fundo os dentes da pobre cadellinha; mas a mordedura que o remorso lhe fez no coração, essa ainda foi muito mais funda.

Teve a menina tamanha vergonha do acontecido, que

¹⁾ Sobrado — soallo.

²⁾ Vide a nota da pag. 11.

por muito tempo conservou o costume de esconder a mão que fóra ferida, quando vinha alguém de fóra. Tambem algumas vezes foram dar com ella a abraçar a cadellinha, chorando ambas, como si a cadellinha a entendesse.

Ao menos a licção aproveitou. Luiza, dahi em deante, fez-se tão boa como linda. E muito mais linda ficou parecendo; porque a formosura d'alma, que tornava salantes as meninas, toda se lhe reflectiu na muita formosura do rosto, que tão formoso tinha. Foi tal a emenda, que todos, quando a viam passar, depois daquillo succeder, diziam della o que já dantes affirmavam de sua irman:

„Alli vae a rainha das boas meninas.“

Ouvi que ella e a cadellinha desde aquelle dia ficaram inseparaveis.

MENDES LEAL.

Os passarinhos

Havia dous homens que moravam vizinhos um do outro, e cada um delles tinha sua mulher e muitos filhinhos pequenos, a quem sustentavam só com o trabalho de suas mãos. Um destes homens levava vida amargurada de cuidados, dizendo sempre consigo: „Si eu morrer eu cair numa cama doente, que será de minha mulher e de meus filhos?“

Nunca este pensamento o deixava; antes de dia e de noite lhe roia coração, bem como um bicho rói o fructo onde vive escondido.

Ora comquanto o outro pae não deixasse de ter tido tambem o mesmo pensamento, não se havia nelle demorado, porque dizia elle: „Deus, que bem conhece todas as suas creaturas e nellas vigia, tambem ha de vigiar em mim, em minha mulher e em meus filhos.“

E este vivia descançado, ao mesmo tempo que o primeiro nem um instante desfructava de alegria nem de socego em seu interior.

Um dia, como¹⁾ trabalhava nos campos, triste e abatido pelos seus receios, viu alguns passaros que entravam para uns silvados, depois saíam e logo em seguida voltavam outra vez a entrar. Chegando-se para mais perto, percebeu

¹⁾ Como — quando.

dous ninhos fabricados par a par¹⁾ um com o outro, e em cada um muitas aves pequeninas, recém-saídas da casca, e ainda todas nuasinhas de pennas.

Voltando dahi para o seu trabalho, levantava de vez em quando os olhos e punha-se a considerar naquelles bons passaros, que iam e vinham trazer o sustento de seus filhinhos.

Ora, ao tempo que uma das mães tornava com o biscato²⁾, ei-la que é tomada de um abutre, que consigo a leva pelos ares. A pobrezinha esvoaçava-se toda entre aquellas garras cruéis, lançando muitos gritos agudos, sem que nada lhe pudesse aproveitar.

O homem que trabalhava, ficou-se daquelle espectaculo ainda mais perturbado do que dantes era; porque, imaginava elle, a morte daquella desamparada mãe é a morte de seus filhos, tão desamparados como ella. Tambem os meus não têm sinão a mim, e, si lhes eu faltar, que será delles?

Todo aquelle dia jazeu em muito grande tristeza, e, não cerrrou os olhos em toda a noite. Tornando no outro dia aos campos, disse consigo: „Ora quero-me ir ver ós filhos daquella coitada; a estas horas já hei de achar alguns mortos.“ E endereçou-se ao silvado, e espreitando para dentro dos ninhos, viu todos os pequenos de saude; nem um unico dava ares de haver passado mal. Maravilhado do que via, agachou-se para observar.

Após um breve intervallo, sentiu nos ares um leve chilro, viu a segunda mãe toda afadigada com o mantimento que andára procurando; entrou e repartiu-o sem differença alguma pelas creanças; para todas chegou, e não ficaram os orphãosinhos desamparados na sua miseria.

E o pae que se tinha mal confiado na Providencia, contou á noite ao outro pae quanto vira. E aquelle lhe disse:

„Para que é dar largas³⁾ a cuidados? Deus nunca abre de suas mãos⁴⁾ os seus. Tem o amor divino segredos que mal cuidamos nós. Acreditemos, esperemos, amemos e

¹⁾ *Par a par* — ao lado.

²⁾ *Biscato* — alimento que a ave leva no bico de cada vez para os filhinhos.

³⁾ *Dar largas a* — entregar-se a.

⁴⁾ *Abrir de suas mãos* — desamparar, abandonar.

vamos seguindo pacificos¹⁾ por nosso caminho. Si eu morrer antes de ti, ficarás tu sendo pae de meus filhos; si tu morreres primeiro que eu, serei eu pae dos teus. E, si ambos morrermos antes de estarem em idade que se possam por si manter, terão por pae Aquelle que mora nos céos.

A. F. DE CASTILHO.

Os dous meninos

Ia um menino por uma estrada, cantando como os passarinhos que voavam de ramo em ramo, quando ouviu umá voz que chamava:

— Menino louro que ides passando; ao sol, com tamanha pressa, porque não descançais? Vinde aqui um instante: tenho mel e bolos de farinha e leite e dar-vos-ei tanto ouro quanto possa conter o sacco que levais ás costas.

— Eu vos agradeço, disse o menino louro; mas, como as horas voam e já soou a sineta, não me posso deter um só instante.

— E aonde vos levam passos tão ligeiros?

— A' escola.

— Bem feliz sou eu que vivo sobre moedas de ouro neste palacio de columnas de prata, cercado de gosos. Que me importa saber como nasce a planta, porque brilha a estrella e o que houve dantes que me importa? Sei que tenho thesouros, escravos, leitos fôfos de pennas onde me estiro preguiçosamente... que me importa o mais? Vais trabalhar tanto!... tenho pena de ti.

Annos depois, já moço, tornava o menino louro á casa de seus paes, quando, ao passar no antigo sitio onde outr'ora avultava o palacio, lembrou-se do menino que o chámara e poz-se a procurar os muros fortes, mas só via urtigas e ruínas, hervá brava e escombros e uma voz saiu dentre as ruínas:

— Esmola a um pobrezinho pelo amor de Deus! O moço louro deu então com um homem alquebrado e envelhecido que extendia a mão tremula. Caridosamente deu uma moeda ao pobre e lembrou-se de perguntar pelo palacio que alli houvera em tempos.

¹⁾ Note-se o emprego adverbial do adjectivo *pacífico* em vez de *pacificamente*.

— Ah! meu senhor, suspirou o infeliz. Quem o visse tão forte nas suas bases de granito e de marmore, não o julgaria tão fraco. Levaram-no as aguas tumultuosas do rio num inverno e todo o thesouro, que era grande, foi-se aguas abaixo.

— E o menino que nelle vivia, que é feito d'elle?

— Aqui o tendes, senhor, nesta miseria que vêdes, sou eu mesmo. Vivo de esmolas, porque nada tenho e nada sei. Tudo quanto eu valia as aguas levaram.

O moço louro, ouvindo esses lamentos do infeliz, agradeceu no coração os cuidados paternos e bemdisse as noites que psára debruçado á mesa dos estudos; e caminhando dizia:

— Ah! a fortuna que eu trago accumulada na cabeça, não a roubarão ladrões, não a levarão torrentes, porque as suas bases são mais fortes do que o granito e o marmore. Pobre menino do palacio de ouro!

COELHO NETTO.

O presente da fada¹⁾

Na serra, alta e fertilissima serra, vivia um casal honrado que, pela bondade do coração, mereceu as boas graças da fada montesina, uma formosa e meiga creatura de Deus, porque o diabo não a faria tão bella nem tão boa. Era ella quem enflorava as arvores e quem mudava em fructo a flor; era ella quem reverdecia as relvas e quem dava agua aos riachos; era ella quem protegia os ninhos e as borboletas.

Quando a mulher se fez mãe, chamou a protectora dos montes e, vendo-a perto do leito, pediu-lhe que fosse madrinha da creança que ia nascer.

Acquiesceu a fada e, vindo ao mundo o infante, ella, porque era uma creatura de Deus, acompanhou o casal á igreja, uma ermida pobre, escondida modestamente entre o arvoredado, e baptisou o menino dando-lhe por essa occasião, com a benção, um precioso presente que, apesar de não ser visto, foi logo reputado de alto valor, como eram todos os votos da protectora dos montes.

¹⁾ *Fada* — ser feminino, creado pela imaginação dos poetas, a quem attribuiam o poder de obrar maravilhas, predizer o futuro, encantar para bem ou para mal.

Cresceu formoso e forte o menino rustico e, logo que poudes viajar sózinho, lançou-se ao mundo, á aventura,

Os paes, porque muito confiavam na madrinha do pequeno, não o detiveram, posto que muito lhes custasse aquella partida. Pobres como eram, só lhe podiam dar um cantaro d'agua e um farnel e elle partiu.

Que seria feito d'elle? pensavam os paes, já velhos, sentados tristemente á porta da cabana, mas uma voz lhes dizia sempre da floresta:

„Em breve o tornareis a ver.“ De facto, uma manhã, saía o velho para lenhar, quando ouviu tangeres na montanha e, surprehendido, parou, vendo então surgir, com alegre rumor de flautas e de trompas, numerosa cavalgada de guerreiros todos fidalgamente vestidos, os ginetes fogosos, ajezados de ouro.

A' frente de todos e mais nobre que todos um lindo mancebo que, pelo porte senhoril e pelo respeito de que o cercavam, parecia ser delles rei ou suzerano.

Mal deu com o velho, lesto saltou da sella e, avançando com os olhos cheios d'agua, apertou-o nos braços effusivamente, dando-se a conhecer como o filho que dalli partira novo e pobre, o que fez com que o velho lhe molhasse as roupas de abundantes lagrimas alegres.

Levado á cabana, não foi menor a commoção da velha e depois de algum repouso, logo quizeram os dous saber como pudera elle conseguir tão alta fortuna a ponto de trazer pós si tão grossa comitiva.

Antes de explicar, elle narrou miudamente toda a sua vida desde que saíra da montanha até que, pelos seus feitos, fôra elevado ao throno de um paiz rico e de paz.

Depois disse com lentidão: — Tudo devo a minha boa madrinha, a fada montesina, que tão generosamente me do-
tou deante da pia.

— E que te deu ella? perguntou a velha, porque ninguém viu esse presente.

— Vontade! disse uma voz saindo da floresta, e o principe, apontando na direcção de onde viera a voz misteriosa:

— Ella mesma o diz: Vontade. Foi com esse condão¹⁾ maravilhoso que tudo consegui no mundo.“ (Idem.)

¹⁾ *Condão* — dom, privilegio.

Resignação de mãe

Era uma noite invernosa. Os telhados iam rasos de neve, e por fóra das pousadas assoprava rijamente o vento. Em uma eram ¹⁾ então, e em um pequeno aposento, assentadas duas mulheres todas entregues a seus labores; uma já de dias ²⁾ e cabello branqueado, outra nova. E de espaço a espaço a dona ancian aquecia a um brazeirinho as mãos, que as tinha pallidas. Uma candeia de barro allumiava aquella pobre estancia, e um raio de sua luz ia morrer numa imagem da Mãe de Deus, que na parede estava pendurada. E a donzella moça, levantando os olhos, os fitou por algum espaço na velha sem dizer nada; após o que lhe falou assim:

„Minha mãe, certo que nem sempre vos vistes vós em tamanho desamparo como este.“

E no seu dizer respirava um affecto e doçura inexplicavel. A dona respondeu:

„Minha filha, Deus é Senhor, quanto elle faz é por bem,“

Como ³⁾ isto disse, ficou-se por um pouco calada; e depois voltou a dizer:

„Quando eu perdi vosso pae, não cuidei que de tamanha dor me houvesse nunca de consolar; e mais ficaveis-me ainda vós; mas naquelle lance para uma só cousa tinha eu coração. Entrei depois a accordar-me que, si elle fóra vivo e nos visse neste tão grande apuro de miseria, se lhe despedaçaria a alma; e conheci que Deus andára nisto com elle como bom pae.“

A moça não respondeu nada, mas abaixou a cabeça, e sobre a costura que entre as mãos tinha, vieram de seus olhos caíndo algumas lagrimas, que baldadamente forcejára represar em si.

A mãe proseguiu:

„Deus, que para com elle foi bom, tambem foi bom para connosco. Que nos tem a nós faltado, quando outros de tudo carecem? Verdade é que nos foi mister de nos acostarmos a viver com pouquinho, e esse pouquinho ganhado pelo trabalho de nossas mãos: mas não nos chega elle por ventura? Não foi desde o principio geral condemnação para

¹⁾ *Eram* — estavam.

²⁾ *Uma (mulher) já de dias* — ancian, velha.

³⁾ *Como* — quando.

lodos, sustentarem-se com o suor de seu rosto? Deus em sua bondade nos ha dado o pão de cada dia; e não ha ahi tantos que não o têm? Mercê de Deus, possuímos este abrigo, e quantos ha que não sabem aonde se hão de recolher? Por derradeiro, Deus me concede ter-vos a vós, filha minha: de que me posso eu então lastimar?“

A moça toda abalada destas ultimas palavras, lançou-se em joelhos deante de sua mãe, pegou-lhe nas mãos com fervor, cobriu-lhas de muitos beijos, e lhe encostou contra o seio o rosto banhado em lagrimas. E a mãe, esforçando-se por dar á fala, disse:

Filha, no muito possuir não é que anda posta a felicidade, mas sim no esperar e amar muito. Nossa esperança não é cá no mundo, nem nosso amor tão pouco; ou si o amor cá se encontra, é só de passagem. Depois de Deus, sois vós, filha, o tudo para mim nesta vida; mas esta vida esvae-se como um sonho; por isso é que o meu amor para convosco se remonta para outro mundo mais duravel. Quando vos eu trazia ainda nas minhas entranhas, rezei um dia com mais fervor á Virgem Santissima, e ella me appareceu por sonhos, e figurou-se-me que, arraiada de um celeste sorriso, me estava apresentando uma creança. E eu tomei a creança que me ella offerencia, e, como a tive nos braços, a Virgem Mãe lhe pousou na cabeça uma coroa de rosas brancas. Poucos mezes depois nascestes vós, e aquella suave visão me andava sempre ante os olhos.“

Dizendo isto, a dona ancian estremeceu, e apertou ao coração a donzella moça. Passados tempos, viu uma alma justa irem subindo para o céu duas fórmias luminosas, e uma tuba de anjos as iam ¹⁾ acompanhando, e os ares resoavam ²⁾ com seus canticos de alvoroço.

A. F. DE CASTILHO.

O alfaiate e o banqueiro

Morava numa aldeia um alfaiate, que apenas ganhava o necessario para o sustento, mas sempre contente com a sua sorte.

¹⁾ O verbo, por syllepse, está no plural, estando o sujeito colectivo no singular.

²⁾ *Resoavam*, pronuncia-se, *ressoavam*.

A mulher, igualmente resignada e laboriosa, nunca o amofinava pelas precisões da casa: antes o ajudava a levar a cruz da vida com uma satisfação, que muitos ricos podiam invejar: naquelles rostos só assomava a tristeza, quando alguém perguntava noticias do Antonio.

Era o unico filho que tinham tido, e que, havia perto de vinte annos, não sabiam si era vivo ou morto.

Dedicaram-no ao commercio; sujeitaram-se a muitas privações, e endividaram-se, pondo-o a estudar as linguas e o mais que é dado a um guarda-livros. O rapaz embarcou aos dezoito annos, e devia já ter os seus quarenta, si fosse vivo, sem haver nova nem mandado d'elle.

Seria ingratição? Os paes julgavam impossivel, porque o seu Antonio era o coração duma pomba.

Teria morrido na viagem ou nos sertões? O cura aconselhava-os a não perder a esperança, visto que muitas cartas se extraviam, principalmente de tão longe.

Assim viviam aquelles pobres velhos numa duvida cruel, quando o filho, que tinha adquirido uma riqueza enorme, e era já conhecido por um rico banqueiro, resolveu tornar para a sua patria, e estabelecer-se ahi, continuando a exercer a sua profissão.

Com effeito levantou os seus cabedaes e partiu. Chegou á capital, comprou um formoso edificio, arranjou o seu estabelecimento, e despedindo-se, por alguns dias, dos seus empregados e domesticos, foi á terra apresentar-se a seu pae e á sua mãe, que já por certas informações sabia que eram ainda vivos.

Seriam dez horas da noute quando bateu á porta.

— Quem é? perguntou o pae sobresaltado; porque na aldeia a taes horas estava tudo em socego.

— Sou eu, meu pae, o seu Antonio, o seu filho, que o vem abraçar no fim de tantos annos.

— Qual Antonio! Prouvera a Deus! Vivo não será elle!

— E', sim, acudiu a mulher; reconheço-lhe a voz!

Accenderam a candeia, levantaram-se e abriram a porta. Imagine-se a alegria que houve naquella casa! Conversaram até pela manhã. Os pobres velhos não se fartavam de ouvir o filho contar a sua vida.

Afinal, diz o banqueiro, eu vim matar as saudades que tinha do meu querido pae e da minha querida mãe e ao

mesmo tempo, como estão já cançados dos annos e dos trabalhos, e a Providencia me tem ajudado tanto, pedir-lhes o favor de pôr já de parte a tesoura e a agulha.

— Não filho! acudiu o paé, tem paciencia; o meu officio é que eu não largo: com elle tenho vivido, com elle hei de acabar.

— Mas, respondeu o filho, a gente chega a uma idade, que deve descançar: não aconselho que venham morar comigo para a capital, e deixem esta paz da aldeia onde nasceram e onde têm vivido; mas, tendo a sua vista já cançada e sendo a costura trabalho de tanto apuro, é justo repousarem.

A mãe achou razão ao filho, e o pae acabou por dizer:

— Pois bem; fecharei a minha loja; mas o meu fato e o do nosso cura, que te baptizou, e sempre me animou na esperança deste dia de tanta satisfação, esse hei de eu continuar a fazer e concertar.

Ficou isto assentado. A mãe frigiou uns ovos para o almoço do filho, que, apenas acabou de comer, deitou-se, e cançado da jornada e satisfeito, dormiu o somno mais delicioso da sua vida.

Passados tres dias no maior enlevo do mundo, diz elle: „O meu gosto era estar sempre com os meus paes; mas é ordem do mundo; e, si me dão licença, vou-me embora. Prestes cá volto; entretanto, aqui deixo esta bolsinha, donde podem gastar á vontade, porque temos de sobra, graças a Deus.“

Depois de muitos abraços, muitas benções e muitas lagrimas, foi-se o banqueiro embora, de volta para a capital, aonde chegou e abriu o seu estabelecimento.

Passados quinze dias, quem ha de ver elle entrar pela porta dentro, um tanto preocupado e triste? O pae.

— Que novidade é essa, meu pae? Não me passava pela idéa ve-lo agora aqui: aconteceu alguma desgraça?

Não, meu filho, aqui tens o teu dinheiro; eu quero viver do meu officio: depois que não trabalho, morro de aborrecimento.

— E porque não ha de meu pae trabalhar, si lhe faz falta? O ponto está em se limitar ao necessario para se entreter; não fazer serões, não receber encommendas á pressa, que lhe deem cuidado, ou cousa semelhante; o mais, que dúvida?

— Mas que hei de eu então fazer a este dinheiro?

— Da-lo aos pobres, ou o que o pae quizer. Mesmo o cura, que é nosso amigo, o póde aconselhar.

O velho ficou encantado desta resposta. Voltou para a aldeia, e continuou a servir os seus freguezes.

De tres em tres mezes repetia o banqueiro a sua visita; e dizia toda a gente daquelles arredores que não havia filho mais ditoso, nem mais ditosos paes. (Traducção.)

O khalifa¹⁾ e o plantador octogenario

Ia o khalifa Haroun-al-Raschid²⁾ por um campo, aonde³⁾ andava a folgar á caça, quando succedeu de passar⁴⁾ por pé de um homem já mui velho, que estava a plantar uma nogueirinha.

Então disse o khalifa aos do seu sequito⁵⁾:

„Em verdade, bem louco deve ser este homem em estar a plantar agora esta nogueira, como si tivesse ainda no vigor da mocidade, e contasse como certo vir a gostar dos fructos desta planta.“

Indo-se então o khalifa em direitura ao velho perguntou-lhe quantos annos tinha.

„Para cima de oitenta, respondeu o velho; mas, Deus seja louvado, sinto-me ainda tão robusto e saudavel, como si tivera apenas trinta.“

„Sendo assim, redarguiu⁶⁾ o khalifa, quanto pensas tu que ainda has de viver, pois que nessa idade já tão adeantada estás a plantar uma arvore, que por natureza só daqui a largos annos dará fructo?

„Senhor, disse o velho, tenho grande contentamento em a estar plantando, sem inquirir si scerei eu ou outros de-

¹⁾ *Khalifa* — palavra arabe, que significa *successor* e é o titulo dos chefes do Islamismo, successores de Mahomet.

²⁾ *Haroun-al-Raschid* — Khalifa da dynastia dos abbessidas, contemporaneo de Carlos Magno.

³⁾ Seria melhor *onde*.

⁴⁾ *Succedeu de passar* — passou casualmente.

Succeder com outro verbo no infinito regido da preposição *de* exprime casualidade de acção, estado, etc.

⁵⁾ *Séquito* — synonymos: *acompanhamento*, *comitiva*.

⁶⁾ *Redarguiu* — pronuncia-se: *sedargu-iu*.

pois de mim quem lhe colherá¹⁾ os fructos. Assim como nossos paes trabalharam por nos legar as arvores que nós hoje desfructamos, assim é justo que deixemos outras novas, com que nossos filhos e netos venham a utilizar-se e a enriquecer-se. E, si hoje nos sustentamos dos fructos do seu



trabalho e si foram nossos paes tão cuidadosos do futuro, como havemos de retribuir em desamor aos nossos filhos, o que de nossos paes recebemos em carinho e providencia? Assim, semeia o pae para que o filho possa vir a colher.“

Caíram tão em graça²⁾ as palavras do ancião no animo generoso do khalifa, que logo alli foi presenteado com uma bolsa cheia de ouro. Então o velho, depois dos agradecimentos que lhe dictou a sua piedade, tomou argumento para reforçar o que havia pouco dissera exclamando:

¹⁾ *Quem lhe colherá os fructos* — note-se a concordancia do verbo na 3.^a pessoa do singular com o promone *quem*.

²⁾ *Caír em graça a alguém* — agradar.

„Quem poderá agora dizer que não foi bem galardoado o meu trabalho de hoje, si esta arvorezinha que eu plantei ha pouco, logo ao primeiro dia me deu fructos sazonados e valiosos?“

Tomai daqui o exemplo, meus meninos, e não vos desgosteis do trabalho que fizerdes, só porque as nogueiras que plantardes vos não possam lisongear a gulodice logo ao segundo dia de as haverdes enraizado na terra: nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas uteis, com dizer que os fructos do vosso esforço e trabalho outros os hão de colher, e não vós. Aprendei a haver por irmãos a todos os homens que Deus poz na terra para o servirem, e se amarem e auxiliarem mutuamente. Trazei sempre bem vivo nos vossos corações o amor do proximo, seja daquelle que vós vêdes, e viva a par de vós, seja do que ainda nascer; porque o que está aqui vivo tem direito a que o ajudeis, para que vos retribua; e o que ainda ha de vir, ha de conhecer-vos pela herança que lhe deixardes, e abençoar-vos, si a herança for de bem, e amaldiçoar-vos, si for de mal.

LATINO COELHO.

O emprego dos domingos e dias santos

Trez rapazes conheci eu não ha muitos annos, cada um dos quaes tinha o seu modo particular de entreter os dias de festa, cada um dos quaes tambem colheu fructos correspondentes ao grão que lançara á terra.

Variavam tanto nos costumes e systemas, como se apartavam nas feições, e como vieram a differençar-se tambem no destino que levaram.

Tinham nascido na mesma terra, e bem moços ainda tinham vindo procurar trabalho á¹⁾ mesma fazenda; porque acostumados a viverem juntos desde pequenos, não se podiam separar nem á mão de Deus Padre²⁾.

Roberto, o mais velho de todos, era feio de cara e de peor catadura. Zangava-se por dez réis de cousa nenhuma, e quando estava zangado, dava por paus e por pedras. Tinha

¹⁾ Os escriptores brasileiros, neste caso, empregam de preferencia a preposição *em*.

²⁾ *Nem á mão de Deus Padre* — de fórma nenhuma.

tanto de robusto como de mau, e só respeitava, de toda a gente, os seus dous companheiros Pedro e Anastacio. O primeiro destes fazia tanta differença de Roberto, como o dia da noite. Franzino e delgado, parecia que o menor sopra o deitava á terra e lembrava mais um alfinete de tocar de um trabalhador de enxada. Commedido e de bons termos para todos, em pouco tempo ficou sendo o *ai Jesus*¹⁾ da fazenda, onde morriam por elle.

Anastacio, o ultmo em que lhes falei, era, por assim dizer, como uma ponte entre os dous. Fazia lembrar o outono entre o verão e o inverno. Si era desembaraçado e lesto como Roberto, era bom como Pedro, estimava um e outro devéras; mas, si não podia levar a bem os arremeços e maus modos de Roberto, não gostava tambem muito do tanto de não presta, de que estava cheio o outro seu companheiro. Não lho deitava á cara para não o envergonhar; mas muitas vezes lhe ouvi dizer:

„Não se ha de fazer nunca dalli cousa que tenha geito, parece um Sant'Antoninho onde te porei; nasceu mais para fiar numa roca do que para puxar ao trabalho com substancia. Não é culpa sua, isso é verdade; mas por mais que me digam, aquillo foi erro da natureza.

Em pouco tempo teve cada um uma occupação adequada ás suas posses. Pedro, que mais não podia, foi encarregado de guardar um rebanho de ovelhas e cabras, que tinha mais de duzentas cabeças; Roberto tomou conta da abegoaria e das cocheiras; Anastacio ficou de rancho na malta, entre os trabalhadores de enxada.

Como é bem de ver, o peor dos tres começou a fazer das suas: trabalhava de má vontade, embebedava-se sempre que podia, e tratava do gado á moda de mil demonios.

O mais fraquito, bem ao contrario, começou a fazer as vontades aos patrões e cair-lhes em graça.

Tanto fez, tanto fez, que o filho da casa pegou a ensinar-lhe²⁾ a ler, cousa por que elle morria desde muito tempo, e em que entretinha os domingos, passando os dias de semana, emquanto o gado pastava, a estudar as licções e a puxar por si; o Anastacio, que não podia aturar a lettra de imprensa, nem, segundo dizia, tinha cabeça para aprendi-

¹⁾ *O ai Jesus* — locução substantiva, é o mesmo que o mimoso.

²⁾ Mais correcto é: *ensina-lo a ler*.

der, começou a fazer economias para logo que pudesse, tratar de casar com uma rapariga da sua terra, com quem estava justo desde pequeno.

Emquanto uns iam para as tabernas e Pedro dava licção, elle, que não queria gastar dinheiro em extravagancias nem atormentar a cabeça com aquellas tontices dos livros, procurou ver si aprendia algum officio ou arte em que se entretivesse, e em que passasse o tempo com toda a economia.

„Porque não estudas tu aos domingos tambem?“ perguntava eu muitas vezes a Roberto.

„Ora, porque não nasci para sacristão nem para besta de carga. Enfados bastam os da obrigação, que já não são poucos, quanto mais i-los eu buscar agora por minhas mãos. Sempre ouvi dizer que era preceito guardar os domingos e festas de guarda, e que trabalhar nestes dias era peccado.“

Estavam as cousas nestas alturas, quando tive de ir á minha terra recolher uma herançasita que houvera, e demorar-me por lá algum tempo para pôr as minhas cousas a direito; quando voltei nenhum delles já estava na mesma quinta.

Seis annos depois, em dia de festa do Corpo de Deus, fui a Lisboa a ver a procissão e visitar de caminho uns parentes que lá tinha, — já lá estão na terra da verdade, pobre gente! — Deus os tenha á sua vista.

Passava pela rua dos Bacalhoeiros, quando ouvi que de uma tenda me chamavam pelo meu nome. Vejam qual não seria a minha admiração quando dei com duas caras conhecidas, que me faziam muita festa, e que eram nem mais nem menos do que Pedro e Anastacio.

„Ora, o tio Joaquim por estes sitios, me disseram, e sem nos conhecer!“

„E' verdade, rapazes, quem era capaz de pensar que havia agora de vir topar com vocês, assim tão enfeitados e garridos? Com mil demonios, si me não chamassem, não era eu que os descobria.“

„Mas nós não esquecemos os amigos velhos, e logo que o vimos, não quizemos passar sem lhe dar um abraço.“

„Bem apertado e do coração. Mas, pelo que vejo, a fortuna fez das suas, e lembrou-se de vocês.“

„E' como diz; alguma felicidade tivemos. Mas não

ha de ficar á porta da rua, entra e vem conversar um pouquinho comnosco, não é assim?“

Assim fiz: e pelo que me contaram, vim a saber o que lhes tinha acontecido, e que foi o seguinte:

Cada um delles tinha seguido o seu modo de vida, conforme se azeitava melhor. Pedro estudando nos livros, Anastacio trabalhando nas horas de descanso, para juntar algum dinheiro.

Metteu-se-lhe na cabeça aprender um officio, e a troco de alguns serviços feitos ao mestre Antunes, tanoeiro, alcançou que lhe ensinasse o seu modo de vida, em que com a vontade que tinha, chegou a ser um bom official.

Ja avesava¹⁾ um par de vintens, quando se descobriram essas terras lá da California, onde, segundo diziam os papeis, havia mais ouro em pó do que milho em celloiro rico nos annos de fartura.

Os homens de ganhar começaram a mudar de rumo e a procurar fortuna por essas terras. Desinquietaaram-no; mas elle, despresando o dictado: „Muda de terra, mudarás de fortuna“ como se fã dando bem por onde estava, resolveu-se a ficar.

Ora, não sei si sabem que, apesar de haver dinheiro a rôdo²⁾ pela tal California, não havia de comer nem de beber, e qualquer cousa que por lá se precisava, era comprada a peso de ouro.

Anastacio, que já sabia do officio ás direitas, deitou-se á obra, empatou em madeira os pintos³⁾ que juntára, e conseguiu montar uma tanoaria em grande, que em pouco tempo se afregueizou pelos bons modos do dono e bom preço das obras.

Quando o encontrei em Lisboa, acabava de casar com a promettida desposada que trouxera da terra. A sua loja, que era uma das melhores da cidade, gosava de excellentes creditos, e o negocio corria o melhor possivel.

Pedro tambem tinha caminhado, e muito; mas por estrada diversa. Pouco a pouco fôra lendo cada vez melhor, e escrevendo de fôrma que levava as lampas⁴⁾ ao mestre escola do lugar: parecia um traslado a lettra do rapaz.

¹⁾ *Avesava* — termo popular, significa possuir, ter de seu.

²⁾ *A rôdo* — locução popular — em grande abundancia.

³⁾ *Pinto* — cruzado novo, mil réis da nossa moeda.

⁴⁾ *Levar as lampas a alguém* — levar vantagem a alguém.

O dono da quinta, a quem elle caíra em graça pelos seus termos commedidos e vontade de saber, tirou-o daquella labutar e mandou-o para uma mercearia sua em Lisboa, a servir de caixeiro. Era o que elle queria e em que melhor calhava¹⁾ tanto que em pouco tempo se fez um merceiro de enche-mão.

O patrão trazia-o nas palminhas e dizia á bocca cheia que não tivera nunca outro que lhe chegasse tanto ás medidas.²⁾

Nem só o Sr. José Esteves era desta opinião; a senhora sua filha achava ao pae carradas de razão. Atrever-se a pedi-la, não era o Pedro capaz disso: mas o pae dá rapariga, que deu na ferida, e não era de soberbas, antes pelo contrario muito dado e maneiro, reconheceu que lhe convinha para genro um bom rapaz, socegado e amigo de dar ordem á sua vida.

Tambem vivia de grande quando lhe falei, e a loja onde estavamos era do sogro ou delle, o que vinha a dar na mesma cousa.

Tinham acabado de me contar as suas historias, e ia-lhes perguntar que norte tinha tomado Roberto, quando ao chegarmos á porta para ver a gente que passava para a procissão, desembocaram de uma daquellas ruas uns poucos de grilhetas, que, de barril ás costas, desciam lá das bandas do castello e iam para o Chafariz de Dentro. Não tive que perguntar, porque reconheci-o logo entre elles, quando passaram deante da porta.

Vim depois a saber porque fôra alli parar. O vinho e as patuscadas dos domingos, tinham sido a causa daquella desgraça.

Não deitava Nosso Senhor um dia santo a esta terra, que elle não fosse para a taberna, e que não saísse de lá a não ser em miseravel estado. Em breve puzeram-no fóra do trabalho, porque não dava conta de si, nem se podia olhar para elle, de desmazelado que andava. Vendo-se sem trabalho e sem ninguem o querer, ajuntou-se a uns poucos de vadios da terra, que passavam pelas peores firmas do lugar.

Ao principio eram comezainas e bebedices: e depois, como não havia dinheiro nem gente que lhes fiasse, nem

¹⁾ *Calhar* — termo vulgar, — convir.

²⁾ *Chegar ás medidas* ou *encher as medidas* — satisfazer completamente.

vontade de trabalhar, começaram a prégar calotes, a commetter roubos, e quem sabe si mortes tambem.

Ao menos assim por se rosnava, e bem se diz que nestas cousas: „Voz do povo, voz de Deus.“

Um dia, a justiça, que andava com os olhos nelles, deitou-lhes a unha. Um dos que fugiram foi Roberto, e ao fugir á prisão, feriu de morte um dos cabos que o queriam prender.

Foi condemnado ás galés por toda a vida: e a cumprir esta sentença o vi eu em Lisboa no tal dia de festa do Corpo de Deus.

Agora vocês lá, rapazes, que perceberam aonde eu ia dar na minha, pensem na historia que lhes contei, e vejam de que modo deverão melhor passar os domingos e dias santos.

Os bons dos maltezes¹⁾ não deram resposta ao narrador nessa occasião; os resultados futuros deixaram ver, porém, que as palavras do conto do tio Joaquim não tinham sido deitadas ao vento.

RODRIGO PAGANINO.

Gratidão de um filho e ingratição de outro

Quem reparar um pouco ha de ver muitas vezes que o homem na velhice é tratado por seus filhos exactamente do mesmo modo, como elle havia tratado seus paes, quando eram velhos e já sem força. E isto comprehende-se bem. Os filhos aprendem com os paes; não veem não ouvem mais ninguem e por isso seguem o seu exemplo. Assim se verifica naturalmente o que tantas vezes se diz, e está escripto: „a benção e a maldição dos paes vem cair sobre os filhos.“

Ouçamos agora duas historias que se contam a proposito disto: a primeira é digna de imitação, e a segunda merece ser muito meditada.

Uma vez que certo principe foi dar um passeio a cavallo, encontrou-se com um camponcz diligente e alegre,

¹⁾ *Maltez* — provincialismo da Extremadura, Portugal, que significa trabalhador de jornal, sem lugar fixo.

que andava a trabalhar em um campo, e poz-se a conversar com elle.

Dalli a alguns dias soube o principe que o campo não era propriedade daquelle homem, o qual não passava dum jornaleiro, que pela modica quantia de seis tostões por dia cuidava do seu amanho. O principe, que para os pesados encargos do governo precisava de enormissimas sommas, não podia comprehender como seis tostões diarios eram mteios bastantes para o nosso homem viver, e de mais a mais de rosto tão alegre. Este, porém, respondeu-lhe: „Nada me faltaria, si eu pudesse dispor de todo esse dinheiro: a terça parte chega-me bem; com um terço pago as minhas dividas e a terça parte restante pertence ás minhas economias.“ O bom do principe ficou ainda mais admirado. Mas o camponez continuou: „O que tenho reparto-o com meus paes, que são velhos e já não podem trabalhar, e com meus filhos, que andam por ora a aprender; áquelles pago-lhes o amor com que me trataram na minha infancia, e destes espero que não me abandonarão tambem na minha cançada velhice.“ Não é verdade que tudo isto foi muito bem dicto, e ainda pensado, e ainda muito mais bem executado? O principe recompensou aquelle homem de bem, olhou com desvelo pelos filhos, e a benção que os paes lhe lançaram ao morrer, foi-lhe retribuida pelos filhos agradecidos com amor e amparo.

Havia, porém, outro homem que tratava tão mal seu pae, a quem a idade e as doenças tinham na verdade tornado impertinente, que o velhinho mostrou desejos de entrar para um hospital de pobres, que havia na mesma aldeia. Alli esperava elle, apesar do pouco affecto, pelo menos ver-se livre das reprehensões que em casa lhe amarguravam os ultimos dias da vida. O filho ingrato, saltou de contente apenas soube dos desejos do pobre velho, e ainda antes de o sol se esconder por detraz das montanhas vizinhas, já elles estavam satisfeitos. Mas no hospital não encontrou elle tudo quanto desejava, e, passado algum tempo, pediu ao filho, como ultimo favor, que lhe mandasse dous lençóes, para não ter de dormir toda a noite na palha extreme. Procurou este os peores que tinha, e chamando seu filho, creança de dez annos, ordenou-lhe que os levasse para o hospital.

Ficou, porém, admirado ao ver que o pequeno escondeu a um canto um dos lençóes e só levava ao avô o outro;

e, apenas elle veiu, perguntou-lhe porque tinha feito aquillo. O filho respondeu friamente que tinha guardado um dos lençóes para o dar ao pae, quando mais tarde o mandasse para o hospital.

Que licção tiramos daqui?

Honra teu pae e tua mãe, para que sejas feliz.

(Traducção.)

Exemplo de bons amigos

Havia em uma terra dous homens, honestos, trabalhadores e bons chefes de familia. Um estava estabelecido e vivia razoavelmente com sua familia, dos ganhos do seu commercio; o outro era lavrador e vivia com desafogo do producto das suas propriedades. A amizade entre estes dous homens era a mais sincera, e ambos, qual delles com mais empenho, aproveitavam cuidadosamente todas as occasiões de mostrar reciprocamente a sua amizade.

Uma occasião em que o rigor do inverno havia causado graves prejuizos ao lavrador, inutilizando-lhe sementieras e pondo-lhe em perigo os gados, pos causa de uma cheia repentina, o amigo correu a prestar-lhe auxilio pessoal e a pôr á sua disposição o seu credito, além de todos os meios de que podia dispôr.

Por outra occasião entrou-lhe a infelicidade na familia, e uma longa e perigosa doença prostrou na cama por muitos mezes a sua mulher. O desgosto de a ver soffrer e o desarranjo que a sua falta causava na administração domestica, lançaram-lhe o espirito em profunda tristeza. Nesta situação angustiosa encontrou sempre a seu lado o amigo para o animar, par lhe dar auxilio, para lhe fazer companhia de noite e de dia. E não só o amigo pessoalmente, mas tambem sua mulher, que não desamparou naquella afflicção a mulher do amigo de seu marido.

Por fim a doente melhorou, e os negocios do lavrador voltaram ao seu estado normal.

Passou-se tempo e nunca a amizade destes dous amigos foi perturbada nem diminuida.

Chegou a occasião do commerciante experimentar o valor do amigo. Os seus negocios soffreram um revez e, quando já se encontrava embaraçado na sua vida com-

mercial, veiu uma crise tornar-lhe ainda mais difficil a sua situação economica.

Não podendo cumprir os encargos commerciaes, viu-se na dolorosa necessidade de declarar aos credores que não podia satisfazer-lhes os creditos. Mas antes de lhes fazer tal declaração, que o inutilizaria para a vida commercial, confessou ao amigo a situação em que se encontrava, e a resolução que havia tomado de reunir os credores para lhes expôr o seu estado.

O amigo, depois de o ouvir, procurou dar-lhe animo para affrontar aquella infelicidade, e desde logo poz a sua disposição todos os seus recursos. Aconselhando-o a que não fizesse aquella declaração aos credores, disse-lhe que podia dispôr das suas propriedades de servirem de garantia ás quantias que tivesse de obter para satisfazer os seus debitos. E para as primeiras urgencias entregou-lhe logo as joias de sua mulher, recommendando-lhe com muito empenho que regulasse os negocios sem declarar a pessoa alguma as suas difficuldades.

Commovido por tão grande prova d'amizade, estreitou-o nos braços e voltou a casa a dispôr as cousas para satisfazer a todos os encargos.

Regulados os seus negocios, vieram depois melhores dias, e o amigo foi reembolsado intregalmente de tudo quanto lhe havia proporcionado.

A verdadeira amizade é a que faz proceder os homens pela fórma com que estes dous amigos procederam um com o outro.

Na vida pratica nada ha tão valioso como os bons amigos: valem mais do que o dinheiro. Adquiri-los deve ser todo o nosso empenho.

O Tamborzinho

O pequeno forte de Ouguella¹⁾ achava-se com uma guarnição assás limitada, e que se compunha do capitão, que era ao mesmo tempo governador do forte, de dois officiaes, cincoenta soldados e alguns paizanos armados.

¹⁾ Ouguella, logarejo na fronteira de Portugal, defrontado com a Hespanha e fica proximo de Campo Maior.

As muralhas do forte achavam-se muito arruinadas, em varios pontos, e não eram flanqueadas. A 19 de novembro de 1762 uma grande força atacou o forte.

Essa força era formada de quatro esquadrões hespanhoes e alguns centos de guerrilhas.¹⁾

Ao commando do capitão, começou a fuzilaria com o maior encarniçamento sobre os assaltantes que se approximavam, avançando gradualmente em semi-circulo. De parte a parte, o fogo era sustentado vigorosamente. Já nas ameias do forte havia mortos e alguns feridos.

Entre a guarnição do forte estava um rapazito de 15 annos, baixo, trigueiro, atarracado, de olhos scintillantes e cabellos negros; era o tambor da companhia.

O capitão commandava a defesa do forte com todo o valor e, na sua voz vibrante e no seu rosto magro e macilento, não se percebia um só signal de commoção. O tamborzinho, firme nas suas pernas, procurava vêr, por entre as ameias e atravez do fumo, os fardamentos encarnados e azues dos soldados hespanhoes, que vinham marchando lentamente. As columnas atacantes dirigiam principalmente o fogo contra os angulos salientes da praça.

Mas era um fogo do inferno! uma saraivada de balas de chumbo, despedaçando as arestas da crista interior do parapeito, batendo nas ameias, recochetando pela praça de armas e arremeçando ao ar estilhaços de madeira da casa da guarda, caliça e terra. As balas cantavam, por cima das cabeças dos defensores, aquelle cantico lugubre da morte e, de quando em quando, algum dos soldados que guarneciam o parapeito, caía de costas, rolando pela rampa da banqueta²⁾. Outros, com passos vacillantes, comprimindo a ferida com as mãos, vinham recolher-se na casa da guarda, então transformada em provisorio hospital de sangue. Já havia bastantes mortos. O inimigo cada vez apertava mais o semi-circulo do ataque. Num dado momento, viu-se o capitão Braz de Carvalho, até alli impassivel, dar signal de inquietação e perturbação. O forte não era atacado pelo nascente, que defrontava com uma encosta aspera e inacces-

¹⁾ *Guerrilhas* — voluntarios armados não sujeitos á disciplina militar, que atacam o inimigo fora de campo.

²⁾ *Banqueta* — termo de fortificação, significa degrau interior na muralha, situada atraz do parapeito, e donde os atiradores fazem fogo contra o inimigo.

sivel. Braz de carvalho chamou o *tamborzinho*, e, fitando nos olhos do rapaz as suas pupillas pardas e fixas, deante das quaes todos os soldados tremiam, disse bruscamente:

— Tambor!

Este fez a continencia.

— Tens figados?

Os olhos do rapaz lampejaram.

— Tenho, sim, meu capitão — respondeu.

— Olha lá para baixo — disse o capitão impellido-o para uma canhoneira — vêes no plano vizinho aquellas casas? E' Campo Maior; nessa direcção e a menos de meia distancia d'aqui lá estão dois batalhões da nossa infantaria e cem granadeiros. Toma este bilhete: agarra-te a esta corda e desce pela muralha abaixo, deixando-te escorregar pela escarpa do fosso; depois sobe pela contra-escarpa, corre pelos campos até chegar aos nossos e entrega o bilhete ao primeiro official que encontrares. Tira o cinturão e a mochila.

O tamborzinho tirou o cinturão e a mochila e mettu o bilhete no bolso do peito. O capitão deitou a corda pela muralha abaixo, segurando-o fortemente por uma das pontas; o rapaz saiu por uma canhoneira, agarrando-se á corda, com as costas voltadas para fóra, começou a descer.

Nesta occasião disse-lhe o capitão: — A salvação do forte está na tua coragem e nas tuas pernas.

— Confie em mim, meu capitão! — respondeu o tambor já suspenso da parte de fóra.

— Deus te ajude!

Em poucos momentos o tamborzinho estava em terra; o capitão puxou a corda para cima, foi direito á canhoneira e viu o rapaz subindo como um gato a contra-escarpa do fosso; logo que se apanhou em cima, livre e desembaraçado, começou a correr, parecendo que voava, e quando o capitão já o julgava livre das vistas do inimigo, algumas nuvens de poeira que se erguiam do chão em torno do rapaz lhe deram a perceber que tinha sido descoberto pelos hespanhoes, que, do ponto mais elevado da ladeira, lhe faziam fogo pelas costas, porque aquellas pequenas nuvens eram produzidas pelas balas que raspavam a terra. Mas o tamborzinho continuava em vertiginosa carreira. De repente caiu.

— Morto! — rugiu o capitão, mordendo os punhos.

Mas, mal tinha pronunciado a palavra, viu o tamborzinho levantar-se.

— Ah! caiu, mas levantou-se... disse comsigo, e respirou. O tamborzinho effectivamente recommençara a correr com toda a força, mas coxeava. — Torceu um pé... pensou o capitão. Algumas nuvensinhas de pó se levantaram ainda, aqui e allí, em volta do rapaz, mas cada vez mais distantes. Estava pois a salvo. Braz de Carvalho soltou uma exclamação de triumpho; mas continuou seguindo-o com os olhos anciosamente, porque estava seguro de que, si o emissario não chegasse depressa com o bilhete em que pedia soccorro immediato, ou todos os soldados caíriam mortos ou teria de render-se e ficar prisioneiro com os seus. O rapaz corria com rapidez um pedaço, depois affrouxava o passo, coxeando, tornava a correr, mas, cada vez mais cansado, ora tropeçava, ora parava de repente.

E' que alguma bala o apanhou de raspão¹⁾, pensou o capitão tremendo.

Observava-lhe todos os movimentos, animava-o, falava-lhe, como se elle o pudesse ouvir, media sem descanso com o olhar perscrutador o espaço interposto entre o rapaz que corria e o scintillar das baionetas que brilhavam, lá ao longe, na planície, reflectindo os raios dourados de um formoso sol de inverno. E, neste aneio, ouvia o zunido das balas por cima da sua cabeça, as vozes de commando dos officiaes e sargentos enraivecidos, os lamentos angustiosos dos feridos e o estalido das telhas que se partiam com o choque das balas.

— Avante! coragem! — gritava, seguindo com a vista o pequeno tambor — mais... mais... corre... ávante... corre!... Lá pára o maldito! Bem; torna outra vez a correr! — Nisto, um official veio dizer-lhe, offegante, que os inimigos, sem interromper o fogo, desfraldavam uma bandeira branca, impondo assim a rendição.

— Não se responda! — gritou o capitão, sem despregar os olhos do rapaz que já entrara na planície, mas andando vagarosamente e parecendo arrastar-se a custo... — Mais! mais! corre!... vocifera o capitão, cerrando os dentes e os punhos. Mata-te... morre, scelerado, mas chega! Depois, soltou uma imprecação horrivel e continuou: — Ah! o infame cobarde sentou-se!

Effectivamente, o rapaz, cuja cabeça se descobria muito bem do lugar onde estava o capitão, desaparecera, como

¹⁾ De raspão — locução adv. — obliquamente.

se tivesse caído. Passado, porém, um momento, reapreceu ainda uma vez, furtivamente, para perder-se de novo entre os silvados... e o capitão não o viu mais. Desceu então precipitadamente do parapeito; saraiavam as balas e a casa da guarda estava atulhada de feridos, alguns dos quaes cambaleavam como ebrios, agarrando-se ás paredes: estas e o pavimento estavam manchados de sangue e os cadaveres juncavam a praça de armas. O tenente tinha o braço direito partido por uma bala. O fumo envolvia tudo.

— Coragem! gritou Braz de Carvalho. Cada um ao seu posto! Chegam-nos soccorros; vá, ainda um momento de coragem!

Os hespanhoes tinham-se aproximado mais. Ouviam-se, com o estrepito das descargas, os gritos selvagens, acompanhados de ameaças de exterminio, com que insultavam e intimavam a rendição. Si algum soldado menos corajoso se retirava da banquetta, os sargentos empurravam-no para a frente: mas o fogo da defesa ia enfraquecendo, o desanimo manifestava-se em todos os rostos, e não era possível prolongar a resistencia: num momento dado, os tiros dos hespanhoes afrouxaram e uma voz trovejante bradou em hespanhol:

— Rendei-vos!

— Não! nunca! — urrou o capitão, de cima do parapeito.

E o fogo recomeçou mais vivo e mais furioso das duas partes. Caíram mais soldados; já havia espaços grandes de parapeito sem defensores. O momento fatal estava imminente e o capitão gritava com voz prêsa, entre os dentes: — Não vem! não vem! — E corria em torno, furioso, torcendo a espada nas mãos convulsas, resolvido a morrer no seu posto.

Nisto, um sargento exclama em altos gritos:

— Ah! vem soccorro!

E o capitão, num brado de alegria, repetiu:

— Ah! vem soccorro!

A'quella voz, todos, sãos, feridos, sargentos e officiaes, se dirigiram para o parapeito e a resistencia tornou-se mais feroz ainda. Passados momentos, notou-se entre os inimigos como que uma tal ou qual incerteza e um principio de insubordinação. De repente, o capitão, furioso, reuniu alguns soldados, dos mais audazes, e desceu á porta do forte, para esperar o inimigo na ponta das baionetas. Voltou ainda

acima e, mal tinha chegado, sentiu o estrepito de passos precipitados, acompanhados de gritos formidaveis, e viu, por entre o fumo, aproximarem-se as grandes barretinas dos nossos granadeiros, um relampejar de baionetas que, espargindo faiscas, caíam sobre o peito dos atacantes, anniquilando-os entre uma tremenda barreira de aço. Os sitiados então, neste momento, abrem repentinamente a porta, irrompem de baioneta calada, pondo em debandada o inimigo, que, em desordem, volta as costas fugindo.

O terreno ficou desembaraçado, o forte ficou livre e, pouco depois, dois regimentos de infantaria portugueza e uma bateria de artilharia occupavam a fortaleza de Ouguella. A brilhante e heroica defesa do capitão Braz de Carvalho mereceu do Conde de Lippe, general em chefe do exercito portuguez nessa epocha, uma nota honrosa na ordem do dia. O capitão foi gravemente ferido numa das mãos na occasião do assalto á baioneta. Por este motivo foi mandado recolher á ambulancia, que estava estabelecida em Campo Maior. Acompanhou a pé o resto da sua companhia, isto é, os que sobreviveram ao combate.

Logo que chegou a Campo Maior, procurou o tenente, que fóra conduzido na ambulancia com o braço partido e devia ter chegado alli antes d'elle. Indicaram-lhe uma igreja, transformada em hospital de sangue. Foi lá. A igreja estava cheia de feridos, deitados em duas filas de leitos e colchões extendidos no pavimento; dois medicos e varios enfermeiros iam e vinham, apressados e sollicitos, e ouviam-se ais suffocados e gemidos dolorosos.

Apenas entrou, o capitão parou, olhando em volta, em procura do seu official. Nesse momento ouviu que o chamava uma voz fraca, mas muito proxima:

— Meu capitão!...

Voltou-se... Era o tamborzinho...

Estava extendido numa cama de bancos, coberto até ao peito com uma cortina de janella, aspera, de quadradinhos, com os braços de fóra, pallido, emmagrecido, mas sempre com aquelles olhos vivos como dois brilhantes...

— Aqui! exclamou o capitão rudemente, mas surpreendido. — Bravo! cumpriste o teu dever.

— Fiz o que pude, meu capitão! — disse o tamborzinho.

— Estás ferido? — perguntou o capitão, procurando ao mesmo tempo com os olhos o seu official.

— Estou, meu capitão, disse o rapaz, a quem dava coragem para falar a orgulhosa satisfação de ser pela primeira vez ferido, sem o que se não atreveria a abrir a bocca em presença do seu capitão. Foi uma boa corrida, mas viram-me logo. Era capaz de chegar vinte minutos mais cedo, si me não acertam. Felizmente, encontrei logo um snr. official, a quem entreguei o bilhete. Mas... custou-me tanto a correr, depois de ferido!... Morria de sede, receava não chegar a tempo, chorava de raiva, pensando que, por cada minuto de demora, lá em cima, no parapeito lá ia indo um camarada para o outro mundo. Acabou-se! fiz o que pude e estou contente. Mas... com licença, meu capitão... também está ferido!...

Com effeito, da mão mal ligada do capitão, caíam pelos dedos abaixo algumas gottas de sangue.

— Quer que eu lhe aperte mais a ligadura, meu capitão? Faça favor de pôr aqui a mão um momento.

O capitão apresentou a mão esquerda, extendendo a direita para ajudar o rapaz a desfazer o nó e tornar a fazer-lo; mas o tamborzinho, meio erguido apenas do travesseiro, empallideceu e deixou cair de novo a cabeça.

— Basta! basta! disse o capitão, olhando attento e retirando a mão ligada, que elle tentava reter. Cuida em ti, em vez de cuidares dos outros; as feridas leves, descuradas, podem tornar-se graves.

O tamborzinho abanou a cabeça.

— Mas tu, continuou o capitão, fixando attentamente, deves ter perdido muito sangue, para estares debilitado d'esse modo...

— Perdido muito sangue? — respondeu o rapaz com um sorriso — perdi mais alguma coisa... olhe, meu capitão... E tirou de repente a cobertura.

O capitão deu um passo á retaguarda, horrorizado! O rapaz tinha apenas a perna direita; a esquerda fóra-lhe amputada por cima do Joelho. A coxa estava embrulhada em pannos ensanguentados. Passava naquella occasião, em mangas de camisa, um medico militar, pequeno e gordo, que disse indicando o tamborzinho:

— Ahi tem, snr. capitão, um caso bem desgraçado. Salvava-se facilmente a perna, si elle a não tivesse forçado do modo louco por que a forçou... Depois, veio uma inflammção enorme e foi necessario amputar-lh'a, redonda,

como vê. Oh! mas é um bravo, este rapaz! asseguro-lh'o eu. Nem uma lagrma! nem um grito! Orgulhava-me de que elle era portuguez, quando o estava operando. Palavra de honra! este, por Deus, é de boa raça!

E seguiu o caminho...

O capitão carregou as grandes sobranceiras grisalhas, olhou fixo para o tamborzinho e tornou a extender-lhe a cobertura por cima; depois, lentamente, quasi que sem dar tento do que fazia e fixando-o sempre, levou a mão á cabeça e descobriu-se...

— Meu capitão! respondeu o rapaz, maravilhado. Que faz, meu capitão? Isso é para mim?

E, neste momento, aquelle rude soldado, que nunca dissera uma palavra branda a um inferior qualquer, respondeu com uma voz indizivelmente affectuosa e doce:

— Eu não sou sinão um capitão e tu és um heroe.

Em seguida, debruçou-se para o tamborzinho e beijou-o tres vezes sobre o coração.

Os restos do naufragio

Nas praias da Bretanha vivia um pescador com a mulher e um filho. A idade já lhe quebrára um pouco as forças, mas ainda luctava com o mar no seu fragil barquinho, a que puzera um nome audacioso: *Avante!*

Uma tarde em que o pescador, tendo acabado de jantar, fumava o seu cachimbo á porta da choupana, contemplando o mar onde se balouçava o bote amarrado ao caes, e que principiava a picar-se¹⁾ com as zargunchadas²⁾ do vento, viu vir ao longe, muito ao longe, um navio de velas brancas, enquanto no ceu um ponto escuro annunciava borrasca imminente. O pescador meneou a cabeça, murmurando: „Vão passar um bocadinho amargo os mareantes daquella embarcação.“

O temporal veio: porém, ainda mais depressa do que elle previa. Num momento o mar se levantou em vagalhões furiosos, e açoitou com o latego de espuma as penedias da costa.

¹⁾ *Picar-se* — enfurecer-se.

²⁾ *Zargunchadas* — rajadas, lufadas, golpes.

O vento soprava com violencia. O pescador seguia, com o cachimbo apertado entre os dentes, o caminhar do navio, que luctava visivelmente com difficuldade, e que desapparecia de instante a instante no doido turbilhão que enchia o horizonte dessas alvuras de escuma mil vezes mais sinistras do que as mais densas sombras. A mulher que o conhecia bem, olhava inquieta para o rosto levemente franzido do pescador.

A tempestade redobrava de violencia, e entre todos os clamores sinistros da procella ouviu-se vagamente um tiro isolado, depois outro e outro. O navio pedia soccorro!

As companhas¹⁾ dos barcos de pesca tinham-se unido na praia a ver o mar, e seguir de longe, com anciedade, o drama que lá no horizonte se estava representando. Quando se ouviram os tiros, muitos dos mais valentes empallideceram. O mar estava medonho. Mas elles, os desgraçados, haviam de morrer alli, quasi á vista da terra, sem que lhes extendessem a mão, sem que procurassem salva-los? O pescador não resistiu á voz imperiosa do dever. Envervou o *caban*²⁾ e quando a mulher soluçante procurava demove-lo do seu proposito heroico e lhe mostrava o filho, elle respondia: „Pois então eu hei de deixar morrer, á minha vista, aquella pobre gente, sem lhe acudir, sem me arriscar um pouco tambem? Lá isso é que não. Deus ha de ir com-nosco. Já muitas vezes me tem tirado de perigos maiores. Si morrer, paciencia; não nos ha de faltar quem vos ampare a ti e ao pequeno, que ainda ha almas christãs por esse mundo. Eh! rapazes! toca para o mar! Isto agora não é pescar sardinhas, é pescar gente que é obra mais asseada. Vamos lá, quem não tem medo!“

E, desembaraçando-se da mulher, saltou para dentro do bote. Seguiram-no todos os da companhia; mas o mar, cada vez mais empolado, não aplacou por isso a sua furia insana. Elles remavam intrepidamente; a mulher, com o pequeno ao peito, viu por muito tempo o vulto energico do seu marido, quando soltavam a vela, em pé, envolto numa nuvem de espuma, a segurar com mão firme no leme. Depois sumiram-se no horizonte, e nunca mais, nunca mais voltaram!

¹⁾ *As companhas* — a tripolação, a marinagem.

²⁾ *Caban*, palavra franceza, de origem italiana, que corresponde a *gabão* — casacaõ usado pelos povos á beira-mar, com capuz, cabeção e mangas.

Tres dias durou a tempestade e tres dias esperou a viuva lavada em lagrimas e pungida pelos soluços que as ondas lhe restituísem o cadaver do marido. Nada, o mar guardava cuidadosamente a presa. Passaram-se annos e a pobre viuva toda se consagrou ao filho estremecido; mas um medo pungente, atroz, continuo a perseguia: — Si o mar lho roubava! — Todo o seu cuidado era afasta-lo para longe, muito para longe dessas ondas terriveis, traiçoeiras, fataes que lhe tinham roubado o marido. E eram ellas comtudo a tentação do pequeno. Apenas apanhava a mãe descuidada, ahi corria elle á praia, a enterrar os pés na areia, a molha-los na espuma da vaga preguiçosa. A mãe corria logo a busca-lo, ralhava-lhe, lembrava-lhe a morte do pae, supplicava-lhe que lhe não desse um desgosto, que lhe não amargurasse a existencia com essa fatal predilecção. E, assim que o viu um pouco mais crescido, foi ter com o cura, pediu-lhe que o ensinasse, que lhe mettesse na cabeça o latim, a grammatica, para que pudesse ser padre, qualquer cousa emfim que o afastasse para sempre do mar, desse mar feroz e implacavel que a vestira para sempre de luto, do luto da viuvez.

E o bom do cura condescendeu, e o pequeno bondoso e meigo tambem resignava-se e ia todos os dias para a escola do cura com os seus livros debaixo do braço, voltando as costas ao mar, a esse mar que elle amava tanto e que o fizera orphão. Estava horas a ve-lo com o livro caído nos joelhos, a contemplar as ondas que cintavam de branco o horizonte, e os barcos que partiam alegremente, com as velas soltas ao vento, levando a bordo muitos dos seus companheiros de infancia, que eram felizes, bem felizes esses que podiam remar, sentir o balanço das ondas, o sopro rijo da ventania nas amplas solidões do mar alto.

Uma tarde, ia o sol a declinar para o occaso e o mar alteroso batia com furor nas rochas pacientes. Um navio ao longe luctava com a tempestade. Da praia os pescadores inquietos assistiam a essa scena eternamente repetida e eternamente tragica. Renovava-se quasi textualmente a situação que já descrevêmos. O rapazito fremente, de labio convulso, de lagrimas nos olhos, via os bons dos pescadores preparar já um barco para ir em soccorro do navio que naufragava. A mãe, essa agarrava pallida, assustada, palpitante, nas mãos tremulas do filho, e murmurava-lhe no ou-

vido palavras supplicantes. Emfim, como a tempestade redobrava de violencia, como o perigo era imminente, uma voz sonora e rude bradou: „Vá, rapazes! quem quer acudir aos nossos irmãos em perigo?“ O filho do pescador deu um passo, mas a mãe agarrando-se a elle frenética, louca de terror, abraçando-o, apertando-o com ancia, bradou-lhe: „Não vaes, não te deixo ir! já me roubaram teu pae essas ondas maldictas. Não te hão de roubar agora! Não! meu filho! não quero que me deixes, não quero que te matem.“

E o rapazito, banhado em lagrimas, vencido por essa dor immensa, por essa supplica desvairada, beijava-a e promettia-lhe, com a dor no coração, que a não deixaria, que a não deixaria nunca!

Nisto, porém, a vaga furiosa que cuspiam na praia os detridos de vinte naufragios, depois de balouçar por algum tempo no seio espumante um objecto pesado e informe, arrojou-o emfim á areia e todos puderam ver a pôpa de um barco, de um barco que os temporaes tinham sacudido por longos annos e por todos os mares, de um barco que desapparecera no horizonte e que nunca mais voltára... e na pôpa desse barco, lavada pela espuma, revestida das incrustações do Oceano, todos puderam ler esta divisa audaciosa: *Avante!*

Então o rapazito não pôde resistir: erguendo a cabeça com o gesto resolutivo, sentindo-se homem emfim, desembarcou-se de sua mãe, que caiu quasi desmaiada na areia, e com um grito de triumpho saltou para dentro do barco, empunhou um remo e, ao seu impulso vigoroso e ao dos seus companheiros, a embarcação lá foi em procura dos naufragos.

Nem sempre a Providencia desampara os bons e o dever tem muitas vezes tambem as suas recompensas na terra. Estes heroicos rapazes voltaram sãos e salvos da temerosa empresa, voltaram trazendo comsigo os marinheiros arrancados á morte e ao abysmo, e, quando o filho do pescador abraçado á sua mãe, que chorava de susto e de alegria e de saudade, a beijava e a afagava, murmurou-lhe ao ouvido, apontando-lhe para a *épave*¹⁾, para a reliquia do naufragio de seu pae, para a pôpa do bote, onde a palavra *Avante* brilhava, como a expressão do dever:

„Mãe, bem vês! não podia! o pae tinha falado.“

PINHEIRO CHAGAS.

1) *Épave* — palavra franceza que significa restos, destroços do naufragio.

Teima de um poeta

Um poeta francez, muito feio e a quem Voltaire¹⁾, por occasião de lhe criticar um poema, chamára o homem mais feio da França, tirou-se de seus cuidados e foi-se de Paris a Ferney, de proposito para o visitar e certificar-se de qual dos dous o era mais; era um concurso de fealdade, como quem dissesse uma contra-scena ao juizo de Paris²⁾. Annunciou-se ao guarda-portão do philosopho; este, recebendo o recado e caíndo na conta³⁾, pelo que havia escripto, de qual podia ser o alvo da visita, mandou-lhe dizer pelo mesmo servo que estava tão afogado em lide litteraria que de modo nenhum o podia receber.

„Esperarei!“ disse o feio pachorrento e sentou-se no fundo da escada a ler o seu Horacio⁴⁾ de algibeira.

Voltaire tinha que sair; mas a casa não havia sido edificada com a lembrança de tal hypothese; a escada era unica, Passaram horas⁵⁾, passou quasi o dia e nenhum delles movia o pé; o de cima manda pedir ao de baixo que se retire, pois necessita sair; o de baixo manda-lhe dizer, tambem muito cortezmente, que veiu só para ter o gosto de o ver e que sem o ver lhe não é possível ausentar-se. O guarda pondera-lhe que são horas de trancar a porta.

„Tranque, que eu durmo aqui hoje e dormirei annos, si preciso for, até ver o seu patrão.“

Voltaire, desesperado, manda-lhe pôr ceia e fazer cama no patim da escada, mas na manhã seguinte de novo o faz intimar para que levante o sitio; o poeta persiste: e assim se passam mais dous dias, em que o cercado, amaldiçoando o cercador, não cessa comtudo de o banquetear ás horas, de lhe mandar fazer a cama e accender-lhe luz tanto que se apaga a do sol.

Breve o sr. Voltaire convenceu-se de que não havia outro remedio sinão pôr-se ás boas; sem o que estava a pique⁶⁾

1) *Voltaire* — escriptor francez do seculo 17.

2) *Paris* — conforme a mythologia, escolhido por Jupiter, pae dos deuses, para decidir entre Juno, Pallas e Venus, qual a mais bella, pronunciou-se a favor da ultima, entregando-lhe o pomo de ouro.

3) *Caíndo na conta de* — acudindo-lhe, occorrendo-lhe, lembrando-se.

4) *Horacio* — poeta latino (dá-se aqui a figura metonymia).

5) *Passaram* ou passaram-se horas.

6) *Estar a pique* — estar em perigo.

de ficar condemnado a carcere perpetuo; escreveu-lhe, supplicando-lhe, pelos mais concertados termos que soube,¹⁾ não continuasse a tyranniza-lo, pois já começava a causar-lhe transtornos na saude e nos negocios. Cedeu emfim Ménage, deixando-lhe por despedida quatro versos²⁾ que, apenas lidos, decidiram Voltaire a manda-lo chamar, já de caminho, a recebe-lo e a encetar com elle relações de amizade, que subsistiram.

A. F. DE CASTILHO.

O que póde a educação

Era em uma pequena villa do districto de Leiria. Tinham dado³⁾ oito horas da manhã, quando o senhor professor se dirigiu para a sua escola. Era costume, quando elle chegava, estarem já os rapazitos no alpendre do edificio á sua espera. Naquelle dia, porém, estava o alpendre deserto. Este facto admirou ao professor e não sabia a que attribuir tão completa deserção. Entrou na escola, sentou-se na sua cadeira e esperou. Bateram nove horas, bateram dez, bateram onze e nada de apparecer alumno algum.

Lembrou-se de ir dar uma volta pela povoação e colher esclarecimentos.

Foi o caso que, nesse dia de manhan, havia chegado á terra um arlequim com a sua companhia, composta de um cavallo, alguns cães, um burro, um macaco e ainda outros animalejos. Correu logo a noticia de que iam fazer *habilidades* na praça da villa.

Não lhes digo nada; os rapazes, em vez de irem para a escola, foram os primeiros a rodear os recém-vindos.

Começou a festa pelo cavallo, a quem o director dizia: „Ajoelha, Sultão.“ E elle ajoelhava. „Deita-te ao compri-do.“ E o cavallo deitava-se, extendendo-se o mais que podia.

„Levanta-te e põe os pés para o ar.“

O cavallo levantava-se, firmava o peso do corpo nas pernas anteriores e levantava para o ar as posteriores. De-

¹⁾ Vêde a nota 1.ª á pag. 12.

²⁾ Os versos a que allude o auctor, são os seguintes:
*Dans ces lieux j'attendais voir le génie;
L'entendre, l'admirer, et m'instruire en tout point.
Mais, tel que le Bon Dieu dans son Eucharistie,
On le mange, on le boit, mais on ne le voit point.*

³⁾ Alguns auctores dizem: *Deu, tinha dado 8 horas.*

pois de o deixar estar nesta posição alguns momentos, dizia-lhe:

„Assenta-te.“

E o cavallo assentava-se.

Emfim, fazia ainda muitas outras cousas que admirava toda a gente. Chegou a vez ao burro. Não lhes digo nada; foi rir até chegarem as lagrimas aos olhos.

Os espectadores, quando viram que o chefe daquella familia d'animaes intelligentes ordenava ao vil animal que viesse ao pé d'elle, começaram a fâzer troça, porque iriam jurar que o jerico não lhe obedecia. Mas qual!... os trocados foram elles.

Assim que o chamou e lhe deu o titulo de *amigo*, o burro veiu a correr ao pé d'elle e começava a sua partida pela seguinte fórma:

„Amigo, quantas horas são?“

O burro olhou para elle, pareceu que estava pensando e depois bateu com a pata no chão uma, duas, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez vezes. E o caso é que eram dez horas! Ficou tudo admirado!

Mas ainda mais; disse o director: „Meu amigo, queres dançar comigo?“

E o burro levantou logo as pernas deanteiras, poz-se direito nas de traz e começou a dançar com o amigo ao som duma rebeca, que um dos da companhia tocava.

Depois deu saltos, subiu parte duma escada, fez contennencias aos espectadores: emfim, deixou tudo embasbacado.

Vieram depois os cães; fizeram cousas pasmosas.

Dançaram, fizeram palhaçadas, jogaram ás *escondidas* uns com os outros, semelhavam corridas atrás de um coelho, fingiram morrer. Finalmente, executavam tudo o que o director se lembrava de lhes mandar.

Tambem um papagaio fez figura: falou, cantou uma ária, jogou chalaças aos espectadores, arreliou os rapazes, etc.

Até um urso, de figura repellente e medonho, fez tambem cousas que os circumstantes não tinham visto fazer sinão a creaturas humanas: jogava o pau com o director, dançava, tirava o chapéo, fazia uma cortezia e solicitava algum vintemzito.

O ultimo a entrar em scena foi o rei dos manhosos, o macaco.

Deixou tudo de bocca aberta. Fazia rir e chorar ao

mesmo tempo aquelle brejeiro. Começava pelo fardamento: bello calção, collete e casaca de seda encarnada bordados a ouro; na cabeça um barrete tão rico, que faria inveja a um pachá da Turquia. A cara, as barbas, o olhar intelligente e provocante, a importancia com que passeava de um para outro lado arrastando a espada que lhe pendia da cintura, affectando ares de general victorioso, provocavam gargalhadas de todos os lados.

Dizia-lhe um: „Esconde o rabo.“ Dizia outro: „Vae fazer a barba.“ Gritavam doutro lado: „Perdeste as botas?“

Era uma risada geral. Chega, porém, o director e brada-lhe: „Atenção!“

E o general macaco perfila-se, faz a sua continencia militar e conserva-se firme.

O director desembainha uma espada e perfila-se com o macaco, seu contendor. Trava-se um combate. O macaco mostrou-se tão agil e valente na defesa como no ataque.

Finda esta partida de esgrima, introduz a espada na bainha, tira um lenço da algibeira da casaca e põe-se a limpar o suor da frente. Admirou toda a gente!

Depois disto o director mandou-lhe varrer o pavimento, dando-lhe uma vassoura encavada em um pau.

O macaco olhou para elle, chamou a sua attenção para o nobre fardamento que tinha vestido, e interrogou-o com o olhar e com o gesto, como quem lhe queria perguntar si o mandar-lhe varrer a casa não era attentatorio daquella farda e da sua dignidade.

O director fingiu que não o percebia e ordenou-lhe novamente que varresse. Então o macaco começa a dar uma tão formidavel sova no patrão com o pau da vassoura, que, si não lhe acodem, quebrar-lhe-ia algum braço.

Finda esta scena, deu-lhe uma rebecca e ordenou-lhe que tocasse; e o macaco tocou rebecca até se cançar.

Deu-lhe successivamente ferrinhos, flauta, pandeiro, cavaquinho e até uma *gaita de folle* e tudo elle tocou, como insigne instrumentista!

Ficou toda a gente admiradissima. Nunca haviam presenciado uma cousa assim.

No final, agarrou a bandeija e foi pedir. A'quelles que lhe não davam alguns cobres, fazia-lhes uma careta muito feia.

Já passava de meio-dia, quando acabou o spectaculo. Tinha alli reunido toda a povoação.

Na aula da tarde foi a escola concorrida.

O senhor professor fingiu que não sabia do acontecimento da manhã, e perguntou aos alumnos o motivo da falta na aula.

Contaram-lhe as *habilidades* duns animaes que haviam passado pela terra, muito admirados de que elles pudessem fazer tudo aquillo que tinham presenciado. E perguntaram ao senhor professor a razão por que aquelles animaes executavam todas aquellas cousas, e os outros da mesma especie não o faziam.

„Porque receberam para isso a competente educação,“ respondeu elle.

„Então os animaes tambem recebem educação?“

„Tambem; e acabais de presenciar a prova disso.“

A vingança de um pintor

Ha cerca de trinta annos vivia em Bruxellas o pintor belga Antonio Wiertz ¹⁾. A originalidade e perfeição dos seus trabalhos haviam-lhe conquistado grande renome e estava em moda o fazer-se retratar por elle. Era um favor esse, porém, que o pintor não concedia a qualquer, sinão áquelles tão sómente cujas physionomias pendiam mais para o exquisito e ridiculo do que para o bello.

Levado pelo desejo de se fazer immortalizar pelo pincel do artista, foi procura-lo um dia Pedro von Spach, tabellião de notas da cidade. Lia-se no rosto enrugado do notario a expressão da astucia e certo ar de philaucia. Era um dos homens mais ricos de Bruxellas, e tanto tinha de rico como de avarento; o que lhe mereceu a alcunha de *mestre Harpagão*.

Conhecia-lhe o pintor o lado fraco, mas, sem hesitar, accedeu ao seu pedido. E' que a cabeça do velho tabellião, logo a primeira vista, o havia impressionado. A calva, a testa enrugada, as sobrancelhas hirsutas, o nariz adunco, os labios delgados, em uma palavra, aquella cabeça caracteristica era um verdadeiro thesouro para o nosso artista, que ficou logo encantado; e, enquanto o escrivão expunha o seu

¹⁾ Esta palavra pronuncia-se *Virtz*.

desejo, estava o pintor a gravar na memoria um a um os traços physionomicos do seu interlocutor.

„Quanto poderá custar o retrato?“ perguntou o cauteloso notario.

„Dez mil francos é o preço,“ respondeu Wiertz.

O velho avaro caiu das nuvens, encolheu os hombros e, pegando no chapeo, disse seccamente: „Então, até outra vista.“

Receando, porém, o artista perder modelo tão promettedor, apressou-se a acrescentar: „Este é o preço commum, mas como as suas feições se prestam admiravelmente, não tenho difficuldade em fazer uma excepção em seu favor. Fica-lhe o retrato por cinco mil francos.“

Ao tabellião afigurou-se ainda exaggerada de mais essa exigencia por um *retalho de panno pintado*, como elle dizia. Mas afinal, depois de muito regatear, accordou em que pagaria tres mil francos pelo retrato, inclusive o caixilho; e, ao despedir-se, perguntou quando se devia effectuar a primeira sessão.

„Não ha pressa,“ tornou-lhe o pintor, que já o tinha retratado bem no espirito, „trago entre mãos outro trabalho que preciso acabado quanto antes: quando for occasião, manda-lo-ci avisar.“

Mal o tabellião deixou a officina, mette o pintor mãos á obra; e, extendida na grade uma tela nova, toma do pincel e da paleta, e começa a pintar de memoria os lineamentos do quadro.

Sabia trabalhar com admiravel presteza, e antes do escurecer estava o quadro acabado. O nosso notario estava representado de face, sentado á sua mesa de trabalho, coberta de papeis e autos.

A cabeça, magistralmente executada, sobresaía em um fundo escuro. A parecença era flagrante, saltava aos olhos, e dava não só os traços physionomicos, mas ainda o caracter e expressão do original. Em uma palavra, a tela parecia animada.

No dia immediato, de manhã, deu o artista a ultima de mão¹⁾ e guarnecendo o retrato com uma moldura, enviou-o ao notario, recommendando ao portador que esperasse pela resposta.

¹⁾ A ultima de mão — os ultimos retoques.

O nosso pintor esfregava as mãos de contente, imaginando a surpresa e contentamento do velho, e a sensação que o seu trabalho iria produzir na roda dos artistas seus collegas.

Mas qual não foi o seu espanto, quando vê pouco depois voltar o portador, numa das mãos o quadro, noutra uma carta concebida nestes termos:

„Meu caro senhor. Tomo a liberdade de devolver-lhe o seu borrão que julgo não ser o meu retrato, pois nenhuma parecença tem comigo. Na arte, como em tudo o mais, quero o meu dinheiro bem despendido, e de fórma alguma me passa pela mente pagar tres mil francos por um trabalho de poucas horas. Como V. julgou não valer a pena retratar-me seriamente, resolvi cortar toda e qualquer transacção com V. de quem me subscrevo.

Cr.º mt.º att.º

P. v. Spach.

Quando o pintor tornou a si da primeira impressão que esta singular carta lhe produziu, não poude ter mão em si que não soltasse uma estrondosa gargalhada, e exclamou:

„Ah fona! ah unhas de fome! desta vez te lograste a ti proprio. Podias vender o quadro pelo quintuplo do que te custa. Mas deixa estar, mestre Harpagão, que esta has de paga-la caro e bem caro; hei de pregar-te uma boa peça.“

Sem mais demora senta-se a trabalhar, pega do pincel e da paleta, e em pouco tempo operou uma completa transformação no quadro. Sem destruir a parecença, mudou o rosto, exaggerando-lhe os traços caracteristicos.

Os olhos encovados adquiriram um brilho sinistro, os labios delgados uma curvatura maliciosa, os supercilios hispidos uma expressão ridicula, uma barba de bode cobria-lhe o queixo, a posição tornou-se mais encurvada e lassa. Tambem os accessorios do quadro soffreram radical mudança: o fundo foi convertido em paredes de cella com janellas gradeadas; e em lugar da mesa com a papelada, um mocho debaixo do qual estavam á vista um pucaro d'agua e um pão. Concluido o quadro, lançou o pintor a sua assignatura, e no caixilho pregou com caracteres bem visiveis o seguinte distico: *O caloteiro engaiolado.*

Com o retrato assim transformado, foi á casa de um negociante de objectos d'arte, e disse-lhe: „Trago-lhe aqui

um trabalho que, a meu ver, não é mau." Póde ceder-me um lugar na sua vitrina para expo-lo?"

„Lugar para o seu retrato?! E ainda o pergunta?!“ tornou-lhe o negociante. „Da sua mão não saíu ainda, que eu saiba, cousa mais original nem mais bem acabada; e isto quer dizer muito. Quanto devo pedir pelo quadro?"

„Ainda não resolvi,“ respondeu o pintor. „Havendo comprador, mande-me aviso.

Immediatamente foi o retrato collocado no lugar de honra, attraído logo a attenção dos que passavam. Todo aquelle dia houve grande ajuntamento de curiosos deante da vitrina; no immediato occupavam-se as folhas circunstanciadamente e com applausos da ultima producção de Wiertz; e novos grupos de espectadores vinham agglomerar-se para ver a tela. Entre estes ultimos achou-se tambem um amigo do velho notario; e, vendo-o a este em tão critica situação, não queria dar credito aos seus proprios olhos. Deitou logo a correr á casa do amigo, e pouco depois entrava esbafo-rido o notario pela casa do negociante, que logo reconheceu nelle o original do quadro em exposição.

„Senhor, exclamou elle, sou victima de um gracejo de mau gosto de um dos seus freguezes. O retrato que alli está exposto, é o meu. O tabellião von Spach desacatado por um pintamonos, e atado ao pelourinho do vilipendio!! Si V. não retirar dalli in-continenti aquelle borrão, entender-se-á com a policia.“

O negociante, sorrindo á ameaça, respondeu-lhe mui cortezmente: „Meu amigo, entenda-se com o dono do quadro; sem autorização delle não o posso retirar.“

Escumando de raiva, correu o notario á casa do pintor, a quem encontrou refestelado em uma poltrona a saborear um bom charuto, sendo recebido por elle da maneira mais delicada possivel.

„Ah! o senhor por aqui?! A que devo a honra e o prazer desta visita? Sem cerimonia, sente-se e dê-me licença para lhe offerecer um charuto.“

Porém, o tabellião atalhou estas cortezias, dizendo bruscamente: „Vamos, sem mais delongas, ao que me traz aqui. Em casa de N. está exposto um retrato, uma caricatura que me torna a fabula de toda a cidade. Exijo que o mande retirar já e já. Percebe?"

„Não bem, retrucou o outro com a maior calma deste

mundo. E' verdade que em casa de N. está em exposição um trabalho meu: não vejo, porém, como isto o possa tornar ridiculo aos olhos dos outros.“

„Como não, si o retrato é o meu?"

„Seu, o retrato?!“ perguntou o outro fingindo-se muito admirado.

„Meu, sim; não ha quem não o reconheça á primelra vista.“

„Desculpe-me, acudiu o pintor, ainda hontem mandou-me V. dizer que o retrato em nada se parecia com a sua pessoa. Aqui está a carta em que o diz.“

O notario mordeu os beiços, estava desarmado.

„Nestas condições, proseguiu o pintor, e tendo V. devolvido o retrato, entendi que estava em meu direito de dispor delle a meu bel prazer.“

O tabellião passeava de um para outro lado do gabinete, afinal com sorriso amarello disse:

„Ora, vamos, acabemos em paz este negocio que já não me está cheirando bem. Pago-lhe os tres mil francos e V. mande tirar in-continenti o retrato.“

„Meu rico, respondeu Wiertz, meneando a cabeça, deve de ter comprehendido que o retrato nas condições actuaes vale dez vezes mais do que um simples quadro. E' um producto da minha phantasia, é creação minha; e tenho-o na conta de um dos mais bem succedidos: não o posso dar por menos de quinze mil francos.

„Quinze mil francos! exclamou o avarento; quinze mil francos?!... Não faltava mais nada!... O senhor está a gracejar.“

„Não ha tal; é o preço; si quizer levar o quadro, leve-o; si não quizer, deixe-o ficar: é como lhe aprouver.“

O nosso tabellião estava fulo de raiva.

„Então fique-se com o quadro,“ bradou elle e saíu.

Não tinha, porém, chegado muito longe, quando voltou sobre os seus passos resmungando de si comsigo: „Si o maldicto quadro continúa exposto, não me posso deixar ver mais em parte alguma.“

Não havia remedio; era fazer da necessidade virtude. „Sr. Wiertz, disse elle, quando de novo se achou na presença do pintor, reflecti melhor; acceito as suas condições, estou resolvido a levar o quadro pelos quinze mil francos.“

„E' muita bondade sua, respondeu o artista; mas que quer? tambem eu estive a pensar e acudiu-me uma idéa felicissima, grandiosa.“

O pobre do notario estava em talas, estremeceu todo, receando algum novo desastre.

„Que é então?“ perguntou elle com voz quasi sumida.

„O meu quadro, como sabe, fez sensação na cidade; tenciono rifa-lo, vendendo o bilhete por cinco francos; e, para que toda a cidade o veja, vou encarregar alguém de leva-lo em exposição de rua em rua. Não lhe parece original a minha idéa?“

O tabellião quiz falar, mas a voz ficou-lhe presa na garganta.

„Não, não; isso de certo não fará o senhor,“ gaguejou elle afinal.

„Porque não? estou convencido de que a idéa ha de render-me pelo menos trinta mil francos: e por menos não renuncio a ella.“

O notario estava em suores frios: ver-se carregado ás costas por um creado, com o letreiro: *O caloteiro engaiolado*; este pensamento aterrava-o.

Desesperado, puxa da carteira. „Aqui tem, diz elle, um cheque da importancia que exige. Pelo amor de Deus, mande-me entregar o retrato e não falemos mais nisso.“

Meia hora depois estava o avarento de posse da mal-fadada tela: mas, só quando a arrancou do caixilho e a viu consumida pelo fogo, foi que elle se julgou seguro de novos planos de vingança da parte do pintor.

Este lá foi receber a importancia do cheque; reservou para si dez mil francos, sua primeira exigencia, e mandou entregar, em nome do tabellião, os restantes vinte mil a uma instituição pia de Bruxellas.

(Tradução.)

Exemplo de valor de uma brasileira

Dona Clara Camarão não era uma dessas descendentes dos conquistadores portuguezes, que se pudesse vangloriar de um nascimento illustre, mas uma indiana gerada nos bosques brasileiros, nascida na *taba* ou rustica cabana levantada por seus paes, sobre a rede de algodão trançada

por sua mão, como indicava a sua tez avermelhada, como o dizia o perfil e os contornos de seu rosto, como o denunciavam seus negros e acanhados olhos e seus cabellos cor-redios e espargidos pelos hombros. Ella soube tornar-se interessante e recommendavel, não só pelas suas maneiras agradaveis, como pela intrepidez e bravura do seu animo, merecendo por isso a attenção dos seus compatriotas, e a affeição e dedicação do mais generoso e valente indiano, que produziram as tribus brasileiras.

Ignora-se a que tribu de indios pertencia dona Clara Camarão, em que parte do Brazil viu a luz, e até o seu nome primitivo: embalde se percorrem a este respeito, as paginas dos historiadores da *Guerra Brazílica*. E' todavia de crer que, como seu marido¹⁾, descendesse dos Carijós e nascesse em Villa Viçosa, nas abas da serra da Hybyapaba, onde os jesuitas estabeleceram uma aldeia de indios, que assaz concorreu para a povoação da provincia do Ceará.

Ligada pelos laços do consorcio a dom Antonio Felipe Camarão, achava-se dona Clara com elle em Porto Calvo, onde o conde de Bagnuolo acabava de se fortificar, quando João Mauricio de Nassau, á testa de um exercito numeroso, tentou a conquista desta nascente villa, e tudo se poz em movimento. Dona Clara Camarão empunhou as armas, incitou com o seu exemplo as senhoras de Porto Calvo, que se desalentavam em gritos de terror, e marchou á sua frente contra os invasores hollandezes. Acções brilhantes encheram as paginas da historia nesse dia; mas a sorte das armas foi desfavoravel aos nossos, que, podendo ser vencedores, tocaram a retirada e abandonaram a villa. Ainda assim, Henrique Dias com seus negros, Camarão com seus indios, e dona Clara com a sua esquadra feminil, escoltaram os habitantes de Porto Calvo, marchando para Magdalena, depois para o Penedo e finalmente para Sergipe, donde se passaram á Bahia em 1634.

Tanto esforço e tão admiravel coragem mereceram ser cantados pelo joven poeta nacional José da Natividade Saldanha, que por mais de uma vez, foi inspirado pelas acções illustres de seus compatriotas.

¹⁾ Poti (Camarão), tão falado na Iracema de Alencar.

Eis aqui os seus versos:

Vibrando ¹⁾ a longa espada,
 Ao lado marcha do brasileiro ²⁾ esposo
 A nobre esposa amada:
 No campo dos Troianos
 Camilla ³⁾ furiosa,
 Voando sobre a grimpá da seára,
 Mais triumphos á morte não prepara.
 Assoberbam o Batavo ⁴⁾ nefando;
 O quente sangue espuma:
 Qual Belga foge, qual Brasileiro fere;
 Quem evita o Mavorte ⁵⁾
 Na espada feminil encontra a morte;
 Ambos assim cobertos de alta gloria
 Alcançam do Hollandez clara victoria.

Não foi, porém, só nesta acção ⁶⁾ que se assignalou dona Clara Camarão, que, no dizer de Damião de Fróes Perim, acompanhou seu marido em todas as campanhas, e teve parte em todas as victorias.

O que admira é que, tendo Felippe IV, rei de Hespanha, que extendia o seu pesado sceptro sobre o reino portuguez e suas conquistas, galardoado os serviços de dom Antonio Felippe Camarão, premiando-o com a mercê de cavalleiro do habito de Christo, e fazendo-lhe a graça do *dom*, se esquecesse de sua esposa, sendo que foi tão illustre como elle, ou mais ainda, si lhe levarmos em conta a delicadeza do sexo.

J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

Exemplo de amor da patria de outra brasileira.

O amor da patria, um dos mais nobres caracteres do coração humano, pertence a todos os paizes, resplandece em todos os tempos, brilha entre todas as classes e fulgura como partilha de todos os sexos.

Quando os Hollandezes devastavam as capitánias brazy-

¹⁾ *Vibrando* — agitando, movendo.

²⁾ *Brazileo* — brasileiro.

³⁾ *Camilla* — rainha dos Volscos, combateu a favor de Turno, rei dos Rutulos, contra Enéas, príncipe Troiano.

⁴⁾ *Bátavo* — hollandez.

⁵⁾ *Mavorte* ou *Marte* — deus da guerra; aqui empregado pela propria guerra.

⁶⁾ *Acção* — syn. combate.

leiras que demoram ao norte, o vulto heroico e saliente do grande Mathias de Albuquerque chamou a attenção de Villa Formosa, que se eleva sobre a margem esquerda do rio Serinhaem, que se orgulhava com o seu outeiro, que tinha por torreada coroa um diadema religioso, a sua rustica mas bella e vistosa capellinha, que alveja destacando-se do verde do seu arvoredado e se deixa ver de grande distancia.

Pequena era a força do nosso general, e o sargento-mór de batalha Andrezon o veiu desalojar daquella posição á frente de oitocentos homens. O inimigo accommetteu o ponto guardado por varios capitães, que teriam nas suas cinco companhias uns cento e trinta soldados, inclusive ¹⁾ indios. Não podendo conservar o posto, buscaram os nossos o rio Serinhaem, e ahi carregou sobre elles o inimigo; porém, Mathias de Albuquerque e uma centena de defensores desconcertou o inimigo em seu triumpho e o obrigou a retirar-se, com os que já se retiravam. Conhecendo depois o inimigo que era vergonhosa cobardia ceder ante tão pequeno numero, voltou de novo e de novo empenhou-se o combate, não menos duvidoso e mortifero. Durava este já algumas horas e o campo ia-se juncando de mortos e feridos, quando o inimigo, prudente e cauteloso, começou a retirar-se.

Entre os que perderam a vida, defendendo a patria, contou-se Estevão Velho: era apenas um soldado, muito joven ainda.....

A noticia da sua morte chegou rapidamente aos ouvidos de sua mãe D. Maria de Souza, uma das mais nobres senhoras de Pernambuco, dotada de espirito varonil, talhada pelo molde das antigas Espartanas, que soube vencer a afflicção natural, sopitar ²⁾ os affectos maternas, e dar o exemplo da maior heroicidade verificada pelo amor da patria.

Era immensa a perda que acabava de soffrer aquelle coração: além de Estevão Velho, tinha já perdido um genro e dous filhos; mas lembrou-se que possuia ainda dous, um de 13 e outro de 14 annos; chamou-os e lhes dirigiu estas sublimes palavras, cheias de nobreza e heroicidade:

„A Estevão tiraram hoje a vida os Hollandezes, e posto que, filhos meus, perdi já tres e um genro, antes vos quero persuadir que desviar da obrigação precisa aos homens

¹⁾ *Inclusive* ou *inclusivamente*.

²⁾ *Sopitar* — syn. acalmar, abafar.

honrados, numa guerra onde tanto servem a Deus como a el-rei, e não menos á patria: pelo que cingi logo a espada; e a triste memoria do dia em que a pondeis na cinta esquecendo-vos para a dôr, só vos lembre para a vigança, mantendo ou sendo mortos tão esforçadamente, que não dege-neréis desta mãe e daquelles irmãos!"

„Com admiravel constancia, diz o historiador da *Guerra Brazilica*, Brito Freire, fazendo-se lugar entre as insignes matronas da nação portugueza, que em todos os seculos celebrou tanto a fama, aprenderam desta mulher a ser valerosos os homens.“

„Este exemplo de patriotismo, escreve o conselheiro Balthazar da Silva nas suas *Notas biographicas*, é digno de eterna memoria, porque elevou seu nome tão gloriosamente nos fastos brazilicos, preferindo a salvação da patria ao amor filial.“

„Procedimento sem duvida, accrescenta monsenhor Pizarro nas suas *Memorias historicas*, mais illustre que o da celebrada matrona lacedemonia, de quem se conta que sciente da morte de um filho na batalha, pelejando pela patria, mandou outro substituir o lugar. *Ejus locum expleat frater!* (Irá o irmão ocupar o seu lugar)!"

Os filhos de tão generosa mãe não desmentiram de seu animo varonil nem de sua constancia patrioticas: ambos se mostraram dignos della e de seus valerosos irmãos e de sua patria, e souberam nobre e esforçadamente cumprir a recommendação que ella lhes fez naquella hora tão solemne e de tão santa e heroica abnegação. (Idem.)

Outro exemplo de valor de uma brasileira

Nasceu dona Maria de Siqueira na cidade de S. Paulo no anno de 1690. Seus ricos e nobres paes, Francisco Luiz Castello Branco e dona Izabel da Costa e Siqueira, curaram de lhe dar uma não mediocre educação. Ligada pelos laços conjugaes ao desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, cavalleiro professo na ordem de Christo, passou á cidade da Bahia, em companhia de seu consorte e alli, em principios de dezembro de 1713, embarcou em a nau *Nossa Senhora do Carmo e Santo Elias* com destino a Lisboa.

Montava essa nau 28 peças; ia carregada de assucar, tabaco e coirama, e levava a seu bordo 119 pessoas, entre homens, mulheres e creanças. Tendo feito boa viagem, achava-se na madrugada de 20 de março de 1714 sobre a costa de Lisboa, 10 leguas ao mar das Berlengas, quando ao largo se avistaram tres velas¹⁾. Eram corsarios argelinos, que então andavam naquelles mares, aprisionando as naus christans e captivando os que nellas encontravam. A capitania montava 52 peças, a almiranta 44 e a fiscal 36, perfazendo ao todo 132 bocças de fogo, e sendo numerosas as tripulações.

Reconhecidas as velas, souo o rebate a bordo da nau christan e para logo pediu o capitão Gaspar dos Santos Negreiros a Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que regressava ao reino portuguez, depois de haver sido governador de Minas, que occupasse o seu posto, e elle combateria sob suas ordens. A tão generosa offerta se recusou Antonio de Albuquerque, allegando que não tirava a gloria do vencimento a quem lhe dava tão illustre principio com aquella acção, e ainda mais, que da milicia do mar não tinha a necessaria experiencia; porém que estava prompto a obedecer-lhe e pelear em serviço do rei e da religião. Aceitou o capitão aquella modesta excusa, e dispoz tudo para o combate.

Eram 7 horas da manhan, quando retumbaram os mares com os trovões da guerra, e o ar se toldou de negro fumo. Começado o combate, começou tambem dona Rosa Maria de Siqueira a assignalar-se por suas acções, como si houvera soado a hora do seu glorioso renome. Accessa de animo, cheia de coragem, quiz logo compartilhar a gloria dos combatentes na defesa de tantas vidas; e era para ver como a illustre Paulista animava os guerreiros no meio de tão encarniçado conflicto, já ministrando armas a uns, já levando polvora a outros, e sempre repetindo: „Viva a fé de Christo!“

Alguns judeus, que iam presos e remettidos ao tribunal do Santo Officio, desejando o triumpho dos Argelinos, preferindo o peso dos grilhões do captiveiro aos tormentos infernaes dos carcereiros da inquisição e ao fogo das suas horrorosas fogueiras, accusavam o capitão de temerario e de imprudente, desanimando assim os que combatiam pela

¹⁾ *Velas* — pela fig. metonymia, navios

própria conservação, honra e liberdade; e diziam que não era nem valor nem acerto aceitar batalha com desigual partido; que a defesa passava á temeridade, quando não se podia duvidar do vencimento: e que melhor era entregar a nau antes do estrago, que depois da victoria, porque os Mouros castigariam em todos a culpa de um só, não dando quartel; que o capitão pelejava antes pela sua fazenda embarcada em a nau do que pela liberdade, honra da nação e defesa da fé. Dona Rosa, reprehendendo-os com energia, a todos persuadiu que era a morte em tal caso preferível ao captivo de tão barbara gente, e segurou os animos dos combatentes, tomados de enthusiasmo e admiração, por verem que uma senhora sabia pôr em pratica o que ensinava por suas palavras. Ella deixou as roupas do seu sexo, trajou á militar e, confundida com elles, pelejou a batalha, affrontou os perigos, sem que o espectáculo terrível e sanguinoso de um tal conflicto lhe quebrasse o animo.

Amiudadas eram as descargas de artilharia e mosquetaria das naus infieis; nuvens de projectis¹⁾ choviam de momento em momento sobre o convez, e aos repetidos gritos das tripulações inimigas de „Amaina! Amaina!“ respondia a corajosa guerreira paulistana com altos brados de „Viva a fé de Christo!“ Levando uma bala a cabeça do condestavel, que dirigia uma peça e na occasião em que ia faze-la disparar, lançou-lhe D. Rosa o fogo, ficando no mesmo lugar até que um artilheiro a veio substituir.

A batalha ferida ao despontar do sol, durou até ao seu occaso, e só foi suspensa á chegada da noite. Os nossos, aproveitando o ensejo favoravel, entregaram-se a actos de piedade, amortalhando os mortos, curando os feridos e reparando tambem a nau do melhor modo possível; e, porque se houvesse acabado o cartuchame, apromptou dona Rosa, ajudada por duas negras e duas velhas indias, que pouco trabalhavam, para mais de trezentos cartuchos, certa de que no dia seguinte maior seria o combate coroado da victoria.

Aos primeiros raios do sol surgindo sobre a superficie das aguas do Oceano, travou-se de novo o conflicto com maior valor, com mais intrepidez da parte dos christãos. Cinco vezes os infieis abordaram a nau, e cinco vezes foram rechassados, mortos ou arrojados ao mar. Dona Rosa, como

¹⁾ Melhor seria *projecteis de projectil*.

uma verdadeira heroína, appareceu em todo esse dia de horrível combate, pelejando briosamente, acoroçoando os guerreiros com o brado de „Viva a fé de Christo!“ ora ajudando os marinheiros a arrear, a recompor os cabos, no manejo marítimo, ora cuidando dos feridos, e sempre olhada com admiração e respeito.

Uma granada argelina, arrebatando junto da vela grande, a incendiou; promptamente despiram os combatentes as suas roupas para com ellas abafar o incendio; dona Rosa os imitou tanto, quanto lho permittiu o recato de seu sexo, e a tão acertado remedio se deve o não ter lavrado o fogo. Os mouros, suppondo ia a nau ateadada, trabalhavam para rende-la; mas eis que, pelos esforços e actividade varonil de uma mulher, a nau mareia, graças á nova vela, evitando assim nova abordagem. O inimigo desce¹⁾ de seu intento, dispara a ultima carga de artilharia e mosquetaria, e recua já noite fechada.

Dona Rosa desenvolveu então a mesma actividade que mostrára na noite precedente; prestou-se a todo o serviço indispensavel a novo combate. No dia seguinte não ousaram os corsarios approximar-se; em balde mandou o capitão marcar a nau, esperando o novo conflicto: o vento refrescou e os Argelinos sumiram-se no horizonte. Caíram então os christãos de joelhos e, com os olhos e os braços alçados para o céu, deram graças ao Senhor por esta victoria.

A nau demandou a barra de Lisboa e em 22 de março de 1714 fundeou nas aguas do Tejo.

Dona Rosa tornou-se por muito tempo o alvo da curiosidade dos habitantes da metropole portugueza; todos a queriam ver e todos a louvavam pelo seu nobre valor, pela sua rara intrepidez. A coragem da distincta Brazileira deu assumpto á conversação, e fez com que seu nome viesse á prosperidade alcançando um lugar nas paginas da Historia.

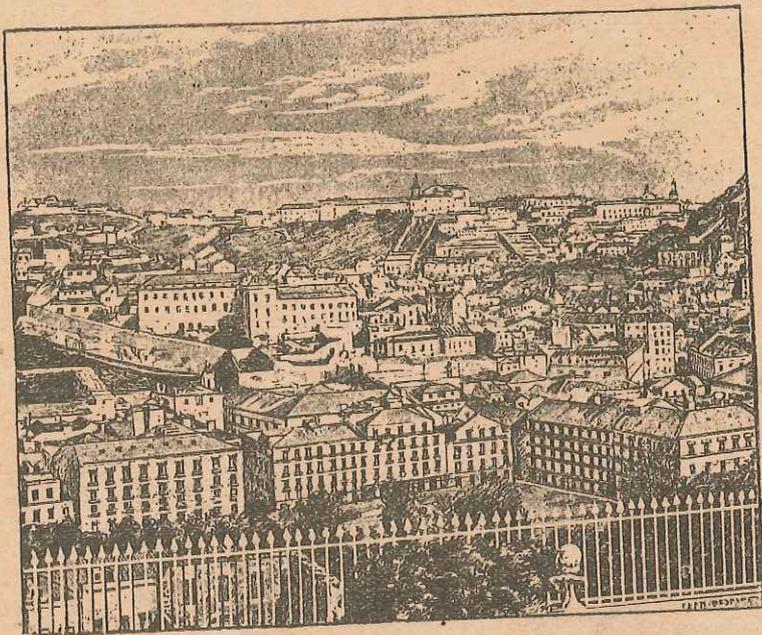
(Idem.)

O terremoto de Lisboa

Estava-se no anno de 1775, que desde o principio se annunciava ao mundo como devendo ser fertil em abalos desse genero. No dia 25 de abril houvera um terrível ter-

¹⁾ *Descer*, ou melhor *descer-se do intento* — desistir do intento.

remoto na cidade de S. Francisco da America; no dia 24 de agosto sentiu-se um violento tremor de terra nas cidades de Orzeg e Mora em Hespanha, e em alguns pontos das nossas provincias do Alemtejo e do Algarve. Em setembro e outubro eguaes abalos se repetiram na Groenlandia e na Islandia.



Lisboa, porém, não sentira o mais leve abalo que lhe prognosticasse o immenso desastre que estava para a fulminar. O mez de outubro corrêra placido e sereno, um pouco mais quente do que é uso nessa estação. Alvoreceu, enfim, o dia 1º de novembro de 1775, socego e radioso. O rio espreguiçava brandamente as suas leves ondasinhas, indo-as quebrar em suave murmurió no caes da cidade; o céo ostentava-se azul sem mancha; soprava um ligeiro vento de nordeste, o thermometro Réaumur marcava 14 graus, e os habitantes da cidade corriam ás egrejas para ouvirem a missa da festa, porque era dia de todos os santos. Reinava por toda a parte o maior socego e a maior despreocupação.

De subito, e alguns minutos depois das nove e meia da manhan, sente-se um rumor subterraneo, immediatamente principia a arfar o solo como violencia, depois oscilla com um movimento semelhante ao balanço dos navios, de norte a sul e de nascente a poente, exactamente como a embarcação ora se balouça de pôpa a próa, ora de bombordo a estibordo.¹⁾ No breve espaço de sete minutos, o tremor augmentou de intensidade numa progressão espantosa.

As casas, sacudidas violentamente pelos abalos de terra, primeiro estalam pelos fórros dos sobrados, logo despegam-se os rebocos, desabam enfim as abobadas, abrem-se as paredes e as torres, e num momento apresenta a placida Lisboa o mais terrivel espectaculo de desolação e ruina.

O quadro era sinistro, e os diversos estrondos davam-lhe ainda um toque mais lugubre e assustador. O trovão subterraneo rugia com um som rouco e profundo, confundia-se com esse ruido e estalar dos vigamentos o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo produzia, e que entornavam na atmospherá a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas dum para outro lado como folhas desprendidas das arvores, o sol escurcia-se, porque lhe extinguíam a luz as nuvens formadas pela contracção dos vapores, que se exhalavam das fendas enormes, em que a terra por toda a parte se rasgava.

O desabar dos edificios levantava tambem do solo turbilhões immensos de poeira, que ainda augmentavam as trevas. As exhalações mephiticas povoavam de miasmas o ambiente. O rio fugia, como que horrorizado, das margens, repellido para longe pela convulsão da terra; as aguas da maré, encontrando-se com as que se retrahiam das praias, luctavam em furioso embate, encastellavam-se em montanhas enormes e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade, submergiam os caes, entravam por Lisboa dentro até distancias enormes, chegando ás portas de Santo Antão, e de novo se retiravam e voltavam de novo, mais agglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruinas, quebrando nas paredes dos edificios, trazendo consigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo dum novo aspecto. Era a formidavel confusão da natureza, era a medonha lucta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as

¹⁾ De bombordo a estibordo — do lado esquerdo para o direito.

suas fôrmas, a convulsão da terra, a tempestade das aguas, a lugubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas e mephticas, o incendio que principiava, a imagem tremenda do chaos, o ideal sinistro do bátrathro.¹⁾

E o vento soprava brando e meigo, sem contribuir de modo algum para esta desolação.

Os navios sentiam-se tambem nas garras do cataclysmo. O balanço formidavel lembrava aos tripulantes as mais formidaveis oscillações das grandes tempestades: uns, quebrando-se-lhes as amarras, eram arrojados de encontro á terra, outros rodopiavam no vertice das ondas num doido movimento giratorio; barcos grandes voltavam-se de quilha para o ar, como se fossem cascas de noz; os botes mais pequenos, ancorados junto dos caes, desappareciam, incapazes de resistir ás agitações que os envolviam. No mar, na terra não havia lugar seguro de refugio para os desgraçados habitantes de Lisboa, surprehendidos por tão formidavel de astre.

E que faziam elles no meio desta catastrophe tremenda? A pen-a não póde traçar sinão seguidamente os diversos episodios desta immensa tragedia; mas o leitor deve comprehender bem que todas estas desgraças se realizaram simultaneamente. O abalo durou sete minutos, teve tres intervallos de remissão, e foi nesse curto espaço de tempo que desabaram os edificios, que se abriu a terra, que se escureceu o sol, que as aguas fugiram da praia e voltaram a inunda-la, que se submergiram os botes, que se despedaçaram os navios.

MANUEL P. CHAGAS.

O castello de Faria.

(Exemplo de fidelidade ao juramento dado.)

Reinava entre nós D. Fernando. Este principe, que tanto degenerára de seus antepassados em valor e prudencia, fôra obrigado a fazer paz com os castelhanos depois de uma guerra infeliz, intentada²⁾ sem justificados motivos e em que se exgottaram inteiramente os thesouros do estado. A condição principal com que se poz termo a esta lucta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'el-rei

¹⁾ *Bátrathro* — abysmo, inferno.

²⁾ *Intentada* — syn. emprendida, commettida.

de Castella; mas, brevemente, a guerra se accendeu de novo; porque D. Fernando, namorado D. de Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassallos, a recebeu por mulher com affronta da princeza castelhana. Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria, ao que o aconselhavam ainda outros motivos. Entrou em Portugal com um exercito e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veiu sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os successos deste sitio, volveremos o fio do discurso para o que succedeu no Minho.

O Adeantado¹⁾ de Galliza, Pedro Rodriguez Sarmiento, entrou pela provincia de Entre-Douro-e-Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavallo²⁾, enquanto a maior parte do pequeno exercito portuguez trabalhava inutilmente ou por defender ou por descercar Lisboa. Prendendo, matando e saqueando, veiu o Adeantado até ás immediações³⁾ de Barcellos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saíu-lhe ao encontro D. Henrique Manoel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pode ajuntar. Foi terrivel o conflicto, mas por fim foram desbaratados os portuguezes, caíndo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre es prisioneiros contava-se o alcaide-mór⁴⁾ do castello de Faria, Nuno Gonçalves. Saíra este com alguns soldados para soccorrer o conde de Ceia, vindo assim a ser companheiro na commum desgraça. Captivo, o valoroso alcaide pensava em como salvaria o castello d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos. Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crer que, vendo o pae em ferros, de bom grado dêsse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escasseavam. Estas considerações suggeriram um ardil⁵⁾ a Nuno Gonçalves. Pediu ao Adeantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do castello, porque elle, com suas exhortações, faria com que o filho o entregasse sem derramamento de sangue.

¹⁾ *Adeantado* — governador de provincia, com poder militar como general.

²⁾ *Gente de pé e de cavallo* — infantaria e cavallaria.

³⁾ *Immediações* — syn. cercanias, arredores, vizinhanças.

⁴⁾ *Alcaide-mór* — governador de uma provincia ou comarca, com jurisdicção civil e militar.

⁵⁾ *Suggestiram um ardil* — lembraram um estratagema.

Um troço de bésteiros¹⁾ e de homens d'armas subia a encosta do monte da Franqueira, levando no meio de si o bom alcaide Nuno Gonçalves. O Adeantado de Galliza seguia atraz com o grosso da hoste²⁾, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodriguez de Viedma, extendia-se, rodeando os muros pelo outro lado. O exercito victorioso ia tomar posse do castello de Faria, que lhe promettêra dar nas mãos o seu captivo alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena povoação de Faria; mas silenciosas e ermas. Os seus habitantes, apenas enxergaram ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir scintillante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se extendia entre os muros negros do castello e a cêrca exterior ou barbacan.

Nas torres, os atalaias vigiavam attentamente a campanha, e os almocadêns³⁾ corriam com a rolda⁴⁾ pelas quadrellas do muro e subiam aos cubellos⁵⁾ collocados nos angulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da povoação estava coberto de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das creanças que alli se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves, vinha já a pouca distancia da barbacan, os bésteiros que coroavam as ameias encurvaram as béstas, e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojarem sobre os contrarios os seus quadrellos⁶⁾ e virotões⁷⁾, emquanto o clamor e o chôro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerte estava apinhado.

Um arauto saiu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan; todas as béstas se incli-

¹⁾ *Bésteiros* — soldados armados de bésta, arma antiga consistente em um arco de aço ou de madeira, cuja corda se retesava por meio de uma mola e que disparava peloiros e settas.

²⁾ *Hoste* — tropa.

³⁾ *Almocadêm* — capitão de infantaria da milicia antiga.

⁴⁾ *Roldas* ou *rondas* — eram os soldados e officiaes encarregados de rondarem os postos.

⁵⁾ *Cubellos* — torreões nas fortificações antigas.

⁶⁾ *Quadrellos* — settas de ferro.

⁷⁾ *Virotões* — settas curtas.

naram para o chão, e o ranger das machinas convertêtu-se num silencio profundo.

„Moço alcaide, moço alcaide!“ bradou o arauto, „teu pae, captivo do mui nobre Pedro Rodriguez Sarmento, Adeantado de Galliza pelo muito excellente e temido D. Henrique de Castella, deseja falar comtigo de fóra do teu castello.“

(Continuação)

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessou então o terreiro e, chegando á barbacan, disse ao arauto: „A Virgem proteja meu pae: dizei-lhe que eu o espero.“

O arauto voltou ao grosso de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves e, depois de breve demora, o tropel aproximou-se da barbacan. Chegados ao pé della, o velho guerreiro saíudentre os seus guardadores e falou com o filho:

„Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castello, que, segundo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda quando vim em soccorro e ajuda do esforçado conde de Coia?“

„E“, respondeu Gonçalo Nunes, de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por elle fizeste preito e menagem.“

„Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castello a inimigos, embora fique enterrado debaixo das ruinas delle?“

„Sei, oh meu pae!“ proseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos, que começavam a murmurar. „Mas não vês que a tua morte é certa, si os inimigos percebem que me aconselhaste a resistencia?“

Nuno Gonçalves, como si não tivera ouvido as reflexões do filho, clamou então: „Pois, si o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do castello de Faria! Maldicto por mim, sepultado sejas tu no inferno, como Judas o traidor, na hora em que os que me cercam, entrarem nesse castello, sem tropeçarem no teu cadaver.“

„Morra! gritou o almocadem castelhano, morra o que nos atraíçoo.“ E Nuno Gonçalves caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças.

„Defende-te, alcaide!“ foram as ultimas palavras que elle murmurou.

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacan, clamando vingança. Uma nuvem de frechas partiu do

alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturaram¹⁾ o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos accometteram o castello: no primeiro dia de combate o terreiro da barbacan ficou alastrado de cadaveres tismados e de colmos e ramos reduzidos a cinzas. Um soldado de Pedro Rodriguez Sarmiento tinha sacudido com a ponta da sua longa chuça²⁾ um colmeiro incendiado para dentro da cêrca: o vento suão³⁾ soprava nesse dia com violencia, e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do castello, perceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldicção de seu pae; lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves: „Defende-te, alcaide!“

O orgulhoso Sarmiento viu a sua soberba abatida deante dos torvos muros do castello de Faria. O moço alcaide defendia-se como um leão, e o exercito castelhano foi constringido a levantar o cêrco.

Gonçalo Nunes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrára na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fôra commendada por seu pae no ultimo transe da vida. Mas a lembrança do horrivel successo estava sempre presente no espirito do moço alcaide. Pedindo a el-rei⁴⁾ o desonerasse do cargo que tão bem desempenhára, foi depôr ao pé dos altares a cervilheira⁵⁾ e o saio de cavalleiro, para se cobrir com as vestes pacificas do sacerdocio. Ministro do santuario, era com lagrimas e preces que elle podia pagar a seu pae o ter coberto de perpetua gloria o nome dos alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a⁶⁾ atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

ALEXANDRE HERCULANO.

¹⁾ Note-se a concordancia do verbo com o sujeito.

²⁾ *Chuça* ou *chuço* — haste de pau com agulhão de ferro.

³⁾ *Vento suão* — vento que, na Europa meridional, sopra do sul; é abafadico e calmoso.

⁴⁾ Note-se a ellipse da conjugação *que*, vide a nota 2.^a á pag. 11.

⁵⁾ *Cervilheira* — capacete com aba.

⁶⁾ Note-se o emprego pleonastico do pronome.

Parabolas, Apologos e Fabulas

O filho prodigo

Certo homem rico tinha dous filhos, dos quaes o mais moço pediu ao pae que lhe dêsse, em vida, a parte da herança que lhe havia de caber por sua morte, porque desejava lograr¹⁾ o seu. Concedeu lhe o pae o que pedia, e dahi a poucos dias, ausentando-se para um paiz distante, desbaratou e consumiu toda a herança em larguezas e prodigalidades, chegando a tal excesso de miseria que foi obrigado a servir um amo e a guardar um rebanho de gado immundo. No meio do montado desejava matar a fome que padecia, com o mesmo comer de que o gado se sustentava, mas nem esse lhe davam e perecia. Lembrava-se da abundancia com que até os creados de soldada viviam em casa de seu pae, e elle estava alli morrendo á fome. Com esta consideração, desenganado, tornou em si e, arrependido da vida passada, resolveu-se a ir buscar outra vez seu pae e confessar a sua culpa.

Poz-se a caminho e, estando ainda longe da casa do pae, vendo-o este e conhecendo-o, penetrado de piedade e compaixão, apressou os passos e foi o abraçar e o chegou a seu rosto com muitas caricias e amplexos²⁾. Então o filho lançando-se a seus pés, lhe disse:

„Meu pae, contra Deus e contra vós pequei, e não mereço que me chameis mais vosso filho; peço-vos que me admittais por um dos vossos jornaleiros.“

¹⁾ *Lograr* — syn. gosar.

²⁾ *Amplexos* — (latinismo) abraços.

O Filho do Homem ¹⁾

O Filho do Homem comprazia-se em ensinar a sabedoria por meio de parabolâs: na parabolâ está a philosophia do povo.

Um agricultor possuia certo campo que não produzia sinão fructos enfezados ²⁾, porque o solo se havia tornado safaro ³⁾ por falta de cultura durante largos annos.

Porém, ainda aqui e acolá, pela extensão da veiga ⁴⁾, vicejavam algumas arvores e cepas de boas castas, e que só de maltratadas pareciam bravias.

E este agricultor morreu, deixando o campo de seus paes a tres filhos que tinha; e estes trataram entre si acerca do que deviam fazer da herança paterna.

E o mais velho disse: — Respeitemos a memoria de nossos antepassados e deixemos aos que depois de nós vierem o campo que herdâmos, do mesmo modo que o recebemos:

Porque ⁵⁾ se não diga que menoscabamos a prudencia dos velhos e que pretendemos ser mais avisados do que foi nosso paç.

Elle viveu, posto que pobre, tranquillo: vivamos como elle.

E disse o segundo-genito: — Veneranda é a memoria dos que nos geraram: comtudo tambem se deve acatar a razão, que nos foi dada por Deus.

Conservemos todas as obras do tempo passado; mas melhoremos tudo o que nellas houver ruim.

Ahi estam arvores uteis no meio da nossa herdade: não as derribemos, porque o faze-lo, além de impiedade, fôra ⁶⁾ rematada loucura.

Porém roteemos ⁷⁾ os brejos ⁸⁾ e sarçaes, adubemos a terra e procuremos fazer novos plantios, adequados á qualidade do solo.

¹⁾ *O Filho do Homem* — Jesus Christo.

²⁾ *Enfezados* — não desenvolvidos.

³⁾ *Safaro* — bravio, agreste, inculto.

⁴⁾ *Veiga* — campo cultivado.

⁵⁾ *Porque* — para que.

⁶⁾ *Fôra* — em lugar de *seria*.

⁷⁾ *Rotear* — romper os terrenos maninhos, incultos, para os cultivar.

⁸⁾ *Brejo* — terra humida e paludosa; banhado.

E disse o irmão mais novo: — Que nos importam os que passaram, ou que temos nós com o que elles fizeram?

Nossos paes viveram nas trevas da ignorancia; e por isso todas as suas obras são loucura e vaidade.

A luz e a sciencia só veiu ao mundo em nossos dias, e só a propria sabedoria pôde fazer-nos felizes.

Começemos, pois, por arrancar deste agro ¹⁾ todos os vestigios da antiga cultivação; não verdeça nelle nem uma unica planta.

E depois buscaremos arvores extranhas, de fructos saborosos, e sementes uteis, e a nossa herdade causará inveja a todos os vizinhos.

Cada um dos irmãos estava firme em seu proposito, e os servos e os familiares bandearam-se ²⁾ em tres partidos.

E luctaram uns com os outros e triumphou a opinião do mais velho.

E o campo mal cultivado cada vez produzia menos, e a fome veiu assentar-se no limiar da porta dos tres irmãos.

O que vendo o segundo-genito, disse aos de seu bando:

Força é que tiremos o poder das mãos dos que nos governam, aliás morreremos todos á pura mingua.

E assim o fizeram; e, posto que a lucta fosse longa e encarniçada, venceram, porque a razão estava da sua parte e Deus os abençoava.

Então começaram a trabalhar: alimparam as arvores dos ramos seccos e exuberantes, adubaram os campos e prados e arrancaram as moutas e as plantas nocivas.

E lançaram boas sementes á terra, e quando a scara foi crescendo, começaram de ³⁾ mondar-lhe ⁴⁾ o joio e as outras ervas damninhas.

Promettia, naquelle anno ser excellente a colheita, e no coração dos familiares renascia já a esperanza.

Mas o irmão mais novo, possuido do espirito de destruição, colligou-se com os creados devassos e que aborreciam o trabalho contínuo, a que eram forçados.

E fizeram uma união contra o segundo-genito e tiraram-lhe o mando, valendo-se de muitos clientes do primo-genito,

¹⁾ *Agro* — campo cultivado.

²⁾ *Bandear-se* — dividir-se.

³⁾ *Começar de* — quasi desusado; hoje emprega-se de preferencia *começar a*.

⁴⁾ *Mondar* — limpar.

os quaes, por via da dissensão entre os dous mais novos, esperavam¹⁾ triumphasse o mais velho.

Lançaram-se então ao campo, destruíram a sementeira, cortaram as arvores e passaram a charrua por cima dos campos arrelvados.

E buscaram sementes exquisitas²⁾ e arvores exóticas³⁾, e atiraram á terra desalinhadamente com tudo isso e depois adormeceram.

As arvores, porém, seccaram logo e as sementes, apenas rebentaram, morreram; porque os imprudentes não haviam estudado nem a natureza do clima nem as propriedades do solo nem as regras de agricultar.

E a familia inteira no fim do anno tinha perecido de fome.

A. HERCULANO.

Apologo das arvores

O primeiro apologo que se escreveu no mundo (que é fabula com significação verdadeira) foi aquelle que refere a Sagrada Escripura no capitulo 9 de Juizes. Quizeram, diz, as arvores fazer um rei que as governasse, e foram offerecer o governo á oliveira, a qual se excusou, dizendo que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens e se alumiam os deuses. Ouvida a excusa, foram á figueira e tambem a figueira não quiz acceitar, dizendo que os seus figos eram muito doces e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar, foram á vide, a qual disse que as suas uvas, comidas, eram o sabor e, bebidas, a alegria do mundo; e a quem tinha tão rico patrimonio não lhe convinha deixa-lo para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noto nestas excusas é que todas convieram em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguém que dissesse ou propuzesse tal cousa a estas arvores? Houve alguém que dissesse á oliveira que havia de deixar as suas azeitonas,

¹⁾ Note-se a ellipse da conjunção *que*, vide a nota 2ª pag. 11.

²⁾ *Exquisito* — procurado com esforço e diligencia, não vulgar.

³⁾ *Exótico* — que não é do paiz; opposto a *indigena*.

nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhes disseram e propuzeram que quizessem acceitar o governo. Pois, si isso foi só o que lhes disseram e offereceram, e ninguem lhes falou em haverem de deixar os seus fructos, porque se excusam todas com os não quererem deixar? Porque entenderam, sem terem entendimento, que quem acceita o governo dos outros só ha de tratar delles e não de si; e que, si não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não pôde tratar do commum.

P. ANTONIO VIEIRA.

As cotovias

Mui judicioso é o apologo que se conta das cotovias, que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus creados que tratassem de metter a fouce, si vissem os pães¹⁾ já sazoados. E, ouvindo este recado uma dellas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem o sitio, porque vinham logo os segadores. Porém outra mais velha as aquietou do susto, dizendo:

„Deixemo'-nos estar, que de mandar elle os creados a fazer-se a obra vae ainda muito tempo.“

Dalli a alguns dias ouviram que o amo se agastava com os creados, porque não tinham feito o que lhes encomendára e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha.

„Agora, sim, disse então aquella cotovia astuta, agora, sim, irmãos, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dóe a fazenda.“

A moralidade desta fabula explica-se perfeitamente com o proverbio portuguez: *Quem quer vae, quem não quer manda.*

M. BERNARDES.

O lobo e o cordeiro

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em treguas, desejava aquelle que se offerecesse occasião para as romper. Um dia que ambos se acharam na margem de um

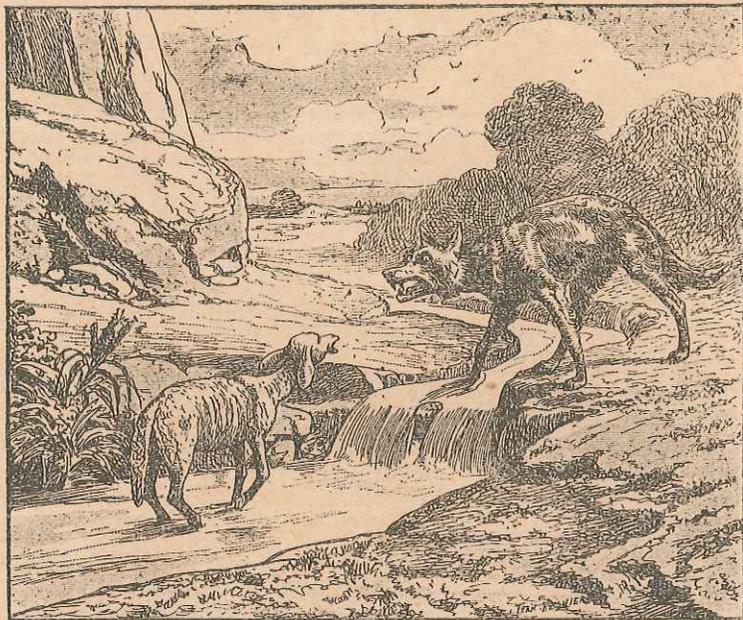
¹⁾ *Pães* — cereacs.

regato indo beber, disse o lobo mui encolerizado contra o cordeiro:

„Porque me turbais a agua que vou beber?“

Respondeu elle mansamente:

„Senhor fulano lobo, como posso eu turbar a vossa mercê a fonte, si ella corre de cima, e eu estou cá mais abaixo?“



Reconheceu o adversario a clareza do argumento; porém, variando de meio, instou, dizendo:

„Pois, si a não turbastes agora, a turbastes o anno passado.“

Satisfez o cordeiro, dizendo:

„Como podia eu commetter um crime haverá um anno, si eu não tenho ainda de edade mais que seis mezes?“

Então o lobo, enfadado, tanto mais quanto mais convencido, disse:

„Pois, si não fostes vós, foi fulano carneiro vosso pae.“
E, investindo ao pobrezinho, o levou nos dentes.

Assim fazem os impios e maliciosos, a quem não ha innocencia que satisfaça, nem desculpa que contente.

(Idem.)

O leão doente e a raposa

Achando-se doente o rei dos animaes, mandou publicar por todo o seu reino ser de sua vontade que todos os vassallos lhe enviassem embaixada, cada um segundo a sua classe e qualidade, a saber da real saude e a fazer-lhe companhia na sua camara. Certificou que seriam bem tratados não só os embaixadores, mas todos os da sua comitiva.



A' entrada dos seus reaes aposentos estava escripto em letra bem visivel: *Palavra de Leão. Podeis entrar confiadamente.*

Todos os subditos se apressam a cumprir a vontade do soberano; de toda a parte marcham deputações em nome das diversas classes sociaes.

Chegando, porém, mais tarde o embaixador das raposas, reparou na entrada dos aposentos do monarcha e falou desta sorte:

„Noto que de quantos vieram aos cumprimentos, segundo vejo das pegadas aqui escriptas na terra, sem excepção de nenhuma, todos entraram lá para dentro, cá para fóra nenhum voltou: desconfio disto. Que sua majestade nos dispense. Muito obrigado pela sua *palavra*. Será muito honrada, não se duvida; entretanto, o que muito bem se vê é como se entra, mas como se sae não vemos. Adeus.“

Bem advertiu a raposa e mui assisada foi: sua prudencia a poz a salvo de servir, como os outros, de banquete ao regio enfermo.

LAFONTAINE (tradução).

A raposa e o bode

Em certa digressão, associaram-se uma raposa e um bode. Era este tão curto e rombo de bestunto, quanto aquella era manhosa e arteira. Apertados da sede, procuraram modo de a satisfazer e só encontraram o refrigerante liquido em um poço. Descem; e, depois de beberem á vontade, diz a raposa ao companheiro:

„O que é mais serio, amigo, é ver como sairemos daqui. Estou vendo que pagaremos caro a agua que bebemos.“

Depois de fingir por algum tempo que meditava, diz a raposa:

„Ocorreu-me uma idéa, unica que nos salvará.“

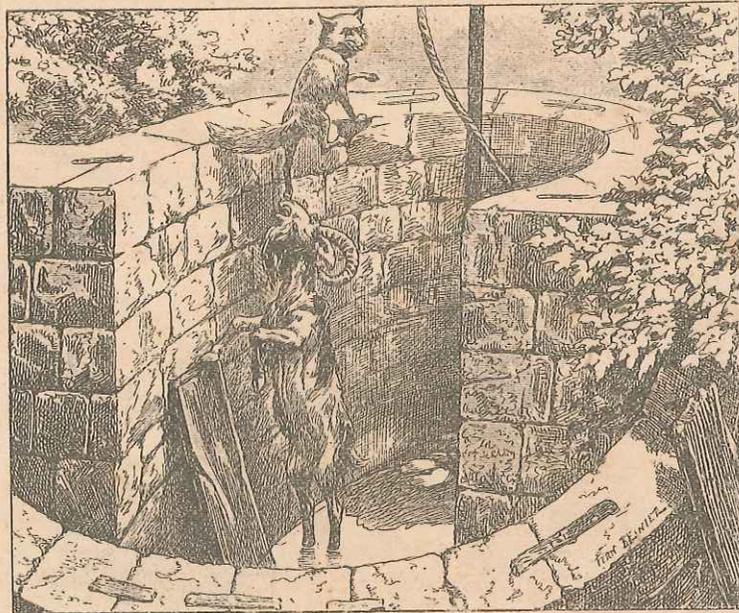
„Qual é?“ perguntou o companheiro.

„Olha: põe os pés a pino por esta parede acima, levanta bem a cabeça; depois salto para cima do teu espinhaço, vou subindo até á extremidade das tuas pontas e daí dou um pulo e salto para fóra. Em seguida tiro-te.“

Ficou o bode admirado da intelligencia luminosa da sua companheira e aprovou-lhe a lembrança. Dicto e feito. Saiu a raposa e deixou mettido na arriosa o companheiro.

Cá de cima em eloquente discurso exhorta-o a ter paciencia e conclue:

„Si os deuses, meu amigo, te fizessem tão rico de miolos, como és abundante de barbas, não serias tão nescio



que descesses a esse poço. Agora lá te avem: eu já estou salva. Faze a diligencia por sair; trata de ser bom cavalleiro. Adeus; tenho agora muito que fazer, não posso demorar-me.“

Em tudo o que emprendermos é necessario primeiro ver-lhe a saída.

ESOPHO.

Os dous leões

Nos desertos de Africa, nessas plagas arenosas e inhospitas em que o sol, crestando a terra, dardeja seus raios de fogo, encontraram-se dous formidaveis leões, a quem a sede atormentava. Ambos em procura do precioso liquido

dida nos buracos e no mais espesso dos juncaes, por muito tempo se não atreveu a população daquelle estado a deitar a cabeça de fóra e a encarar de frente aquelle gigante, que tal o julgavam. E, afinal, era, nem mais nem menos, um graveto, que assim mesmo causou não pouco susto ao primeiro subdito que, saindo lá da toca, se atreveu a fita-lo. Atraz desta vem outra, vem terceira, enfim toda a nação; e de tal sorte se familiarizaram com o rei, que por ultimo se resolveram a escarranchar-se-lhe em cima. O paciente monarcha soffreu tudo e conservou-se sempre manso e quedo.

Nisto, novos clamores a Jupiter, bradando-lhe:

„Senhor, por graça especial, dai-nos um rei; mas rei que se mova.“

O soberano dos deuses deferindo-lhes, manda um grou, que as trinca e mata e as vae empilhando no estomago. De novo vão queixar-se aquellas mal-contentes a Jupiter, que responde:

„É pretendieis sujeitar minhas leis a vossas phantasias? Primeiramente, vós deveis conservar o vosso governo; não quizestes. Cumpria depois contentar-vos com o rei que primeiro se vos deu, manso, benigno, soffredor. Pois agora *accommodai-vos com este; não succeda que atraz venha outro peor.*“

LAFONTAINE.

As duas bilhas

Cada qual com seu equal. Deste nosso proverbio parece foi tomado o doutrinal apologo das duas bilhas: uma de barro, outra de cobre, levadas rio abaixo com a força da cheia. Rogou a de cobre á de barro que se chegasse a ella, para que juntas resistissem melhor ao impeto das aguas.



„Não me convem, respondeu ella, a vossa amizade e vizinhança; porque, ou succeda topar eu comvosco ou vós comigo, sempre vós ficareis inteira e eu quebrada.“

M. BERNARDES.

Anecdotas

Recusava um advogado patrocinar uma causa, por lhe parecer injusta. O pretendente, depois de larga porfia, usou de outro genero de persuasão e offereceu-lhe uma bolsa com duzentas moedas de dinheiro daquella terra, que tinham esculpido um cavalleiro armado. Aceitou o letrado, dizendo: „Si V. me investe com duzentos de cavallo¹⁾ armados, quem se não renderá?“

M. BERNARDES.

Perdoou el-rei D. Sebastião de Portugal a uma viuva de seu thesoureiro metade da divida em que seu marido ficára obrigado á fazenda real. Não faltou quem o advertisse de que parecia lance²⁾ excessivo. E elle chamando logó a viuva, que voltára contente com o bom despacho da sua petição, lhe disse: — Entendes-me? — Sim, Senhor (respondeu ella): ha Vossa Alteza por bem quitar-me³⁾ metade da divida. — *Não é isso, sinão que perdô-a toda.* (Idem.)

O papa Sixto V, que dantes se chamava Felix Peretti, andava com bordão e cabeça baixa, fingindo-se enfermo e para pouco; e que necessitava, sendo assumpto⁴⁾ ao pontificado, de que os cardeaes governassem por elle, e elle tivesse só o titulo honorifico, sem o exercicio laborioso. Mas tanto que foi eleito e se declararam os votos, arremessou

¹⁾ *Com duzentos de cavallo* — com duzentos homens de cavallo ou duzentos cavalleiros.

²⁾ *Lance* — rasgo.

³⁾ *Quitar-me* — perdoar-me.

⁴⁾ *Assumpto* — elevado.

de si o bordão e endireitou a cabeça e disse com despejo¹⁾: „Até agora andava inclinado para o chão, porque buscava as chaves de S. Pedro; agora me levanto, porque busco a fechadura e quero abrir a porta do céu.“ (Idem.)

Uma senhora Inglesa pediu ao doutor Johnson que lhe ensinasse o meio de conservar uma barrica de excellente cerveja, que ella muito e muito apreciava, e de evitar que os seus creados lha bebessem.

„Nada mais facil, respondeu o doutor; ponha-lhe ao pé uma pipa de vinho da Madeira.“

Sonhou um homem que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, que lhe disse por interpretação que naquelle lugar onde dormia, estava escondido dinheiro.

Cavou o homem e achou ouro e prata. Desta deu por premio ao adivinhador uma pouca parte, o qual, accetando-a meio alegre, meio triste, disse alludindo ao ouro: „É da gemma não ha nada.“ (Idem.)

Mansor, rei de Marrocos, alongando-se dos seus na caça, veio, ja noite, achar-se perdido entre umas lagoas; mas divisando ao longe uma escassa luzerna, esta, servindo de pharol, conduziu seus passos aonde um pobre pescador estava armando ás enguias²⁾ com candeio³⁾. Alli hospedado, ainda que não conhecido, quando pela manha chegou a turba dos creados, pagou ao pescador o colmo, com que o cobriu uma noite, com lhe dar muitos castellos e casas, que, moradas, foram principio da cidade de Elcibir, de que o fez principe. E chegou em pouco tempo a encerrar dentro quinhentas familias. Bom peixe pilhou este homem ao seu candeio! São mãos do jogo da fortuna. (Idem.)

¹⁾ *Despejo* — desembaraço.

²⁾ *Armar ás enguias* — preparar armadilhas, redes ás enguias (muçum).

³⁾ *Candeio* — archote de que se servem os pescadores e caçadores para deslumbrar e aturdir os animaes e apanha-los mais facilmente. — Assim se diz: caçar, pescar ao candeio.

Quando o governo inglez resolveu que os cunhos das libras representassem um cavalleiro, um homem muito gastador e que nunca coalhava¹⁾ vintem, exclamou:

„Ai de mim! si eu até agora não as podia alcançar andando ellas a pé, o que fará quando estiverem a cavallo?“

Perguntando certo sujeito a um guarda-portão si seu amo estava em casa, este respondeu:

„Não, senhor.“

„A que horas voltará?“

„Não sei. Quando meu amo manda dizer que saiu, ninguém pôde adivinhar a que horas voltará.“

Diogenes, philosopho cynico,²⁾ cria tão pouco nas cousas deste mundo, que nem uma choupana tinha em que viver, e morava dentro em uma cuba³⁾. Foi-o ver por maravilha Alexandre Magno e, dizendo-lhe, com a sua natural magnificencia, que pedisse quanto quizesse, que respondeu Diogenes?

„Peço-te que não me tires o que não podes dar.“

Disse isto, porque era inverno e Alexandre, com a sombra do corpo, tirava-lhe o sol. (Idem.)

A um grande principe de Italia pediu um ecclesiastico seu vassallo que lhe fizesse mercê de certa egreja.

„Quanto rende essa egreja?“ perguntou o principe.

„Serenissimo“, respondeu o pretendente, „rende oitocentos até mil escudos.“

„Bem está; não é muito o rendimento.“

„E quantos freguezes tem?“ tornou o principe a perguntar.

E, como o pretendente dissesse que não sabia, o despacho, como ultima e severa resolução, foi este:

„E vós sabeis a conta dos escudos que haveis de comer, e ignorais o numero das almas que tendes de curar? Pois não sois digno de ter a egreja nem de a pretender deante de mim; ide embora.“

P. VIEIRA.

¹⁾ *Coalhava* — expressão popular — ajuntava.

²⁾ *Cynico* — chamavam-se assim os philosophos de certa seita que fazia consistir a sabedoria em desprezar as leis da boa sociedade, fingindo viver á lei da natureza.

³⁾ *Cuba* — tonel grande.

No tempo em que reinava Dionysio em Sicilia, estava Diogenes á porta ou á bocca de sua cuba, lavando umas ervas para comer, e disse-lhe um dos que passavam:

„Si tu aduláras¹⁾ a Dionysio, não comêras²⁾ ervas.“

E, si tu te contentáras³⁾ com ervas, não aduláras a Dionysio; porque os reis não se servem de homens que se contentam com comer ervas, por isso estão comidos de adula-dores e cercados de inimigos.

M. BERNARDES.

Entrou uma vez Alexandre Magno na officina de Apelles, por honrar com sua presença a um sujeito tão insigne na sua arte, e começou a falar demasiadamente ácerca da pintura. Apelles com brandura cortez, mas picante lhe disse:

„Senhor, veja que se ri o moço que móe as tintas.“

(Idem.)

Expoz Apelles á porta uma pintura sua, e poz-se de-traz do panno a escutar os votos e censuras varias dos que passavam. Veiu um sapateiro e notou um defeito na chinela duma figura principal. Emendou Apelles a falta, e no seguinte dia tornou a passar aquelle official; e, vendo a emenda, ficou satisfeito de si e atreveu-se a notar outra cousa na perna da mesma figura. Então Apelles, apparecendo, lhe disse:

„Não suba o sapateiro além da chinela.“

(Idem.)

El-rei Dario, sendo ainda homem particular, recbêra de um grego, por nome Cyloson, uma capa de gran⁴⁾. Depois, dando-lhe em recompensa certa quantidade de ouro, não lha acceitou, dizendo que pedia antes para a sua patria, Samos, total isenção de tributos. E assim lhe foi concedido; com que chegou uma capa a cobrir toda uma cidade.

(Idem.)

¹⁾ *Aduláras* — adulasses.

²⁾ *Comêras* — comerias.

³⁾ *Contentáras* — contentasses.

⁴⁾ *De gran* — de lan tinta de escarlate.

Encolerizado um grande avarento, dizia a um amigo, muito conhecido pelos seus ditos chistosos:

„Si Fulano me apparecer, hei de dar-lhe com um pau.“
„Não creio; porque, enfim, sempre é dar.“

„Si eu fosse rei,“ dizia um homem muito tolo a um amigo, „mandava enforcar a quem dissesse trinta parvoices seguidas.“

„Já te não faltam sinão vinte e nove“, respondeu-lhe o companheiro.

Dous sujeitos de certa communitade vieram propor um negocio a sua majestade catholica¹⁾ el-rei Felippe II. Tomou a mão para falar²⁾ o que era mais antigo, e alargou-se demasiadamente. Ouviu el-rei, como costumava, com grande socego e sem mostrar enfado; e logo perguntou ao companheiro si tinha mais alguma cousa de informar na materia. Este, advertindo que não podia el-rei deixar de estar cançado com tão comprida parlada³⁾, disse com muita graça:

„Senhor, o que tenho que advertir fóra parte⁴⁾ é que vossa majestade se sirva de nos despachar com brevidade; porque, sinão, será força tornar a dar sua informação meu companheiro. (Idem.)

Estava Santo Efrem em uma pousada cozinhando suas pobres viandas, e logo uma mulher que morava na vizinhança, metteu os olhos pela janellinha que ficava frente e pouco distante, e perguntou por graça si lhe faltava alguma cousa.

„Sim, faltam,“ respondeu o Santo. „tres ladrilhos e um pouco de lodo para entaipar essa janella.“ (Idem.)

1) *Majestade catholica* — titulo dos reis da Hespanha.

2) *Tomar a mão para falar* (antiquado) — ser o primeiro a falar.

3) *Parlanda* — discurso prolixo e monotono.

4) *Fóra parte* ou *de fóra parte* — loc. adv. — sómente, exclusivamente.

Orando uma vez em Athenas o eloquentissimo Demosthenes¹⁾ sobre materias de importancia, e advertindo que o auditorio estava pouco attento, introduziu com destreza o conto ou fabula de um caminhante que alquilára²⁾ um jumento, e, para se defender no descampado da força da calma, se assentára á sombra delle; e o almocreve³⁾ o demandára por maior paga, allegando que lhe alugára a besta, mas não a sombra della. Estavam os Athenienses neste passo mui applicados⁴⁾, desejando saber a sentença com que se decidira aquelle pleito; porém Demosthenes, no mesmo tempo, se desce da cadeira, dizendo: „Oh pejo! Oh miseria grande! Folgais de ouvir da sombra do jumento, e não folgais de ouvir do estado e bem publico da Grecia!“

(Idem.)

Um deputado, tendo tido uma contenda com um dos seus collegas, disse-lhe:

„Emfim, o nobre deputado ainda não abriu a bocca na camara.“

„Está enganado,“ respondeu este, „nunca deixei de bocejar quando V. Ex.^a falava.“

Um ladrão introduziu-se em um dos aposentos de Luiz XIV; e trepado numa escada que alli haviam deixado uns pintores, estava tratando de arrancar da parede um relógio.

Nisso entra o rei. O ladrão não se perturba e diz com desembaraço:

„Receio muito que a escada escorregue.“

O rei, pressuroso, segura a escada para obstar a algum accidente, julgando que o homem fosse empregado do paço.

Instantes depois veiu o rei a saber que lhe haviam furtado um relógio de parede.

„Não contem o caso,“ disse elle, „pois sou cumplice do ladrão; segurei a escada, enquanto elle despregava o relógio.“

1) *Demosthenes* — primeiro orador atheniense, viveu de 385—422 antes de Christo.

2) *Alquilar* (antiquado) — alugar, emprega-se especialmente falando de animaes.

3) *Almocreve* — homem que aluga e conduz bestas de carga.

4) *Applicados* — syn. attentos.

Descrições

A Tijuca

Por essa ocasião, realizámos os tres e mais o meu velho amigo Cesar um passeio á Floresta da Tijuca.

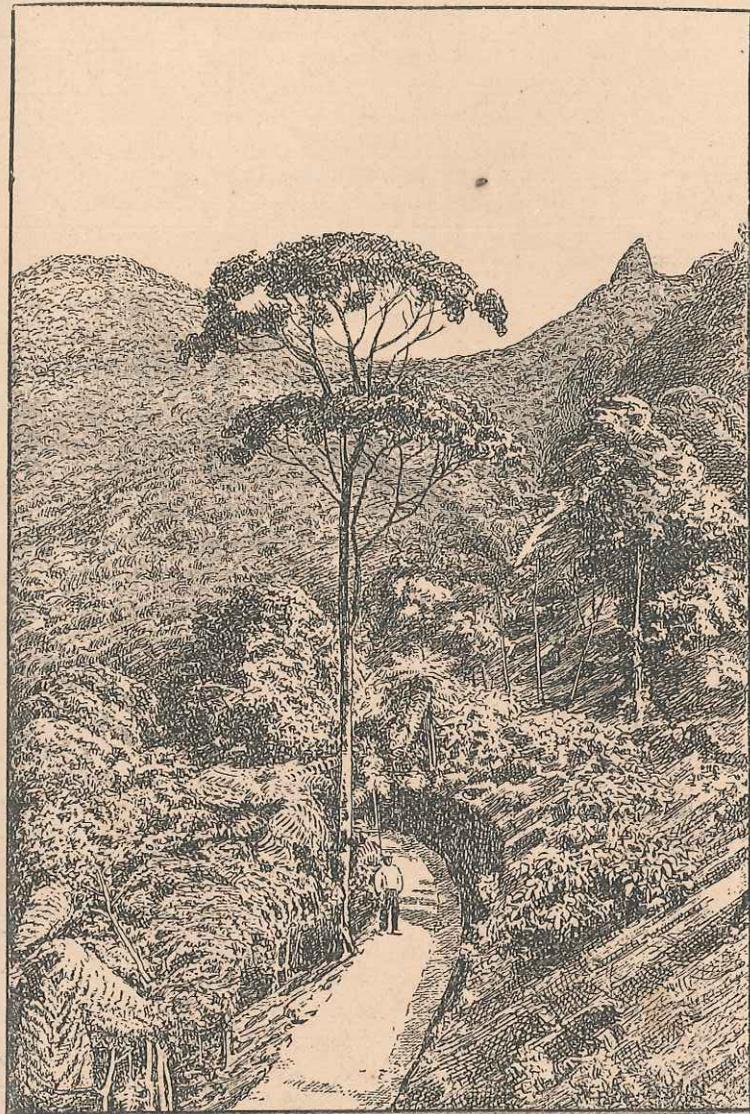
Ao despontar do sol estavamos já á raiz da serra. Levámos farnel e um creado para tomar conta d'elle. Deixámos na cocheira daquelle ponto o carro que nos conduziu até ahi, e tomámos, para subir a formosa cordilheira, uma victoria de dois lugares onde eu iria com Cesar, e em cuja boléa o creado se arranjaría com o farnel. Palmyra e Leandro tinham, promptos á sua espera, dois cavalloos escolhidos.

Era outubro e a manhan saíra-nos encantadora. Foi deliciosa a subida até ao alto da serra, por entre as vegetações e os penhascos da estrada, ao primeiro transbordamento do dia. A quaresma e a sucupira abriam já, na sombra azul das mattas, flores roxas e amarellas. Inebriava o espirito deslisar suavemente naquelle vasto rescender de aromas resinosos, ao hymno matinal dos campos, que se iam, ainda mal acordados dos seus sonhos cor de opala, preguiçosamente desnevoando á dourada fulguração da luz nascente.

Não nos quizemos deter na Cascatinha e continuámos a subir para a Floresta.

A Floresta! Ah! quantas recordações não tinha eu desses lugares!

Palmyra e Leandro seguiam adeante, cavalgando emparelhados, a rir e a conservar, garrulos e donairosos. Ah! esses não ficavam quietos e calados um só instante, porque iam vivendo do presente e futuro. Avançavam a galope, resplendentes e soberbos no orgulho do seu amor e da sua



mocidade, sem volver para traz os olhos enamorados; alheios ao passado, alheios a tudo, encarando com desdem o resto do mundo, como do alto da montaria olhavam no caminho as pobres cambachilras, que esvoaçavam escorraçadas, fugindo e gralhando á sua victoriosa passagem.

Penetrámos no coração da floresta. Minha alma, de commovida, abriu-se de par em par, num extase contracto, num doce e profundo enlevo religioso. Tive vontade de ajoelhar-me á sombra das velhas arvores e chorar.

Como eu te amava ainda, casto paraíso das minhas saudades! ó minha querida floresta! Não tinhas, como eu, envelhecido, odorante e sombrio tempo de verdura! encontrei-te moça e garrida como te deixára, como a mim tinhas visto, dantes, muito dantes, á flor da minha amiga, tão minha confidente e tão communicativa como dantes. Eras alegre, paraíso! achei-te triste!

Não! já não eras para mim o mesmo eden carinhoso e sorridente! Reconheci as tuas mysticas estradas murmurantes; os teus brancos caminhos serpeados entre montanhas de velludo verde; as tuas arvores patriarchaes, de longas barbas venerandas, em que se engrimpam e dependuram orchideas e parasitas; o teu lago quieto e melancolico, em que as taquaras e samambaias se miram furtivamente, por entre a esparsa e mergulhada cabelleira das algas e nenuphars; reconheci a musica plangente das tuas aguas rebatidas, de cascata em cascata, a sombra amoravel e doce das tuas grutas escondidas; reconheci tudo isso, essas paragens encantadas; mas já não eras a mesma para mim, Floresta que me embalaste os sonhos de esperança!

ALUIZIO DE AZEVEDO.

A ilha dos Nheengahibas, na bocca do Amazonas

Na grande bocca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengahibas. Ao principio receberam estas nações aos conquistadores em boa amizade; mas, depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz com que entraram, se convertia em declarado captivoeiro, tomaram as armas em defesa da liberdade, e

começaram a fazer guerra aos Portuguezes em toda a parte. Usa esta gente canoas ligeiras e bem armadas, com as quaes não só impediam e infestavam as entradas, que nesta terra são todas por agua, em que roubaram e mataram muitos Portuguezes, mas chegavam a assaltar os indios christãos em suas aldeias, ainda naquellas que estavam mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando: e até os mesmos Portuguezes não estavam seguros dos Nheengahibas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se veem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores destas capitánias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra e dos rios, nem ainda a passagem delles, sinão debaixo das armas. Por muitas vezes, quizeram os governadores tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças d'elle, assim d'indios como de Portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca desta guerra se trouxe outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nheengahibas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia e pela constancia da gente, e, mais que tudo, pelo sitio inexpugnavel com que as defendeu e fortificou a mesma natureza. E' a ilha toda composta dum confuso e intrincado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saídas, estes sem entrada nem saída alguma; onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando elle, no mesmo tempo, debaixo da trincheira das arvores apontando e empregando as suas frechas. E porque¹⁾ este modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nheengahibas, tanto que se resolveram á guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo pudesse uma avisar ás outras, e nunca serem accommettidas juntas. Desta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte della, servindo-lhes, porém, em todas, os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia e cada Nheengahiba de sentinella, e as suas trombetas de rebate.

P. ANTONIO VIEIRA.

¹⁾ Porque — para que.

Descrição de varios rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior do Pará

Pelas 3 horas da tarde, soltámos a vela, e em todo o tempo até ao outro dia não se offereceu mais nada digno de memoria, exceptuando a vista do quadro agradável que formam constantemente as margens daquelles rios, povoadas d'arvoredos sempre viçosos e floridos em todo o anno. Entrámos no rio Paoarú, um dos mais bellos, por não ser muito largo, e dar lugar a gozar-se de perto da vista dos seus frondosos arvoredos, quasi até passar por baixo dos ramos das arvores: todos os sentidos aqui acham encantos, que os transportam; um cheiro aromatico perfuma o ar; lindas aves se veem saltar duns ramos para outros, cantando suavemente; veem-se a cada passo sobresaír por entre as verdes folhas diferentes ramalhetes de flores: aqui cavas profundas, formadas pela corrente das aguas; lá raizes descarnadas, descendo das ribeiras até ao leito do rio: variedade d'arbustos viçosos e odoríferos: uma relva muito verde, que no paiz chamam capim; em algumas partes, louras areias, ou terra de diversas côres; pequenas ribeiras, chamadas igarapés, que lá do centro dos mattos vêm desaguar em o rio: tudo fórma a mais agradável perspectiva. Que precioso torrão! Tudo produz com muito abundancia e facilidade: o arroz, o cacáo, o algodão, o tabaco, o café, a maniva¹⁾, e orucú, fructo de certa arvore de se faz uma tinta encarnada muito fina, que tem grande valor na Europa. Aqui saí em terra e me enchi d'espanto e de horror, vendo a desmarcada grandeza dos paus arrojados pela corrente para uma ponta que faz a ilha; eram vigas altissimas e de grossura pasmosa; medi uma, que não era das maiores; tinha 15 palmos de grossa: e estava o chão juncado dellas, algumas já carcomidas e desfeitas com o tempo; soube depois que uma tinha 33 palmos de circumferencia. O rio Aramacú é um dos mais bellos que temos encontrado; aguas claras e frias, terminando duma e doutra parte d'arvores viçosas, e algumas muito floridas, as quaes, por causa da estreiteza do rio, fazem continuada sombra aos navegantes, e, de intervallo em intervallo alargando-se, abrem caminho aos olhos para espreitarem pelas alegres e ferteis campinas de

¹⁾ Maniva — mandioca.

que vae sempre acompanhado. Que espectáculo deliciosissimo! Porém que perda! Campos tão bellos sem cultura, pastos os mais preciosos, e nem uma só rez se alcança com a vista! Mágua grande é ver as cidades (ainda a do Pará) cheias de gente ociosa, que com o seu trabalho e industria podiam tirar destes lugares e outros semelhantes ricas producções para o bem do genero humano; porém a molleza, o ocio, a torpe preguiça, damnam¹⁾ tudo. Tambem deste rio se descobrem varios outeiros não calvos, mas vestidos de frescas e copadas arvores, alguns bem perto do rio, muitos lagos, vargens e um terreno em tudo semelhante aos melho-res do reino: vista que não deixa de ser agradável e saudosa aos que de lá têm vindo. — Fomos costeando a margem do Amazonas com a vista nos montes elevadissimos, que em pouca distancia pela terra dentro formam a dilatada cadeia ou cordilheira de Guyana, seguida d'oeste a léste até ás vizinhanças do rio Orinóco. Então começámos a ver o Amazonas desabafado d'ilhas em toda a sua largura; é um pedaço d'Oceano; em parte mal se divisa a margem contraria; uma corrente pasmosa, e as ondas grossas e empoladas, como as do mar. Que lindos quadros não offerece este rio nas differentes ilhas de que está povoado! Tão frescas d'arvoredos e de campinas sempre viçosas, que é um enlevo dos olhos; mas são terras pauladas e alagadiças, que não servem para a cultura, e por isso se acham desertas. Temos visto por estes rios aves as mais lindas; entre ellas umas de côr encarnada tão viva que são enleio dos olhos; mostram o tamanho de franguinhas. Tambem observei uns peixinhos de notavel singularidade: tiram-se d'agua, entram a empolar desmarcadamente pela parte do ventre, que é de côr branca e alixada: ficam como uma bexiga bem cheia d'ar; e, si se deitam assim n'agua, param na superficie sem poderem descer emquanto se lhes não rompe a pelle. Aqui mesmo, navegando junto á praia, tive occasião de ver um quadro, que me encantou o espirito: estavam aquellas margens alcatifadas duma relva muito verde, mimosa, semelhante ao linho quando está em flôr: por entre ella passeavam grande numero d'aves de diversas côres, umas alvas como neve, outras azues; mas a maior parte encarnadas, dum vivo que se não acha nas côres artificiaes: não vi cousa mais

¹⁾ Dammar — no sentido de causar damno, prejuizo, é pouco usado.

linda! Também andavam misturadas outras de côr trigueira e arroxada, e me seguraram que eram filhas das encarnadas, e que, depois de serem grandes, vestiam a côr dos paes, e que, quanto mais antigas, mais refina a vermelhão das pennas.

D. FR. CAETANO BRANDÃO.

Costumes dos povos daquelles lugares

O que admira é ver o desapego que esta gente conserva para tudo: quatro paus levantados ao ar, cingidos e cobertos d'algumas folhas d'árvores; uma rede para dormir, uma panella, uma corda extendida, onde penduram esses poucos farrapos de que usam; e estão contentes. Algumas vezes tenho dito a meus companheiros que, si existe ainda resto da simplicidade da vida dos primeiros homens, é nestes paizes. Perguntei-lhes si não temiam os ladrões; riram-se. E, com effeito, soube que se não veem entre elles semelhantes violencias; quasi que guardam vida commum; qualquer indio que chega de fóra, posto que seja desconhecido, é logo admittido á mesa e tratado com a mesma singeleza como si fóra domestico. Não ha zelos entre elles, excepto na occasião das beberreiras, em que são turbulentissimos, e chegam ás vezes aos maiores excessos de feridas e mortes; também se não embaraçam muito com honra, si querem casar; haja o que houver, fecham-se os olhos a tudo. O que ha num dia come-se logo, não se guarda para o outro; por isso d'ordinario passam miseravelmente, ao menos os destes lugares. Perguntei ás mulheres que tinham comido naquelle dia e que haviam de cear. Disseram-me: Tiquara¹⁾. E' farinha de pau²⁾ molhada em agua fria; mas querem antes isto, na liberdade das suas povoações, do que a abundancia que podem ter no serviço dos brancos. Verdaderamente se pôde dizer que o Pará é uma situação disposta pela natureza com todas as commodidades para vir a ser o jardim mais bello do mundo: sómente precisa de braços para pôr em movimento os ressortes³⁾ da mesma natureza, e tirar os

¹⁾ *Tiquara* — bebida indigena, conhecida aqui no Sul com o nome de *jacuba*.

²⁾ *Farinha de pau* — é farinha de maniva ou mandioca.

³⁾ *Ressortes* — vocab. francez (ressort, mola) — melhor nos pa-rece: recursos, meios.

obstaculos ás producções. Porém esta é a grande falta que se lastima, e cada dia mais, porque os brancos que vêm do reino sejam da mais baixa ordem, e que lá na Europa costumam ganhar a vida varrendo as ruas e acarretando potes, apenas desembarcam, revestem não sei que sentimentos d'elevação: não disse bem, ficam logo feridos do contagio geral do paiz, que é um espirito de dissolução, de preguiça e desmazelo, que arruina tudo, não só pelo que respeita aos costumes, mas aos mesmos interesses temporaes: uma taverna, uma loja de fitas, andar duns lugares para outros, vendendo quatro quinquilharias, é a sua occupação mais ordinaria e mais querida; e daqui nasce o empregarem-se logo no abysmo dos vícios, particularmente da incontinencia e da borracheira; vícios que lhes minam as bases da saude e os fazem por fim odiosos aos olhos de Deus e dos homens. Vivem no estado duma absoluta nudez, e só algumas pessoas do sexo masculino se contentam com umas ligeiras tangas d'entrecasca d'arvore. São, porém, muito apaixonados doutros enfeites, com que ornam os braços, as pernas, o nariz, as orelhas e beiços, trazendo dependurados delles varios fragmentos d'ossos, conchas, palhas, etc.; outros desenham na pelle uma multidão de listras de figuras diversas, custando-lhes estas pinturas muitas dôres e muito tempo; outros trazem o corpo embuçado de certas tintas e ainda de lodo, usando destas disformidades industriaes talvez não tanto para aformosear o corpo como para lhe dar um impostor, afim d'aterrar os inimigos com a sua presença.

(Idem.)

Noticia acerca dos jacarés e seus ovos, das tartarugas e maneira de as colher

Hoje mataram os escravos um jacaré a tiro de bala, e o trouxeram para eu ver: é a fera mais cruel e voraz dos rios do Pará. Mas este disseram-me que era ainda novo, e comtudo tinha duas varas e meia de comprimento; o costado negro, de pelle dura, tecido pelo feitio de conchas; o ventre alvo, com algumas malhas pretas, e tão rijo como uma taboa; a cabeça é o mesmo ferro, não entra com ella o chumbo e a bala, sómente pelo toutiço e pelos ouvidos; cospe¹⁾ os

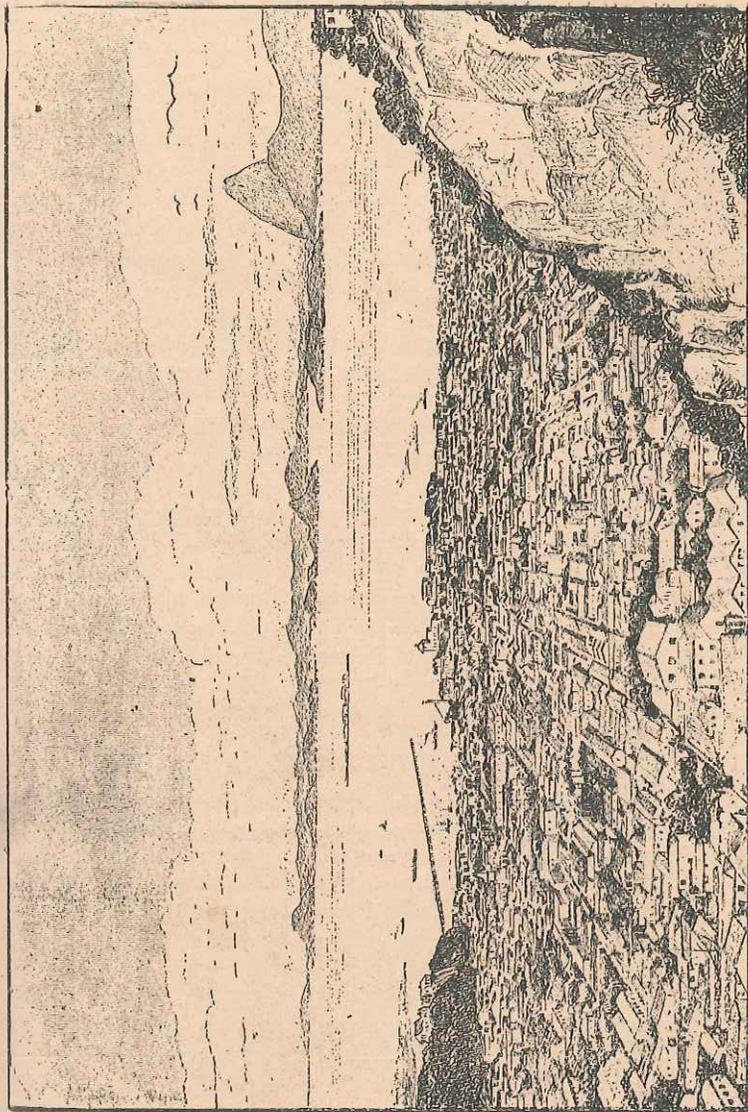
¹⁾ *Cospe* — rebate, faz resaltar.

golpes do machado, como o penhasco; a bocca rasgada demasiadamente; a deste, ainda que pequeno, tinha dous palmos de comprido; aberta a um alçapão, deixando apparecer nas guelas um sumidouro espaçoso e profundo, e dentes grandes e pontudos; a lingua pegada á parte inferior da bocca, que por isso dizem alguns que a não tem; a cauda, por modo de colubrina; e as pestanas, de que vae acompanhada, agudas como o fio de navalha; na figura exterior, parece-se com o lagarto; é mui sensivel nos olhos. Quando querem fazer presa, a primeira diligencia é açouta-la com a cauda, e com a mesma a conduzem á bocca; devoram toda carne, e tambem gente quando a acham descuidada, especialmente sendo meninos: correm á praia, e os arrebatam; mas não accommettem no fundo d'agua; e por isso os indios, quando se veem perseguidos delles, mergulhando, lhes escapam facilmente. Hoje me trouxeram os indios grande quantidade de ovos de jacaré; são volumosos, muito mais que os das grandes perúas; alvos, mas não tão finos e levigados¹⁾ como os ordinarios. Mandeí quebrar uns poucos, e tinham já as crias formadas, que deixavam ver assaz a enormidade e horror de que a natureza dotou esta fera. As tartarugas suppreem naquellas terras a falta que ha de gado. São monstros; algumas ha que carregam dous homens; no sabôr, na vista, depois de guizadas, não têm muita differença do carneiro; acham-se-lhes 100 ovos e mais, de que no paiz fazem manteiga para a luz, e tambem para tempero de comer. Quando chega o tempo em que desovam, sobem do rio ás praias, abrem com as unhas uma grande cova na areia, onde deixam os ovos bem cobertos, calcando ainda com o peito o mesmo lugar. Depois dalguns dias apparecem na superficie enxames de tartaruguinhas, e vão logo correndo ao rio. Este tempo da desova é o mais favoravel á pesca; estão as praias cheias: correm os indios, voltam-nas de costas; ficam presas, sem poderem dar um passo. (Idem.)

A cidade do Rio de Janeiro

A cidade do Rio de Janeiro é a capital do imperio do Brazil; está situada debaixo do tropico do Capricornio, na beira occidental da famosa e vasta bahia do mesmo nome.

¹⁾ Levigados — lizos.



Este nome improprio, que envolve em si um erro de geographia, chamando-se rio a uma enseada, ou antes a um pequeno golfo, procedeu de serem as suas aguas tidas por tal pelos primeiros exploradores, que, seguindo a costa do cabo de S. Roque para o Sul com tres caravelas, commandadas por Gonçalo Coelho, alli entraram em Janeiro de 1502, e pelos immediatos successores. Os indigenas lhe chamavam ¹⁾ antes *Guanabara*, segundo Lery, e, conforme outros, *Nictero-bi*, que em lingua do paiz significa *mar morto*, expressão que não deixava de ser significativa, como outras muitas da lingua tupi. Este pequeno golfo, a que pagam tributo vinte e tantos riachos e alguns rios, é uma das paragens mais encantadoras da terra, e um dos mais espaçosos e melhores portos do globo e dos mais seguros, tanto pela natureza como pela arte. As graniticas montanhas que alli em torno avultam ao porto, ou majestosamente se erguem ao longe e formam como as abas do valle em que entram as aguas do mar; as pittorescas ilhas cultivadas e habitadas que marchetam a sua superficie; a espontanea vegetação que reveste as suas encostas; os copados e verdes coqueiros que se descobrem: os campanarios, os palacios e casarias, que alvejam em forma de amphitheatro, e as recordações historicas que se associam ao local: tudo extasia o viajante que alli acaba de fundear pela primeira vez. Depois as commodidades da vida, a hospitalidade dos habitantes e o respeito ás leis lhe offerecerão segura estancia.

Tem a enseada uma fórma tal que a planta no seu todo se aproxima á figura triangular, sendo um dos vertices no meio da barra. A sua extensão, medida sobre o meridiano que passa pelo meio da barra, é exactamente de quatro leguas portuguezas. Offerece aquella, pelos montes que a circumdam, fundeadouro abrigado, capaz de admittir a maior esquadra do mundo. Entre os montes proximos se distinguem a oeste o celebre *Pão de Assucar*, que se apresenta logo á vista de quem entra, e juntamente com o *Pico* estende seus pés ao mar; a *Gavea*, de maior altura, cujo cimo dá uma idéa da dos navios; e o serro propriamente chamado *Corcovado*, coroado de um penedo de fórma singularmente torta, que se eleva sobre o mar mais de 345 braças. Ao longe se divisam encadeadas serras, que formam como

¹⁾ *lhe chamavam* — vide nota 1 e 2 á pag. 11.

que a continuação da Serra do Mar. Entre estas é digna de menção a dos *Orgãos*, cujos pincaros pontegudos e em descenção gradual trazem ainda á idéa os tubos do instrumento de que os nossos antigos, ás vezes tão felizes no uso das metaphoras, foram buscar o nome.

São, como dissemos, muitas as ilhas e ilhéos que povoam este golfo, podendo contar-se para cima de quarenta, entre as quaes são de mais nomeada, pela sua grandeza e fertilidade: a do *Governador*, aonde el-rei D. João VI se comprazia de ir tantas vezes, e que tem de comprimento perto de duas leguas; a encantadora e pittoresca *Paqueta*, onde esteve desterrado o brasileiro José Bonifacio de Andrada, um dos maiores sabios deste seculo, que honrou Portugal como seus escriptos. Além destas, são de celebridade historica outros ilhéos fortificados.

Impossivel é pintar um quadro original da vista que offerece esta bahia, mais propria para se gosar do que para se poder fazer della uma pintura. Por pouco poetico que seja, o espirito logo se apossa de todos os objectos: a imaginação lhe presta encantos indiziveis, e chega a ver reinar uma abundancia eterna, onde a natureza se orna de tantas delicias. Quando se desembarca na praia, um calor activo faz exhalar perfumes desconhecidos; parece que se aspira uma vida nova; os sentidos recebem emoções ignoradas, o coração desperta por outras sensações, e a alma concebe idéas mais sublimes. Não foi a mão do homem que soube tirar partido do mais mimoso céo, das mais bellas aguas e do melhor solo do mundo. Não: o homem nada obrou nestas paizagens miraculosas; mas a natureza é ainda nellas tão luxuriosa, prodigaliza por tal modo ás mãos cheias a sua vegetação virgem e viçosa, dá a seus massiços de verdor um relevo tão brilhante, uma còr tão viva, ás suas arvores tão robusta estructura, a seus riachos tão placido curso, que os olhos mais embotados se abrem cheios de surpresa, e o pensamento se humilha perante esta obra admiravel da criação.

O Rio de Janeiro é quente e humido: o inverno apenas se faz sentir, e o verão não póde ser abrazador, por via das frescas brisas marceiras que attenuam os raios do sol. A sua temperatura média regula por vinte e tantos graus centigrados e calcula-se o numero de dias em que alli chove pelo terço proximadamente dos do anno.

A matta virgem

E' de manhan.

Aclarada pela luz gradual que aos poucos doura-lhe os cimos, ostenta-se esplendorosa a matta virgem.

Quem houver viajado pelo norte do Brazil ha de, por certo, conhecer o accentuado selvagem de suas florestas e ter saudade daquelle vago rumorejar que nellas se escuta, daquelle indefinida reunião de harmonias alpestres, e ha de extasiar-se ainda com a lembrança do aroma acre, saudavel e vivificante de suas arvores seculares.

Não têm as mattas a garridice de ornamentação com que se arreiam as varzeas, nem a alegria festiva e sempre fresca dos campos, onde a vista procura ás vezes, nos terminos enfumaçados da verdura do capim ou do juncal que ondea em curvas voluptuosas, a orla do palmeiral, que de longe nos acena.

Nada disso.

A imponencia do seu aspecto faz com que se encare a matta virgem com respeito e admiração.

Os madeiros se levantam firmes, direitos, hirtos, soberbos, como reis que são daquellas regiões inhabitadas, e, lá no alto, espalham as ramas, entrançam os galhos, formando enormes doccis de verdura, que sentem por vezes o beijo resfriado das nuvens iriadas ¹⁾ que de perto os namoram.

A altura dos troncos parece querer rasgar o espaço, e o empinado arrogante do porte desafia as raivas das tempestades.

Na cortiça do *angelim* pousa um dia a semente da parasita; o sol dá-lhe calor, a noite dá-lhe o sereno.

Dilata-se a semente, grela; brota sobre a superficie li-mosa da casca grosseira da arvore uma folhinha que brinca ao sopro do vento. Depois cresce, cria raizes e introduz-se até o cerne do madeiro, traspassa-lhe a rigidez das fibras compactas e vae florescer ao outro lado.

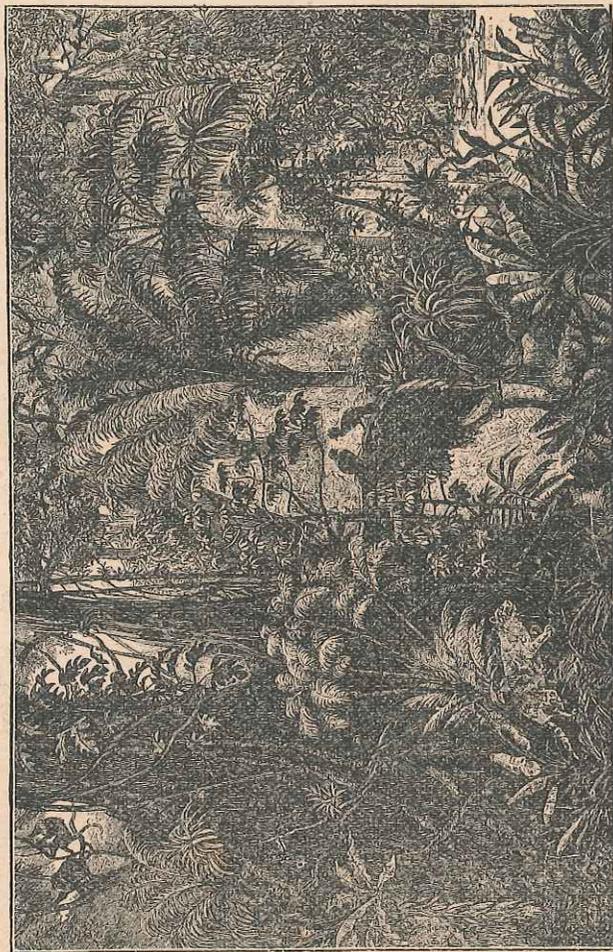
Então espalha-se por todo o tronco, a mascarar-lhe as rugosidades, um tapete lustroso e florido, e, em cachos rubros, descem as flores ao longo dos galhos.

Os festões balançam-se brandamente e espalham no chão as petalas vivas e coloridas.

¹⁾ *iriadas* — ou *irisadas* = que têm as cores do arco-iris.

O madeiro sente o aperto suffocador daquelle abraço, e empresta caroavel seiva e vida á parasita que o enfeita.

Outras vezes, junto á raiz da *aracirana*, vê-se o rebento de um cipó.



A trepadeira acaricia, ageita-se, enrosca-se e vae circulando, pouco e pouco, a circumferencia da arvore. Um dia chega-lhe ao cimo, e as lianas descem, como

cordas dos ramos esgalhados e vêm enterrar novas raízes no solo donde partiram.

Então aquelles cipós procuram-se, unem-se por meio de pontes aereas, amaranham-se e formam uma rede inextricavel onde o afiado brilhante do machado vaé embotar-se.

Dir-se-ia, ao ver essas lianas, serem ellas a cordagem rudimentaria de um navio monstruoso.

Reina, por baixo dessas cupolas verdes, uma luz soturna, sombreando melancolicamente os relevos, as saliencias, os lineamentos de todos aquelles troncos e cipós.

Dissereis que todas aquellas sinuosidades da cortiça dos madeiros são o esboço incompleto de algum estatuario caprichoso, que quizesse vazar naquelles moldes as feições de grýphos ¹⁾ e animaes desconhecidos.

Banhada por essa luz esverdeada, a floresta faz lembrar as grutas encantadas, e a imaginação a povoa de habitantes sobrenaturaes.

Junto ás raízes das arvores nascem os cogumelos.

A's vezes para dar um tom mais poetico á paizagem, como que para libertar o espirito do peso dessa pompa pavorosa, passa o ribeirão, gemendo ao lamber as folhas debruçadas nas margens, corcoveia ante o obstaculo de uma pedra em sua passagem, salta por cima della, formando uma cascatazinha, e rumorejando vaé perder-se além, em voltas e desvios.

Escuta-se continuamente alli, como si fóra a harmonia proporcional áquella arrogancia, um murmurar surdo, um rumor abafado, semelhante ao resfolego anciado de um gigante adormecido.

Parece que a floresta é presa de um pesadelo, e aquelle ruido é o anhelito de seu peito arquejante.

De envolta com esses fremitos, trazidos pelo vento, espalham-se ondas de perfumes e cheiros embalsamados, que o peito em haustos sorve satisfeito e sente-se como que alliado de magoas e pesares.

O observador parece experimentar em si o renascimento de uma nova vida, e, como o Anteu ²⁾ antigo, cobra força para commettimentos e riscos.

¹⁾ *grýpho* — animal fabuloso com cabeça de aguia e corpo e garras de leão.

²⁾ *Anteo* — gigante fabuloso, filho de Neptuno e da Terra.

E' que aquelle aroma, unico incenso desse templo majestoso, é puro como tudo o que se admira na floresta virgem.

Accrescentai a isto tudo o riso escarninho do curupira ¹⁾, com que as credices populares têm povoado as florestas, a espiar-vos por detraz de um tronco; as flores selvagens, e toda essa pompa grandiosa da vegetação tropical, e tereis a matta virgem com toda a sua arrogancia.

CELSE DE MAGALHÃES.

Queima da matta

Os homens foram reunidos, e todos penetraram na floresta com um recolhimento sacerdotal, de quem vaé cumprir os ritos de cultos infernaes. Num dos angulos da matta lançaram fogo á primeira moita, que lhes pareceu mais resequida. Antes que a labareda apontasse para o alto as linguas ardentes, rubras, rapidas, uma fumaça grossa se desprendia do fundo da toiça, suspendia-se no ar leve da floresta, vagando na direcção dos caminhos como pastosas nuvens. Começara a queima. O fogo se erguera e lambia numa caricia satanica os troncos das arvores. Estas estremeciam num delicioso espasmo de dôr. Toda a ramagem da base foi ardendo, e as parasitas como rastilho de polvora levavam as chammass á copa, e a fumaça augmentando entupia as veredas e arremessava para a frente o bafo quente do fogo, que lhe seguia no encalço. Muitas arvores estavam contaminadas, ardiã como tochas monstruosas, e, extendendo os braços umas ás outras, espalhavam por toda a parte a voragem do incendio. O vento penetrava pelos claros abertos e esfusiava, aticando as chammass. Pesados galhos de arvores que caíam, troncos verdes que estalavam, resinas que se derretiam estrepitosas, faziam a musica desesperada de uma immensa e aterradora fuzilaria. Os homens olhavam-se attonitos deante do clamor geral das victimas. Linguas de fogo viperinas procuravam attingi-los. Recuavam, fugindo á perseguição das columnas que marchavam. Pelos cimos

¹⁾ *Curupira* — ente imaginario que a credice popular julga habitar as mattas; tem os calcanhares voltados para deante e os dedos dos pés para trás.

da matta se escapavam aves espantadas, remontando ás alturas num vôo desesperado, pairando sobre o fumo. Uma araponga feria o ar com um grito metallico e cruciante. Os ninhos dependurados arderam, e um piar choroso entrou no côro como nota suave e triste. Pelas aberturas do matto corriam os animaes destocados pelo furor das chammas. Alguns se libertavam do perigo, outros caíam inertes na fornalha.

Num alvoroço de alegria, os homens viam amarellecer a folhagem verde que era a carne, e fender-se os troncos firmes, erectos, que eram a ossadura do monstro. Mas o fogo avançava sobre elles, interrompendo-lhes o prazer. Surpresos, attonitos, repararam que a devastação tétrica lhes ameaçava a vida e era invencivel pelo matto a dentro, quasi pelas terras alheias. E ferros e duros atiravam-se á enxada para cavar o aceiro. Do lado da praia o trabalho foi facil; o terreno estava desbastado e limpo. Ahi abriram rapido o sulco protector. Do outro lado, no meio da floresta, nos limites da área do lote, a lucta foi tremenda. A nevrose do pavor centuplicou-lhes as forças. Os pygmeus que se não mediam com as arvores e que, não podendo vence-las, tinham recorrido ao fogo, agora, sob o aguilhão da defesa propria, se arrojavam contra os paus com o denodo de gigantes. E afogueados, ennegrecidos, cavaram a trincheira pelo rumo, e, si encontravam o embaraço de algum tronco, atacavam-no a machado, com raiva, com ancia, com febre. O aceiro foi sendo aberto, até que o fogo se aproximou; a columna, como um ser animado, avançava solemne, soffrega por saciar o appetite. Sobre a terra queimada na superficie, aquecida até ao seio, continuava a queda dos galhos. O fogo não tardou a penetrar num pequeno taquaral. Ouviram-se successivas e medonhas descargas de um tiroeiro, quando a taboca estalava nas chammas. O fumo crescia e subia ao ar rubro, incendiado; os estampidos redobravam, labaredas esguichavam, enquanto a fogueira circumdava num abraço a moita de bambús. A cem metros de separação, os colonos cavaram sempre. Farto de devorar a carne dura do bambual, o fogo desafogou-se, e celere e lepido, foi veredeando por um atalho, lambendo os arbustos, que se erguiam á margem, até chegar ao aceiro. Já os homens num esforço immenso se tinham adeantado. As chammas se abeiraram da valla e, deante do espaço aberto e intran-

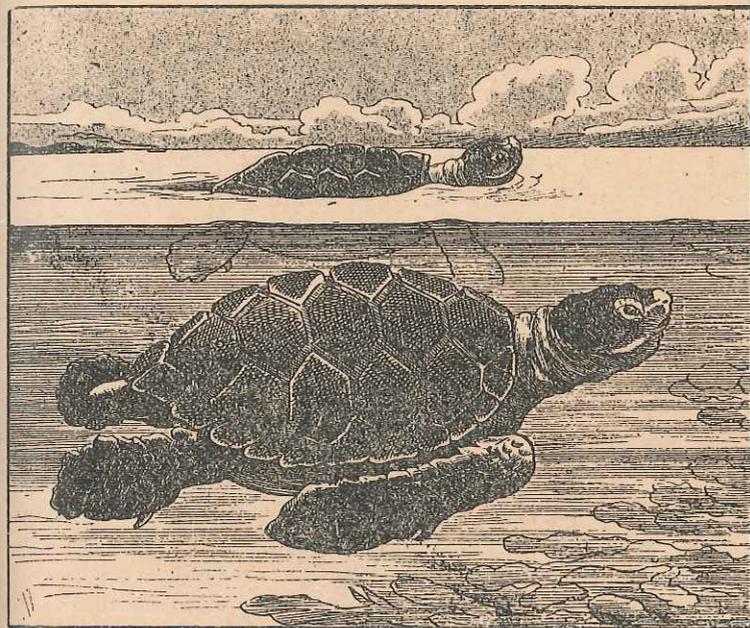
sítavel, se detiveram e se espalharam para a direita e para a esquerda, continuando a sua obra.

Os colonos e trabalhadores semi-mortos voltaram á casa, logo que se reconheceram senhores do perigo, invenciveis sacrificadores da terra.

GRAÇA ARANHA.

As tartarugas marinhas

Movidos pelo instincto da conservação, a maior parte dos animaes buscam ou preparam abrigos para se resguardarem das injurias do tempo, e se defenderem dos ataques de seus inimigos. As aves escondem-se por entre as folhas



das arvores, ou nas concavidades dos troncos. Recolhem-se os quadrupedes ás espessuras das florestas, ás grutas naturaes ou ás tocas profundas que fazem na terra. Occultam-se os peixes nas covas da areia, nas anfractuosidades ¹⁾ das

¹⁾ *Anfractuosidade* — cavidade, volta irregular.

rochas, nos intrincados labyrinthos dos bosques submarinos. A's tartarugas, porém, como aos testaceos ¹⁾, deu a natureza abrigos proprios, involucros protectivos, que lhes servem de casa e que, de bom ou mau grado, levam comsigo por toda a parte.

Esta armadura defensiva das tartarugas consiste em dois escudos osseos, unidos pelos bordos. O superior, composto das costellas soldadas entre si e com as vertebrae dorsaes ²⁾, chama-se *concha* ou *casca*; o inferior, formado pelo esterno ³⁾ convenientemente modificado, tem o nome de *couraça*. Em nenhuns outros animaes vertebrados as partes do esqueleto saem por tal modo de dentro do corpo para se expandirem na superficie, transformando-se de internas em externas, de conteudas em continentes.

E' extravagante o aspecto das tartarugas. Parecem animaes obsoletos ⁴⁾, que a natureza se esqueceu de extinguir com os outros reptis, que povoaram os mares nos tempos ante-diluvianos, e tiveram por jazigo commum os velhos terrenos secundarios. Como o judeu errante da lenda, escaparam á lei geral da morte das especies, e, perdidos os seus contemporaneos de cataclysmo em cataclysmo, chegaram até á epocha actual, para se arrastarem num mundo diversissimo daquelle a que sobreviveram attonitas e confusas, entre animaes insolitos ⁵⁾ e plantas desconhecidas. Porque vivem ainda? Porque não baixaram com os entes congeneres ás catacumbas em que jazem sepultadas as faunas ⁶⁾ primitivas do globo? Ficariam vivas sobre a terra para attestarem, que esses monstros singulares das antigas edades foram effectivamente animados, e se moviam e se nutriam e propagavam como os animaes de agora? Seriam privilegiadas com tão admiravel isenção, para dizerem ao vulgo absorto, que as creações paleozoicas ⁷⁾ dos naturalistas são mais que sonho ou phantasia, são a realidade.

De que lhes serve hoje a rija armadura! São bem fracos, em comparação dos antigos, os seus actuaes inimigos,

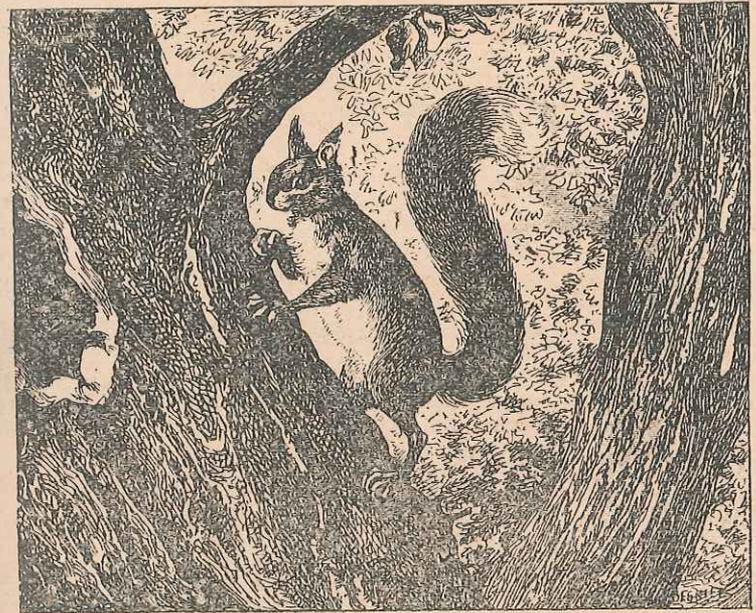
¹⁾ *Testaceo* — que é coberto por uma concha.
²⁾ *Vertebrae dorsales* — ossos do espinhaço.
³⁾ *Esterno* — osso situado adiante e no meio do peito.
⁴⁾ *Obsoletos* — antigos.
⁵⁾ *Insolitos* — que raras vezes apparecem.
⁶⁾ *Fauna* — o conjuncto dos animaes pertencentes a um paiz.
⁷⁾ *Creações paleozoicas* — animaes que viveram nos tempos antigos.

a quem outras especies resistem sem serem couraçadas. Não têm já que reccar as fortes garras do *megalosaurio* ¹⁾, as maxillas monstruosas do *pterodactylo* ²⁾, ou os dentes penetrantes do *iguanodonte* ³⁾. Pereceram essas horribes alimárias nas grandes revoluções que mudaram a face do planeta, e de todas as castas de reptis marinhos salvou-se apenas a das tartarugas.

A. FELIPPE SIMÕES.

O esquilo

O esquilo é o mais agil, o mais engenhoso de todos os roedores. E' procurado pela elegancia das fórm. pela alegria e encanto do seu character e, sobretudo, pela expressão vivissima da sua physionomia.



¹⁾ *Megalosaurio* — especie de grande lagarto fossil.
²⁾ *Pterodactylo* — animal que tem os dedos reunidos por uma membrana.
³⁾ *Iguanodonte* — reptil com dentes caracteristicos.

A sua grande cauda, muito felpuda, serve-lhe de leme e de vela, quando quer atravessar um rio. Nada mais curioso do que ver um bando destes pequenos quadrupedes, sentados num pedaço de gelo ou na casca de uma arvore atravessar a agua na direcção de algum lugar onde esperam encontrar alguma colheita.

O esquilo vive sobre as arvores, em cujo concavo construe o ninho com pausinhos de arvores e pedacitos de lenha, revestindo-o de musgo e folhas. Na parte superior do ninho deixa uma pequena abertura, por onde entra e sae, e, para impedir que a chuva lhe invada os pequenos dominios, fórma por cima da abertura uma especie de tecto ou alpendre solidamente construido.

Consiste o seu alimento em avelans, ameixas, bolotas, amendoas, rebentos d'arvore, e tambem em ovos de passaros. Quando come, senta-se nas patas trazciras, e segura o objecto que roe, entre as patas de deante.

Guarda cuidadosamente em diversos esconderijos as provisões que juntou para o inverno, e só lhes toca quando nada póde encontrar em outra parte.

E' facil de domesticar este animal, apanhando-o novo: apesar de selvagem e timido, familiariza-se depressa com a sua prisão, deixando-se afagar pela mão que o sustenta.

O esquilo é muito commum nos grandes bosques de toda a Belgica. Tem o pello de um vermelho afoqueado, sendo, porém, esbranquiçado no ventre. Na ponta das orelhas tem uma especie de pennachinho de pello.

Segundo dizem, nos paizes onde abundam os esquilos, os rapazes do campo servem-se de um meio muito original para os apanhar, sem risco de serem mordidos.

Quando avistam algum, perseguem-no atirando com paus, mas de modo que não o molestam, até que o animal chega proximo de uma arvore isolada. Então os rapazes dão as mãos e põem-se a dançar e a cantar em roda della. O esquilo segue todos os movimentos da dança, e, saltando de ramo em ramo, põe-se a voltear como os dançadores. até que, exgottadas as forças, cae da arvore abaixo e é apanhado.

A flor

Despontou o botão! cresceu! entreabriu! corou! des-
apertou-se! desdobrou-se de todo! eis a flor! Nunca a planta
pareceu tão maravilhosa! sobretudo, nunca se mostrou assim
amavel! As côres, o cheiro, as fórmas encantadoras desta
ephemera¹⁾ maravilha, appellidada flor, namoram até aos
espiritos mais rusticos, mais ignorantes ou menos reflexivos.



O camponez se detem para a considerar; o menino que ainda não fala, a pede por acenos; a formosa a cobiça, para se alindar; mil insectos e vermes folgam de se ir embalar nella aos zephyros²⁾, a ave a espreita do seu ninho; a abelha lhe vae pedir mel; os olhos do velho uma saudade; o pintor se apressa de a retratar; a floreira de a esculpir; o distillador de lhe recolher o espirito em christaes; o sabio de a descre-

¹⁾ *Ephemera* — passageira.

²⁾ *Zephyro* — brisa, vento brando e agradável.

ver, estuda-la, enquanto o poeta lhe deve e lhe consagra um canto intimo; e o religioso extrac della uma das suas orações mais fervorosas.

A. F. DE CASTILHO.

A tülipa

Entre as flores é a tülipa uma das que todos admiram, pela fórmã e elegancia, pela variedade e brilho das côres, e combinação da luz e das sombras. Não ha estófos, por mais finos e preciosos que sejam, que com ella rivalizem.



É comtudo florescem todos os annos milhões de tülipas, que todas differem umas das outras, e cujas proporções e bellezas variam infinitamente. Seria possível que uma obra tão prima fosse mera producção de cego acaso, sem intervenção de uma causa intelligente? O exame das formosuras da natureza encaminha á contemplação da sabedoria incomprehensível, que tão pasmosos objectos delineou com sublimada perfeição.

A. F. DE CASTILHO.

A rosa

É a rosa a rainha das flores; distingue-se pela fórmula graciosa, pela distribuição e abundancia das folhas, pela ordem e harmonia do seu todo: o aroma, as côres lhe dão realce; mas ah! quanto é transitoria e fragil entre as suas companheiras; cedo perde os attractivos que a glorificam! De tão linda obra da creação em breve só ficará uma pequena hastea arida e talvez morta; duraram um instante a sua vida e gentileza; as folhas desfallecem, as côres amortececem: e a flor, que ainda ha pouco era comparada á virgem graciosa no viço da mocidade, jaz convertida, como a donzella acontecerá um dia, em espectro do que foi, em esqueleto disforme.



Louçan¹⁾ e fogosa juventude, considerai nas flores a imagem do destino que vos aguarda; parecei-vos com ellas na formosura, com ellas vos parecereis na brevidade da duração. Pensai, mancebos, na sorte que vos ameaça, não vos jacteis de dotes corporeos. E vós, sexo delicado, que as seductoras graças adornam, a quem os regosijos e passatempos circundam, e que com a vossa risonha presença os

¹⁾ Louçan — syn. gentil, galante.

sitios mais melancolicos amenizais, não confieis em transitorios attractivos, que pelo mais leve e imprevisito acaso se perdem: não vos ensoberbeçais com a frescura da juvenil idade. Vêde quanto duram as lindas rosas! Como se dissipou a fragrancia tão grata que exhalavam! (Idem.)

A Cachoeira de Paulo Affonso

Os americanos do norte têm immenso orgulho da sua cataracta do Niagara, que Chateaubriand qualificou — uma columna d'agua do diluvio.

O Brazil possui maravilha egual, sinão superior, — a cachoeira de Paulo Affonso.

Encontra-se nesta tudo quanto naquella encanta, apavora e maravilha.

E' a mesma enorme massa liquida, a rolar de vertiginosa altura, em fervilhante precipicio; o mesmo estrondo, repercutindo em prodigiosa distancia; a mesma trepidação dos arredores, como que a prenunciar um terremoto; o mesmo abysmo continuamente trovejante, formigando de espumas e do qual se elevam nuvens de alvos vapores, cortados de arco-iris permanentes; a mesma imagem turbilhonante do cahos; — produzindo tudo a mesma impressão, a principio confusa e aterradora, depois extraordinaria, miraculosa, sublime, parecendo menos um espectáculo do que portentosa visão.

Porém Paulo Affonso offerce mais selvagem poesia e maior variedade de aspectos do que o Niagara.

O rio S. Francisco, que a fórma, desfila, antes de chegar a ella, no meio de um dedalo de ilhas, ilhotas, recifes, pedras isoladas, de surprehendente effeito pittoresco.

De subito, apertada entre colossaes muralhas graniticas, divide-se a torrente, para o salto tremendo, em tres gigantescos braços, — quatro no tempo da cheia, separados por extranhos grupos de rochedos, emquanto multiplos jactos copiosos e independentes, entrechocam-se no ar, projectando em todas as direcções, flechas irisadas, flocos argenteos, neveiros diamantinos, poeira humida.

Transposto o estreito canal, continúa o rio seu curso, oitenta metros abaixo, no fundo da voragem, com violencia, rapidez e impetuosidade indiziveis, despenhando-se ainda em

pequenas cachoeiras, fumegante, retorcendo-se em vascas desesperadas, espadanando, pulando, borbulhando, com rufos, estouros, brados surdos, formidaveis e ininterruptos mugidos.

Não ha vivente, que caído alli não succumba. O penhasco em que se acha o observador parece agitar-se, tremer, prestes a fugir com a correnteza. E' o verdadeiro inferno das aguas de que fala Byron.

O Niagara, cujas quedas são apenas duas, longe está de ostentar as singularidades, os contrastes, e profusão de quadros de Paulo Affonso, que dir-se-ia modificar-se e mudar de posição todos os dias.

E, além de Paulo Affonso, admiram-se no Brazil muitas outras cachoeiras, rivaes do Niagara que, tão bastos como as suas ondas, attrae visitantes do mundo inteiro.

Taes, por exemplo, o salto do Avahandava, o de Santa Maria, no Iguassú, o de Itapura, o de Sete Quedas, ou Guayra, o de Pirapora, o do Jequitinhonha, o de Itú, todos assombrosos de magestade, força e belleza.

AFFONSO CELSO.

O Ceará

O aspectô da capital do Ceará é agradável e alegre, ao passo que o furor com que o mar em rolos se desfaz em catadupas de espuma, quebrando-se contra os recifes que marginam o porto, offerce por outro lado um quadro imponente.

E' esta uma das cidades do Brazil em que á primeira vista se conhece que ha progresso; achei em construcção um paço para a assembléa provincial, um espaçoso seminario quasi concluido, e uma casa para educandas. O palacio presidencial tambem está começado.

Em quasi todas estas obras notei — o que não é muito commum nas provincias do Brazil — elegancia e bom gosto no aspectu exterior dos edificios.

As principaes fontes de producção do Ceará são, além de gados, em que é abundantissimo, a cultura do café e do algodão; a esta ultima, a guerra, há pouco acabada, dos Estados-Unidos, veio dar grande desenvolvimento, pelo preço elevado que este genero attingiu nos mercados da Europa; a primeira tem egualmente augmentado em larga escala,

pela muita procura que hoje ha deste genero, devido á sua boa qualidade. O café é de excellente qualidade, superior talvez ao do Rio de Janeiro; as colheitas em menos de dez annos têm duplicado e promettem subir cada vez mais. Outra cultura que se desenvolve bastante, é a do tabaco; o successivo augmento, que sob tão variadas fórmás tem tomado o seu consumo, promete bons resultados aos seus cultivadores.

A indole dos filhos desta provincia concorre poderosamente para o seu engrandecimento. Os cearenses são em geral laboriosos e audazes, o que é uma solida garantia para o progressivo desenvolvimento desta provincia. A capital é de aspecto alegre, e bem lhe quadra o nome de *Urbem ridentem* do poeta latino; para isso muito concorre o grande numero de rostos formosos que lhe orná as janellas, e tão grande, que para logo se conhece que ha allí a maior desproporção entre o numero de mulheres e homens.

BARÃO DE MARAJÓ.

O Rio Grande do Norte

A entrada desta cidade apresenta uma vista pittoresca e agradavel a quem vem do Norte; os palmares que bordam o rio de um e outro lado offerecem um aspecto muito mais bello do que as sombrias linhas de verdura das costas do Pará, ou os interminaveis lençóes de areia das costas do Ceará. Cada palmeira parece uma columna, e é realmente gracioso o avistar por entre essa immensa columnata uma ou outra habitação coberta pela verdejante coma das palmeiras.

Não satisfeito com o bello quadro dos palmares que tinha á vista, commetti a loucura de pensar em comer côcos frescos.

Saltei alegremente para terra, acompanhado de um filho e da creança que me fôra recommendada, decidido a vir para bordo com uma carregação de côcos; mas qual foi o meu espanto, quando, suppondo que com a maior facilidade obteria os desejados fructos, percorri numerosas casas sem os encontrar. Começava já a suppor infructiferos os coqueiros do Rio Grande do Norte, quando me indicaram a casa do Sr. Gothardo, como a unica que poderia rehabilitar em meu conceito tão festiva terra: dirigi-me á habitação indi-

cada, e batendo á porta que estava semi-aberta, uma voz sonora me respondeu na língua ainda mais sonora de Virgilio „*Ingrédere*“.

Fiquei extactico! Encontrava no Rio Grande do Norte um homem que falava latim, como qualquer de nós falaria portuguez.

Entrei scismando em qual seria dos cumprimentos usados naquelle idioma o que deveria applicar na presente conjunctura; apenas me occorreu o dizer-lhe: „*Bene vales?*“

E elle, o ultimo dos romanos no Brazil, respondeu-me naturalmente como responderia Cicero: „*Váleo!*“

Deixo ao leitor o avaliar a minha embaraçosa situação na presença de um homem disposto a só querer falar uma lingua morta. A primeira difficuldade para mim, que queria côcos, era saber o nome deste fructo em latim. Linneu era quem me poderia valer com a sua nomenclatura botanico-latina, mas a memoria prégava-me a peça de me abandonar naquelle angustiado momento. Afinal cedi á força das circumstancias, e resolvi falar-lhe na vernacula linguagem portugueza, exprimindo-lhe a necessidade que tinha de alguns côcos. Elle, benevolmente deixando socegados os manes de Tito Livio e de Horacio, respondeu-me na lingua por mim empregada que ia ser servido.

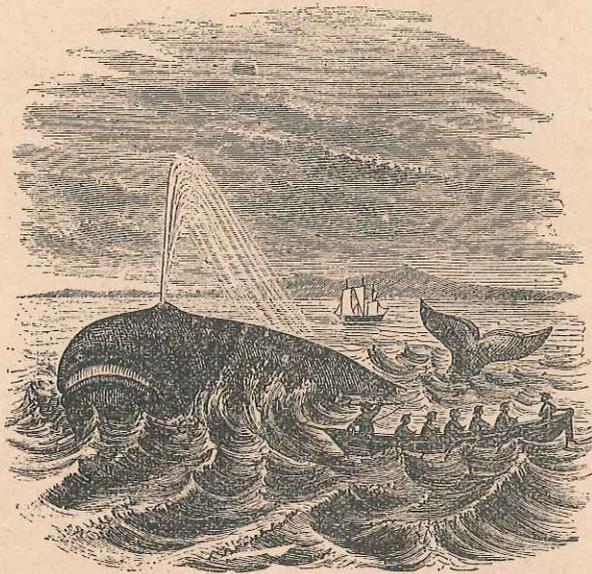
Ordenou em seguida que me acompanhassem ao palmar e dissessem ao *Zé Velho* que apanhasse os côcos que eu precisasse, recebendo em troca oitenta réis por cada um; decididamente o homem pagava-se nos côcos da licção de latim.

(Idem.)

A baleia

As baleias são animaes timidos e pacificos. Não atacam os outros animaes ou os navios, e só se voltam contra elles em defesa propria. Não lhes faltam inimigos que as obrigam a combater. O mais cruel e encarniçado é o espadarte, cujo comprimento não excede a quatro ou cinco metros. Quando um destes peixes avista alguma baleia, corre sobre ella e ataca-a vigorosamente. A baleia, á vista do implacavel inimigo, salta enfurecida, fere as ondas, agita-se com extraordinarios movimentos, e trabalha por chegar com a cauda ao espadarte. Esmaga-o com uma só pancada

si consegue chegar-lhe. Mas o peixe, que é agil e matreiro, foge-lhe com o corpo, e antes que a baleia possa vibrar novo golpe, salta-lhe em cima e a rasga com os dentes. Corre o sangue, a agua cobre-se de espuma, resoa o mar com o estrondo do combate: a baleia respira com impeto, debate-se em medonhas convulsões, expelle jorros de agua misturada com sangue. A cada golpe que recebe do espadarte, a baleia mergulha, porém até nos abysmos a persegue



o seu temeroso inimigo. Quando a necessidade de respirar a obriga, sobe; é então que o combate redobra de furor; terrível, ensanguentada, a baleia vibra incessantes golpes, que fazem saltar a agua em borbulhões, e produzem o estrondo da artilharia. Parece que o espadarte, depois de morta a baleia, se contenta de lhe devorar a lingua. Certas especies de golfinhos e cachalotes e o urso branco do polo, atacam egualmente o gigante dos mares.

AUGUSTO FELIPPE SIMÕES.

A piranha

A piranha é peixe de escamas còr de perola, que raras vezes excede a um palmo, mas de uma voracidade que ultrapassa a quanto se pôde imaginar. E' dotada de dentes, que cortam como navalha. Por occasião da abordagem do vapor „Jaurú“, quando o distincto capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, no combate do Alegre, o retomou do inimigo, caíram n'agua alguns Paraguayos feridos. Atrahidas pelo sangue, as piranhas os devoraram quasi vivos, deixando em poucos minutos os esqueletos limpos.

CELSE DE MAGALHÃES.

O caranguejo

Entre os crustaceos ¹⁾, uma especie tomada como um symbolo de retrocesso por aquelles que ainda imaginam que ella anda ás arrecuas; — o caranguejo, o forte e prestante caranguejo, encarregado do importante serviço sanitario da limpeza das praias, representa, pela sua configuração e pela sua estrutura, a mais solida, a mais poderosa, a mais terrível machina de guerra que se tem inventado. Ao pé dessa fortaleza ambulante, a força do homem armado, coberto de aço até os dentes, não é mais que irrisão e miseria.

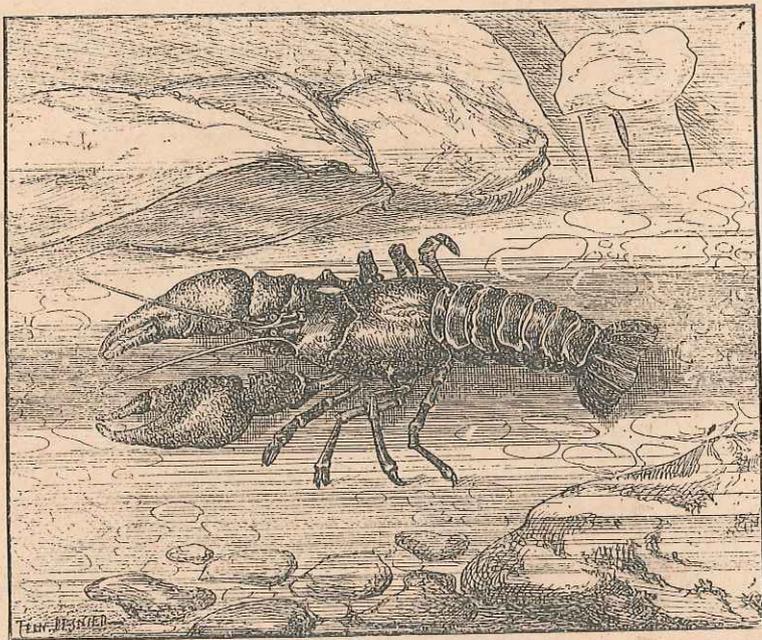
Devemos agradecer á natureza, diz Michelet ²⁾, o ter feito os decápodes ³⁾ tão pequenos. Doutro modo quem poderia combater-los? Nenhuma arma de fogo os morderia. O elephante teria de se esconder. O tigre teria de trepar ás arvores. O proprio rhinoceronte não teria segura a sua pelle tão rija e tão impenetravel. A esbelta elegancia do homem, continúa o grande escriptor, a sua fórma longitudinal, dividida em tres partes, com quatro grandes appendices, divergentes, arredados do centro, fazem delle, por mais que se diga em contrario, um ente fraquissimo. Nas armaduras dos guerreiros, os grandes braços telegraphicos, as pesadas pernas pendentes, dão a triste impressão duma creatura descentralizada, impotente, cambaleante, prestes a tombar ao primeiro encontro. No crustaceo, pelo contrario, os appen-

¹⁾ *Crustaceo* — que é coberto de uma crusta.

²⁾ *Michelet* — um dos maiores historiadores de França (1798—1874).

³⁾ *Decápodes* — que tem dez pés,

dices ligam-se tão juntos á massa redonda, curta, atarracada, que o menor golpe que elle dá, é a grande massa compacta que o vibra. Quando o animal agarra, corta ou fura, fa-lo com toda a fôrça que tem, porque a sua grande energia chega até á extremidade de todas as suas armas. Tem dois cerebros (cabeça e tronco); mas para se resumir, para obter essa terrivel centralização, como se arranja elle? Arranja-se sem pescoço, tem a cabeça no ventre. Maravilhosa simplificação! A cabeça reúne assim accumulados os olhos,



as antenas, as tenazes e as maxillas. Logo que os olhos penetrantes vêm, as antenas palpam, as tenazes comprimem, as maxillas despedaçam, e pelo lado de traz, sem mais intermediario, está o estomago, perfeita machina de esmoer, que tritura e dissolve. Num relance, tudo está consummado; a presa desapareceu; ficou digerida. Tudo é superior no crustaceo. Os olhos vêm para deante e para traz. Convexos, exteriores, facctados, abrangem uma grande parte do horizonte. As pinças ou as antenas, órgãos de indagação

e de aviso, de triplice experimentação, têm na extremidade o tacto e na base o ouvido e o olfacto. Vantagem immensa que nós não logramos. O que não seria a mão humana, si farejasse, si ouvisse! Em que conjuncto e com que rapidez fariamos então as nossas observações! A impressão, dispersa pelo contrario entre tres sentidos differentes, que trabalham separadamente, é por esse facto inexacta ou fugitiva. No decápode, que tem dez pés, seis delles são ao mesmo tempo mãos, tenazes e ainda órgãos da respiração. Assim, por via dum expediente revolucionario, resolve este guerreiro o problema que tanto affligia o pobre mollusco: „respirar apesar da concha“. A isto o decápode responde: „Pois eu respirarei pelo pé, pela mão. Este ponto fraco — a respiração — por onde me poderiam dominar, colloco-o na ponta da minha espada, ponho-o no gume das minhas armas de guerra. Ora que lhe toquem agora, si são capazes!“

Tal é, na eloquente phrase de Michelet, o sabio, o possante, o valoroso, o terrivel caranguejo! Si o prendem á traição por algum dos seus membros, elle mesmo quebra esse membro e retira-se mutilado. Vae com um, dois ou tres pés de menos, — embora! elle tornará a crear pacientemente mais um pé, mais dois, mais tres, mais tantos pés, quantos houver sacrificado ao resgate de sua liberdade.

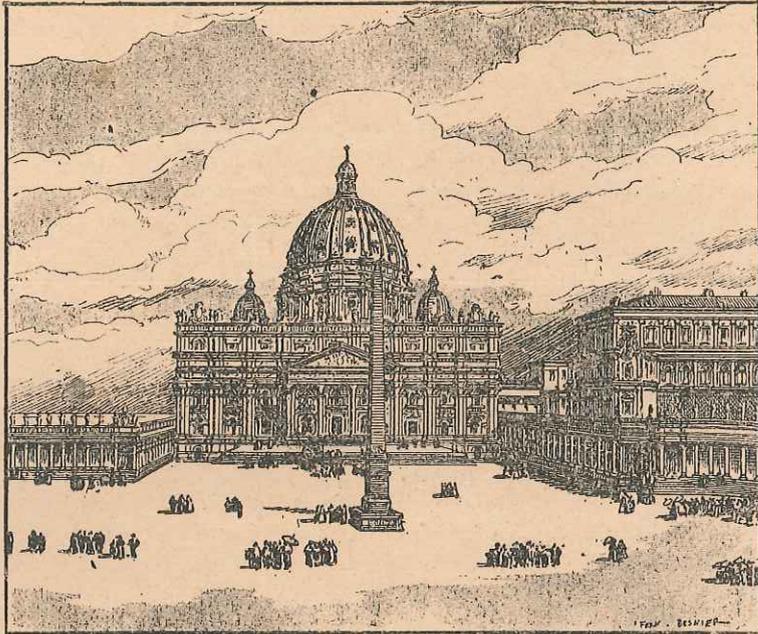
O caranguejo, porém, cresce. Crescer, tornarmo-nos grandes, é para todos nós uma responsabilidade grave. Para o caranguejo é uma lamentosa desgraça. Tem de despir a sua invencivel armadura, que o suffoca como um espartilho demasiadamente apertado, e é obrigado a ir, triste, fraco, desarmado, para debaixo duma pedra, fabricar pacientemente uma vestimenta nova. Todos então o desdenham, todos o maltratam, e, como o velho leão enfermo¹⁾, elle recebe submisso o couce ultrajoso do asno. Nestas condições, retirado dos combates, das aventuras, das viagens, entregue inteiramente á vida domestica, o caranguejo tem pela sua esposa uma dedicação sublime: quando ella é aprisionada, elle, não podendo defende-la nem bater-se por ella, vae espontaneamente render-se, e entrega á discreção do inimigo a sua vida saudosa e viuva.

RAMALHO ORTIGÃO.

¹⁾ Allusão á fabula — *O leão velho*. — vide entre as fabulas na 2ª. parte desta Selecta.

Uma visita a Roma

Eis-me em Roma! Apesar dos modernos meios de locomoção, é comprida a viagem desde Lisboa á Cidade Eterna; mas ainda assim pareceu-me mais curta do que as quatorze leguas que separam Roma de Civita-Vecchia. O encanto do imprevisito só dá tempo de contar as horas que passam.



Mas embarcar para chegar a Roma, saber-se que dentro em uma hora se ha de lá estar, é cousa que até parece impossível; e francamente, depois de se passar a porta *Cavallegieri*, só se tem a certeza de ter chegado, por causa dos numerosos *facchini*¹⁾, que surgem de todos os lugares, de todos os cantos, recommendando hoteis e offerecendo-se para levar as bagagens. Mas, depois de dar mais alguns passos, o viajante encontra-se na praça de S. Pedro, vê a Basilica, a ponte de Sto. Angelo, o Castello, o Tibre, e, tomado de

¹⁾ *Facchini* — (pal. ital.) homens de ganhar, carregadores.

admiração e entusiasmo, exclama consigo mesmo: „Sim, é Roma; não ha outra cidade no mundo que possa offerecer tão grandioso espectáculo.“ De feito, desde que entrei na cidade dos Cesares e dos Papas, senti-me dominado por um quer que seja de elevado, de majestoso. Antes de emprender esta viagem, folheei o livro da minha memoria: e a antiguidade classica, os heroes pagãos, o Christianismo nascente, perseguido e triumphante, desenharam-me no espirito uma Roma esplendida, ideal. Pois esqueci tudo, e tudo me pareceu pequeno, deante da sumptuosa praça que se ostentava aos meus olhos. Si depois disto o viajante, deixando á esquerda o *Ospedale di S. Spirito*, for contemplar sobre a margem do rio a ponte de Santo Angelo com o forte do mesmo nome, e, si, como eu vi, as aguas placidas do Tibre forem douradas nessa occasião pelos ultimos raios do sol poente, uma só cousa deve fazer: partir, para nunca mais pisar o solo da Cidade Eterna, e voltar á patria, conservando no mais intimo d'alma uma lembrança que só a morte apagará. Roma deputava antigamente os seus filhos mais illustres para irem a Athenas estudar e aprender o codigo do saber humano. Hoje, de todos os pontos do globo, a religião e as bellas artes enviam deputações a Roma, para escutarem e trazerem de lá a palavra de S. Pedro e as leis do genio, que os mestres da antiguidade e da renascença deixaram escriptas em suas obras immortaes.

Ao penetrar pela primeira vez no Forum¹⁾, que era para Roma o que Roma era para o Universo, que viajante conhecedor da historia destes lugares não experimentará uma grande e profunda commoção? O pensamento está como que agrilhoadado, preso ao passado. O arado que traçou o circulo da cidade de Romulo²⁾ só abrangeu dentro do seu sulco o monte Palatino e o Forum. Por consequencia este lugar, berço de Roma, tem assistido a todas as transformações de augmento, de esplendor e de decadencia.

Defronte do templo da Victoria erguia-se o de Vesta, que no tempo de Commodo³⁾ foi presa das chammas. Aqui vêem-se os restos dos templos consagrados a Jupiter

¹⁾ *Forum* — praça publica na antiga Roma, lugar das assembléas publicas.

²⁾ *Romulo* — fundador e primeiro rei de Roma, 763—714 antes de Jesus Christo.

³⁾ *Commodo* — imperador romano (161—192 p. Chr.).

Stator, a Cesar, a Romulo. Mais perto do Capitolio ¹⁾ encontra-se o viajante ao pé do Arco de Septimio Severo ²⁾, copiado em Paris no Caroussel. Acolá depara-se-lhe a columna de Phocas ³⁾ o tyranno, e a Roma do baixo imperio. Além da vil e torpe adulação de um povo corrompido, esta columna traz á memoria as furiosas polemicas da erudição. Quantas dissertações amontoaram os archeologos e antiquarios para descobrir a origem deste monumento? E bastou levantar a terra, que lhe cobria a base, para encontrar uma inscripção, que reduziu a nada todas as especulações dos senhores sabios.

Em nenhuma outra parte se manifesta, como aqui, tão profunda opposição entre a Roma antiga e a moderna.

A egreja christan ergue-se sobre as ruinas do templo pagão; o Christianismo triumphante sobrepõe-se ao paganismo, expressão eloquente da grande evolução das idéas.

S. Pedro é o monumento por excellencia da Roma christan. E' de todo impossivel dar uma descripção perfeita dos successivos esplendores deste incomparavel edificio. Mas o homem do norte, educado e habituado a contemplar as cathedraes gothicas, tão admiravelmente proporcionadas, desta arrojadissima concepção vê cair por terra todas as suas theorias.

Na opinião d'elle, os templos, em que as orações sobem ao céu como um incenso, não podiam ter sinão a fórma ogival; e não era possivel separar do culto as abobadas tão engenhosamente dispostas, as agulhas esguias, elegantes e graciosas. Os sons do orgão pareciam-lhe não poder vibrar sinão dentro dos edificios gothicos, que os paizes septentrionaes mostram com orgulho ao mundo inteiro. S. Pedro, pelo contrario, em muitos pontos é mais um monumento artistico do que religioso. Menos antigo que as cathedraes gothicas, sem offerecer á admiração dos visitantes a flecha de Anvers ou de Strássburgo, os nichos, os balaustres, as pilastras da fachada são maravilhas de sciencia, de imaginação, de bom gosto.

E' a arte de uma epocha e de um povo intelligente e civilizado.

¹⁾ *Capitolio* — (uma das sete collinas de Roma) — o templo de Jupiter no monte de Saturno.

²⁾ *Septimio Severo* — imperador romano (193).

³⁾ *Phocas* — imperador do Oriente (602—610).

E' baldado empenho querer definir a sensação que se experimenta deante deste incomparavel monumento.

Afirmam alguns, e eu acredito, que a grandeza de S. Pedro não póde ser devidamente avaliada, nem ainda depois de muitas visitas.

Provém esta difficuldade da proporção exacta de todas as partes. E, em verdade, o edificio não só excede os limites de todos os objectos conhecidos por tal fórma, que os testemunhos da experiencia não bastam para aprecia-lo, mas a harmonia de todos os seus elementos é tão perfeita, que não ha termo de comparação, segundo o qual se possa ajuizar de sua immensidade. Pombos colossaes, que voam sobre cornijas mais altas do que montanhas, santos gigantes, letras que se leem, apesar da elevação extraordinaria em que estão collocadas, não podem fazer acreditar em tamanha grandeza e vastidão.

S. Pedro é uma verdadeira maravilha; e podemos dizer, sem medo de errar, a obra mais grandiosa dos tempos modernos.

Magnificencia dos triumphos romanos

A maior ostentação de grandeza e majestade que se viu neste mundo, e uma das tres que Sto. Agostinho ¹⁾ desejára ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, naquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio ²⁾; precediam os soldados vencedores com acclamações; seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inacessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos e as machinas com que foram expugnadas; em grande numero de carros os despojos e riqueza e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas; depois de tudo isto a multidão dos captivos, talvez os mesmos reis manietados; e por fim, em carroça de ouro e pedraria, tirada por elephantos, tigres ou leões domados, o famoso triumphador. Emquanto esta grande

¹⁾ *Sto. Agostinho* — Santo Padre e doutor da Egreja (354—430 depois de Christo.)

²⁾ Vide a nota 1.ª á pag. 124.

procissão, que assim lhe¹⁾ chama Seneca²⁾, caminhava, estavam as ruas, as praças, os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver.

E si Diogenes então perguntasse quaes eram os que passavam: si os do triumpho, si os que os estavam vendo, não ha duvida que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo é que tanto os da procissão e do triumpho, como os que das janellas e palanques os estavam vendo, uns e outros egualmente passavam, porque a vida e o tempo nunca param; e, ou indo ou estando, ou caminhando ou parados, todos sempre e com egual velocidade passamos.

P. ANTONIO VIEIRA.

O pampeiro

Um ruido surdo reboou pelas grotas³⁾ e algares⁴⁾ que alcantilavam o serro abrupto. Parecia que a terra arquejava com o estertor de um pesadelo.

Ao mesmo tempo uma exalação ardente como o vapor de uma cratera derramou-se pela solidão. As feras uivaram longe na profundza das selvas, e as aves espavoridas passavam, soltando pios lugubres. Os dous cavallos, com o pello erriçado, resfolgavam aquelle bafo igneo, semelhante ao fumo de uma batalha; elles o conheciam: era o sopro da patria selvagem; era o folego do pampa⁵⁾.

E de repente a lua sepultou-se. Céu e terra submergiram-se num oceano de trevas. A alluvião das procellas se arremessára do horizonte e inundára a immensidade do espaço. Houve então um momento de silencio pavoroso; era a angustia da natureza asphyxiada pela tormenta. Afinal ribombou o trovão na vasta abobada negra, sobre a qual o relampago despejava cataractas de chammas. Não era uma tempestade; mas um turbilhão de tempestades, bacchantes em delirio, que tripudiavam no céu. Como os

¹⁾ Veja-se a nota á pag. 11.

²⁾ *Seneca* — philosopho e orador romano (3—65 antes de Jesus Christo.)

³⁾ *Grotas* — aberturas causadas pelas aguas; diz-se propriamente falando das margens dos rios.

⁴⁾ *Algares* — despenhadeiros.

⁵⁾ *Pampa* — planicies immensas, na America do Sul.

touros acoissados pelo gaúcho arremettem com furia e rompem a selva bramindo, assim o tropel das borrascas disparava pelo espaço.

O pampeiro, varrendo dos cimos dos Andes todas as tempestades que alli tinham condensado os calores do estio, verberava da immensidade as pontas do latego formidavel com que ia açoitar o oceano. Attonitos e mudos de espanto, os animaes contemplavam o grande paroxismo da natureza. A voz do trovão, o verbo das grandes coleras celestes, sopitava todos os gritos e todos os rumores. A terra, pavida e estupefacta, recebia a tremenda flagellação no meio das gargalhadas satanicas do raio, que surriava¹⁾, fustigando as escarpas do rochedo.

.....
.....
.....

O pampeiro é a maior colera da natureza; o raio, a tromba, o incendio, a inundação, todas essas terriveis convulsões dos elementos, não passam de pequenas iras, comparadas com a sanha ingente do cyclone²⁾ que surge das regiões plutonicas, como o gigante, para escalar o céu. Ei-lo, o immenso athleta que se perfila. Seu passo estremece a terra até ás entranhas; a floresta secular verga-lhe sob a planta como a fina relva sob a pata do tapir³⁾; seu braço titanico arranca os penhascos, as nuvens, as tempestades, arremessa todos esses projectis⁴⁾ contra o firmamento.

Lucta pavorosa que lembra as revóltas pujantes do archanjo das trevas precipitado pela mão de Omnipotente nas profundezas do barathro⁵⁾. O maldicto, prostrado no seio das chammas eternas, resurge possesso, levantando-se para ascender⁶⁾ ao céu: nada lhe resiste; a abobada do firmamento treme abalada por seu impeto violento. Mas que Deus incline a frente, e Satan cairá fulminado pelo olhar supremo.

O impeto do tufão toma todas as fórmás da ferocidade;

¹⁾ *Surriava* — syn. atroava aos ares.

²⁾ *Cyclone* — furacão.

³⁾ *Tapir* — o mesmo que anta.

⁴⁾ Vide a nota á pag. 60.

⁵⁾ *Bá Rathro* — abysmo, (poet.) inferno.

⁶⁾ *Ascender* — subir.

sua voz é a gamma¹⁾ de todos os furores indomitos. Ao ve-lo, o terrível phenomeno afigura-se uma tremenda explosão da braveza, do rancor e da sanha que povoam a terra. Aqui o pampeiro surge e arremette como cem touros selvagens escarvando o chão; alli sente-se o convolvulo²⁾ de mil serpentes que estingem as arvores colossaes e as estilhaçam silvando; além uiva a matilha a morder o penhasco, donde arranca lascas da rocha, como lanchos³⁾ da carne palpitante das victimas; agora são os tigres que tombam de salto sobre a presa, com um rugido espantoso. Finalmente ouve-se o ronco medonho da sucury⁴⁾ brandindo nos ares a cauda enorme, e o fremito das azas do condor⁵⁾ que ruc⁶⁾ com horrído estridulo.

E tudo isto, sob um aspecto descommunal e immenso, não é sinão a voz e o gesto do gigante dos pampas, concitado das profundezas da terra para subverter o orbe.

JOSÉ DE ALENCAR.

Alcacer

Alcacer achava-se no seculo XII decaída da anterior grandeza; mas ainda se distinguia pelo pittoresco do sitio e pelo seu aprazível aspecto. Assentada nas margens do Chetawir, grande numero de embarcações subiam e desciam o rio, carregadas com as mercadorias que lhe alimentavam o commercio, necessariamente activo pela proximidade da populosa e opulenta Ieborah (Evora). Cercavam-na por todos os lados extensos pinhaes, e as madeiras que nelles se cortavam, constituíam um dos principaes objectos de exportação. Naturalmente ferteis, os seus arredores eram ricos de gados, que produziam abundancia de lacticinios e carnagens. O mel que alli se recolhia, formava uma porção de sua riqueza. Tal é o quadro que, apesar da decaencia politica de Alcacer, ainda nos fazem della os escriptores arabes do seculo XII. Da sua importancia militar,

¹⁾ *Gamma* — syn. escala, successão.

²⁾ *Convolvulo* — enroscamento.

³⁾ *Lanchos* — pedaços.

⁴⁾ *Sucury*, *sucuriú* ou *sucuriuba* — cobra monstruosa.

⁵⁾ *Condor* — ave de rapina, o maior volatíl conhecido

⁶⁾ *Ruc* — precipita-se.

da fortaleza do castello que a defendia, é argumento quanto sangue custou aos christãos, conquista-la e reconquista-la depois de perdida de novo.

Hoje de tudo isto restam apenas largos pannos de muros rotos e pendidos, torres derrocadas ou fendidas, que vacillam e ameaçam esmagar parte da povoação assentada a seus pés. Os bosques desappareceram em grande parte, e os prados que alimentavam numerosos armentios¹⁾ converteram-se em alagadiços, donde mana a corrupção. As febres mortíferas do estio tingem o gesto dos habitantes de uma cór de cadaver, que harmoniza tristemente com aquellas pedras tombadas e pallidas, com os vestigios de duas grandes civilizações que passaram por esta terra de muitos seculos. A' raiz do alto cubello sarraceno jaz o fusto da columna romana: a inscripção latina faceia o muro da que, talvez, foi mesquita musulmana e que hoje é um pobre templo christão. Ruinas sobre ruinas, cimentadas com o sangue de muitos combates, e no meio dellas uma população enfezada e doentia, eis o que resta da bella Alkasser-Iben-Ahu-Danés, afóra uma pouca actividade commercial que os erros dos homens não puderam destruir, porque dependia da situação do lugar, emporio e mercado natural das terras sertanejas que demoram ao norte e oriente do Sado. ALEXANDRE HERCULANO.

As formigas pastoras

Formigas ha (a *componotus* e a *formica*)²⁾ que são carnívoras: sugam as presas vivas; mas, ao mesmo tempo, recolhem mel por toda a parte onde o encontram; rompem as corollas para extrahir o nectar, atacam, nas nossas dispensas, todas as substancias assucaradas que ficam ao seu alcance.

Este gosto particular pelo mel fez-lhes descobrir um manancial abundante, que ellas exploram em larga escala: são os pulgões³⁾.

O pulgão apparece na primavera, saído de um ovo que atravessou o inverno.

¹⁾ *Armentios* — gado vaccum.

²⁾ São duas especies de formigas.

³⁾ Insectos verdes, que vivem sobre as partes verdes e tenras dos vegetaes.

O animal, assim creado, produz directamente uma serie de filhas que vão produzir outras filhas, e estas gerações se succedem dest'arte por toda a primavera; e, como cada um desses insectos produz de dez a quinze filhas, pôde-se imaginar o numero enorme de descendentes que um individuo só pôde procrear. Assim se formam essas colonias espessas que cobrem os vegetaes, — camadas de insectosinhos verdes, revestindo completamente as folhas e as hastes tenras.

Os pulgões enterram a tromba na planta e sugam os succos nutritivos; na extremidade do abdomen abrem-se dois tubos por onde se escapa o producto da secreção de duas glandulas especiaes: é esse o liquido que as formigas procuram.

Para extrahi-lo, ellas approximam-se do pulgão, e, com a extremidade das antenas, fazem-lhe coegas pelo corpo; os animaesinhos, excitados pelo attrito, deixam escapar pela extremidade dos tubos, duas gottinhas de um liquido transparente, assucarado, que são para ellas o que o leite das nossas vaccas é para nós. A formiga, que acabou de mungir o pulgão, absorve o precioso liquido e passa adeante; passa a um outro, com o qual procede da mesma fórma; e assim por dcante, até que tenha completado a ração necessaria.

Em muitos casos os pulgões são procurados pelas formigas e explorados e mungidos onde elles os encontram; as formigas vivem á custa delles, como os indios á custa dos rebanhos de animaes selvagens que caçam. Neste caso, os pulgões não recebem nenhum cuidado particular, não ha trabalho algum, verdadeiramente, de domesticação.

Mas, com as *lazius* e as *mirmica* ¹⁾ nós vemos tornar-se o pulgão um animal domestico. E então, passa a ser um animal querido, tratado e protegido, posso dizer mesmo — educado.

Assim se explicam as construcções destinadas, evidentemente, a envolver os rebanhos de pulgões, construcções que, com toda a propriedade, podemos comparar aos nossos estabulos.

Vi muitas vezes, sobre as hastes do Euphorbio, pavilhões de terra cimentada, envolvendo ramos cobertos de pulgões. Nesse caso, um corredor acompanha a haste principal e dá accessõ ao estabulo: é um caminho coberto, que liga a morada dos pulgões ao formigueiro. Certos formi-

¹⁾ Generos de formigas.

gueiros têm, assim, numerosos entrepostos onde pullulam essas vaccas de leite, fornecendo ás operarias mel abundante para a colonia.

Ha pulgões que vivem sobre as raizes e são estes os escolhidos por algumas especies de formiga, como seja a *lazius flavus*, que os cria em tamanha quantidade que chegam a produzir o mel sufficiente para a alimentação de todo o formigueiro.

Nos ninhos desta formiga, grandes estabulos são cavados no solo, em torno das raizes, sobre as quaes, cuidadosamente tratados, pullulam os pulgões nutritores.

Esses animaes formam então um rebanho indispensavel á alimentação da tribu, e a idéa da conservação geral explica, em tal caso, os multiplos cuidados de que são rodeados esses minusculos animaes domesticos.

As formigas conhecem todas as phases do desenvolvimento desses curiosos parasitas e os auxiliam, e intervêm em todos os actos desse desenvolvimento. . . .

São ellas que recolhem os pulgões alados, immigrantes, que devem produzir os primeiros ovos e, uma vez recolhido o animal, apressam-se em arrancar-lhe as azas e transportam-no para o lugar onde elle tem de depôr os ovos.

Depois, que de cuidados com estes ovos, que são tratados como os proprios ovos das formigas! Põem-nos ao abrigo do frio, arrumam-nos em camaras especiaes, e, no momento da eclosão ¹⁾, levam-nos para os estabulos. Ha ahi um conjuncto de factos que mostram a intervenção da formiga na vida do pulgão, uma domesticação evidente, indiscutivel.

A arte da palavra

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São as outras como ancillas ²⁾ e ministras; ella soberana universal. Da estatuaria toma as fórmas; da architectura imita a regrada estrutura de suas fábricas; da pintura copia a cõr e o debuxo dos seus quadros; da musica aprende a variada successão de seus com-

¹⁾ *Eclosão* — palavra franceza aportuguezada — nascer, nascimento.

²⁾ *Ancilla* (latinismo) — serva.

passos e melodias; e sobre todos estes predicados tem, mais do que as outras artes, a vida, que anima os seus painéis, a paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram, o enthusiasmo e a persuasão. A estatua fala, mas fala como uma interjeição que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentaneo. A pintura fala, mas fala como uma phrase breve, em que a ellipse houvera supprimido boa parte dos elementos essenciaes. O edificio fala, mas fala, como uma inscripção abreviada, que desperta a memoria do passado, sem particularizar os acontecimentos a que allude. A musica fala, mas fala apenas á sensibilidade, sem que o entendimento a possa claramente discernir. Só a palavra nas artes, a que é materia prima, fala ao mesmo tempo á phantasia e á razão, ao sentimento e ás paixões. Só ella, Pygmalião ¹⁾ prodigioso, esculpe estatuas que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde as delinea e arredonda o seu buril. Só a palavra, mais inventiva do que Zeuxis ²⁾, sabe desenhar e colorir figuras e paizes, com que se illude e engana a vista intellectual. Só a palavra, mais audaz que os Ictinos ³⁾ e os Callicrates ⁴⁾, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideaes que o Parthenon de Athenas. Só a palavra, mais commovedora e persuasiva do que o plectro ⁵⁾ dos Orpheus ⁶⁾, encadencia á sua lyra magica estas feras humanas ou des-humanas que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas allucinações. Não podem crescer, medrar, divinizar-se as artes da fórma, da proporção, da côr e da harmonia, quando o imaginario tem de affeição os idolos de uma religião sinistra e humilhante, quando o architecto ha de erigir os templos de uma sombria divindade, quando o pintor tem de ornar com os seus frescos e os seus encaustos ⁷⁾

¹⁾ *Pygmalião* — famoso esculptor da ilha de Cypro, fez uma estatua que, a instancias suas, Venus animou, e que elle desposou depois.

²⁾ *Zeuxis* — o mais celebre pintor da antiguidade, natural de Heracléa.

³⁾ *Ictino* — architecto de Athenas, do seculo de Pericles; edificou o Parthenon em Athenas.

⁴⁾ *Callicrates* — outro architecto do mesmo tempo; trabalhou tambem no Parthenon.

⁵⁾ *Plectro* — instrumento com que se vibravam as cordas da lyra.

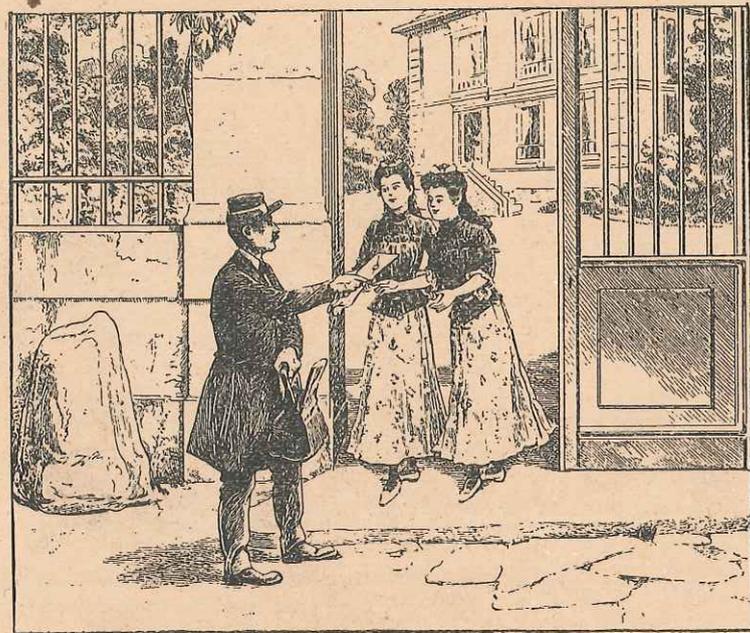
⁶⁾ *Orpheu* — filho de Calliope, famoso tocador de lyra.

⁷⁾ *Encausto* ou *encaustico* — pintura feita sobre camada de cera.

os paços de um sátrapa ¹⁾ oriental, quando o musico ha-de ajustar as suas composições ás pompas tradicionaes de uma civilização immobilizada pela servidão. LATINO COELHO.

O carteiro

Quando vemos passar junto de nós um homem fardado de casaco azul, golla vermelha debruada de ouro, sobraçando um sacco de pelle, um turbilhão de sentimentos diversos nos acodem á mente.



Este homem de aspecto placido e gélido é o fiel mensageiro da vida e da morte. Uns o esperam com alvoroço, outros com receio. Todas as portas se lhe abrem, todas as mãos avidamente se lhe estendem, todos o desejam com as commoções mais fortes, e com as mesmas o seguem.

¹⁾ *Sátrapa* — governador entre os antigos persas — é syn. de grande senhor, despota.

O carteiro é uma esperança ambulante. Este homem de physionomia serena espalha, nas familias com a mesma insensibilidade a tristeza e a alegria, os lutos e as galas. As donzellas, umas com as lagrimas nos olhos suspiram pela sua vinda, outras com o sorriso nos labios e rubor nas faces! Quantas mães afflictas com ancia lhe arrancam das mãos a carta do filho ou do marido ausente, unico lenitivo das saudades que as consomem.

A' maneira da fortuna, o correio é cego, porque distribue com a mesma desigualdade os premios e os castigos, as prosperidades e as ruinas. Impassivel, convida com igual indifferença tanto para o baile, como para o cemiterio; e entrega com a mesma imperturbabilidade a innocente misiva affectuosa como a infame carta anonyma.

Todas as cousas para elle têm igual peso; tão leve considera o singelo bilhete de visita, ou a participação funeral, como a carta de ordens em que um banqueiro envia a outro uma avultadissima somma.

Na mala mysteriosa do correio não se conhecem categorias sociaes, nem odios nem rivalidades; alli não ha lugares distinctos para os sexos, nem para as edades; alli todas as linguas se falam e todas se entendem. Frequente é ver naquella boceta irem na maior intimidade os mais irreconciliaveis inimigos; o plebeu collocado por cima do nobre, ou formando delle estrada; damas rivaes, pacificamente recostadas umas sobre as outras; a esposa ciumenta vê indifferentemente o esposo junto de outra dama sua rival, sem gemer o menor queixume.

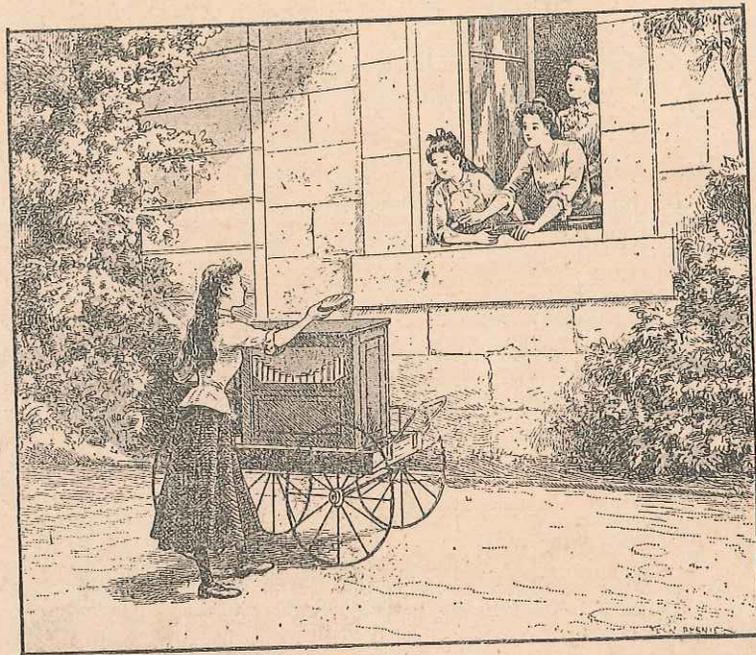
Quem ha, emfim, que prestando os ouvidos da alma áquelle grosseiro e vellosu surrão conduzido com tanta fricza e indifferença, não ouça lá dentro gemidos de saudade, gritos de dôr, ou sorrisos de contentamento, ou exclamações de enthusiasmo?!

Oh! aquella bolsa symboliza o cahos da vida: alegrias! tristezas! amores! odios! esperanças! incertezas! desenganos! interesses! ruinas! tudo alli se acha envolvido, e conglomerado na mais absoluta e inextricavel confusão!

(Idem.)

O tocador de realejo

A primeira vez que a viram na cidade, era ella creança, timida, rosea, de um perfume alpestre da alta Saboia, e o seu olhar claro, de uma lucidez innocente, penetrava sem pejo e sem maldade todas as cousas que via.



Tinha um vestidinho de chita azul, muito pobre, e as curvas do seio arfavam-lhe sob o corpete justo, com uma frescura saudavel.

Cabellos louros rolavam-lhe pelas espaldas, em scintillas fulvas.

A manga um pouco curta deixava nú o seu braço robusto e bem feito, em que se revelava o sangue das grandes raças do campo, esquecidas e conservadas na agrura das solidões bravias.

Arrastava o seu carro de musica, desmantelado, com o realejo em cima, pelas grandes ruas em tumulto, sósinha, crente, pura nos seus quinze annos.

A's vezes erguia timidamente os olhos para as janellas, onde borboleteavam creanças, e, supplicante, apontava o realejo, perguntando si queriam que ella moesse, como num moinho de café, os córos de Mozart. Alguns riam-se. Ella caminhava, na sua miseria laboriosa. FIALHO DE ALMEIDA.

Descrição da igreja de S. Francisco de Assis, em S. João d'El-Rey (Minas Geraes)

O frontespicio é de pedra azulada e polida como o do Carmo; bellissimos relevos e decorações rodeiam as imagens de nosso Senhor Jesus Christo e do Santo pouco abaixo do pedestal da cruz collocada no vertice; e acima da porta principal, entre duas grandes janellas, está esculpida a effigie da Virgem da Immaculada Conceição, ladeada de seraphins. As torres são cylindricas com balaustrada em torno das cupolas. Da vasa¹⁾ á cornija²⁾ tem cada uma 33 metros de altura.

Com o exterior harmoniza o interior. A capella-mór é clara e espaçosa; suas laçarias³⁾ e mais decorações, columnas helicoides⁴⁾ e coloreticas, cingidas de festões dourados, ou artesões⁵⁾ da abobada, as figuras de relevo, throno auri-entalhado, com a imagem do Senhor de Mont-Alverne no alto, são outras tantas maravilhas da arte.

A nave do templo é notavel pelos seis altares lateraes de talha mui variada, os quaes depois de dourados ficarão sendo os mais bellos daqui. No centro do tecto todo branqueado e abobadado avulta um grande artesão alcachofrado⁶⁾ do qual pende um donoso lustre esmaltado e com prismas de crystal.

A cimalha, que guarnece o tecto, é sustentada por columnas de madeira embebidas nas paredes, e cujos pedestaes são de pedra azul. A espessura das paredes da igreja é

¹⁾ Vasa — é o mesmo que base.

²⁾ Cornija — parte superior de entablamento, formando sacada.

³⁾ Laçarias — ornamentos em fórma de laços.

⁴⁾ Helicoide — que é semelhante á helice.

⁵⁾ Artesão — adorno de fórma quadrada ou pentágona, rodeado de moldura, que se colloca no tecto abobada de edificios.

⁶⁾ Alcachofrado — em fórma de alcachofra.

tal que comporta em si as escadas de pedra dos pulpitos, largas cerca de um metro.

A tribuna da musica tem um suporte mui merecedor de attenção, que é um arco elliptico abatido ou de sarapanel, o qual abrange a largura da nave, fronteiro ao altar-mór. Logo abaixo está o guarda-vento de madeiras de primeira qualidade formando especiosa marchetaria.

O arco-cruzeiro é tambem de cantaria e de vistoso lavor. O adro é digno do templo, tendo balaustradas de marmore branco sobre as cimalthas e maineis das escadas em zig-zague com espaçosos patamares, bem como sobre o paredão intermedio ás escadas, o qual é decorado de bem lavrados arabescos e delicadas flores de pedra azul, que é a materia das partes salientes ou resaltadas do frontespicio do celebre templo e dos degráos e frontaria do adro, á excepção dos balaustres.

Em summa, a igreja de S. Francisco em seu todo harmonico exprime um pensamento architectonico: é como uma epopéa de pedra.

AURELIANO PIMENTEL.

Belém do Pará

A quem, como nós, aporta, descendo o rio, traz (esta cidade) á idéa a vista de Montevidéo, pela sua posição num promontorio, pela disposição das ruas e templos, e a enseada do arsenal, que tambem recorda a *Ensenada* da capital cisplatina.

E' uma das mais bellas e saudaveis do Brazil, e talvez a quarta em população e commercio.

Distingue-se em cidade velha e nova: nesta as ruas são mais bem alinhadas, quasi parallelas e de regular largura; algumas sombreadas, com aléas¹⁾ de gigantes mongubeiras, mangueiras e palmeiras imperiaes, formosos especimens²⁾ da maravilhosa vegetação do paiz e que ahi fazem immorredouro o nome do general Jeronymo Francisco Coelho, o primeiro presidente que promoveu o seu plantio. As da cidade velha são menos rectas e parallelas. Prolongam-se para fóra da cidade com o nome de estradas, e são orladas de

¹⁾ Aléa — da palavra franc. *allée* — avenida, renque de arvores.

²⁾ *Especimen* — exemplar, amostra, modelo.

chacaras e sitios, ou rocinhas, algumas bem apraziveis e encantadoras, vivenda habitual de pessoas abastadas, muitas empregadas na cidade.

Dessas ruas, as do Imperador, Imperatriz e Mercadores são as principaes, largas e vistosas, no centro do commercio e as de maior concorrência da população; sendo a primeira a mais bella, por seus edificios e melhor alinhamento, e por correr parallelamente ao caes, que lhe fica fronteiro.

Conta varios edificios notaveis, entre outros o theatro da Paz, na Praça D. Pedro II, um dos melhores estabelecimentos do seu genero, sinão o melhor do Imperio; o palacio do governo, vasto edificio de architectura pesada, mandado construir pelo Marquez de Pombal para residencia real, sendo sabido que era uma das suas idéas de maior magnitude a transferencia da cõrte para o Brazil; o paço da assembléa provincial, ainda em construcção e muito semelhante ao precedente; a Cathedral, Nossa Senhora da Graça, templo de tres naves e um dos mais vastos e imponentes do Brazil; a grandiosa matriz de Sant'Anna, com um formoso zimborio; o Collegio do Amparo; o Banco Commercial; o Hospital Portuguez de Beneficencia; e tambem — porque não deixa de ser notavel — o antigo Convento das Mercês, enorme casarão não concluido e que, apesar disso, accomoda a alfandega com seus armazens e guarda-moria, o correio, a recebedoria provincial, a caixa economica, e ainda, o que é singular, duas tabernas aos lados da igreja.

Na praça do Palacio a gratidão nacional vae erigir a estatua de um dos mais distinctos filhos da provincia, o heroico general Gurjão: monumento que tanto honra a memoria desse soldado illustre como exalta o patriotismo dos seus comprovincianos.

Desde 1864 é a cidade illuminada a gaz.

Dizer que os seus arredores são pittorescos e apraziveis, desnecessario é. Entre todos, destaca-se o de Nazareth, onde annualmente, numa pequenina igreja na praça do mesmo nome, celebra-se a festa mais popular da terra.

A estrada de *Marco de Legua* é um longo e formoso passeio de mais de legua, bordado de ambos os lados pelas mais soberbas arvores.

Ha na cidade uma linha de carris de ferro ou bonds, de muito trafego, como ordinariamente são todas as do seu genero.

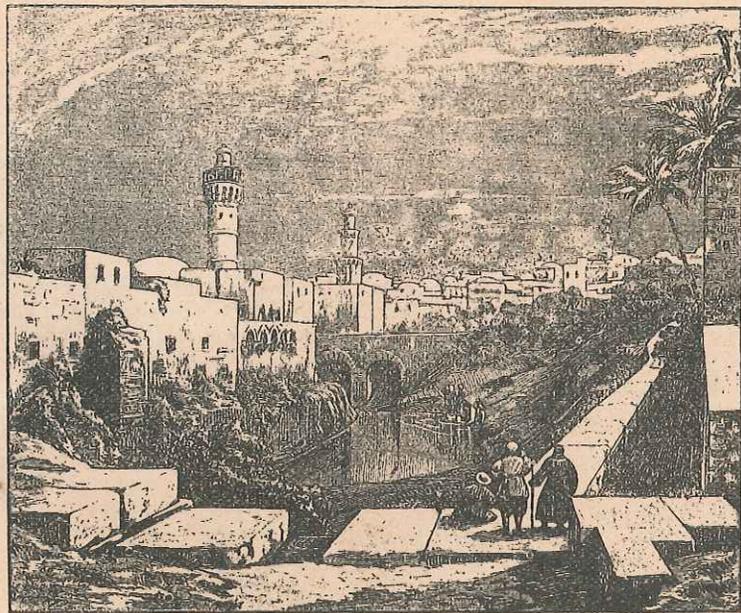
O commercio é florescente e promettedor. Belém ha de ser um dia, e bem proximo, um dos mais importantes centros commerciaes da America do Sul e o emporio mercantil de toda essa vasta bacia amazonica.

Sempre em seu porto ha um grande numero de navios, principalmente estrangeiros. Occasiões ha em que cinco e mais vapores de longo curso ahi ancoram.

DR JOÃO S. DA FONSECA.

Paisagem da Judéa

De novo galopámos. A estrada de basalto¹⁾ findou; e penetrámos entre arvoredos, num aroma de pomares, atravez de abundancia e frescura.



Oh! que differentes se mostravam estes caminhos, estas collinas, que eu vira dias antes, em torno á Cidade Santa,

¹⁾ Pedra dura, de origem vulcanica.

desseccadas por um vento d'abstracção, e brancas, da cor das ossadas...

Agora tudo era verde, regado, murmuroso, e com sombras. A mesma luz perdera o tom magoado, a côr dorida, com que eu sempre a vira, cobrindo Jerusalem: as folhas do ramo d'abril desabrochavam num azul moço, tenro, cheio de esperança como ellas. E a cada instante se me iam os olhos longamente nesses vergeis da Escriptura, que são feitos da oliveira, da figueira e da vinha, e onde crescem silvestres, e mais esplendidos que os do rei Salomão, os lyrios vermelhos dos campos!

Enlevado e cantarolando, eu trotava ao comprido de uma sebe toda entrelaçada de rosas.

Mas Topsisius deteve-me, mostrou-me no alto dum outeiro, sobre um fundo sombrio de cyprestes e cedros, uma casa abrindo para o lado do oriente e da luz o seu portico branco. Pertencia, disse elle, a um romano, parente de Valerius Gratus, antigo Legado imperial da Syria; e tudo alli parecia penetrado de paz amavel e de graça latina. Um tapete vicioso de relva bem lisa extendia-se em declive até uma aléa de alfazema, tendo ao meio, sobre o verde, desenhadas com linhas de flôres escarlates, as iniciaes de Valerius Gratus: em redor, entre canteiros de rosas, de açucenas, orlados de myrto, resplandeciam nobres vasos de marmore corinthico, onde se enrolavam folhas de acantha¹⁾: um servo, de capuz cinzento, talhava um teixo²⁾ em fórmula de urna, ao lado de um buxo³⁾ alto, já talhado sabiamente em feitio de lyra; aves domesticas picavam o chão, coberto de areia escarlata, numa rua de platanos⁴⁾ onde os braços de erva faziam de tronco a tronco festões como os que ornem um templo: a rama dos loureiros velava de sombras a nudez das estatuas.

E sob um caramanchão de vinha, ao rumor da agua lenta cantando numa bacia de bronze, um velho de toga, sereno, risonho, ditoso, lia junto a uma imagem de Esculapio⁵⁾, um longo rolo de papyro, emquanto uma rapariga, com uma flecha de ouro nas tranças, toda vestida de linho alvo, fazia uma grinalda com as flores que lhe enchiam o regaço...

¹⁾ Erva gigante; tem as folhas em fórmula de garra de urso.

²⁾ Madeira propria para esculptura.

³⁾ Madeira propria para esculptura e gravura.

⁴⁾ Arvore frondosa, da familia das *platanaceas*.

⁵⁾ *Esculapio* — entidade mythologica, deus da medicina.

Ao passo dos nossos cavallos ella ergueu os olhos claros. Topsisius gritou: — *Ob! salve, pulcherrima!* Eu gritei: — *Viva la gracia!*

Os melros cantavam nas romanzeiras em flor.

ÊÇA DE QUEIROZ.

Vianna de Castello

A cidadezinha de Vianna é a capital condigna desta pittoresca região.

Pela disposição das casas, Vianna consta de um grupo de habitações, emmassadas num pequeno circulo, e do appenso excentrico de uma longa rua. Vista do alto de uma das collinas adjacentes, a casaria de Vianna offerece o aspecto de um grande papagaio de papel branco caído no chão, entre os campos á beira do rio.

Vista por dentro, a cidade é encantadora de modestia, de simplicidade, de silencio e de asseio.

A grande abundancia de granito, explorado nos arredores, permite calçar todas as ruas com grandes pedras indestructiveis, dando ao pavimento uma superficie liza como a de um muro de cantaria.

Não ha tramways¹⁾, não ha botequins de apparatus, não ha cartazes nas esquinas, não ha realejos nem musicos ambulantes, não ha lixo, não ha moscas e não se vê policia.

A praça principal, destinada por D. Manoel, que a edificou, para as festas publicas, tem um lindo ar de Renascença, com o seu grande chafariz e a sua fachada historica do palacio da Misericordia.

Por muitas partes, nas velhas ruas estreitas e contorcidas da antiga villa, bellos arcos de portas e de janellas ou pequenos motivos truncados, de decoração architectonica, nesse interessante estylo meio gothico, meio musulmano ou mourisco, que caracteriza a nossa architectura chamada manuelina.

Finalmente, muitos conventos, entre os quaes o de Santa Cruz, onde viveu e morreu o arcebispo Frei Bartholomeu dos Martyres, e o de S. Domingos, que elle mesmo edificou e em que está sepultado.

¹⁾ *Tramways* — palavra ingleza — bonds, ou carros americanos.

O jardim publico, junto do cães, á beira da agua, é certamente o mais bem situado do paiz. Faltam-lhe apenas algumas grandes arvores para ser inteiramente delicioso, como todo o passeio dahi até ao enorme campo da Senhora da Agonia sobre a foz do Lima.

O porto perdeu toda a importancia dos antigos tempos com a decadencia geral do nosso commercio maritimo, que os antigos foraes protegiam declaradamente, que os regios alvarás do seculo passado procuravam ainda manter por meio das mais rasgadas affirmações da liberdade, *alma do commercio, sempre digno do maior javor*, como ainda se dizia nos instrumentos officiaes de 1758 e 1778, mas que os governos modernos deixaram cair em completo descaso¹⁾, apesar do ultimo grito levantado em favor dos grandes interesses commerciaes da nação pelo benemerito José Ferreira Borges, o eloquente propugnador da organização territorial do trabalho e da livre troca.

Reduzida presentemente ao seu pequeno commercio de consumo interior, Vianna é uma cidade morta para a labutação mercantil. Dahi, pelo lado esthetic, uma boa parte de seu encanto de terra de villeggiatura²⁾ e de prazer.

Um estabelecimento de banhos, um cassino, um grande hotel e alguns cottages³⁾ mobilados para alugar, sobre a praia, na margem esquerda do rio, e esta seria de certo uma das mais bonitas estações balneares de toda a Europa.

A gente é affavel, hospitaleira, carinhosa e a mais pacifica do mundo. Um bacharel meu amigo, que exercceu aqui, durante um anno, o lugar de substituto de delegado do ministerio publico, contou-me que no anno em que elle serviu se não fizeram audiencias, porque não houve crimes na comarca.

Acabam de construir um lindissimo theatro, e tem uma assembléa recreativa, que é um dos mais extraordinarios exemplos que se podem invocar em favor das vantagens da associação nas condições economicas da existencia. Nas salas desta benemerita sociedade joga-se o bilhar, o voltarete e o whist; ha um gabinete de leitura com todos os jornaes

¹⁾ *Descaso* — pouco usado — desprezo, abandono.

²⁾ *Villeggiatura* — neologismo tirado do italiano e que significa lugar proprio para passar o verão.

³⁾ *Cottages* — palavra ingleza que significa casa de campo, especie de chalet.

do paiz, o *Gil-Blas* e o *Figaro*; e toma-se todas as noites, das nove para as dez horas, chá preto ou verde, acompanhado de biscoutos, e servido por criados em *toilette*. Por tudo isto pagam os socios vinte réis por dia! A sociedade tem em caixa um fundo de economias na importancia de 2:000\$000.

Além desta assembléa, existe em Vianna um centro d'arte: é a botica do commendador Reis, estabelecida na praça principal da cidade. A esposa deste pharmaceutico é artista insigne em bordados de toda a especie e na confecção¹⁾ de flores artificiaes, não só de cera, de papel e de panno, mas de toda materia prima, aparas de madeira, conchas, escamas, etc.; pelo que tem tido menções honrosas em todos os certames artisticos e exposições de industria celebradas no Porto, em Guimarães e em Braga, durante o ultimo quartearão do presente seculo.

O grande hotel da cidade é excellente. Em um vasto palacio do seculo passado, com os seus eirados ajardinados, os seus alegretes de azulejos, o seu quintal de horta e pomar, dominado por um castanheiro enorme, com ruas de murta e grandes muros verdes do velludo dos musgos e da vegetação minhota das cadeias e dos choupiolos, revestido de hortencias e de roseiras por baixo das ramadas; esta honrada hospedaria provincial, com vastas salas de grande pé direito e nobres janellas de varanda, tem mais o ar de um solar d'hospedes do que de uma dessas casas antipathicas, modelo consagrado do hotel moderno, rectangular, com os quartos em ficra para a direita e para a esquerda, numa monotonia disciplinar de asylo, de quartel ou de cadeia.

RAMALHO ORTIGÃO.

O Amazonas

Uma das maravilhas da natureza, o maior rio do mundo! A sua bacia é egual a 5/6 da Europa. Uma de suas ilhas, a de Marajó, excede em tamanho a Suissa.

Nem todo elle pertence ao Brazil, mas a parte brasileira é, sinão a mais extensa, a mais importante, curiosa e rica. Quem quizer conhecer o Amazonas tem de vir ao Brazil.

¹⁾ *Confecção* — no sentido de *fabrico*, é gallicismo.

No Brazil, o *mar doce*, como lhe ¹⁾ chamaram os primeiros exploradores, atira-se no Atlantico, rolando rapidamente para este tal quantidade d'agua que quem voga no immenso estuario da embocadura, pergunta (diz um escriptor) si o oceano não deve a sua existencia a esse rio e si não passa de um receptaculo do liquido trazido por elle sem cessar.

O rio luta com o oceano; vence-o. Durante largo espaço, impõe-lhe a côr e o gosto das suas aguas.

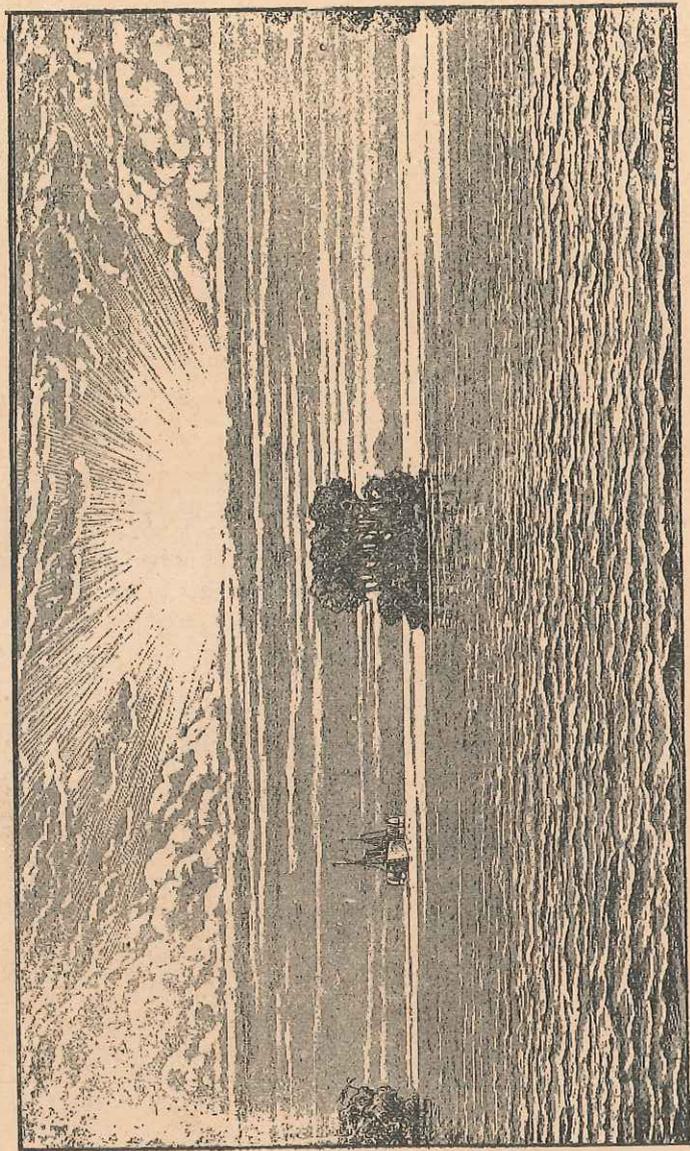
Nem sempre o jugo é tolerado sem revolta. Do embate entre a massa fluvial e a maritima provém, ás vezes, o phenomeno das *pororocas*, em que a segunda faz a primeira retroceder. Na linha de encontro das massas oppostas, entumece, levanta-se a grandes alturas um vagalhão colossal que se arremessa, com estrondo estupendo, sobre o leito do rio, derribando e arrastando deante de si tudo quanto ouse se lhe antepor. A esse vagalhão succedem outro e outro, igualmente bramantes e destruidores. O estrondo se espalha até consideravel distancia. Depois, volta o silencio augusto, o curso normal das cousas. O mar tentou rebelar-se. Ei-lo impotente, subjugado de prompto pelo rio.

Sempre largo e navegavel, com enchentes, vasantes, uma especie de maré, assemelha-se ao mar em muitos lugares.

Nas cheias, desapparecem quasi todas as ilhas que o povoam, inundam-se os terrenos marginaes. Não se lhe póde então fixar limites. Torna-se verdadeiro mar interior, de profundidade extraordinaria.

Fertil em incalculaveis riquezas, offerece o Amazonas indivizel variedade de aspectos, revelando constantemente amplitude, força e magestade infinitas.

Apresenta attractivos innumerados ao viajante, ao sabio, ao artista, nos seus archipelagos de verdura; nas florestas das suas ribas, habitadas algumas por indomitos selvagens; na profusão dos seus canaes, labyrinthos, ou galerias de folhagens, com abobadas de ramas entrelaçadas, sob as quaes passam difficilmente, em mysteriosa penumbra, as embarcações. E a multidão de canoeiros que o singram, gente bizarra, manobrando com habilidade incomparavel o fragil esquite em passos arriscados, rhythmando o movimento dos remos pela toada de poeticas cantigas?!...



¹⁾ Como lhe chamaram. Vide a nota á pag. 11.

São-lhe tributarios numerosos afluentes, varios inexplorados ainda. Abrem-se-lhe aos dois lados, como gigantescos leques de rios, cada qual com a sua individualidade, as suas ilhas, os seus canaes, as suas selvas, as suas peculiaridades, notaveis muitos por si sós.

Tortuosos estes; rectilíneos aquelles; série de lagos, terceiros; correndo uns sem obstaculos; constituindo-se outros de successivas escadas de cachoeiras; ora de marcha vertiginosa, ora lentos, ora de correnteza apenas perceptivel; revelando-se aqui apathicos e indolentes; além, impetuosos e tumultuarios, desenvolvendo-se de meandro em meandro; formando remoinhos espumejantes, remansos, torrentes; ostentando aguas de variegados matizes: brancas, amarelladas, ceruleas, negras, transparentes.

A uns o Amazonas acolhe-os propicio, absorvendo-os, misturando-se logo com elles.

Recebe reluctante outros que só penosamente se diluem em seu seio. Na época da enchente, fica tudo incommensuravel planicie liquida.

Procissões de arvores arrancadas desfilam boiando sobre a correnteza. As que resistem desaparecem submersas.

Em vindo a vasante, destacam-se das margens corroidas pedaços de barranco que, ilhas movediças, levando plantas e animaes, passaros trepados nos ramos, reptis agarrados aos troncos, seguem fluctuando e se derretem aos poucos.

Outras occasiões, enormes madeiros se entrecruzam, atam-se, amontoam-se ao longo das ribas, ou engendram gigantescas jangadas que derivam.

Quantas scenas grandiosas e pittorescas! Eis os tapuyos amarrando a canôa a um tronco transportado pela agua, á guiza de rebocador. Dispensam o remo. Si o vento augmenta e vagas altas ameaçam o lenho ligeiro, os tripolantes o introduzem num cortejo de ervas que o protege, attenúa a força da correnteza, regulariza os movimentos. E lá se vão tranquillos, independentes, felizes.

No seu percurso de milhares de kilometros, nunca deixa o Amazonas de ser prodigiosamente opulento em peixes, — duas vezes mais que o Mediterraneo. Contam-se milhares de especies peculiares a elle, muitas descobertas por Agassiz, as quaes mudam de aspecto conforme as paragens. A par do peixe-boi e do peixe electrico, myriades de camarões microscopicos, tão saborosos como os communs. Pullula a

vida alli. Habitam as florestas das ilhas e margens, florestas formadas de preciosissimas madeiras, populações innumeraveis de insectos, reptis, mammiferos, maravilhosos pela variedade, originalidade e belleza das fórmãs, brilho e cór. Centenas de familias de passaros alegam a solidão. Enumeram-se duas vezes mais classes de borboletas do que em toda a Europa.

Ahi a patria dos famosos seringaes, productores da borracha, de mil applicações na industria, monopolio quasi do Brazil.

E além do Amazonas, fertilizam o Brazil o São Francisco, o Paraná, o Tocantins, pouco menos colossaes e notaveis, formando inegualavel rede fluvial, com cachoeiras esplendidas, rapidos que se descem em uma hora e se sobem em quinze dias, innumeradas curiosidades naturaes.

O Tocantins abre passagem denodadamente atravez largas trincheiras de formidaveis rochedos. O Araguaya que se une a elle, passa, num lugar chamado Martyrios, estrangulado entre paredes de granito cobertas de esculpturas, nas quaes julgam os canoeiros reconhecer imagens do supplicio de Jesus.

AFONSO CELSO.

A gruta „Casa de pedra“ em Minas Geraes

Fica a legua e meia, pouco mais ou menos, de S. João d'El-Rey, no extremo da cordilheira do Bomfim e á margem esquerda do rio d'Elvas, affluente do das Mortes.

O terreno é ahi calcareo, e a excavação, tão vasta que, no dizer dos habitantes das immediações, poder-se-ia andar um dia inteiro e sempre a descobrir novas communicações e aposentos.

Todas as auroras se assemelham — ouvimos a certo preguiçoso, que dest'arte se desculpava de ter ficado a roncar na cama, quando todos os outros se erguiam para assistir a esplendida alvorada. O mesmo se poderia objectar ás maravilhas das grutas: são quasi sempre as mesmas, é verdade; mas nem por isso é menos admiravel o trabalho da natureza, tão caprichoso que excede as mais atrevidas phantasias do homem.

Das abobadas de vastos salões descem concreções sta-

lactíticas, figurando cortinas. Em tal recanto a formação calcarea simulou um pulpito. As galerias de comunicação apertam-se em varios lugares, obrigando os visitantes a caminhar de gatinhas, o que não deixa de ser picante, si no bando folgazão ha cavalheiros obesos e senhoras de vantajada corpulencia. Os incommodos, porém e mesmo os terrores de alguns mais timidos, calam-se espontaneos quando o guia (que sempre é bom leva-lo para esse labyrintho) sacode o archote e com seus reflexos avermelhados explora as profundezas da caverna.

Melhor ainda, si o pródigo passeante está munido de uma fita de aluminium e de repente a faz arder. Illuminam-se então de gala aquellas soturnas paragens: dansam festivos clarões em arcarias que ninguem suspeitára; revelam-se, imprevidos, grupos onde a imaginação completa fórmas apenas lobrigadas; crescem as sombras, desmesuradas, afundando-se nas reintrancias; e rebrilham nas arestas e saliencias faixas e estrellas offuscantes. . . .

Para que multiplicar phrases que não podem dar a sensação do que nunca se viu, e apenas valerão como pallida reminiscencia do que já se tenha visto? Leitores amigos, em materia de grutas já tendes apreciado a do Grande Mammuth na União Americana, ou a do Inferno em Matto Grosso? Pois neste caso sede complacentes para com o nosso entusiasmo, que não contemplou taes prodigios. Mas sómente conheceis a gruta de cimento do Jardim do Campo? Oh! nesse caso, permitti que vo-lo digamos, a Casa de Pedra tem muito mais que mostrar-vos e tudo com a originalidade e magnificencia da natureza.

A beira da linha ferrea, no começo da trilha que leva á gruta, estão os fornos onde se queima a pedra das cercanias para reduzi-la a optima cal. No trem que tomáramos, aventou-se a idéa de que, sendo a Casa de Pedra propriedade da companhia a que pertencem os fornos, tempo chegaria em que por elles passassem as lindissimas stalactites, os mimosos festões e as grandiosas arcarias daquelle assombroso palacio! . . . Tal idéa gelou-nos de horror.

Ao municipio de S. João d'El-Rey compete, quanto antes, adquirir e cautelosamente zelar essa obra prima, que é uma das maiores e mais fulgidas gemmas da sua coroa.

CARLOS DE LAET.

Panico na população do Rio durante a revolta

Uma tarde espalhou-se em todo o commercio, com o mysterio apavorante de um agouro, a noticia de que a esquadra bombardearia a cidade no dia seguinte.

O clamor subiu numa lamentação de desastre. Justamente eu chegava á rua do Ouvidor, quando estridulos toques de clarim faziam mover a multidão num ondular tumultuoso como o oceano sob a lufada violenta de um cyclone, e começaram a passar, com estridor de ferragens, os pesados armões da artilheria.

As peças descobertas vinham salpicadas de lama, brancacentas de poeira, e os soldados, que as seguiam a pé, de espada nua, enlameados, suados, arquejavam correndo de quando em quando. Abriam-se claros, mas logo animaes a trote avançavam arrastando, com fragor, outras carretas até que a bandeira, desfraldada no punho de um cavalheiro moço, passou, palpitando gloriosamente, saudada pelo povo.

Uma banda vinha tocando, como nos dias tranquillos de festa, mas o fragor da artilheria mal deixava ouvir a musica, já proxima. Erguendo-me nas pontas dos pés, espiei por entre os hombros dos que me apertavam e vi, ao longe, a scintillação das bayonetas que um sol triste e pallido brunia: mas ainda vinham lentos canhões rolando e passavam até que a infantaria irrompeu.

Os soldados marchavam curvados ao peso das mochilas; paravam de vez em vez e ficavam marcando passo, num farfalhar continuo como si fossem caminhando sobre a folhagem morta e secca dum campo.

Vieram, em seguida, os voluntarios: todos moços animados de um entusiasmo que lhes transparecia nos olhos, que se accusava em todos os seus movimentos.

Seguiam para a morte como para uma apothese; satisfeitos, orgulhosos, sem sentir o peso das armas sobre os hombros desacostumados, marchando com a regularidade dos veteranos largamente exercitados na paz e na guerra. Levavam os olhos altos, fitando o povo, buscando, pelas janellas, um rosto veneravel de parente ou os olhos perturbados de lagrimas da noiva que os esperava para o adeus, o ultimo talvez. Das sacadas, senhoras accnavam agitando lenços, afastando bandeiras de todos os paizes que tremula-

vam á brisa protegendo as casas, como penates santos retirados dos tabernáculos para defenderem o lar ameaçado.

Ao clangor das charangas possantes o entusiasmo subia, communicando-se ao povo que abria alas á passagem das tropas. Por ultimo foi um batalhão que desfilou ao rufo dos tambores, ao som vibrante das cornetas e por muito tempo ouviu-se o trepidar dos passos dos soldados. Olhando então para a rua, tive a impressão extranha de um rio rutilo, a correr, tal era o brilho das bayonetas juntas, parecendo um só corpo luminoso, espelhento, que fugia.

Lentamente comeci a subir a rua do Ouvidor e quando cheguei ao largo de S. Francisco, era tal a multidão que me detive um instante.

Um grosso tumulto de gente precipitava-se para os bonds, com algazarra; mulheres corriam arrastando creanças que choravam; outras, sobraçando embrulhos, seguiam com lentidão, arfando. Uma velha, que caminhava em passo miudo e rápido, parou de repente como assustada e poz-se a olhar em torno, indo e vindo, estonteadamente. Veiu até junto de mim, mas voltou de novo para o largo e com as mãos ambas na cabeça, num grande desespero, poz-se a chamar alguém aos gritos. Os que passavam, surdos, numa ancia de salvação, empurravam-na; e ella voltava-se olhando para todos os lados, sempre a gritar, afflicta; desapareceu como si a tivessem pisado os que corriam, mas os seus gritos ainda vibravam, mais longe, perdendo-se a pouco e pouco, até que apenas ficou o marulho do povo que abalava desordenadamente. E os bonds eram invadidos; senhoras iam de pé nos estribos, agarradas aos balaustres ou entre os bancos. Pobres mulheres levantavam nos braços creancinhas tenras, embrulhadas em toalhas e pediam, por piedade, que lhes cedessem um lugar, contando que haviam deixado o leite, que mal se podiam suster. Mas ninguem ouvia; o panico acossava a multidão, como as tempestades nos desertos levam as caravanas batidas até á morte.

O povo, no seu egoismo brutal, batalhava pela vida, surdo a gemidos, atirando-se aos bonds com a ancia desinsofrida dos naufragos que se arrojam em massa á mesma barca fragil. A's vezes os cocheiros declaravam, travando os carros: „que os animaes não podiam“. Mas o povo irrompia em vozeria: „Que tocasse! que seguisse!“ Ameaçavam: e homens vinham impellir os carros ajudando os

muares até que se moviam e ganhando impulso faziam vagarosamente a volta com um rangido agudo pelos trilhos. E outros bonds chegavam já apinhados, rumorosos. Carros eram disputados; e de todas as ruas vinham ondas de gente, a correr, num escoamento ininterrompido.

Entretanto havia theatros accessos e justamente perto da praça Tiradentes, onde um foco electrico projectava o seu raio errante, havia bagagens empilhadas: canastras, malas, leitos, como se vêm nas praias á chegada de uma leva de immigrants; e num carrinho, encolhido, um aleijado gemia.

No céu a lua brilhava de espaço a espaço, libertando-se das nuvens negras, como si quizesse alumiar o caminho do éxodo terrifico.

(Continuação.)

A cidade emigrava para os arrabaldes, os bonds passavam apinhados, iam carroças cheias, carros vagarosos, fechados, como si levassem enfermos, e nas ruas, era como um desfilar de procissão, ao luar. A's janellas das casas appareciam vultos contemplando a dolorosa hegira ¹⁾ dos pobres que trilhavam os caminhos a pé, levando ao collo creanças adormecidas. Homens, vestidos com decencia, sobraçavam pesados embrulhos; pequenos levavam gaiolas, e cães seguiam os bandos como uma partida definitiva, abandonando uma cidade assolada pela peste.

De longe em longe, nos terrenos vagos, apparecia um pequeno acompanhamento, grupos internavam-se pelos capinzaes indo falar aos donos dos estabulos ²⁾ para que lhes permittissem pernoitar entre a erva onde os bois ruminavam, deitados tranquillamente. Batiam á porta das casas pedindo „por misericordia!“ um abrigo! e descobrindo embrulhos, mães desoladas mostravam creancinhas.

Entre os andaimes acolhiam-se familias; mulheres exaustas deixavam-se ficar sentadas nos lagedos e sobre o collo os filhinhos repousavam a cabeça e dormiam. Era a fuga precipitada, mobilização de um povo tocado pelo pavor.

¹⁾ *Hegira* — syn. de fuga. — E' palavra de origem arabe e nessa lingua significa a emigração de Mahomet fugindo da Mecca para Medina no anno de 622.

²⁾ *Estabulos* — syn. estrebaria.

Lamentei commovido esse triste espectáculo e o cocheiro do tilbury que me conduzia á casa, suspirou:

— Isso não é nada! E contou-me que os trens da Central partiam atarracados; que havia deante da estação um tal accúmulo¹⁾ de bagagens que mal se podia andar por alli.

Nunca imaginára que o Rio tivesse tanta gente! Para a Tijuca eram incontaveis as pessoas que subiam, até em carroças de lixo, caminhando sempre, sem pausa, buscando um lugar bem alto, bem longe, onde não pudessem chegar as balas dos navios. E baixinho presagiu: „Muita desgraça“.

Quantos doentes, quantas creanças não haviam de pagar com a vida aquella brincadeira....

Quando cheguei a casa, minha mãe disse-me: „Que a casa estava cheia. Não tinham podido negar: era uma pobre familia, com creanças, mocinhas solteiras e uma velha que mal podia com as pernas de tão inchadas. Vieram de bond; e, como vissem gente á porta da casa, uma das mocinhas pediu, chorando, que as recebessem por uma noite. Que se havia de fazer? Estavam todas na sala de jantar“.

Mamãe contou-me que, desde as cinco horas da tarde, passava gente, sem continuar; que os vizinhos haviam agasalhado algumas familias e que o jardineiro lhe dissera, entrando á noitinha, que uma pobre mulher dera á luz em plena rua sendo recolhida pelos policias.

No céo turvo extendia-se, de instante a instante, como uma via lactea, o raio do holophote, em direcções differentes, variando com a rapidez da flecha de um catavento que um vendavel desorienta.

Apesar da noite fria saímos para o jardim, onde as magnolias abertas rescendiam e ficámos numa contemplação muda, voltando os olhos para acompanhar no céo o pallor do raio errante que, por vezes, chegando aos montes, creava um luar ephemero galvanizando de prata o arvoredo escuro.

Depois até tarde, da janella do meu quarto acompanhei com piedoso interesse a passagem do povo.

¹⁾ *Accúmulo* — neogolismo — é o mesmo que *accumulação*.

Pela alta noite, accordando ainda ouvi falas na rua, passos que fervilhavam em uma cantilena longinqua, amor-tecida, apaixonada. De manhã m'amãe veio accordar-me cedo para que eu visse o — mundo de gente — que passava.

O terror havia estabelecido uma estreita solidariedade humana: não era um desfilar de grupos indifferentes, era a marcha assombrosa de uma grande familia, ligada pelo élo commum do mesmo sentimento. Todas as physionomias tinham uma igual expressão característica, em todos os olhares havia o irradiar do espanto, a mesma angustia, a mesma anciedade; seguiam numa communhão de amparo reciproco, de encorajamento mutuo.

O sol subia, um sol forte de estio, e o calor já era intenso; emtanto pequenitos, as cabecinhas louras e descobertas, iam adormecidos sobre os hombros dos paes ou aninhados ao collo das mães; os mais fortes seguiam a pé, explorando os mattos, arrancando flores aos cercados; alguns comiam, babujando-se, e a marcha seguia num derivar perenne, ora compacta, nos caminhos estreitos, ora derramando-se pelos campos como as aguas que, fugindo a uma garganta apertada, dilatam-se ganhando a vastidão folgada de um estuario.

Estavamos á mesa do almoço, quando minha tia, depondo o talher, ergueu os olhos espantados: as duas mocinhas empallideceram; e foi o jardineiro quem nos veio anunciar, com a precipitação contente de quem traz uma boa nova: „Que a cousa começára!“

O ar atroava surdamente, longamente, como um gemido; era o canhoneio ao longe. A morte passava uivando pelos ares, além!

Os ribombos tornavam-se mais distinctos com uma repercussão soturna no ar puro e translucido. Assim davam-se os tiros e leves fremitos passavam pela casa com um tinir brando de crystaes. Eu sentia-me opprimido e ao mesmo tempo uma grande curiosidade cresceu no meu espirito.

Dos bonds que subiam, os passageiros gesticulavam, gritavam para os que desciam: Que voltassem! que a cidade

estava sendo varrida á metralha! Que o Aquidaban e os frigorificos faziam um fogo vivo para a terra, respondendo ás baterias legaes!

Que já havia mortos!...

Para a tarde os échos recrudesceram como si o canho-
neio se tivesse tornado mais vivo de parte a parte.

E cheio de apprehensões e de lagrimas, passou esse dia funebre e veiu uma noite sem astros, fechada num pesado luto de trevas, illuminada apenas, de longe em longe, pelo raio sinistro do holophote, pallido como o Pavor, desfralando-se no céo á maneira de um pavilhão livido de morte.

COELHO NETTO.

Sertão bruto

Alli começa o sertão chamado bruto ¹⁾.

Pousos succedem a pousos, e nenhum tecto habitado ou em ruinas, nenhuma tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça ou a chuva que está caíndo. Por toda a parte, a calma da campina não arroteada; por toda a parte a vegetação virgem, como quando ahi surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquelle solo, fertilizado aliás por um sem numero de limpidos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente, o Paraguay.

Essa areia solta e um tanto grossa tem cor uniforme, que reverbera com intensidade aos raios do sol, quando nella batem de chapa.

Em alguns pontos é tão fofa e movediça, que os animaes das tropas viageiras arquejam de canção, ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canella.

Frequentes são tambem os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam na matta adjacente trilha mais firme, por ser menos pisada.

Si parece sempre egual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paizagens em torno.

¹⁾ Sem moradores.

Ora, é a perspectiva dos cerrados ¹⁾, não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas, de S. Paulo e Minas Geraes, mas de garbosos e elevados madeiros que, si bem que não tomem de todo o corpo de que são capazes, á beira das aguas correntes ou regados pela lympha dos correjos, comtudo assombrom com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca liza a força da seiva que os alimenta; ora, são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de sylvestres flores; ora successões de luxuriantes capões, tão regulares e symmetricos na sua disposição que sorprendem e enfeitçam os olhos; ora, emfim, charnecas meio apaúladas, meio seccas, onde nasce o altivo bority e o gravatá enrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos, tão diversos pelo matiz das cores, o capim crescido e reseccado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio que algum tropeiro, por acaso ou por mero desenfado, atea com uma fagulha do seu isqueiro.

V. DE TAUNAY.

Descripção de um aguaceiro numa fazenda

Pelo céo, que o crepusculo empallidecia, nuvens amontoavam-se densas, plumbeas, como a fumaça ennovellada dum incendio.

Aves vinham dos mattos procurando a casa, pintainhos tenros, gallinholas, perús tufados, a cauda aberta, grugrurando. De longe vinha o chiar dos carros da colheita e as vozes alegres dos carreiros. Negros desciam cantando e passavam saudando em nome de Christo com o chapeo muito alto ou esticando o braço, a mão aberta, pedindo a benção: uns pelos caminhos baixos da planicie e outros pelos carreiros da collina, em rumo da matta. Lufadas de vento passavam pelo terreiro revolvendo as folhas seccas, levantando columnas de poeira espiraladas. As arvores des-

¹⁾ Matagaes de arbustos e de pequenas arvores, muito chegadas umas ás outras.

grenhavam-se com a ruflalhada violenta; e o céo escurecia ficando como uma ardósia.

... Uma rajada tempestuosa estortegou o arvoredado numa convulsão de cataclysmo prostrando a matta. O céo fulgurou num esplendor de explosão e um estrepito retalhou os ares taciturnos ao rebentar de uma granada.

Grossas gottas de chuva bateram na terra com força, levantando poeira. Os arbustos do jardim estorciam-se perdendo folhas que voavam levadas em turbilhão pela ventania. Para longe uma nevoa espessa encobria os montes, espectros de arvores iam esmaecendo e desapareciam.

Clarões alumiam o espaço turbado e sinistro, coriscos zig-zagavam pelos nimbus como num papel queimado as derradeiras faúlhas que serpentinam rapidas e accorrem. Bateram janellas, violentamente impellidas, caiu uma grande sombra e o aguaceiro jorrou como num diluvio, grosso, cerrado, escachoante.

Em pouco, pela collina escorriam vastos lençóes d'agua barrenta, vermelha, como o sangue vivo da terra escoando da ferida aberta pelo dardo fulminante.

Pelos caminhos precipitavam-se corredeiras, cavando brocas, abrindo barreiras, derrubando cercados; formavam-se cachoeiras em todas as alturas; aguas copiosas rolavam com estridor pelos flancos dos morros lavando a terra, desalterando-a, fecundando as raizes que as soalheiras torridas queimavam e estarreciam.

E as arvores pareciam bailar contentes, mal se lhes viam os ramos erriçados atravez dos fios diaphanos de chuva que zimbrava á feição do vento, trepidando nas telhas, entrando pelas janellas; e a matta, desesperada, afflicta, debatia-se soffrega como si procurasse desenraizar-se e fugir á tormenta cujo furor crescia.

Figuras de negros passavam mal distinctos na transparencia da chuva; e silvavam guinchos lamentosos, uivos tristes do vendaval desabrido. A porteira bateu com força; nada se avistava para o alto donde desciam jorros de agua passando devastadoramente, entornando-se pelas ravinas¹⁾, mas um mugido atravessou o estrupido²⁾ das torrentes que se despenhavam, alto, longo, lamentoso, como o som epico

¹⁾ Ravinas — syn. barrocos, barrancos, quebradas.

²⁾ Estrupido — syn. ruido, estrondo, estrepido.

da tuba de Rolando, em Rocensoalles, estrugindo com strenuo¹⁾ écho atravez do armistrondo²⁾ e do alarido de guerra.

Era o gado que vinha dos campos, batido pelo temporal, deslumbrado pelos relampagos, vergastado pelo aguaceiro, galgando os ingremes pendores escorregadios, atolado na agua fugitiva e lodosa, trilhando os pastos inundados, quasi em trevas, apenas alumizados, de instante a instante, pela phosphorescencia da tempestade.

E o primeiro touro appareceu assustado, escorrendo em agua, tonto, olhando sem saber'o rumo do curral e berrava esticando o focinho para o lado da casa, como a pedir soccorro. Outros appareceram em tumulto, as vaccas com os seus novilhos e reunidos num lote, os cornos emmaranhados, ficaram á chuva, pacientes, achegando-se apertadamente, como para affrontarem juntos á furia do céo.

Os campeiros chegavam bradando, appareciam, desapareciam, e ouvia-se o chapinhar das patas que iam trepidamente pelo lodaçal, a caminho do cercado; mas um grande touro desgarrou para a collina; e, solitario, enorme, dentro do aguaceiro, ficou parado, immovel, mugindo lamentosamente.

A tempestade gemia, enchendo a noite de uivos:

O dia amanheceu sombrio e humido.

A verdura dos cerros parecia mais tenra depois dos aguaceiros. Os montes copiosamente lavados destacavam-se, muito azues, nos horizontes pardacentos. Os canteiros estavam juncados de petalas; as rosas, sacudidas violentamente pela tempestade da vespera, desfolhavam-se ao mais ligeiro contacto.....

COELHO NETTO.

A alma

Quereis ver o que é uma alma? Olhai para um corpo sem alma. Si aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão deduzidas, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão su-

¹⁾ Strenuo — violento.

²⁾ Armistrondo — (pal. composta de arma e estrondo) barulho, estrondo das armas.

blimes, aquelles escriptos humanos que admiramos e excedem a admiração; tudo isto era a a'ima. Si o corpo era de um artefice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo e metter todo o mundo venal ¹⁾ em uma praça? A alma. Si o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos, o valor, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a alheia, quem fazia tudo isto? A alma. Si o corpo é de um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa, de quem eram governadas, de quem eram? Da alma. Si o corpo é de um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extases, os raptos, subindo o mesmo peso do corpo, e suspendido no ar; que maravilha! Mas isto é a alma!...

Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sóbe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre; uma altivez, como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus.

Tudo isto que vemos com os nossos olhos é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatada e captiva os sentidos humanos; aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo sinão alma? E sinão, vêde o corpo sem alma. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que não se via, ficou o que se não pôde ver. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de magestade, de virtude: porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

P. ANTONIO VIEIRA.

¹⁾ Venal — commercial.

A formosura

Que cousa é a formosura, sinão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr, e antes da morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior e apparente superficie de tal sorte que, si os olhos pudessem penetrar o interior della, o não poderiam ver sem horror?! A formosura é um bem fragil, e, quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo, desfazendo em si e fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos; e, ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia, juntamente com os annos, diminuindo a causa della. Era a causa a formosura de Helena, flôr emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas; e, não achando a causa por que duas vezes fóra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella.

(Idem.)

A admiração

Dizem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguem se admira sinão das cousas que ignora, principalmente si são grandes; e mãe da sciencia, porque, admirados os homens das cousas que ignoram, inquirem e investigam as causas dellas até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia.

(Idem.)

Um triste

Vereis a um destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, pallido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caídas, a cabeça derrubada, acanhada, diminuida. E, si elle se deixasse ver dentro da casa ou sepultura onde vive como encantado, vê-lo-íeis fugindo da gente e escondendo-se á luz, fechando

as portas aos amigos e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido ou imaginado, póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos cujos são ¹⁾, e de que procedem? Sem duvida da melancholia venenosa e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte.

Considerai um cadaver vivo, morto e insensivel para o gosto, vivo e sensitivo para a dôr, ferido e lastimado, chagado e lastimoso, cercado por todas as partes de penas, de molestias, de afflicções, de angustias, imaginando todo o mal e não admittindo pensamento de bem, aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo, sem allivio, sem consolação, sem remedio e sem esperanza de o ter, nem animo ainda para o desejar: isto é um triste de coração. (Idem.)

O amor

A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir ao sol, quando elle se deixa ver claro e formoso com toda a pompa de seus raios, sinão quando se nega aos olhos, escondido e coberto de nuvens, Vêde-o no espelho da natureza.

Aquella flor a que o giro do sol deu o nome, chamada dos gregos heliotropio, immovel e com perpetuo movimento, jamais deixa de seguir e acompanhar o seu amado planeta. Quando o sol nasce, se lhe inclina e o sauda; quando sóbe, se levanta com elle; quando está no zenith, o contempla direita; quando desce, se torna a dobrar; e quando finalmente chega ao occaso, com outra e profunda inclinação se despede delle. Grande milagre da natureza! Grande fineza de amor! Mas onde está o mais fino desta fineza?

Maravilhã é, e fineza prodigiosa, que aquella flor amante do sol, sem se poder mover de um lugar, o siga sempre em roda, acompanhando seu curso; mas o mais maravilhoso desta maravilha e o mais fino desta fineza é que não só segue e acompanha o sol quando se lhe mostra claro e resplandecente, sinão quando se esconde e se cobre de nuvens. (Idem.)

¹⁾ Cujos são? — de quem são? — Cujo, como pronome interrogativo, é obsoleto.

A auctoridade

Não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, si quem as diz não é grande. Por isso os ditos que allegamos se chamam auctoridades, porque o auctor é o que lhes dá o credito.

Dizer-se que a pintura é de Apelles, ou a estatua de Phidias, basta para que a estatua seja immortal e a pintura não tenha preço; mas esse valor e essa immortalidade a que se deve? Mais ao nome que ao pincel de Apelles; mais á fama que á lima de Phidias. E o mesmo que succede ao pincel e á lima é o que experimentam egualmente a voz e a penna. Si o que diz é Demosthencs, tudo é eloquencia; si o que escreve é Tacito, tudo é politica; si o que discorre é Seneca, tudo é sentença. Talvez acertou a dizer o rustico o que tinha dito Salomão; mas o que no rustico não merece ouvidos, em Salomão é oraculo. De sorte que não basta que as cousas que se dizem sejam grandes, si quem as diz é pequeno. (Idem.)

A necessidade

A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que despoticamente domina sobre todos os que vivem.

Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade.

A necessidade é que leva o soldado á guerra e a escalar as muralhas, onde, vendo cair uns a ferro e voar outros a fogo, avança comtudo e não desmaia. A necessidade é que engolfa o marinheiro nas ondas do oceano; ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que, mettido dentro em quatro taboas, se atreve a pelear não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é que mette ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temer que as mesmas montanhas que tem sobre si, caiam e o sepultem, elle lhes vae cavando as raizes e sangrando as veias. Finalmente,

com mais ordinario e geral desprezo da vida e da saude, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, sinão a necessidade? E, posto que uns e outros tantas vezes perecem em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade, com implicação manifesta da propria conservação, é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre e atrevido ladrão, que, desde o primeiro passo com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, si ao pé della lhe perguntam quem o trouxe a tão miseravel estado, responde com o laço na garganta que a necessidade. E, para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leis e só a necessidade não tem lei. (Idem.)

A fortuna

Variamente pintaram os antigos a que elles chamavam fortuna. Uns lhe puzeram na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formaram de ouro, outros de vidro, e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de fortuna, que significa caso ou fado; erraram nas insignias, erraram na cegueira dos olhos e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as cousas, significada na cornucopia, pertence sómente á Providencia Divina, a qual, não cegamente ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria e com a balança da sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providencia, com altissimo conselho, tem ordenado e disposto.

Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram, de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lh'os pôrem sobre uma roda, porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jamais firmeza;

os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encarceraram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia. (Idem.)

A guerra

E' a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, menos se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos e monarchias inteiras. E' a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que ou se não padeça ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a sua cella, e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro. (Idem.)

A peste

A razão por que tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é porque nas outras enfermidades o maior beneficio que vos pôde fazer quem vos ama, é estar com-vosco: na peste, a maior consolação que vos pôde dar quem amais, é fugir de vós. Mal em que o dizer: „estai comigo“ é querer mal, e o dizer: „fugi de mim“ é querer bem. Grande mal! Si a peste não fôra enfermidade mortal, só por isso matára.

E¹⁾ quem se vê em tão miseravel estado, que lhe é forçoso dizer a quem mais ama „fugi de mim“, não lhe perguntem de que morre, esse mal o matou.

Quem poderá bastantemente considerar e comprehender as infelicidades, as miserias, as lastimas, os horrores, que em si contém a desgraça geral de uma peste? — Os portos e as barras fechados, e os navegantes alongando-se ao mar, e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos della;

¹⁾ Subentende-se a prepos. — a; sendo, portanto, expletivo o — *lhe* — da oração principal.

os caminhos por terra tomados com severíssimas guardas; o commercio e a communição humana totalmente impedida; as ruas desertas, cobertas de erva e matto, como nos contavam e viram nossos maiores nesta mesma cidade de Lisboa; as portas trancadas com travessas almagradas; as sepulturas sempre abertas, não já nas egrejas e nos adros, sinão nos campos; e talvez caíndo nessas sepulturas mortos os mesmos vivos que levaram a enterrar os defunctos; a fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cobiça, já desprezada, já lançada ou alijada, como em extrema tempestade, não á agua sinão ao fogo, e vendo-se arder sem dór; o amor natural do sangue ou attonito ou esquecido; os irmãos fugindo dos irmãos, os paes fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a saída é indispensavelmente vedada e impossivel.

A razão e a piedade têm alli cruelmente presos e sitiados os miseraveis, para que se mantenham a pé quedo entre si, e não saiam a matar os outros. (Idem.)

Historia, Biographia, Retratos e Caracteres

José Bonifacio

Quem era José Bonifacio de Andrada?

A maxima prova da constituição organica do Brazil no XVIII seculo é a sua fecundidade intellectual, que progride



no principio da nossa era. Brasileiros eram na maxima parte os sabios e litteratos portuguezes de então. Brasileiros, Antonio José, o *juden*, queimado por D. João V.; Basilio da

Gama, o autor do *Uruguay*; Durão, Gonzaga, o poeta da *Marilia*, Costa, Alvarenga, ex-réus na conspiração de 1789. Brasileiros, os poetas Pereira Caldas e Moraes e Silva; Hippolyto Costa, o patriarcha jornalista; Azevedo Coutinho, primeiro economista portuguez; o geometra Villela Barbosa, o estadista Nogueira da Gama, o chimico Coelho de Seabra; Conceição Velloso, autor da *Flora Fluminense*, e Araujo Camara, companheiro das viagens de José Bonifacio, — o mais illustre dos fundadores da independencia nacional do Brazil.

José Bonifacio nascera em Santos em 1765; e aos quinze annos chegava a Lisboa, aos vinte e cinco partia para a Europa central a estudar, sob a protecção do duque de Lafões. Ardia então em França a revolução, e o moço brasileiro não aprendeu na Europa as sciencias da natureza apenas, aprendeu como as sociedades se rebellam, como vencem, quando têm um proposito firme, uma força real, e chefes audazes. José Bonifacio acaso desde então escolheu para si o papel de fundador do Brazil.

Oito annos andou por fóra seguindo os cursos mais celebres, ganhando um nome que ficou europeu na sciencia contemporanea. Em França ouviu as lições de Chaptal, de Fourcroy, de Joussieu e de Hauy, o mineralogista, na companhia do qual passou á Allemanha a frequentar Werner, o geologo de Freyber, Lempe, Kœhler, Koltzsch, Friesben e Lampadius. Visitadas as minas da Allemanha, seguiu ás do Tyrol, da Styria, da Corinthia, ouvindo em Pavia as lições de Volta; e subindo outra vez ao norte, foi aprender com Bergmann em Upsala, com Abilgaard em Copenhague. Nas suas viagens, nos seus estudos, ganhára um saber forte e uma reputação européa. Fazia descobertas na mineralogia (a *petalite*, a *spodemene*, a *kryolite*, a *escapolite*, etc.); e elle, Humboldt, von Buch, Esmark, del Rio, eram chamados os mestres da sciencia.

Voltou por fim a Portugal, e foi feito *desembargador*; encarregaram-no de todas as cousas.

Devia dirigir as mattas nacionaes e as minas, as obras do Mondego, o estabelecimento metallurgico de Figueiró, e ao mesmo tempo ensinar docimasia ¹⁾ em Lisboa. A sua

¹⁾ Sciencia que tem por fim avaliar a proporção de metal contido nos mineraes e nas gangas extrahidas das minas.

dedicação, a sua actividade, punham-se ao dispor da nação; mas Portugal era ao tempo uma sociedade miseravel de mais para receber uma direcção scientifica.

O desembargador era o typo do homem universal nos cargos, absoluto na inepecia e na somnolencia; e Andrada, que carecia de acção e vida, em balde protestava, reclamava. Em Coimbra não havia collecção mineralogica, — era impossivel dar lições! Os discipulos tambem não excediam a tres! Terminada a guerra dos francezes, em que Andrada combatera, achava-se Portugal entregue a essa Regencia anonyma, mero instrumento de Beresford.

A miseria e a inepecia, a vileza e a corrupção de uma terra de que a sua era vassalla, fizeram-no regressar ao Brazil (1819); e não é ousadia afirmar que no seu espirito levava já firme e definido o plano da emancipação.

Aos factos restava apenas indicar a fórma que a realização da sua idéa devia tomar.

O merecimento pessoal e a preponderancia eminente que esses factos deram a José Bonifacio na historia da separação brasileira, concorreram com todas as causas anteriores para dar á nova nação uma physionomia propria, entre as nações sul-americanas. Homem de sciencia, espectador visual dos peiores desvarios da revolução franceza, maduro em idade, forte em experiencia dos homens e das cousas, José Bonifacio não era um Bolivar ¹⁾, e a revolução brasileira tomou em suas mãos uma direcção diversa da que teria tido, se caminhasse ás ordens de algum genuino representante do antigo espirito paulista.

Estadista e não soldado, mais habil do que audaz, mais forte do que ambicioso, o caudilho brasileiro viu na ambição irrequieta de D. Pedro, a quem a gloria de Bolivar seduzia, um bello instrumento para levar a cabo a obra da independencia nacional, poupando a patria ás sangrentas crises em que a espada dos *condottieri* lançava as ex-colonias hespanholas.

OLIVEIRA MARTINS.

¹⁾ Heroe da independencia de Venézuella, Columbia, Equador, Bolivia e até do Perú. Nasceu em 1783, morreu em 1830.

D. Vasco da Gama ¹⁾

Era dotado de um animo grande e incançavel; e além disto era curiosissimo da arte maritima, e tão douto e diligente nella, que podia competir, no entendimento e cuidado de suas cousas, com os mais experimentados pilotos da Europa.



D. Vasco da Gama era homem de meã estatura, um pouco envolto em carnes; cavalleiro de sua pessoa: ousado em commetter qualquer grande feito; em mandar aspero, e muito para temer em qualquer paixão; soffredor de trabalho e grande executor no castigo de qualquer culpa, em cumprimento da justiça.

MARIZ.

Monte-Alverne ²⁾

Era Monte-Alverne de alta estatura, de uma organização forte, musculosa e secca; curvava-se um pouco para deante quando caminhava, porque, bastante myope desde a sua juventude, precisava ver onde punha os pés; fóra disso mantinha-se direito, com a cabeça levantada. Tinha o rosto longo, descarnado, pallido e severo, o que tão bem se mol-

¹⁾ D. Vasco da Gama — explorador portuguez (1469—1523).

²⁾ Frei Francisco de Monte-Alverne — brasileiro, insigne orador sacro, nasc. em 1784 e morreu em 1858.

dura no negro capuz de cenobita ³⁾. Muito alta a fronte, que para cima se ia alargando, mal coberta de cabellos, tanto pelo começo da calvicie, como pelo cercilho ³⁾, e que pretos tinham sido na mocidade, Grandes, rasgados e bem desenhados os olhos em que se expressava o enthusiasmo na constante dilatação das palpebras e firmeza de olhar. Os supercilios, contrahidos sempre pelo habito da meditação, e por esse esforço que fazem os myopes para ver, formavam



um profundo rego sobre a raiz do nariz, o qual longo e direito se elevava, descrevendo com a linha da base um angulo ligeiramente obtuso. A bocca e os labios, mui contorneados e moveis, eram de uma bella fórma, e exprimiam desdem e desgosto, talvez pelos trabalhos intellectuaes e monotonia da vida. Posto que grave de character e de costumes, era mui expansivo; ria-se com prazer entre os amigos. Sua sensibilidade moral com facilidade se exaltava:

³⁾ Cenobita — monge ou monja que vive em communidade.

³⁾ Cercilho — coroa muito larga de que usam alguns frades.

aplaudida com transporte o bello e o sublime em todas as cousas, e do mesmo modo se indignava de tudo o que lhe parecia feio e reprehensivel.

A voz de Monte-Alverne era forte, prolongada e de um timbre cavernoso e aspero; o que, porém, nelle não era defeito, antes lhe augmentava a energia e dava-lhe uma vibração metallica que retinia no mais vasto templo e perfeitamente se ouvia nos corredores lateraes. Declamava com muita emphase, como quem tão fortemente sentia o que expressava, accentuando todas as syllabas, que echoavam por modo tal que nenhuma se perdia. Seus movimentos, cuidadosamente estudados, eram sempre precisos, largos e magestosos: e tão sublime dominava o pulpito que seu olhar inspirado impunha silencio, e não se póde imaginar mais perfeito modelo de orador sagrado. Tantos annos foi mestre no pulpito e fóra delle; e onde estão os discipulos? O genio é raro, e ainda para imita-lo, é necessario talento, que tambem anda escasso. Os mestres desenvolvem, aperfeiçoam as faculdades dos que as têm; mas não as criam.

VISCONDE DE ARAGUAYA.

O Visconde de Jequitinhonha

Francisco Gé Acayaba de Montezuma — eis o nome que adoptou Francisco Gomes Brandão de Montezuma (Visconde de Jequitinhonha), suggestionado pelo nativismo que reinava naquelle epocha.

Era um homem de estatura alta, pardo escuro, calvo, olhos vivos, mesmo scintillantes, que denunciavam a vivacidade de seu espirito, a fronte altiva, magro. Todo o seu physico indicava um homem superior, que com effeito era.

O visconde de Jequitinhonha era filho da Bahia, que naquelle tempo não se contentava sómente em dar boas mangas, mas produzia grandes homens. Hoje dizem os velhos que mesmo as mangas não são tão saborosas.

A pobre „mulata velha“¹⁾ já está cançada para criar aguias; agora só cria perús; e as mangueiras estão como as do major Quaresma, que de tão edosas ficaram malucas, a ponto de dar pitangas.

¹⁾ a Bahia.

Jequitinhonha, porém, era aguia e por isso desprendeu o vôo a Coimbra, onde fez seus estudos com grande brilho; sendo depois deputado á constituinte brazileira, que foi dissolvida á força pelo primeiro imperador¹⁾; foi deportado, não para Cuculhy, pois nesse tempo ainda não havia tal invento, mas para a Europa, de onde veio para ministro da justiça da regencia.

No governo não foi feliz. Os tempos eram muito agitados e a calumnia, si não o queimou, tisonou-o sobre um negocio do trafico de negros.

Montezuma foi senador pela Bahia, depois de ter sido seu nome levado á corôa²⁾ tres vezes.

Sobre este factó vou contar o que se passou entre elle e o imperador.

O Visconde morava em uma magnifica casa com grande chacara, no Rio Comprido, na rua chamada hoje Malvino Reis; a casa ainda existe muito estragada; mas apesar disso mostra ter sido uma bella residencia.

O imperador ouvia fallar muito da residencia do Visconde e uma vez indo elle ao paço, lhe disse: „Sr. Visconde, tenho ouvido fallar muito de sua residencia; dizem que é uma bella vivenda!“

Montezuma, com o desembaraço que lhe era habitual, disse-lhe: „Vá Vossa Magestade almoçar lá e poderá ver que, si não é digna de receber a Vossa Magestade, é entretanto confortavel para um homem como eu.“

O imperador acceitou o convite e no dia por elle marcado foi almoçar na casa do Visconde.

Na mesa o imperador, no correr da palestra, perguntou a Montezuma:

— O senhor é fatalista?

— Sem duvida. E tenho motivos para o ser.

— Quaes são?

— Olhe, senhor, disse o Visconde: a primeira vez que meu nome veio a Vossa Magestade para senador, ao voltar do sertão da Bahia, onde fui pleitear a eleição, num sitio proximo á capital, o cavallo em que montava, tropicou e eu cahi. Pela segunda vez deu se o mesmo factó e Vossa

¹⁾ D. Pedro I

²⁾ Na monarchia o imperador escolhia o senador dentre os tres candidatos mais votados, e cujos nomes lhe eram apresentados em lista chamada triplice.

Magestade desta vez não escolheu o meu nome. Pela terceira vez deram-se as mesmas occurrencias e Vossa Magestade me escolheu.

— Mas onde está a fatalidade? perguntou-lhe o imperador.

— E' que Vossa Magestade havia de me escolher, quer quizesse quer não.

Era um remoque que o Visconde atirava ao imperador, pois elle sabia que devia a sua escolha para senador ao inarquez de Paraná, presidente do conselho de então, que nessa occasião dominava o imperador e que só com muito esforço poude conseguir essa nomeação.

O visconde de Jequitinhonha amava o ruido ao redor do seu nome e tinha como máxima: „No Brazil antes injuriado que esquecido.“ Por isso, quando não se fallava d'elle, escrevia, elle mesmo, artigos anonymos, pelos jornaes, em que se faziam accusações e se levantavam aleivosias contra sua pessoa.

No dia seguinte o Visconde respondia, rebatendo as accusações e desprezando as injurias; vindo á „Petalogica“, onde se reuniam os homens salientes da politica, era recebido com demonstrações de estima e comprazia-se com a discussão que sobre o assumpto se tratava.

Era um orador de effeito e de grande folego.

Opposicionista tremendo, elle só valia por uma legião. Mas era espirito que se comprazia com as contradicções; o que o levára muitas vezes a proceder á feição da maledicencia e da inveja, que explicava de modo aviltante o seu procedimento.

Assim, conta-se que quando em uma sessão do senado trovejava em formidavel discurso contra o gabinete Paraná, este lhe escreveu um bilhete em que lhe fazia propostas vantajosas, o que fez o Visconde perorar em favor do ministerio, atirando para os seus inimigos o que havia dito antes.

Mas no dia seguinte ao favor, tornava para a opposição, o que fez o marquez de Paraná exclamar: „Este preto não se vende, aluga-se!“

E' possível que aquelle estadista em occasião de mau humor e cedendo á irritação do seu character, tivesse lançado semelhante injuria; mas duvido que ella encerre a verdade.

Montezuma, que sacrificava o mais sagrado dos principios a um bom dito, sacrificaria tambem a sua reputação

por um momento de impeto, mas era incapaz de uma baixeza, de uma villania.

Tinha muitos inimigos, creados pela mordacidade de sua palavra e pelo esplendor de seu talento, augmentados pelos „engrossadores“ do imperador, a quem elle causticava com os seus ditos.

Morreu bastante velho, mas com o espirito novo e lucido. Não se deixou apodrecer em vida como muitos outros.

SUETONIO ¹⁾.

Marquez de Maricá ²⁾

O marquez de Maricá era homem de estatura mediana, de modesta apparencia, de uma physionomia grave e de um



character austero; a natureza e a sociedade haviam estampado no seu aspecto physionomico os traços caracteristicos

¹⁾ Suetonio — pseudonymo com que se occulta um dos mais valentes publicistas brasileiros.

²⁾ Marquez de Maricá — Mariano José Pereira da Fonseca, politico e escriptor brasileiro (1773—1848).

do pensador e do magistrado, do philosopho e do diplomata, do tribuno e do burguez. Amava a conversação, a musica e a leitura; e era difficil acompanhá-lo todos as vezes que se entranhava nas grandes abstracções philosophicas; a volubidade de suas palavras, a agudeza de seu espirito, e o seu genio um tanto sarcástico o tornavam extremamente agradável. Era apaixonado pela poesia italiana, e havia decorado os melhores pedaços do immortal Torquato.

ARAÚJO PORTO ALEGRE.

João Francisco Lisboa ¹⁾

Trazia João Francisco Lisboa na physionomia estampada a rigidez de seus principios e a austeridade de seus costumes. A vasta abobada cerebral, terminada por uma



fronte altiva e cortada de sulcos denunciadores do precoce meditar, era terrestre involucro dessa intelligencia tão magnifica, quanto bem aquinhoada e illuminada pelas linguas do fogo do genio; seus olhos brilhantes e penetrantes fais-

¹⁾ J. Francisco Lisboa — escriptor brasileiro (1812—1863).

cavam-lhe as sublimes idéas, antes que os labios as traduzissem em sons ou a penha em caracteres. Para completar este esboço physico, resumindo, direi apenas que era Lisboa grosso de corpo, cabellos negros e corredios, tez morena, barba espessa, rosto cheio e redondo, olhos pardos, sinão grandes, vivos; labios espessos e rasgados, hombros largos, e estatura um pouco abaixo da mean.

ANTONIO HENRIQUE LEAL.

Padre Antonio Vieira ¹⁾

Foi o padre Antonio Vieira de não pequena estatura, como si até no corporal quizesse formar a natureza mais



que ordinaria habitação áquellé grande espirito. O rosto comprido e magestoso; nariz aquilino; bocca proporcionada;

¹⁾ P. A. Vieira — o melhor prosador portuguez e eloquentissimo orador sagrado (1608—1697).

muita barba; o cabello na idade, vigorosa preto, todo branco na velhice; a côr morena; os olhos sobremancira vivos, e que parecia scintillavam.

O seu genio era humanissimo, urbano e cortez: o engenho quasi sem igual; a memoria um real archivo de erudição, tão feliz em tomar como em reter o que lia. A discreção nadava-lhe tão formosa na bocca, como é admirada na penna; na conversação não era um só homem, era muitos homens, e por isso dizemos que era um Vieira, porque é dizer tudo. Si se fallava em sciencias maiores, era doutissimo; si em lettras humanas, historicas, poeticas, mathematicas, era sublime e exquisita a erudição; ainda nas artes mechanicas, na nautica, na sciencia bellica, nos systemas ou dictames politicos, era assombroso.

Si se mettia a conversação em materias mais alegres e divertidas, era tal a viveza e jucundidade e o enleio em que mettia os corações e os entendimentos, que arrebatava tudo.

Quando esteve no collegio de Coimbra, e nos dias em que se sahia a exercicio para desafogo do trabalho dos estudos, logo ao sahir da porta da cerca para o campo, se escolhia materia sobre que se havia de fallar. Trazia sobre ella o padre Vieira historias, contos e ditos, tão raros e tão varios, e de tão exquisito sal, que os companheiros, sobre não poderem conter a affluencia do riso, julgavam que cousas tão proprias e nascidas para a materia que se propoz, eram extemporaneos partos daquelle fecundissimo e agudissimo engenho, não casos succedidos realmente, mas de repente inventados para allivio dos que com elle caminhavam.

Assim foi em tudo admiravel o padre Antonio Vieira, tão exemplar e serio nas virtudes theologicas e moraes que até na que ensina a moderação ou modo nas recreações, que os gregos chamavam eutrapélia, foi eminente.

Foi magnanimo, generoso e forte; de coração sublime e talhado para altas empresas; no adverso constante, no prospero modesto. Foi liberal em grau heroico, dando logo tudo quanto pessoas grandes da côrte ou parentes do Brazil lhe mandavam. Foi prudente, de profundo juizo, grave, affavel, compassivo, desprezador do mundo, de altos espiritos e elevadas idéas. Emfim, ajuntou nelle a liberalidade divina prendas e lalentos com mão tão larga, que é contado entre aquelles illustres heroes com que de seculo em seculo costuma sahir a Omnipotencia.

P. ANDRÉ DE BARROS.

O estudante hollandez

E' preciso vir a Leyde para conhecer um typo especialissimo de estudante — o estudante hollandez. E' nelle que mais em evidencia se encontra o cunho da seriedade que a historia bellicosa da nação e a natureza do solo, obrigando o homem a um duello permanente com o mar, imprime aqui na physionomia e no caracter de todos os cidadãos. Nenhum vestigio da antiga bohemia escolar de Salamanca, de Coimbra ou do Quartier Latin.

O decoro, a dignidade moral, o respeito de si mesmo, são cousas tomadas tanto a serio pelos estudantes de Leyde, como pelos burguezes patricios da praça de Amsterdam. Contei já que os estudantes tinham aqui um club, cujo edificio é um dos principaes da cidade. Esse palacio foi mandado construir pelos escolares. Para esse effeito a Academia, constituída em sociedade, sob a presidencia, por eleição, do alumno mais distincto — *praeses studiosorum*, contrahiou um emprestimo. Os capitalistas hollandezes acudiram na maior confiança ao appello da mocidade academica, e emprestaram á corporação dos estudantes uma somma de perto de cem contos de réis ao juro de dois por cento.

Além da bibliotheca e dum opulente gabinete de leitura, o club academico tem um restaurante tão opiparo como o dos melhores circulos de Haya ou de Paris, uma grande sala de baile e de concertos, onde os estudantes recebem uma ou duas vezes por anno todas as senhoras de Leyde, uma sala de banquetes a que muitas vezes são convidados os lentes, salas de conversação, etc. São grandes valsistas, distinctos musicos muitos delles, e conversam tão facilmente em francez com as senhoras e com os *touristes*, como conversam em latim com os sabios. Curioso contraste: emquanto a raça latina perde dia por dia, assustadoramente, o conhecimento da lingua que foi uma das grandes glorias da sua historia; emquanto em Portugal, por exemplo, depois de fallecidos tres ou quatro professores caturras que ainda existem como curiosidades paleontologicas, se corre o perigo de não haver mais ninguem que saiba medir um verso de Horacio ou que saiba analysar uma oração de Cicero, as raças germanicas cultivam o latim, escrevendo-o e fallando-o como lingua universal entre litteratos, como prenda essencial

é característica de todos os homens cultos; e, fallada por estes homens louros e imberbes,² accentuada pelos sons gutturaes gargarejados de *rr* hollandezes, a lingua de Tacito e de Virgilio ganha uma vibração nova, imprevisita, a energia mordente e aspera do mais bello dialecto vivo.

Marmier conta que vira na universidade de Leyde um licenciado em letras que, havendo escripto em latim uma longa these tendo por objecto a analyse dum antigo poema hollandez, defendeu essa these em lingua latina perante o jury academico, vencendo enormes difficuldades de estylo, de construcção e de syntaxe para dar em longas paraphrases o sentido perfeito das locuçõs neerlandezas do poeta que se incumbira de analysar. Dizem-me que ainda hoje existe na universidade um professor que faz todo o seu curso em latim, não proferindo do alto da cadeira uma só palavra em outra lingua. A praxe classica chegou mesmo a penetrar das relações da escola nos usos vulgares, e eu mesmo vi, tanto em Leyde como em Utrecht, á janella de quartos para alugar, este lettreiro: *Cubiculum locandum*, e á porta dalgumas casas de pasto: *Pax intrantibus*. RAMALHO ORTIGÃO.

Descobrimento do Brazil

No anno seguinte ao da volta de Vasco da Gama, encarregou D. Manuel a Pedro Alvares Cabral, senhor de Belmonte e alcaide-mór de Azurara, o mando duma armada de treze vélas, que devia na sua derrota correr a costa de Sofala, visitar o rei de Melinde, chegar a Calecut, e proseguir na empresa, a um tempo mercantil e guerreira, iniciada com tanta fortuna pelo primeiro descobridor. Era a frota magnifica e poderosa, e tinha como capitães, entre outros, além de Pedro Alvares Cabral, Nicolau Coelho, que fôra na anterior expedição, e Bartholomeu Dias, o primeiro que ousára dobrar o cabo da Boa Esperança, e que no seio das suas tormentas ia encontrar desta vez o perpetuo somno da morte.

Preparado tudo para a partida, levantaram-se ancoras, desfraldaram-se vélas, e, cortando as aguas, sahiu a armada de mar em fóra no dia 9 de março, e seguiu viagem prospera até ás alturas de Cabo Verde, onde um temporal desfeito de tal modo agitou os mares, que os navios, envolvidos entre serras de ondas, ora eram alçados no cume das vagas,

como si ellas os quizessem expellir de si, ora quasi se submergiam na concavidade dô abysmo. Acalmada a procella, juntou-se toda a frota á excepção dum navio que depois arribou a Lisboa, e continuaram os doze restantes pelo oceano, afastando-se das costas de Africa, ou para evitarem as calmarias de Guiné, como já o praticára Vasco da Gama, ou porque, para o proseguimento de tal rumo, influísse de algum modo o espirito aventureoso e obstinado desses homens energicos, que tudo arrostavam e a tudo se atreviam com o ardor que só deriva do verdadeiro enthusiasmo.

As plantas maritimas encontradas no dia 21 de abril, as aves redemoinhando nos ares ou pousando sobre as aguas, um halito perfumado impregnando a atmospherá, annunciaram aos navegantes a proximidade de regiões desconhecidas; e por isso, na manhan seguinte, apinhavam-se todos nos chapitéus da prôa, fixa a vista no extremo dos mares, onde já se divisava como que um ponto escuro que gradualmente ia crescendo. Afinal a voz do gageiro da nau capitânia bradou no cesto da gavea — *terra!* — e durante minutos só esse grito de contentamento indizível resoou em todos os navios!... A ligeira nevoa avultára no horizonte, a frota surdia sempre avante, e por fim já distintamente se observava um monte de fóra arredondada, largas serranias para o sul, e ao longe uma extensa planicie, vestida de sombrios arvoredos. Aproximaram-se então as naus á terra, que, pela ignorancia daquellas éras, julgaram os pilotos que só podia ser uma grande ilha, como alguma dos Açores ou das Antilhas, ancoraram perto da costa, e na manhan seguinte sulcavam as aguas em direcção á praia.

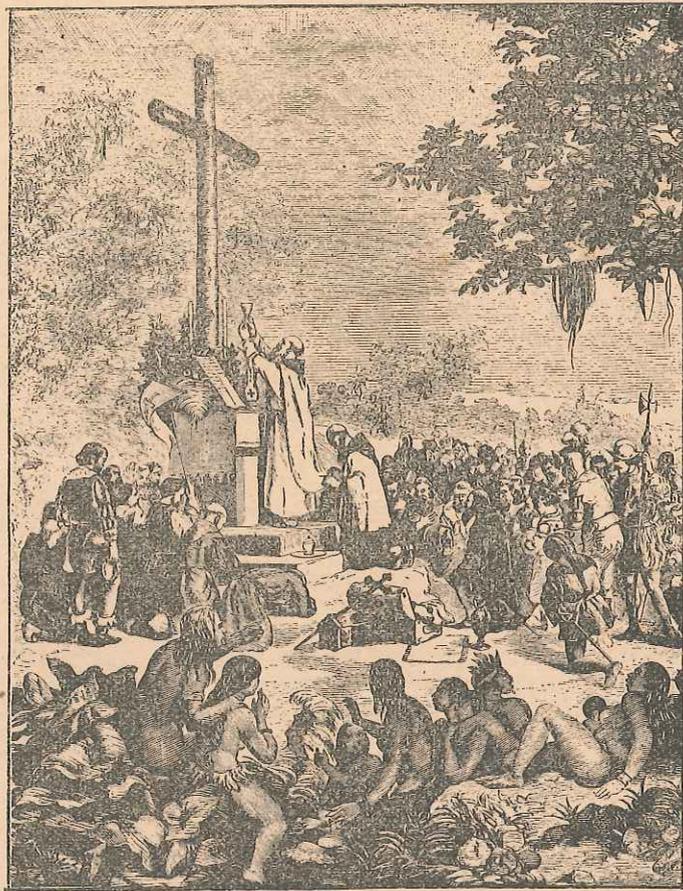
Grupos de homens, de mulheres e de creanças appareciam por entre arvoredos, e ora se adeantavam a medo, ora se retrahiam, testemunhando nos gestos o espanto que lhes causavam as embarcações, as vélas, os mastros, cousas como que animadas e sobrenaturaes, que pareciam obedecer ao impulso duma vontade unica. Não tinha essa gente os caracteres physicos das raças africanas ou europeas, e apenas se similhava com as da India na côr baça e no cabello comprido e corredio. Os corpos eram altos e robustos, as feições regulares, a physionomia franca e benevola; e, apezar das armas que traziam, mostravam-se de indole pacifica, ditos com seus costumes singelos, e satisfeitos com o que o solo espontaneamente lhes offerencia.

Não podendo desembarcar ahí, porque o mar quebrava então muita na costa, seguiram os portuguezes na volta do norte, buscando á feição do vento algum porto seguro, onde surgissem; de feito, tendo navegado cerca de 10 leguas, encontraram no dia 24 de abril uma enseada, onde logo entraram os navios menores, ficando ao principio as naus fóra dos recifes, por não se conhecer si havia dentro sufficiente fundo. Entretanto alguns marinheiros approximaram-se em bateis á praia; conseguiram tomar de sobresalto dois indigenas, que andavam numa jangada ou almadia, formada a seu modo de tres traves unidas, e que nem tentaram resistir, não obstante trazer um delles arco e frechas, e poderem ser facilmente soccorridos. Levados á presença de Pedro Alvares Cabral, procurou este dalguma fórma interrogal-os, deu-lhes o que indicaram desejar, enviou-os no dia seguinte para terra afim de evitar suspeitas ou receios, e estabeleceu assim as primeiras relações com os habitantes dessa parte do Novo Mundo, que o acaso nos sujeitava, como o acaso entregára a Colombo as costas occidentaes da America.

Não tentaremos descrever as varias scenas de curiosidade e de innocencia por parte dos indigenas, de contentamento, de enthusiasmo e de nobreza por parte dos descobridores, que tiveram como theatro essas praias, enquanto ahí se demorou a armada. O quadro que apresentassemos, seria apenas um esboço, desenhado a largos traços que mal conseguiria trasladar a narração synchrona de Pero Vaz de Caminha, onde miudamente se representam os factos e circumstancias, e como que resurgem os proprios protogonistas. Cingir-nos-emos, pois, a dizer que, tendo o capitão mandado reconhecer o paiz, e sabendo que era fertil, retalhado de rios caudaes, coberto de arvores fructiferas, e povoado por gentio docil, com o qual se mostrava facil a entrada, resolveu tomar solemnemente posse dessa região, oceano de soberbas e virginaes florestas, em que parecia reproduzir-se o eden dos livros santos.

Designado para aquelle acto o primeiro dia de maio, assistiram á missa em terra os navegantes, ataviados das melhores télas e de luzidas armas; e debaixo daquelle céu puro, naquella atmospherá balsamica, perante aquelles horizontes esplendidos, um profundo sentimento de confiança em Deus devia animar esses homens ajoelhados em frente do

mesmo altar, esquecidos dos perigos e fadigas, e enlaçados pelas recordações, pelas crenças, pelos trabalhos e pelo pensamento de gloria, que mais ou menos se erguia em todas aquellas almas de bronze. Em seguida, no meio do resoar



das charamelas e tambores, das acclamações da marinhagem e dos gritos festivos dos indigenas, levantou-se perto da praia uma grande cruz, feita com madeira daquellas selvas, padrão glorioso da nobre empresa, que nenhum acto de crueldade deshonorára.

Não quiz Pedro Alvares Cabral demorar noticia tão extraordinaria, e expediu Gaspar de Lemos para a transmittir a el-rei, partindo elle proprio daquellas praias no dia 3 de maio, e deixando em terra dois degradados, vivo testemunho de posse incontestada. A fortuna, porém, que até então lhe fôra propicia, depressa o desamparou. Assaltada a frota por uma tempestade horrorosa proximo ao cabo da Boa Esperança, abysmaram-se no oceano, com a gente que levavam, quatro dos onze navios que se dirigiam á India.

Passados mezes, Gaspar de Lemos transpõe de novo a foz do Tejo, e vem annunciar a Lisboa, ao reino, ao mundo o novo descobrimento. A febre do enthusiasmo exaltou então todos os animos, dando-lhes a energia e confiança que até essa conjunctura faltára a muitos. O pendão das quinas que tremulava na Europa e na Africa, nas ilhas do Atlantico e nos mares da India, ia alongar-se pelo Occidente, e Portugal podia dizer, com legitimo orgulho, que tomára o primeiro logar entre as nações.

Hoje o Brazil é vastissimo imperio, vivido, esperançoso e livre. Emancipado da metropole não só pelos successos politicos que se realizaram no primeiro quartel do seculo em que vivemos, mas ainda pela logica natural do progresso das sociedades, está destinado pela sua posição geographica, pela excellencia do clima, pelas riquezas que possui e pelo patriotismo dos seus habitantes a desempenhar um grande papel na historia do Novo Mundo. Possa o povo infante, filho e em tudo descendente duma nação pequena, mas nobilissima, viver e prosperar por muitos seculos, dando exemplos de sabedoria e de humanidade ás velhas monarchias da Europa, que se julgam mais civilizadas, e que só têm mais poder ou fortuna.

I. F. SILVEIRA DA MOTTA.

Descripção geographica do Brazil

Lançando os olhos pela amplissima extensão do Brazil, o observador vê ao norte, abrindo um immenso golfão, um rio quasi sem margens, o maior do mundo, abrangendo em suas aguas uma região, que por si só formaria um continente.

E' a bacia do *Amazonas*, cujos galhós sulcam a America do Sul em todas as direcções.

Destes, tomando-se o mais meridional, o *Guaporé*, chegamos a um ponto elevado, além do qual não recebe o Amazonas um fio d'agua.

A pouco mais de seis kilometros de distancia vemos uma corrente, que segue em direcção opposta. Acompanhamos o curso de suas aguas, vamos cair no Prata.

Estamos a mais de seis mil e seiscentos kilometros da foz do Amazonas.

Separando essas duas bacias, ali está, ora erguendo-se em phantasticos relevos, ora deprimindo-se no solo, a região elevada, que o barão de Eschwege denominou *Serra das Vertentes*.

E' a cordilheira immensa, que, ramificando-se da costa mais occidental da America Meridional, tocando quasi as aguas do Pacifico, penetra pelo interior do Brazil, como uma ossada gigante, e permittiria ao geographo, com a carta na mão, percorrer desde os Andes até ao cabo de S. Roque, sem atravessar uma corrente d'agua!

E' o *divortium aquarum* do norte e sul.

Ao lado oriental dessas duas regiões, como ligando-as entre si, cavou o seu leito o caudaloso rio S. Francisco, cujos mananciaes beijam ao sul a bacia do Prata, tocam e seguem a do Amazonas, e vão perder-se ao norte no oceano, buscando a região de léste.

A um e outro lado da grande arteria estende-se um longo trato de terra, cujas correntes tomam direcção opposta, e cujos caprichosos contornos ajustam-se perfeitamente nas extremidades das tres grandes bacias.

São essas as chamadas bacias secundarias, nas quaes se comprehendem entre outros o Gurupy, Itapicurú, Parnahyba, Jaguaribe, Piranhas, Parahyba do Norte, Paraguassú, Jequitinhonha e Rio Doce.

Avizinhando as regiões do equador, entre tres e sete grãos de latitude sul, desdobra-se uma superficie rasa, só a longos espaços interrompida por montes ou pequenas serras, que ahi apparecem como ilhas em meio de um vasto areal.

Não ha nessa extensão uma só chapada, que represente o nivel superior de regiões elevadas. As grandes correntes d'agua ahi escassçam. Sente-se que a irregularidade das estações e a falta de chuvas deve de ser aqui um facto periodico.

Eis ahi temos os phenomenos interessantes, que cara-

cterisam a geographia physica da grande região comprehendida entre a *Serra da Ibiapaba*, ao norte, e o cabo de *S. Agostinho*, ao sul: o Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba e Pernambuco.

Mais ao sul, como em procura da zona temperada, vemos no meio dessa immensa superficie elevar-se uma gigantesca massa de granito, que, cosendo-se com a costa, vae seguindo sempre as aguas do oceano, até perder-se no Prata, nas margens orientaes do Uruguay.

E' a *Serra do Mar*, de cujo dorso occidental manam as correntes que vão precipitar-se no golfo do Prata, deixando o oceano a dous passos de sua origem, e indo restituir-lhe as aguas a mais de seis mil e seiscentos kilometros de distancia! Taes, entre outros, o Rio Grande e o Tieté.

A direcção dessas immensas arterias aponta a maneira, pela qual o homem, lançado nesta região, aproveitou os elementos, que ella offerece para o desenvolvimento de sua actividade.

As primeiras immigrações, como as primeiras entradas pelo interior das terras, tomaram o curso desses rios, seguiram-lhes as aguas; e assim se lançaram, através dos tempos, os differentes nucleos de população, que constituem hoje o vasto Imperio do Brazil.

Os seculos vindouros podem, neste mesmo solo, assistir ao desenvolvimento e expansão de milhares de gerações, offerecendo ao mundo o espectáculo de uma civilização adeantada e de uma actividade que jamais consiga exgottar os recursos da terra, que lhes coube em partilha!

HOMEM DE MELLO.

Colonização do Brazil

O reinado de D. João III marcou nova era ao Brazil. Mais sagaz do que seu pae, comprehendeu a importancia da possessão americana: viu a cobiça das nações estrangeiras tentando estabelecer-se nas suas fertes plagas, e tratou de assegurar o seu dominio á coroa portugueza. Dividiu-a em capitancias hereditarias e como recompensa de serviços feitos na India, procurou cercal-as de um não sei que de prestigio.

Então formaram-se uteis estabelecimentos, a que correspondeu e animou a fertilidade da terra; fundaram-se al-

deias, que passaram a ser cidades e depois capitães de ricas provincias, e chamaram-se as tribus bravias e errantes á civilização. A imprudencia de alguns donatarios despertou em muitas nações o amor da independencia, e o grito da liberdade foi o brado da guerra; muitas dentre ellas desapareceram á espada do europeu, trocando de bom grado a escravidão pela morte; outras menos bellicosas submetteram-se, fundindo-se na raça dos conquistadores e perdendo com o seu typo physionomico a sua propria nacionalidade.

Inteirado o governo portuguez da felicidade da colonia e dos redditos ¹⁾ que auferiam os seus donatarios, procurou fazel-os reverter em beneficio da coroa e restringir o poder discrecionario ²⁾ que delegára aos seus capitães-móres; e uma brilhante expedição confiada a Thomé de Souza, nomeado governador geral do Brazil, tocou as praias bahianas, trazendo o germen de uma nova povoação, capital da colonia. A necessidade da conversão dos indigenas não ficou ainda adiada, e missionarios jesuitas, cheios de zelo e piedade, compenetrados de sua missão, ardentes de fé, vieram trazer ás brenhas do Novo Mundo a luz do Evangelho.

A pompa do desembarque chamou a attenção, despertou a curiosidade dos indianos, que viviam nas immediações, nas ruinas da cidade de Coutinho, fundada sobre os crancos ensanguentados de seus irmãos. A expedição desembarcou com magnificencia, precedida do glorioso symbolo da religião e do triumphante estandarte das quinas, saudada pelas salvas da artilharia; e os arcos e as settas dos indigenas cahiram a seus pés, em signal de paz e amizade. Ao som do órgão sagrado, que elles ouviam pela primeira vez, aos canticos mysticos, cujas vozes subiam envoltas em nuvens de incenso, e que escutavam como que encantados, assistiram á missa do Espirito-Santo na capella de seccas palmas que ajudaram a levantar. Thomé de Souza, aproveitando tão felizes manifestações, tentou, abraçando o conselho do velho Caramurú, que ainda vivia entre elles ao lado da sua Paraguassú, abrir os alicerces da nova cidade de S. Salvador; e, emquanto assim procedia, começaram tambem os jesuitas a edificação do seu collegio e magnifica igreja, e com ella a prégação evangelica.

J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA.

¹⁾ *Redditos* — syn. lucros.

²⁾ *Discrecionario* — syn. illimitado.

Os jesuitas no Brazil

Os jesuitas tinham por Vice-provincial a Manuel da Nobrega, um dos padres mais instruidos da Companhia, descendente de familia illustre, e que, desgostoso das honras e pompas da sociedade, passára aos desertos da America e buscára a solidão das feras e dos rudes selvagens. Pouco depois figuraram outros, e todos elles dignos discipulos de Santo Ignacio.

Como apóstolos do Novo Mundo, abandonaram elles a commodidade de seus conventos e vieram experimentar as privações amargas, sem exceptuar o proprio martyrio! . . . Que lucta renhida, prolongada e sempre gloriosa com os primeiros colonos, para manterem illesa a liberdade dos filhos das florestas! Que de obstaculos para chamarem nações inteiras ao gremio do Christianismo! E que trabalhos para implantarem a civilização no Novo Mundo, fundando pobres aldeias, que são hoje florescentes cidades.

Antes dos jesuitas, intentaram os religiosos franciscanos a conversão dos indigenas; mas seu trabalho foi empregado com mais constancia do que feliz successo. Os jesuitas não tiveram sómente que luctar com os indigenas, mas ainda com os proprios christãos, que vivendo em contacto com os indigenas, não só não lhes transmittiram seus costumes, usos e crenças, como até adoptaram os desvarios de sua existencia errante; não só não estigmatizaram a anthropophagia, como que animavam as suas guerras, accendendo odios e soprando discordias entre as tribus, com o fito de lhes comprarem os prisioneiros. Em vão o papa Paulo III declarou por uma bulla que, havendo os indios nascido para a fé como verdadeiros homens, e não estando privados, nem devendo selo, de sua liberdade, nem do dominio de seus bens, não deviam ser reduzidos á escravidão. Que importava, porém, que o sino bradasse do alto da torre, e magestosos sons rolando no espaço com seu convocar de paz chamassem ao gremio do Christianismo as almas nodoadas do peccado? Que importava que a voz do Evangelho soasse eloquentemente com o accento da verdade e da inspiração, si a irreligiosidade se levantava como um gigante, alardeando suas forças?!

Sublime, comtudo, foi a missão dos jesuitas pela mesma difficuldade de seu triumpho; mais preclara a sua victoria, nascida de seus renhidos e reiterados combates. A Cruz

sellada com o sangue do Divino Martyr era o seu labaro; a voz eloquente do Evangelho eram as suas armas, e a roupeta, sobreposta muitas vezes aos cilicios que lhes maceravam as carnes, era o seu uniforme. Comprehendiam e faziam-se comprehender dos indigenas, por isso que estudavam a linguagem do Brazil, que chamavam grego, admirando-a por sua delicadeza, copia e docilidade, por suave e elegante, e ensinaram-os a ler. Desde então as florestas retumbaram com a predica do Evangelho, narrando estrondosos



PADRE JOSÉ DE ANCHIETA.

e maravilhosos successos da religião, e os Brazil, acostumados a ouvirem em sua lingua só cantos da guerra e da vingança ou as endeixas do amor, enthusiasmaram-se com as hosannas e hymnos, que nella entoavam tão eloquentemente os novos apóstolos ao Deus da Eternidade, e seus joelhos se dobraram reverentes, e o Senhor ouviu as suas orações.

Fundaram numerosos collegios, cujos edificios ainda hoje attestam os seus esforços e constancia, attentas as difficuldades da epocha; chamaram para elles os moços que mostravam aptidão para o estudo, e principalmente os que mais queda tinham para a lingua geral; por toda a parte levantavam egrejas; e, como verdadeiros obreiros da vinha do Senhor, as fabricavam por suas proprias mãos; por toda a parte offereceram exemplos das maiores abnegações das grandezas do mundo e não buscando mais do que preencher

a sua missão de paz e regeneração; derramaram a agua do baptismo por cima de milhares de cabeças, e, superando as mais arduas difficuldades com a perseverança dos martyres, deram-se por bem pagos com a conversão dos indios á fé, com inicial-os no conhecimento de Deus, com conduzil-os á pratica das virtudes. Bem alto fallaram por elles os exemplos do desprezo dos bens terrestres, os actos de caridade praticados á cabeceira dos moribundos, consolando-os com palavras cheias de unção, promettendo-lhes nova existencia, annunciando-lhes dias de eterna salvação.

Com elles foi a luz do Evangelho mais poderosa que a do astro magestoso que se ostenta nos tropicos fulgores: rasgou o véo das invias florestas, escurecidas pelas sombras dos seculos, ensopados do sangue ainda quente e fumante dos festins da anthropophagia; penetrou nas cavernosas brenhas cheias de supersticiosas recordações, em que ainda echoavam os sons surdos, roufenhos, confusos dos *maracás* de seus adivinhos; desceu ao som da musica suave, celeste, divina da harpa e do anafil, do pandeiro e da flauta pelas torrentes caudalosas de seus rios e attrahiu ás suas margens as hordas devastadoras, realizando no Novo Mundo o que a fabula phantasiára no velho hemispherio, mais bella em sua harmonia do que a voz dos *menbis* ¹⁾ de seus bardos, mais poderosa que os sons do *boré* de seus guerreiros e mais mysteriosa que o sussurro do *maracá* de seus *pagés*.

Reinavam em suas aldeias dias de paz, as festas da alegria, a satisfação do bem-estar e bonança da idade de ouro.

Levavam pelos desertos os indios convertidos, para que attrahissem os que viviam na rudeza da ignorancia. Por meio de presentes e mimos de pouco valor, mas que para os indios eram de apreço, os acariciavam, principiando por ganhar a amizade de seus chefes. Formavam depois aldeias, que deixavam sob a guarda e vigilancia de missionarios, que os preparassem para a vida civil e religiosa, impedindo-lhes a communicacão com os colonos, para que evitassem os excessos e vicios de que estava affectada a sociedade.

Si a guerra se ateava entre os colonos e os indios, eram os paíres os primeiros medanceiros que se apresentavam, e poupavam a effusão do sangue, já adoçando a ferocidade dos conquistadores, com as maximas de paz de Jesus Christo,

¹⁾ *Membis* — gaita que faziam do femur do inimigo.

já applicando a vingança dos indios prejudicados em sua liberdade e independencia. Dahi esse predominio que adquiriram sobre todas as tribus, para lhes imporem essa tremenda policia que os contemporaneos condemnaram, mas que a experiencia confirmou como a mais apta para sua civilização.

A reacção foi terrivel; a somma dos interesses prejudicados pela missão dos novos apóstolos levantou-se contra elles, e a lucta renhida, dura, atrevida, começou entre os jesuitas e os colonos, entre a liberdade dos indios propagada por elles e o seu captivoiro advogado e exercido por estes. Em vão os breves apóstolicos fizeram conhecer ás consciencias as mal fundadas bases em que se estribavam; em vão as cartas regias, os alvarás com força de lei das côrtes de Lisboa e Madrid procuravam proteger a liberdade dos miseraveis indios. (Idem.)

Manuel Ignacio da Silva Alvarenga

No anno de 1758, veiu ao mundo Manuel Ignacio da Silva Alvarenga.

Foi logar do seu nascimento a actual cidade de S. João d'El-rei, em Minas Geraes; era então villa, fundada em 1717 pelo governador conde de Assenas, nas proximidades e margens do Rio das Mortes; fóra terreno famoso pelos combates sanguinarios que houve alli entre Paulistas e Taubatenos, que ambicionaram todos possuil-o, pela abundancia de suas ricas faisqueiras de ouro; resultando-lhe das mortes, que presenciára, o triste appellido por que se conhece actualmente ainda aquella comarca.

Governava Gomes Freire de Andrade não sómente as capitancias do Rio de Janeiro e Minas Geraes, sinão tambem as capitancias do sul do Brazil, havendo regressado do Uruguay neste mesmo anno de 1758, e continuando no exercicio da auctoridade de governador e capitão-general.

Descendia Manuel Ignacio da Silva Alvarenga de paes pobres e de classe inferior: mostrando na sua puericia muita viveza e engenho, obteve o auxilio de uma subscripção de amigos e veiu para o Rio de Janeiro, onde cursou as aulas de instrucção secundaria, e obtendo ahí uma somma maior de protectores, conseguiu passar-se para Portugal, seguir

para Coimbra, matricular-se na Universidade e formar-se bacharel em leis.

Mostrou desde a mais tenra idade exquisito talento para a poesia; causavam em Coimbra os seus escriptos admiração entusiastica; não podiam os seus companheiros e os proprios lentes deixar de tecer elogios ao genio fogoso e brilhante, que com tamanha facilidade apresentava fructos tão saborosos e delicados no verdor dos annos.

Terminados os seus estudos, dirigiu-se para Lisboa, e por alguns annos alli praticou a advogacia; chamava-o entretanto a saudade da patria; e em despeito de muitos commodos e resultados felizes que obtinha na metropole, preferiu abandonal-a, volvendo para os lares, que sabia apreciar e adorava sinceramente.

Escolheu a cidade do Rio de Janeiro para a sua residencia; continuou advogado como fôra em Lisboa, sem que nunca olvidasse as doçuras da musa que lhe fallava ao coração, sorria-lhe ao ouvido e fascinava-lhe a intelligencia.

Em 1779 começou a exercer o seu cargo de vice-rei do Brazil Dom Luiz de Vasconcellos e Souza, da casa illustre de Castello-Melhor, succedendo ao marquez de Lavradio, que governava a colonia desde 1769. Com Luiz de Vasconcellos, que era homem de gosto litterario e de intelligencia esclarecida, abriu Manuel Ignacio da Silva Alvarenga relações estreitas de amizade. Nomeou-o professor regio de rhetorica o vice-rei, e deu-lhe sempre as maiores demonstrações de estima particular e de apreço aos seus elevados talentos e composições poeticas.

Havia no Rio de Janeiro bastantes litteratos e sabios. Infructiferamente e por vezes se tentára crear no Estado do Brazil academias litterarias. Fôra fundada na Bahia em 1724 a Brazilica dos Esquecidos, cujas sessões tinham logar no proprio palacio do governador Vasco Coutinho Cesar de Menezes, conde de Sabugoso, seu protector principal; organizou no Rio de Janeiro em 1736 Matheus Saraiva, medico da Camara e physico-mór, a Academia dos Felizes, composta de trinta socios, sob os auspicios e protecção tambem do governador. Instituiu-se em 1751 uma terceira academia no Rio de Janeiro, que foi protegida pelo conde de Bobadella; intitulara-se dos Selectos; foi a que, para crear o periodico *Jubilos da America*, introduziu uma typographia, que foi logo dissolvida por ordem da côrte. Seguiu-se-lhe a quarta fun-

dada na Bahia em 1759, com o titulo de Sociedade Brazilica dos Academicos Bemnascidos; definiu e morreu como as primeiras, deixando apenas para memoria os seus estatutos e o seu programma de questões historicas. Creou o marquez de Lavradio, a instancias do Doutor José Henriques Ferreira, em 1772, uma academia que se dedicava exclusivamente ás sciencias; chegára a instituir um horto botanico e por fim tambem acabára. Concordaram José Basilio da Gama e Manuel Ignacio da Silva Alvarenga aproveitar o auxilio do vice-rei e a protecção do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, organizando uma nova sociedade modelada pela Arcadia de Roma, e que reunisse no seu seio a todos os sujeitos instruidos do Brazil.

Da nova academia estabelecida no Rio de Janeiro e denominada Arcadia Ultramarina foram principaes membros, além de José Basilio da Gama e de Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barboza, João Pereira da Silva, Balthazar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Maior Rendon, Manuel de Arruda Camara, José Ferreira Cardozo, José Mariano da Conceição Velloso e Domingos Caldas Barboza.

Feliz foi de certo essa epocha de entusiasmo e de esperanças: eram excellentes homens de letras o vice-rei e o bispo, e praticavam com os sabios e os litteratos; ajudavam-n'os tambem os litteratos e os sabios com as suas luzes e a sua popularidade; é por esta razão o governo de Luiz de Vasconcellos e Souza o mais popular de todos os governos dos tempos coloniaes do Brazil: começaram-se grandes fundações; delinearom-se obras de importancia; idéas uteis e generosas se espalhavam, que, comquanto por algum tempo suffocadas ainda, deixaram sempre alguns germens que fructificaram no futuro.

Mas teve de entregar Luiz de Vasconcellos e Souza em 1790 as redeas do governo do Estado ao seu successor, o conde de Rezende. Era o conde no character o avesso de Luiz de Vasconcellos; temia a força e a influencia dos homens intelligentes; causaram-lhe desconfianças e receios as academias e ajuntamentos litterarios; e, em vez de formar o poderio de seu governo sobre a força e a influencia de que poderiam ellas dispor, como o praticára tão facilmente o seu antecessor, julgou melhor ataca-las de frente e destruil-as completamente.

Foi dissolvida a academia por ordem do vice-rei, e recolhidos á cadeia os seus principaes membros, e entre elles Manuel Ignacio da Silva Alvarenga, que se conservaram presos pelo espaço de quasi um anno, sem processo algum ou fórma de juizo; quando voltaram á liberdade, era geral o terror, e nenhuma voz ousaria censurar o acto da auctoridade, a menos que desejasse castigo immediato.

Entregou-se desde então Manuel Ignacio da Silva Alvarenga ao estudo e á solidão; viveu ainda sob o governo de outros vice-reis que substituíram ao suspeito conde de Rezende, sem cuidar de outra cousa afóra da poesia; publicou em 1801 a sua *Glaura*; assistiu ainda á chegada da familia real, que, foragida de Portugal, procurava abrigo nas plagas americanas, afim de escapar ás armas de Napoleão; no dia 1.º de Novembro de 1812 lhe cortou, porém, a Parca ¹⁾ cruel os fios da vida, e o arrastou á sepultura.

J. M. PEREIRA DA SILVA.

Primeiros triumphos oratorios do Padre Vieira

Aos dezoito annos já Vieira ensinava rhetorica no collegio de Olinda; e quer na sua cadeira de professor, quer nos bancos de philosophia e theologia, era sempre o mesmo portentoso mancebo que, antecipando o tempo e o trabalho, mostrava-se com mais aptidão para mestre que para discipulo. Compunha dissertações e tratados sobre os assumptos mais elevados, commentava os livros mais obscuros e difficeis, das sagradas escripturas, e arguia com tanta subtileza, ardor e vivacidade, que era o pasmo de quantos o viam e ouviam. Assim madrugavam nelle aquelles grandes dotes de argumentador e interprete de prophecias, que lhe acarretaram depois tamanha celebridade entre os contemporaneos, mas que sem duvida corromperam o seu talento e concorreram para depreciar aos olhos da posteridade o merito das suas obras, tão cheias e pesadas de cousas inuteis, frivolas e absurdas.

¹⁾ *Parcas* eram tres deusas: Clotho, Lachesis e Atropos, que, segundo a mythologia, fiavam, dobavam (*enovelavam*) e cortavam os fios da vida humana.

Em 1635, foi Vieira ordenado presbytero e disse a sua primeira missa. Apontamos essa circumstancia pela sua data, para deduzir della uma observação, e vem a ser que, segundo parece, naquella epocha não era cousa facil a promoção ao sacerdocio, cujas tremendas obrigações se confiaram a um homem tal como Vieira, só depois de vinte e oito annos de idade e de tantos e tão elevados estudos.

Escreve André de Barros que por estes tempos gastára Vieira cinco annos na conversão dos gentios do Brazil: e o mesmo Vieira em uma carta escripta em 1695 ao P. Manuel Luiz (é a 144^a do T. 2º) diz tambem que estivera cinco annos em todas as aldeias da Bahia, sem todavia particularizar mais circumstancia alguma, por onde se possa avaliar a epocha e importancia dos serviços com que desde então buscava satisfazer a sua vocação.

O que não padece duvida é que tanto antes como depois de receber as ordens, já elle prégava nas egrejas da Bahia e seus arredores, desdobrando desde então as grandes qualidades oratorias com que depois encheu de admiração Lisboa e Roma. Que dizemos nós? No seu famoso — *Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda* — prégado em 1640, elevou-se o P. Antonio Vieira a um tão alto grau d'eloquencia, a que raras vezes attingiu depois.

Então contava elle apenas trinta e dous annos e em todo o viço da mocidade; o seu talento virgem e vigoroso rompeu em vivos lampejos, sobrepujando a falsa sciencia, que em idade mais crescida por ventura lhe offuscava o brilho e lhe impedia a liberdade dos movimentos.

O patriotismo portuguez, paixão dominante que sempre occupou o seu coração, o enchia e abrazava então mais que nunca, não desfallecido ainda nem pelos gelos da velhice, nem pelas ingratições e desenganos que mais tarde tantas vezes encontrou nas côrtes.

As circumstancias, de resto, eram proprias a excitar todos os seus sentimentos de portuguez, de catholico e de membro de uma ordem religiosa. Os hollandezes haviam conquistado uma parte consideravel do Brazil; o principe Mauricio de Nassau, com um formidavel armamento de terra e mar, tinha vindo tentar em 1638 a tomada da Bahia; e posto que a empresa se mallograsse, não se fez todavia sentir menos pesada nas devastações que se lhe seguiram.

A guerra continuou depois, e o anno de 1640 foi logo nos seus começos assignalado por batalhas encarniçadas e interessantes entre a esquadra hollandeza e a luso-hispana sob o commando do conde da Torre.

Essas batalhas, cujo resultado foi sempre favoravel aos hollandezes, pelejaram-se tanto á vista das costas do Brazil, que, póde-se dizer, a população as contemplava das praias.

Sob a impressão dos sentimentos de terror e de esperança que estes grandes acontecimentos excitavam em todos os animos, ordenaram-se preces publicas na Bahia, e os melhores oradores subiam successivamente ao pulpito. No ultimo dia coube ao P. Antonio Vieira a sua vez de prégar. A vida dos oradores está principalmente nos seus discursos; e um grande triumpho oratorio é para elles, como para um general, o ganho de uma batalha. JOÃO FRANCISCO LISBOA.

Sublevação do povo no Maranhão e no Pará.

Prisão e desacatos que soffreram o Padre Vieira e os demais jesuitas

Divulgados emfim no Pará os successos do Maranhão (nem o segredo se podia guardar por muito tempo) começou o povo a alvoroçar-se. Em vão procuraram o senado e os nobres acalmar o seu furor; as suas mesmas diligencias redundaram em prejuizo da paz, si não é que de proposito foram encaminhadas a esse fim, como suspeitaram os escriptores jesuitas. O certo é que, resolvendo o senado convocar os moradores para a eleição de tres nobres dos mais qualificados, que, com o mesmo senado, proovessem á segurança publica, e começando a eleição a 13 de Julho, aconteceu, como dous mezes antes se tinha visto em S. Luiz, que do mesmo concurso da multidão derivou o perigo que se pretendia remover. No dia 17, recolhida a corporação do senado depois da procissão do Anjo Custodio, rompeu o povo em altos brados, pedindo a nomeação de um juiz, que para logo obtve.

Enfatuados com este primeiro triumpho, guiaram os sediciosos tumultuariamente para o collegio da Companhia, invadiram-n'o de mão armada e allí prenderam todos os

padres que acharam, inclusive Antonio Vieira, e conduziram-n'os a diversas prisões, no meio de vaias, ameaças e espadas nuas, sendo Vieira recluso na ermida de S. João, separado de todos os mais companheiros. Sem dar inteiro credito a André de Barros, o qual affirma que os mesmos padres enfermos e moribundos foram arrastados, e que a Antonio Vieira até se negava o indispensavel alimento, é de presumir comtudo que a multidão victoriosa se demiasse em toda casta de excessos. Antonio Vieira, em particular, foi objecto das maiores affrontas; guardado á vista e incomunicavel em uma prisão solitaria, a plebe vil e desprezível allí vinha insultal-o sem piedade. Este o chama hereje, aquelle judeu, tanto que fóra baptizado em pé; est'outro emfim feiticeiro, que trazia comsigo um genio familiar, com que lograva¹⁾ enganar a todos. Quando entre as vaias da gentalha e soldadesca era conduzido do Collegio para a prisão, um dos principaes da terra chegou-se a elle e perguntou-lhe em tom de mofo: *Onde está agora, P. Antonio Vieira, sua sabedoria e artes, si não sabe livrar-se deste conflicto?* Fosse sobrançeria ou abatimento, o padre nada lhe respondeu; mas a injuria devia pungi-lo no intimo d'alma, a elle sempre tão desvanecido da sua immensa superioridade, agora miseravel presa e baldão de alguns obscuros sediciosos, eterno objecto de seu odio, para não dizer do seu desprezo.

Esta injuria, porém, não devia ser a ultima, pois, nos mesmos tempos em que tragava no Pará todas estas affrontas, o governador D. Pedro de Mello, seu grande amigo, que elle por tantas vezes e ainda bem recentemente recomendará para a côrte com grande encarecimento de seus serviços, infiel na presente desgraça, reclamava por um auto publico algumas assignaturas em branco que lhe confiára, para mais prompta expedição dos negocios, a que de tão longe não podia prover. Suspeitando-o agora capaz de fazer dellas um uso contrario á lealdade devida a el-rei, protestou contra isso de um modo altamente indecoroso na deploravel situação em que se achava o padre, havendo outrosim por nullo e vão tudo quanto pelo dito padre houvesse sido obrado, mediante as assignaturas. (IDEM.)

¹⁾ *Lograr* — syn. conseguir.

Barão do Triumpho

José Joaquim de Andrade Neves, um dos heroes da guerra do Paraguay, nasceu em 1807 no Rio Pardo, na provincia do Rio Grande do Sul. Em 1826 sentou praça de voluntario, mas nesse mesmo anno se desligou, dando substituto, para auxiliar seu pae na sustentação de sua familia. Quando em 1835 rebentou a revolução republicana no Rio Grande, Andrade Neves com os guardas nacionaes militou a favor da causa imperial, distinguindo-se muitissimo em todos os combates em que entrou, e recebendo o posto de tenente-coronel honorario. Em 1851 serviu na campanha contra o celebre Rosas, e em 1864, quando rebentou a campanha do Paraguay, alli figurou, como general, Andrade Neves á frente da sua famigerada cavallaria rio-grandense, que já dera a gloria a um outro heroe brasileiro, o barão do Serro Largo.

Foi em 1867 que a cavallaria pôde começar a desempenhar um papel importante na campanha do Paraguay, e desde então as victorias successivas de Andrade Neves tornam-n'o o terror dos paraguayos, que chamam aos seus esquadrons *caballeria hora de cuenta*. Na batalha de Arroyo-Hondo, na tomada da villa do Pilar, no ataque de S. Solano, Andrade Neves dá provas duma bravura verdadeiramente temeraria. O glorioso titulo de barão do Triumpho recompensa dignamente as façanhas deste heroe, que concorre para a feliz terminação da guerra, contribuindo efficaizmente para a tomada de Humaytá e de Villeta, transformando com a sua cavallaria em destroço completo para os paraguayos a derrota de Avahy, e desempenhando um papel brilhante na tomada de Lomas Valentinas. Não teve, porém, o jubilo de assistir ao triumpho que lhe dera o titulo, porque morreu na Assumpção no dia 6 de janeiro de 1869.

PINHEIRO CHAGAS.

Morte do Barão do Triumpho

Tres generaes brasileiros, gravemente feridos, recebia a capital inimiga em seu seio: Osorio, Argollo e o barão do Triumpho.

Este ultimo foi alojado no pavimento terreo do palacio velho de Lopez.

Defronte, na espaçosa e sombria casa terrea que servira de habitação ao dictador Francia, foi residir o general Osorio, o qual todos os dias, com uma anciedade angustiosa, inquiria e se informava dos progressos da enfermidade de seu velho amigo e companheiro de armas.

Occultavam-lhe a dolorosa realidade.

No dia 6 de janeiro de 1869, pelas onze horas da noite, o barão do Triumpho, José Joaquim de Andrade Neves, entregou sua alma ao Creador.

Na tarde de 7, foi o seu corpo dado á sepultura no cemiterio dessa capital, onde jaz ainda, até que a patria cumpra o dever de recolher em seu seio esses restos venerandos de um martyr desta cruzada.

Uma nação inteira está de luto neste momento. Dir-se-ia que seu futuro se povoava de trévas deante desta existencia, que se finava no meio da consternação de todos.

Do seio deste exercito parecia desprender-se o centro de sua força.

Tanta era a sensação causada pelo funebre acontecimento.

Nesta longa e sanguinolenta lucta, cujo fundo vestigio na memoria desta geração jámais se apagará, o nome do barão do Triumpho apparece como um symbolo de força, mas força dada por Deus, como o gladio da justiça á causa da verdade e da humanidade.

Havia em sua physionomia uma expressão de desassombro e impavidez tranquilla, que parecia denunciar sua confiança intima na força irresistivel de que Deus o dotára.

O inimigo para elle não era um perigo. Apparecia-lhe como um instrumento fragil, que elle tinha a certeza de quebrar em seu caminho, seguindo avante sua carreira, invencivel como o destino.

HOMEM DE MELLO.

Duque de Caxias

O mais habil general brasileiro do seculo XIX, Luiz Alves de Lima, nasceu em 1803, pertencendo a uma familia oriunda do Algarve, em Portugal. Adherindo com entusiasmo á causa da independencia brasileira, mas desejando vivamente a manutenção da ordem do novo imperio, poz a sua espada á disposição de D. Pedro I para suffocar a re-

volta, que o obrigou a abdicar. Servindo depois lealmente os governos que o Brazil sancionou com a sua adhesão e o seu voto, suffocou a revolta do Maranhão, a de S. Paulo e Minas, e finalmente a do Rio Grande do Sul, que poz, mais do que nenhuma outra, em serio perigo a integridade do imperio brasileiro. Sempre victorioso, foi elle quem dirigiu a campanha contra Rosas, e quem infligiu a derrota suprema a esse terrivel dictador. Ministro por varias vezes, foi o organizador do exercito brasileiro que emprehendeu a campanha do Paraguay. Depois, pondo-se á frente desse



mesmo exercito, franqueou os terriveis passos de Curupaity e de Humaytá, ganhou umas poucas de batalhas, e, entrando triumphante na capital do Paraguay, fez tremular nas rendidas muralhas de Assumpção a bandeira auri-verde. Ao conde d'Eu coube a gloria de debellar os ultimos esforços do dictador da republica; ao duque de Caxias coube a gloria indisputavel de ter vibrado a esse terrivel e energico inimigo do Brazil o golpe mais fundo, e que tornou, apesar da indomavel perseverança de Lopez, quasi desesperada a sua causa.

O governo e o povo do Brazil reconheceram sempre os altos serviços desse glorioso guerreiro; o governo dando-lhe com o bastão de marechal o titulo mais elevado da nobiliarchia brasileira, o povo fazendo em 1880 da morte do velho duque um verdadeiro luto nacional. E' que todos reconheciam, que a espada do duque de Caxias, como a espada de Grant ou de Sherman, dera a um tempo á sua patria uma potente unidade, e á civilização da America um glorioso triumpho.

PINHEIRO CHAGAS.

Qualidades moraes do duque de Caxias

O duque de Caxias pacificou quatro provincias no Imperio, e por duas vezes defendeu no exterior a honra da patria.

Na guerra interna e externa procedeu sempre com prudencia, modestia e humanidade, sendo a sua politica bellicosa estar preparado para submeter o inimigo pela força das armas, mas vence-lo pelos beneficios.

Para elle foi objecto constante dos seus cuidados minorar os males da guerra, poupando o sangue humano.

Nessa mesma guerra fratricida do Rio Grande do Sul é caracteristico o facto de Bagé, onde depois da batalha de Porongos, pretendiam celebrar *Te-Deum* em acção de graças.

O general victorioso, vendo neste acto mais homenagem pessoal do que votos ao Céu, e querendo antes dar-lhe expressão de dôr christan do que character festivo, respondeu ao sacerdote convidante: „Não levanto trophéo sobre o sangue brasileiro. Vá, reverendo, vá; entôe missa por alma dos finados, e eu lá estarei para rezar por elles.“

O duque de Caxias, como guerreiro, distinguu-se pela humanidade, pela previdencia e pela modestia, impreterivel signal das almas nobres.

Estas virtudes o elevaram á categoria de grande general, e pela sua pratica poude elle com razão, na sua ultima batalha em Lomas Valentinas, dizer aos seus soldados: — Eia, marchemos ao combate; a victoria é certa, porque o general e amigo que vos guia, ainda até hoje não foi vencido.

A posteridade dará a este egregio cidadão o lugar que a patria reserva para os seus benemeritos.

ALENCAR ARARIPE.

Religião — Moral

Apparecimento de Jesus Christo

Ao tempo da aparição do Redemptor sobre a terra, as nações estavam na expectativa dalgum famoso personagem. Suetonio ¹⁾ diz: „Derramára-se no Oriente a velha e permanente opinião de que um homem surgiria na Judéa e obteria o imperio universal.“ Tacito ²⁾, quasi com palavras identicas, conta o mesmo factó. Conforme este historiador, „a maior parte dos judeus estavam persuadidos, segundo um oraculo conservado nos antigos livros dos seus prophetas, que nesse tempo (o de Vespasiano) ³⁾ o Oriente prevaleceria, e alguém, oriundo da Judéa, reinaria sobre o mundo.“

Josepho ⁴⁾, fallando da ruina de Jerusalem, narra que os judeus foram principalmente instigados á revolta contra os romanos por uma obscura prophécia, que lhes annunciava que nesta epocha *um homem surgiria entre elles, e subjugaria o universo.*

O Novo Testamento tambem offerece traços desta esperança derramada em Israel; a multidão que vae ao deserto, pergunta a S. João Baptista si elle é o *Grande Messias*, o *Christo de Deus*, desde muito esperado: os discipulos de Emaús ficam transidos de tristeza quando reconhecem que João *não é o homem que deve resgatar Israel.*

As setenta semanas de Daniel ⁵⁾ ou os quatrocentos e noventa annos, desde a reconstrucção do templo, estavam cumpridos. Origenes ⁶⁾, finalmente, depois que relata estas

¹⁾ Suetonio — ²⁾ Tacito — historiadores latinos.

³⁾ Vespasiano — imperador romano (69—79 depois de J. Christo).

⁴⁾ Josepho — historiador judeu.

⁵⁾ Daniel — propheta do Antigo Testamento.

⁶⁾ Origenes — escriptor grego ecclesiastico.

tradições judaicas, ajunta: „Que um grande numero delles confessaram a Jesus Christo como o libertador prometido pelos prophetas.“

Entretanto, o Céu prepara os caminhos do Filho do Homem. As nações, longo tempo divergentes em costumes, governo e linguagem, entretinham inimizades hereditarias: de repente cessa o ruido das armas, e os povos, reconciliados ou vencidos, vem confundir-se no povo romano.



Por um lado, religião e costumes chegaram ao grau de corrupção que por força produz mudança no tracto humano; por outro, os dogmas da unidade de Deus e da immortalidade da alma começam a espalhar-se; dest'arte os caminhos se desempeçam á doutrina evangelica, que uma lingua universal vae auxiliar na propaganda.

Este imperio romano forma-se de nações selvagens e cultas, sendo as mais dellas infinitamente desgraçadas: a simplicidade do Christo para as primeiras, as virtudes moraes para as segundas, para todas a sua misericórdia e caridade, taes são os expedientes de salvacão que traça o Céu. E tão efficazes são estes expedientes, que dois seculos depois do Messias, Tertuliano ²⁾ dizia aos juizes de Roma: „Nós somos de hontem, e enchamos vossas cidades, ilhas, forta-

²⁾ Tertuliano — escriptor ecclesiastico, natural de Carthago, na Africa.

lezas, colonias, tribus, decurias, concelhos, palacios, senado, forum: apenas vos deixamos os vossos templos (*sola relinquinus templa*).“

A' grandeza dos preparativos naturaes casou-se o fulgor dos prodigios: os verdadeiros oraculos, desde longo tempo mudos em Jerusalem, recobram a voz, e as falsas sibyllas¹⁾ emmudecem. Nova Estrella se levanta no Oriente. Gabriel baixa a Maria, e um coro d'espíritos bemaventurados canta nas alturas celestiaes durante a noite: *Gloria a Deus e paz aos homens!*

Subito se espalha o boato de que o Salvador nasceu na Judéa. Não nasceu na purpura, mas sim no albergue da pobreza; não foi annuciado aos grandes e aos soberbos, mas aos simples e pequenos os anjes o revelaram; não agrupou em redor do seu berço os felizes do mundo, mas sim os desgraçados; e por esse primeiro acto da sua vida declarou-se de preferencia Deus dos miseraveis.

Paremos aqui para uma reflexão. Nós vemos, desde o começo dos seculos, os reis, os heroes, os homens preclaros tornarem-se deuses das nações. Eis, porém, que o filho dum carpinteiro, num recanto da Judéa, é um modelo de dores e indigencias; um supplicio o infama publicamente; os seus discipulos saem da infima escala social; préga o sacrificio, a renuncia ás pompas mundanas, ao prazer, ao poder; prefere o escravo ao senhor, o pobre ao rico, o leproso ao sadio: tudo que chora, tudo que soffre, tudo que o mundo desampara, o delicia a Elle, que ameaça o poder, a riqueza e a felicidade. Aniquila a sciencia commum da moral; estabelece harmonias novas entre os homens, novo direito das gentes, nova fé publica. Dest'arte eleva a sua divindade, vence a religião dos Cesares, assenta-se em seu throno, e chega a subjugar a terra. Não! quando a voz universal bramasse contra Jesus Christo, quando todas as luzes da philosophia se reunissem contra os seus dogmas, nunca nos convenceriam de que uma religião assente em base tal é religião humana. Aquelle que conseguiu fazer adorar uma cruz, aquelle que offereceu aos homens como objecto de culto a *humanidade soffredora*, a *virtude perseguida*, Esse, aqui o juramos, não podia ser sinão Deus.

CHATEAUBRIAND, *traduzido por Camillo Castello Branco.*

¹⁾ *Sibyllas* — prophetizas, adivinhadoras.

Vida de Jesus Christo

Apparece Jesus Christo no meio dos homens, cheio de graça e verdade. Arrebatam a auctoridade e doçura da sua palavra. Chega para ser o mais desgraçado dos mortaes, e todos os seus prodigios são feitos em bem dos miseraveis. *Os seus milagres*, diz Bossuet¹⁾ *são mais bondade que poder.* Escolhe o apologo ou a parabola, que facilmente se entalha²⁾ no espirito dos povos, para recommendar os seus preceitos. Vaé caminhando e ensinando atravez dos campos. Encontrando flores, exhorta seus discipulos a confiarem na Providencia, que ampara as plantas debeis e alimenta as avezinhas; encontrando os fructos da terra, ensina a avaliar o homem por suas obras. Si lhe trazem uma creança, recommenda a innocencia; no meio de pastores, dá-se a si mesmo o titulo de *Pastor das almas*, e figura-se levando aos hombros o cordeiro trasmalhado³⁾. Na primavera assenta-se na collina, e dos objectos que o rodeiam tira assumpto para instruir a multidão assentada a seus pés. Do proprio espectáculo desta multidão, pobre e desgraçada nascem as suas **Bemaventuranças**: *Bemaventurados os que choram! Bemaventurados os que têm fome e sede!* Os que observam e os que desprezam estes preceitos são comparados a dois homens que edificam duas casas, uma sobre rocha, outra sobre areia movediça: no entender de alguns interpretes, mostrava elle, assim fallando, uma aldeiazinha florente sobre uma collina, e ao sopé desta collina as cabanas alagadas por uma inundação. Quando pede agua á mulher de Samaria, afiguralhe a sua doutrina sob a formosa imagem duma fonte de vivas aguas.

Os mais violentos adversarios de Jesus Christo não ousaram jamais atacal-o em pessoa. Celso⁴⁾, Juliano⁵⁾, Volusiano⁶⁾ confessam seus milagres, e Porphyrio⁷⁾ conta que até os oraculos dos pagãos o denominavam *homem illustre por sua piedade*; Tiberio⁸⁾ quizera *classifical-o entre os deuses*;

¹⁾ *Bossuet* — insigne escriptor e orador sacro da França.

²⁾ *Se entalha* — se adapta.

³⁾ *Trasmalhado* — syn. perdido.

⁴⁾ *Celso* — escriptor latino.

⁵⁾ *Juliano* Apóstata — imperador romano (361—363 depois de Chr.)

⁶⁾ *Volusiano* — imperador romano (251—253 depois de Christo.)

⁷⁾ *Porphyrio* — escriptor latino.

⁸⁾ *Tiberio* — imperador romano (14—36 depois de Christo.)

segundo Lampridius ¹⁾, Adriano ²⁾ *erigira-lhe templos*, e Alexandre Severo ³⁾ *reverenciava-o a par das imagens das santas almas*, entre Orpheu e Abraão. Plinio ⁴⁾ depoz illustre testemunho sobre a innocencia desses primitivos christãos que seguiam de perto os exemplos do Redemptor. Não ha ahí philosophia da antiguidade irreprehensivel em vicios; os proprios patriarchas tiveram fraquezas; só o Christo é immaculado; é a brillantissima copia desta soberana belleza que reside sobre o throno dos céos. Puro e sagrado como o tabernaculo do Senhor, respirando só amor de Deus e dos homens, infinitamente superior á gloria van do mundo, proseguia, atravez das dores, a grande empresa da nossa salvação, forçando os homens, com a superioridade das suas virtudes, a abraçar-lhe a doutrina e a imitar uma vida que força ⁵⁾ lhes era admirar.

Era amavel, franco e terno o character, e illimitada a caridade de Jesus. Isto, em duas palavras, nos dá a conhecer o Apostolo: *Ia elle praticando o bem*. Resignação na vontade de Deus, luz em todos os momentos da sua vida. Amava e conhecia a amizade; e Lazaro, que tirou do tumulto, era amigo seu: o maior milagre fel-o pelo maior sentimento da vida. Foi modelo em amor da patria: „*Jerusalem, Jerusalem!*“ exclamava elle, meditando na condemnação que ameaçava esta cidade criminosa; „*eu quiz ajuntar teus filhos, como a gallinha ajunta sob suas azas os pintainhos; mas tu não o quizeste assim.*“ Do topo de uma collina, lançando a vista a esta cidade condemnada por seus delictos a uma destruição horrorosa, não poude conter as lagrimas: *Viu a cidade diz o Apostolo, e chorou.*

Não foi menos de notar a sua indulgencia, quando seus discipulos lhe rogaram que fizesse baixar fogo sobre uma cidade de samaritanos que lhe negaram hospitalidade. Respondeu indignado: *Vós não sabeis o que me rogais!*

Si o Filho do Homem sahira ⁶⁾ do Céo com toda a sua força, pouco lhe custaria a praticar tantas virtudes e a supportar tantas penas; mas aqui salta a gloria do mysterio: o Christo sentia a dôr; partia-se-lhe o coração como o do

¹⁾ *Lampridius* — biographo latino.

²⁾ *Adriano* — ³⁾ *Alexandre Severo* — imperadores romanos.

⁴⁾ *Plinio* — historiador latino.

⁵⁾ *Força* — (por enallage) forçoso.

⁶⁾ *Sahira* ou *sahisse*.

homem; nunca deu signal de colera sinão contra a dureza e a insensibilidade d'alma. Frequentemente repetia: *Amavos uns aos outros. Meu Pae*, exclamava elle sob os ferros dos verdugos, *perdoai-lhes, que não sabem o que fazem*. Prestes a deixar os amantissimos discipulos, debulha-se ¹⁾ em pranto; sente os terrores do tumulto e as angustias da cruz; um suor de sangue lhe desliza pelas faces divinas; queixa-se de que seu Pae o abandonou. E ao apresentar-lhe o Anjo o calix, diz: *O' meu Pae! Fazê que este calix passe longe de mim. Comtudo, si o devo beber, a tua vontade se faça*. Então sahiu de sua bocca este dizer, onde se respira a sublimidade da dôr: *Minha alma está triste até a morte*. Ah! si a mais pura moral e o mais terno coração, si uma vida passada a combater o erro e a consolar o mal dos homens são os attributos da divindade, quem pôde negar a de Jesus Christo?!... Modelo de todas as virtudes, a amizade o vê adormecido no seio de S. João ou legando sua mãe a seu discipulo: a caridade o admira no julgamento da mulher adultera: em tudo a piedade o acha abençoando os prantos do infeliz: sua candura e innocencia manifestam-se no amor ás creanças: a força de sua alma brilha no meio dos tormentos da cruz, e o seu derradeiro suspiro é um suspiro de misericordia!...

(Idem.)

O atheismo

Tirai aos homens a crença num Deus remunerador e vingador, e vereis Sylla ²⁾ e Mario ³⁾ banhando-se com delicias no sangue dos seus concidadãos; Augusto ⁴⁾, Antonio ⁵⁾ e Lepido ⁶⁾ excederem os furores de Sylla; Nero ⁷⁾ ordenar de animo frio o assassinio de sua mãe. E' factó provado que a doutrina dum Deus vingador estava extincta entre os romanos. O atheu vilão, ingrato, calumniador, ladrão, sanguinario, raciocina e obra dum modo consequente logo que esteja bem certo da impunidade da parte dos homens; porque, provado que Deus não existe, esse monstro torna-se o

¹⁾ *Debulhar-se em pranto* — desatar-se, desfazer-se em pranto.

²⁾ *Sylla* — dictador.

³⁾ *Mario* — consul romano, rival de Sylla.

⁴⁾ *Augusto* — ⁵⁾ *Antonio* — ⁶⁾ *Lepido* — triumviros em Roma.

⁷⁾ *Nero* — imperador romano (54—68 depois de Christo).

Deus de si proprio, immola aos seus caprichos tudo que desejar ou que lhe for obstaculo; as preces mais suaves, os raciocinios mais logicos, terão nelle tanto poder como num lobo esfaimado. Uma sociedade particular composta de atheus, que se não preocupem em discutir cousa alguma e que percam os dias nas brandas distrações do prazer, poderá durar algum tempo sem perturbações graves; mas, si o mundo tivesse de ser governado por atheus, mais valêra vel-o cahir sob o jugo immediato desses seres informes que nos descrevem em continuo furor contra as suas victimas.

VOLTAIRE.

Maximas extrahidas da Sagrada Escripura

Toda a sabedoria vem de Deus, e com Elle esteve sempre e está antes de todos os seculos.

Tem todo o teu pensamento nos preccitos de Deus e sê muito assiduo nos seus Mandamentos. Elle mesmo te dará coração e o desejo de sabedoria.

Desgraçado é o que rejeita a sabedoria e a instrucção; a esperanza d'elle é van e os trabalhos sem fructos.

A sabedoria é mais estimavel que as forças; o homem prudente vale mais do que o valoroso.

A sabedoria facilmente é vista por aquelles que a amam, e achada pelos que a buscam. Ella se antecipa aos que a cobiçam, de tal sorte que se lhes patenteia primeiro. Aquelle que vigia desde manhan para a possuir não terá trabalho, porque a achará assentada á sua porta. Ella mesma anda de roda buscando aos que são dignos de a acharem, e alegremente se lhes mostra nos caminhos.

A sabedoria é um vapor da virtude de Deus e uma como sincera emanção da claridade do Omnipotente. Ella é o clarão da Luz Eterna, o espelho sem macula da Magestade Divina e a imagem da sua bondade. E' mais formosa que o sol; e, comparada com a luz, encontra-se primeiro. Á ella succede a noite, mas a malicia não vence a sabedoria.

Si vires um homem sensato, madruga para ires ter com elle, e gastem os teus pés os degraus da porta.

O homem nasceu para trabalhar, como o passaro para voar.

O preguiçoso não quiz trabalhar por causa do frio; mendigará no verão, e não achará quem o soccorra.

Acceita de boamente tudo o que te succeder e tem soffrimento na tua dôr. Ao tempo da humilhação, tem paciencia: porque no fogo se prova o ouro e a prata, e os homens que Deus quer receber, na fornalha da humilhação.

Ai dos que perderam o soffrimento e deixaram os caminhos rectos e se extraviaram pelas veredas corrompidas!

Quanto maior és, humilha-te em todas as cousas e acharás graça deante de Deus.

Não trates mal o servo que trabalha com fidelidade, nem o mercenario que todo se dá a servir-te, e não o deixes cahir em pobreza.

Não louves o varão pela sua gentileza, nem desprezes o homem pelo seu exterior. Pequena é a abelha entre os animaes volateis, e comtudo logra ¹⁾ o seu fructo a primazia da doçura.

O que honra seus paes será attendido no dia da sua oração; viverá uma vida dilatada; e o que lhes obedece dará refrigerio á sua mãe.

Honra o teu pae em acções e palavras, e em toda a paciencia.

A benção do pae fortifica a casa dos filhos, e a maldicção da mãe a destroe pelos alicerces.

Filho, ampara a velhice de teu pae, e não lhe dês pezares em sua vida; e, si lhe forem faltando as forças, supporta-o; não o desprezes por poderes mais do que elle; porque a caridade que tu tiveres usado com teu pae não ficará posta em esquecimento. No dia da tribulação Deus haverá lembrança de ti e os teus peccados se desfarão como gelo num dia sereno.

O filho sabio produz alegria a seus paes; o ignorante causa-lhes tristeza.

Quão infame é o que desampara seu pae! E quão amaldiçoado o que exaspera sua mãe!

Não afflijas o coração do pobre, e não diffiras dar ao que está em angustias. Não rejeites a petição do attribulado, não lhe voltes a tua cara. Presta-lhe sem desdem a tua attenção, e responde-lhe com brandura.

¹⁾ Lograr — syn. gosar.

Não seas preguiçoso em visitar os enfermos; porque assim é que te fortificarás na caridade.

Não desprezes o homem na sua velhice, porque os que envelhecem foram como nós. Não faltes a consolar os que se acham em pranto.

A tua mão não seja aberta para receber e fechada para dar.

Não contradigas a verdade; envergonha-te de mentir.

Na tua casa não seas como um leão, fazendo-te terrível aos teus domesticos, e opprimindo aos que te estão sujeitos.

Nada se póde comparar com um amigo fiel. O amigo fiel é uma forte protecção; quem o achou, adquiriu um thesouro. O que despreza o amigo é falto de coração.

Quando um homem é feliz, estão tristes os seus inimigos; e, quando é desgraçado, então se conhecerá quem é seu amigo.

Não digas ao amigo: *Ide e voltai, que eu vos darei a mão*, si immediatamente lh'a puderes dar.

Si o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; si tiver sede, dá-lhe de beber, porque o Senhor t'o agradecerá. O justo até os animaes trata bem; as entranhas do impio são crueis.

Lembra-te do teu Creador nos dias de tua mocidade, e antes que venham as miserias e cheguem os annos, dos quaes digas: annos enfadonhos.

Pedi e alcançareis; procurai e achareis; batei e abrires-vos-á.

Filho meu, não te esqueças de minha lei e guarda em teu coração os meus dictames¹⁾; porque estes te darão vida dilatada, annos ditosos e paz.

Escuta, filho meu, os preceitos de teu pae e não desprezes as advertencias de tua mãe. Ao que escarnece do proprio pae e despreza as dores da mãe, arranquem-lhe o olho os corvos das torrentes e devorem-n'o os filhos das aguias.

O bom filho é a alegria do pae; mas o filho estulto é a afflicção da mãe.

Segue o moço o caminho em que entrou, delle não se afastará mais até á velhice.

¹⁾ *Dictames* — syn. preceitos.

Não ha trevas nem sombras que possam esconder os que commettem a iniquidade.

Os maus pensamentos são horror e abominação para Deus.

Quem muito aprende, sabe fallar com sabedoria. Instrucção e sabedoria dão vida feliz a quem as possuem.

Amor da familia

O homem que não ama a sua familia mal póde ser um bom cidadão. Como ha de sujeitar-se á lei, expressão mais ou menos abstracta de interesses geraes, aquelle que não faz caso dos deveres domesticos?

O filho que não acceita as admoestações paternas; que não aproveita dos sacrificios feitos em seu interesse; que não honra e estima os auctores de seus dias com esse culto intimo, quasi supersticioso, que mal se póde revelar em obras; que lhes não tributa todas as attencões de que é capaz um coração benefico e agradecido — esse filho, repetimos, como póde offerecer heroicamente o peito ao ferro dos tyrannos? A mãe de familia que não prezar, como a sua maior joia, a pureza da fé conjugal; que não der a seus filhos o exemplo da docilidade, da paciencia, da compaixão, da modestia; que lhes não infundir em tenros annos, com aquella insinuante e poderosa linguagem de mulher, as primeiras noções de Deus e dos seus Mandamentos — infeliz, tudo poderá esperar, menos a paz e as alegrias do lar domestico, menos a fortuna de legar ao paiz cidadãos virtuosos! O irmão que não conservar a harmonia fraternal, que se não possuir das penas e gosos de seus irmãos, que não os socorrer em suas tribulações, que não lhes perdoar suas injustiças ou maleficios, como ha de comprehender e praticar a fraternidade politica, que assenta na negação do egoismo ou amor excessivo de si mesmo?

J. F. HENRIQUE NOGUEIRA.

Adagios populares

Presumpção e agua benta cada qual toma a que quer.

Nem tudo que luz é ouro.

Ouro é o que ouro vale.

As obras mostram quem cada um é.

Nunca se perde o bem fazer.
Quem muito abarca pouco abraça.
Quem abrolhos semeia espinhos colhe.
Antes só do que mal acompanhado.
Bens mal adquiridos não se logram, vão-se como vieram.
Afeição cega a razão.
Mais fere a má palavra que espada afiada.
Água molle em pedra dura tanto dá até que fura.
As aguias não produzem pombos.
Curtas tem as pernas a mentira, e alcança-se asinha ¹⁾.
Mais depressa se pega um mentiroso do que um coxo.
A perseverança toda cousa alcança.
Faze da noite noite, do dia dia, e viverás em alegria.
Quem o alheio veste, na praça o despe.
Casarás e amansarás.
Quem o feio ama, formoso lhe parece.
Ama-se a traição, aborrece-se o traidor.
Quem ameaça, sua ira gasta.
Nos trabalhos se vê o amigo.
Amigos de todos, dá verdade mais.
Amigos do bom tempo mudam-se com o vento.
Azeite, vinho e amigo, o mais antigo.
Com teu amo não jogues as peras.
O amor a ninguém dá honra, e a muitos dá dôr.
O amor e a fé nas obras se vê.
Quem a fama tem perdida, morto anda em vida.
Dize-me com quem andas, dir-te-ei que manhas has.
Uma andorinha não faz verão.
A espada e o anel segundo a mão em que estiver.
Antes que cases, olha o que fazes, que não é nó que desates.
Antes quebrar que dobrar.
Homem apaixonado não admitte conselho.
A quem Deus quer ajudar, o vento lhe apanha a lenha.
Tarde dar e negar estão a par.
Fallar sem cuidar é atirar sem apontar.
Porfiar, mas não apostar.
Aprende chorando, e rirás ganhando.
Na barba do tolo aprende o barbeiro novo.
Não bebas cousa que não vejas, nem assignes carta que não leias.

¹⁾ *Asinha* — (antiquado), — depressa.

Quem muito dorme pouco aprende.
Assás tem quem se contenta com o que tem.
Ensaboar a cabeça do asno, perda do sabão.
Bem sabe o gato cujas barbas lambe.
Não é o mel para a bocca do asno.
Faze-te mel, e as moscas comer-te-ão.
A pergunta astuta, resposta aguda.
Não deixes caminho por atalhos.
Quem em casa da mãe não atura, na da madrasta não espere ventura.
Ao avarento tanto lhe falta o que tem como o que não tem.
A verdade e o azeite andam á de cima.
O que o berço dá, a cova o tira.
Quem nasce torto, tarde ou nunca se endireita.
Gato escaldado té d'água fria tem medo.
Ao bom entendedor meia palavra.
Prata é o bom fallar, ouro é o bom calar.
De calar ninguém se arrependeu, de fallar sempre.
O parvo calado por sabio é reputado.
Quem quizer ver o villão, metta-lhe o cargo na mão.
Em casa de ferreiro, espeto de pau.
Si queres casar, casa com igual.
Quem faz um cesto, fará cento.
A' bôda e a baptizado não vás sem ser convidado.
Onde te querem, ahí te convidam.
Lá vão os pés onde quer o coração.
Quem cospe para o céu, na cara lhe cae.
Quem não quer ser lobo, não lhe vista a pelle.
Vento e ventura pouco dura.
A lingua bate onde o dente dóe.
Amor, fogo e tosse a seu dono descobre.
Não se fez Roma em um dia.
Dinheiro emprestaste, inimigo ganhaste.
Muito fallar, pouco errar.
Falla pouco e bem, ter-te-ão por alguém.
Pouco fel faz amargo muito mel.
Quem quer vae, quem não quer manda.
Quem diz o que quer, ouve o que não quer.
Onde ha muito riso, ha pouco siso.
Não ha rosas sem espinhos.
O homem ousado a fortuna lhe dá a mão.

Cartas

Carta de um professor de bellas-lettas dando conselho a um seu discipulo.

Meu caro discipulo e prezado amigo do coração.

Quando V. S.^a honrava o meu curso com sua presença, posto que entre seus condiscipulos muito se distinguisse, não pude eu endereçar a V. S.^a instrucções e advertencias particulares, porque era obrigado a accommodar-me á mediocre intelligencia dos menos atilados; agora, porém, que V. S.^a se acha desembaraçado dos estudos classicos, e que se dedica á traducção de obras francezas, cujas primicias já chegaram ao meu conhecimento, fiado na amizade que entre nós existe, tomo a liberdade de dar a V. S.^a alguns conselhos ácerca deste genero de litteratura que a muitos parece facil, mas que é por extremo difficil.

Si V. S.^a conhecesse bem a fundo as duas linguas franceza e portugueza, e os usos e costumes dos dous povos que as fallam, nenhum conselho teria de dar-lhe a este respeito; porém, como um tal estudo demanda muitos annos, grande applicação e longo trato com as pessoas que sabem manejar os dous idiomas, e, como V. S.^a está ainda na flôr dos annos, annuindo gostosamente ao desejo que me manifestou mais d'uma vez, aqui lhe digo o que me parece muito util para o fim que V. S.^a se propõe.

Lembre-se V. S.^a que ha duas especies de traducções: uma grammatical, outra logica; a primeira representa o valor litteral das palavras, a segunda deve reproduzir o sentido do auctor, segundo o genio da lingua em que se traduz. Raras vezes se pôde fazer uma traducção grammatical que seja ao mesmo tempo logica; por isso aconselho a V. S.^a que tenha sempre em vista a segunda.

Não esqueça V. S.^a que cada lingua tem sua indole, seu giro particular na construcção, e que o que numa é engraçado e elegante, não o é sempre na outra.

Pelo que pertence á nossa, que V. S.^a bem conhece e ama, aconselho-lhe que a trate como a uma esposa delicada, a quem offende justamente o ver que seu consorte põe noutra mulher sua primeira e especial attenção; e que esteja sempre precavido contra os attractivos das faldades estrangeiras, do mesmo modo que se arma o homem virtuoso contra as tentações, fugindo quanto pôde favorecel-as, e tomando um rumo inteiramente opposto ao que sua inclinação lhe dicta. Pelo que sempre que V. S.^a tenha deante de si um livro, que haja de traduzir mental ou formalmente em portuguez, deve contrahir o habito, não só de evitar os idiotismos mais obvios e grosseiros, sinão até aquellas phrases que lhe é permittido verter palavra por palavra, preferindo variar a locução por meio de outra que mais se coadune com o estylo nacional, e que facilmente lhe ministrarão os ricos thesouros do patrio idioma, que V. S.^a terá sempre cuidado de folhear com mão diurna e nocturna¹⁾.

V. S.^a fará bem, quando estiver traduzindo alguma obra franceza, de trazer ao mesmo tempo entre mãos um classico portuguez que escrevesse sobre assumpto do mesmo genero que o do auctor francez. Assim que de grande auxilio lhe será Gil Vicente²⁾ e Diniz³⁾, si quizer traduzir Molière⁴⁾; o mesmo direi de Ferreira⁵⁾, Camões⁶⁾, Vieira⁷⁾ etc., si se propuzesse a traduzir Racine⁸⁾, a Henriqueida⁹⁾, Bourdaloue¹⁰⁾ e Massillon¹¹⁾. Deve V. S.^a entremear a leitura do auctor portuguez com a traducção, tomar nota de certas expressões, certos termos e locuções que lhe cahiram da penna. V. S.^a nisso pense. Tambem lhe aconselho que, si houver de traduzir alguma obra didactica ou scientifica, tenha cuidado de informar-se si existe em portuguez

¹⁾ Com mão diurna e nocturna — loc. adv. — constantemente.

²⁾ Gil Vicente — ³⁾ Diniz — poetas portuguezes, aquelle do sec. 15 e este do sec. 18.

⁴⁾ Molière — o maior poeta comico da França (1622—1673).

⁵⁾ Ferreira — ⁶⁾ Camões — poetas portug., do sec. 16.

⁷⁾ Vieira — o maior orador sacro de Portugal (1608—1697).

⁸⁾ Racine — poeta tragico francez (1639—1699).

⁹⁾ Henriqueida — poema epico de Voltaire.

¹⁰⁾ Bourdaloue — ¹¹⁾ Massillon — oradores sacros da França do sec. 17 e 18.

alguma sobre a mesma materia; e si ella existir, ainda que antiga seja, leia-a e consulte-a, para se familiarizar com os termos technicos e saber empregar-os como convenha. Quando haja de dar algum nome novo a objecto novo, consulte sempre os homens da profissão, mórmente os que souberem bem a lingua, e assim acertará melhor nesta especie de baptismo nacional por que devem passar os inventos estrangeiros: assim fez Brotero ¹⁾ na obra da historia natural de Cuvier ²⁾. Em quanto aos papeis periodicos, não é mister tanto escrupulo, nem ha tempo para tanta precaução; mas, por isso que nestas traducções ha mais liberdade, use V. S.^a della de maneira que se descubra sempre em seu estylo que a linguagem franceza é aprendida, e a portugueza bebida com o leite.

Desejára muito que V. S.^a não se mettesse a traductor de periodicos e gazetas sem ter primeiro traduzido bons trechos dos auctores classicos, mórmente os familiaristas. Não preciso lembrar a V. S.^a que no uso das comparações e tropos é que um bom traductor póde fazer brilhar seus conhecimentos na lingua do original e na propria, porque V. S.^a aprendeu pela unica grammatica que isto ensina; e não se descuide de consultar a cada instante a syntaxe comparada e o vocabulario dos idiotismos, em que esta doutrina se acha largamente expendida.

Meu caro discipulo e prezado amigo, lembre-se que a decadencia em que se acha a nossa lingua é devida em grande parte aos maus traductores: aos bons cumpre, pois, desaffrontal-a, livrando-a do servilismo estrangeiro, e restituindo-a á sua antiga formosura e nobre independencia.

Enfaixado em sua infancia o idioma lusitano nas mantilhas da lingua latina, robustecido em sua mocidade pela varonil desenvoltura da lingua castelhana, e nobremente adornado, na idade madura, com as galas da lingua italiana, desdenhava elle com razão as phantasias e arrebiques da lingua franceza, que apenas conhecia por parente muito afastada; decahido, porém, de sua antiga magestade, esquecido de sua illustre prosapia, e guiado por imperitos capitães, acha-se hoje nosso famoso idioma vencido de quem dantes desprezava, e reduzido ao triste estado dum guerreiro que,

¹⁾ Brotero — naturalista portuguez.

²⁾ Cuvier — naturalista francez (1779—1832).

para agradar a uma dama leviana e desdenhosa, despiu os trajos marciaes para enfeitar-se com os atavios ridiculos do arlequim ou farçante burlescô!

Desculpe V. S.^a este desaforo dum sincero amigo da lingua de Camões e Vieira, e não lhe doam as mãos quando se trata de castigar os temerarios que descantam tão veneravel divindade.

Sou de V. S.^a

Um tio a seu sobrinho, reprehendendo-o e aconselhando-o.

Meu sobrinho,

Bem sabes o quanto te quero, e atéqui te has sempre mostrado reconhecido ao interesse que por ti tenho tomado depois da morte de teu pae; mas, segundo me consta, começa a desmerecer da opinião que a teu respeito tinha formado: mais duma pessoa de amizade me tem prevenido de teu viver, dando por este modo escandalo aos que te conhecem e deslustrando o nome de tua familia.

Vejo-me, pois, obrigado, a meu grande pesar, a escrever-te estas poucas linhas para te manifestar o grande descontentamento que todas estas cousas me causam, não só por serem prognosticos de muito maiores extravagancias, sinão porque te alienam a estima das pessoas honestas e bem creadas, sem a conversação das quaes corres grande risco de andar sempre em más companhias, e por isso mereceres o desprezo daquelles que por ti se interessam e cuja amizade devias buscar antes de tudo. Si não olhares por ti e te applicares a ganhar bom nome, terás a sorte que têm tido muitos mancebos extravagantes, que, depois de consumirem em prodigalidades e desperdicios a herança que seus paes ganharam com tantos suores, cahiram em vergonhosa miseria, sendo o opprobrio da sua familia e o escarneo daquelles mesmos que foram os instigadores de suas extravagancias. Ainda estás a tempo de reconheceres os teus erros e mudares de vida; espero que assim o farás; mas, si te não emendares, fica desde já certo que a minha benevolencia tem limites, e que, si fores surdo ás minhas admoestações, tambem eu esquecerei que existes.

Lembra-te que tua mãe sabe tudo o que se tem passado, e mais duma vez a vi com as faces lavadas em lagrimas;

não aggraves, pois, a dôr de sua viuvez; dá-lhe a consolação de ver em ti o digno filho de teu honrado pae, o arrimo de sua velhice e a esperança de melhor ventura. Si assim for, acharás sempre em mim um tio, prompto a ajudar-te em tudo que seja para teu bem e honra de tua familia.

Resposta do P. Antonio Vieira a D. Maria da Cunha, não deferindo o que ella lhe pedira.

Senhora D. Maria da Cunha,

Muito sinto a necessidade que V. Mcê. representa, e muito mais não estar em minha mão remedial-a. Eu não tenho poder sobre as acções do procurador de meu irmão, a quem já encommendei este negocio com o encarecimento que V. Mcê. viu, nem estou em parte donde lhe possa fazer outras instancias. V. Mcê. as pôde fazer mais efficaçmente pela via que lhe parecer, porque a minha não tem esta efficaçia e valia. E digo isto a V. Mcê. com toda esta clareza, para que V. Mcê. não tome o trabalho inutil de me escrever a este deserto, onde me recolhi para tratar só de me apparelhar para morrer, e dar conta de mim a Deus, a quem prometto de encommendar muito particularmente este negocio de V. Mcê. e o remedio da necessidade em que V. Mcê. se acha. Por essa razão torna o papel. E Deus Guarde a V. Mcê. muitos annos e lhe assista com a sua graça como desejo.

Antonio Vieira.

Carcavellos, 16 de Agosto de 1680.

Carta em que o Padre Antonio Vieira se empenha com o Marquez de Gouvêa a favor de um pretendente a certo lugar.

Excellentissimo Senhor,

E' fallecido Diogo Lopes de Ulhôa. Vagou por sua morte o officio que servia em Setubal; pretende-o um seu neto, filho do provedor-mór da fazenda real no Brazil, o qual na capacidade e juizo não só eguala a seu avô, mas o excede muito nas lettras, de que eu sou testemunha, porque o vi examinar em Coimbra, com admiração de todos;

e porque sei que para o favor de V. Ex.^a são estas as maiores valias, só digo que em tudo o que V. Ex.^a for servido fazer-lhe, receberá muito particular mercê, e com ella me desempenhará V. Ex.^a, por sua grandeza, de muitas obrigações que ao pretendente, a seu pae e avô devo. Deus Guarde a V. Ex.^a, como Portugal e os creados de V. Ex.^a, havemos mister.

Collegio, terça-feira.

Creado de V. Ex.^a
Antonio Vieira.

A. F. de Castilho a fr. F. do Monte-Alverne.

Lisboa, 25 de Agosto de 1855.

Illustrissimo e reverendissimo senhor padre-mestre Frei Francisco do Monte-Alverne.

Ainda me estou deliciando, meu caro e excellentê amigo, com os abraços tão d'alma, com as expressões do coração, com que vossa reverendissima no nosso apartamento me carregou de saudades e gratidão para toda a vida. Viajantes sempre têm muito que narrar, e viajantes europeus que uma vez saudaram essas magnificas regiões não têm só muito que narrar; hão de poetar ainda que o não queiram. Quanto a mim, a mais interessante, a mais poetica de quantas noticias eu trouxe do Brazil, e me ufano de espalhar aqui, é ter conhecido a vossa feverendissima, ter apertado essa mão que tão ricamente dotou a lingua e litteratura commum dos nossos dous paizes, ter ouvido essa bella e nobre voz doutrinadora de povos, e para comigo dispensadora de mimos e extremos de benevolencia.

Os litteratos que me escutam, quando lhes eu retrato o Cicero christão e americano, invejam-me com razão, e muito mais quando lhes eu dou a ler algum destes oitenta discursos que, repartidos, dariam com que fundar oitenta famas de oradores. Lamentam elles que vossa reverendissima haja dado ao pulpito a sua ultima despedida com o sermão da Gloria: eu não; esse monumento de vossa reverendissima está completo e coroado como cumpria, ao mesmo tempo que à actividade, a fecundidade sempre juvenil de vossa reverendissima pôde junto delle erigir outros e outros não menos valiosos. Vossa reverendissima não é desses

homens que, em sabendo ou presumindo haverem conquistado a celebridade, adormecem, á sombra dos seus louros, verdadeiros ou imaginarios.

Que de obras se não devem achar em começo, em esboço ou em projecto, entre os papeis de vossa reverendissima! Quantas de incalculavel utilidade para essa e esta nação, não pôde ainda vossa reverendissima executar de novo?!

Uma ousarei eu lembrar, pedir, supplicar a vossa reverendissima: é um tratado de eloquencia.

Ensine o officio quem nelle prima. O Monte-Alverne forense e pagão, Cicero, escrevia os seus livros de rhetorica. Quintiliano instituiu oradores, sendo-o elle mesmo. Plinio e Tacito, seus discipulos, imitavam-n'o; e a Tacito não faz injuria quem lhe attribue o „Dialogo sobre a corrupção da eloquencia“.

Fénélon professou a oratoria sacra, dissertou sobre ella. O cardeal Maury, para não citar dezenas de exemplos que vossa reverendissima conhece melhor do que eu, o cardeal Maury, prégador de tão subidos quilates, publicou, sob o modesto titulo de „Eloquencia do pulpito“, uma verdadeira arte de fallar e escrever em todos os generos.

Por que razão supplico eu a vossa reverendissima se encarregue deste assumpto nomeadamente, havendo tantos outros de moral, de historia, de philosophia e até de politica, merecedores e talvez credores das lucubrações de um homem de saber e genio? Dil-o-ei francamente, é porque entendo que lá e cá a eloquencia, como a poesia, está quasi perdida: é um fructo que se corrompeu antes de amadurecido. O natural, o bello simples dos seculos que o senso commum do genero humano canonizou, e ainda hoje adora por classicos, figura-se agora a esta mocidade não sem talento, mas sem doutrina, sem estudo e sem disciplina, uma pobreza e uma impotencia: impotencia de Virgilio! pobreza de Racine! Não querem sinão funambulismos e saltos mortaes na litteratura; prestidigitações e fogos de vistas na eloquencia, e já o gongorismo e o marinismo: daqui a pouco, si isto continúa, achar-nos-emos em pleno seculo de D. João V e a prosa do conde da Ericeira e os versos de Jeronymo Bahia, e de todos esses engenhos tontos da „Phenix renascida“, terão achado entre nós quem os desbanque.

Nesta anarchia assoladora de monumentos, esteril de si e que tão grandemente arrisca o futuro, é mister que um homem do peso e credito de vossa reverendissima se levante e prégue os imprescriptiveis direitos da razão humana.

Sou de vossa reverendissima o mais sincero admirador, perfeito amigo, respeitoso discipulo e obrigadissimo servo.
— A. Feliciano de Castilho.

Fr. F. do Monte-Alverne a A. F. de Castilho

(Resposta á carta precedente)

Rio de Janeiro, 4 de Dezembro de 1855.

Meu adoravel amigo. — Sustento nas minhas mãos, chego aos meus labios, aperto ao meu peito, essa carta que me escrevestes em data de 25 de Agosto, e onde imprimistes os caracteres indestructiveis da vossa intelligencia, da profundidade dos vossos conhecimentos, e, o que é mais, da elevação da vossa alma e da vossa reconhecida generosidade!

Oh! bem se diz que o estylo é tudo, e que o homem pôde ser conhecido até pelos traços da sua lettra; para mim não, que vos conheci pessoalmente, e posso dar testemunho do que sois e do que valeis, porque vos ouvi, porque repousei a minha cabeça no vosso coração, e senti o ardor da juventude e o fervor do genio que borbulha em vossa alma. E' mister confessar que a vossa presença e os poucos, mas inapreciaveis momentos em que communiquei comvosco, despertaram-me sentimentos tão ineffaveis, que talvez nenhum homem ousou ainda exprimir. E' que vós abrangeis qualidades que é difficil reunir: o profundo saber e a modestia, a superioridade e a tolerancia; sois um litterato eminente, mas não esqueceis o homem.

Quizera viver junto de vós, e renovar, no fogo que vos anima, esta luz que amortece, que se extingue na escuridão em que vivo, e no silencio e abandono que me cerca de toda a parte. Já não sou hoje aquelle mesmo que presenciastes ha seis mezes. Os esforços litterarios que imprudentemente emprehendi, o empenho com que me consagrei ao estudo para corresponder á opinião que se formava de mim, reunidos ao estado vacillante da minha saude, pro-

vocaram um destes ataques mortíferos, dos quaes ou não se escapa ou é forçoso soffrer longo tempo as horribeis consequências; si vós me tivésseis visto agora, si tivésseis observado a morosidade das minhas reflexões, a tibieza das minhas idéas e a fraqueza da minha voz, serieis forçado a exclamar: — *Quantum mutatus ab illo!* — Não vos enganastes quando tivestes a bondade de applicar-me o que, em objectos differentes, Lucano affirmava de Cesar. O espirito não envelhece, é verdade; para prova-lo ahi está o sermão de Nossa Senhora da Gloria; mas como vencer o exgottamento do cerebro, e esperar a reacção dos órgãos quebrados pela energia da vontade e extenuados com a fadiga? Somos incontestavelmente uma intelligencia servida por órgãos, como sabiamente foi definido o homem pelo barão de Bonald. Seria impossivel, por agora, empenhar-me em algum trabalho.

Sem duvida, tenho entre os meus papeis alguns esboços litterarios um pouco adeantados, mas que é impossivel completar, porque me fallecem as mãos e os olhos, e não ouço em volta de mim quem, parodiando o verso 18 do cap. 2º do „Genesis“, reproduza o famoso; *Faciamus ei adjutorium simile sibi.*

O trabalho de que vos falo é um Curso de Philosophia Elementar para uso das nossas escolas, e do qual tanto carecem os nossos modernos gongoristas e os nossos insolentes marinistas. Acreditai-me: não é um tratado de eloquencia de que necessitam os corruptores da linguagem do pulpito e os plebeus da nossa actual litteratura: elles carecem de instruir-se nos primeiros elementos da arte de pensar; necessitam conhecer a theoria do discurso e os preceitos da composição.

Convenho mais que nunca com Cicero, a despeito das observações de Marmontel, que a eloquencia, que a arte difficil de compor ou escrever, aprende-se antes nos passeios de academia do que nos bancos dos rethoricos; a prova está em que os maiores oradores da Grecia e Roma foram instruidos por philosophos; estaria mesmo com Socrates, que julgava inuteis os estudos da rethorica.

Dai-me um homem de inspiração, uma dessas felizes individualidades que fatigam os seculos com a sua apparição; ministrai-lhe tinta e papel, e vereis como fervem e trasbordam essas ondas de eloquencia, esses primores d'arte, essas imagens, esses quadros seductores, esses encantos do bello,

essas harmonias do mundo physico e moral, que derramam tanto perfume, tanta seducção nos escriptos desses homens privilegiados. Esperai no momento da composição a ordem do pensamento, a construcção das figuras, a disposição dos ornatos, a serie das provas, o emprego dos lugares comuns; pesai na balança, como diz Montesquieu, o valor dos termos, a ordem dos pensamentos, e nada escrevereis, ou tudo será frio e intoleravel. Convenho que a arte aperfeiçoa a natureza; mas tambem é verdade que ella não suppre o genio, e é só ao genio que é dado crear Socrates, Platão, Demosthenes, Euripedes e Aristoteles; o estudo, uma applicação aturada, poderá formar Varrão, mas não produzirá Cicero nem Hortencio.

.....

O romance, meu caro, meu sabio amigo, que substituiu as obras profundas do decimo oitavo seculo, estragou a litteratura, da mesma sorte que a eloquencia deliberativa e judiciaria matou a eloquencia sagrada. Para cumulo de males, a descrença e o indifferentismo em materia de religião, fechando o grande theatro da eloquencia christan, e anniquilando todos os brios e toda a emulação, apagou o archote que o enthusiasmo e a consideração publica podiam accender. Mas para que fatigar-vos? Não está ahi a audacia que suppre o engenho, e o desfaçamento que se erige em talento e dispensa o estudo? Para que um compendio de eloquencia, si elles têm em seu auxilio o plagiato e as composições alheias que lhes ficaram em herança? si não falta um panegyrista venal ou gracioso que lhes dirija em uma folha publica louvores exaggerados e mentirosos?

.....

Não pretendo contrariar o juizo que formais de mim: não posso entrar em lucta comvosco; mas tenho a convicção de que os vossos louvores devem ser considerados mais por filhos de vossa amizade e da vossa benevolencia para mim, do que o resultado de um juizo severo e philosophico. Como quer que seja; sabio ou pedante, eloquente ou pindarista, pobre ou rico na litteratura, eu vos abraço com toda a minha cordialidade, eu vos aperto com toda a expressão da fraternidade. Si me admittirdes por vosso irmão d'armas, accetarei este titulo, não só como uma ovação, mas te-lo-ei ainda por uma recompensa. No caso de me concederdes este fa-

vor, uma vez ligado comvosco pelos vinculos mais indissoluveis, peço-vos aperteis por mim a mão desses distinctos litteratos que comvosco formam essa brilhante constellação, que irradia o bello céo da vossa patria, cujos raios espancam as trevas do pedantismo e afugentam as sombras da ignorancia, que ameaçam tudo invadir e abafar.

Adeus, meu adoravel amigo: este adeus renovou toda a amargura da minha saudade. Emquanto me restar um sopro de vida, a recordação que conservo de vós, a consciencia da vossa amizade, será um lenitivo no meio das tribulações que me cercam. Adeus, outra vez adeus. — O vosso amigo, o vosso admirador, o vosso irmão — *Fr. Francisco do Monte-Alverne.*

Carta de Alexandre Herculano a Antonio Serpa Pimentel

Meu amigo. — Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I; deste mosteiro melancolico e mal assombrado, como as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das pobres cistercienses; penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro nesses corredores humidos e sombrios vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os distingui o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais delles. Quasi todas essas faces tem-nas empallidido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas numa tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e dividido do mosteiro apenas por um riacho. Naquellas casas de telha vã, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa que até certo ponto se pôde chamar abastada, e a quem, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto e alvejante, com um aspecto exterior quasi indicando opulencia, é que não ha pão, mas só lagrimas. Lorvão é peor do que um carneiro onde se houvessem mettido vinte esquifes de catalepticos, sellando-se para sempre a lagea da entrada. O cataleptico, fechado no

seu caixão, ouve, sente, tem a consciencia de que foi sepultado vivo. Nas trevas e na immobilidade, o terror, a desesperação, a falta de ar matam-no em breve; a sua agonia é tremenda, mas não é longa. Aqui é outra cousa: aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do ceu, a arvore que dá os fructos, a seára que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperança duvidosa e fugitiva atravessa aquellas grades de envolta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperança fica sumida debaixo das trevas que á tarde se precipitam sobre Lorvão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia: depois o choro: depois, sabe Deus... si a blasphemia!

Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo desta especie de poço, perdido no meio da turba de montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres edosas, mettidas entre quatro paredes e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que rugé, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo isto e sentirá accender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. Num accesso de desesperação, parte destas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura: queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito conte-las. Tinha-se apoderado dellas uma grande ambição: aspiravam á felicidade do mendigo que pôde fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca, e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulo de vivos. Ao menos surgiam como Lazaro da sepultura.

Mas porque o importuno com esta longa historia? Não é, meu amigo, só para desabafo; é para lhe pedir um favor.

Supponha que viu, como eu vi, as faces enrugadas e pallidas das monjas de Lorvão, por onde as lagrimas se penduravam quatro a quatro, enquanto vozes convulsas descreviam scenas do longo drama de miseria, de que este sepulchro de vivos tem sido theatro durante vinte annos: supponha que olhava para estas paredes verdeengas, cujo aspecto produz um sentimento inexplicavel de frio, apesar do calor da atmosphaera num dia de julho; para as alfaias roçadas e poidas: para os proprios trajos das freiras; que lia em tudo isso, repetida por cem modos, uma palavra só: *infortunio, infortunio, infortunio!* que faria? Com o seu coração, com os seus principios, e redactor de um jornal que tem largas sympathias, sentia-se grande e forte pondo a sua penna eloquente ao serviço da desgraça e da fraqueza. Faça-o, meu amigo, faça-o! Peça esmola para as freiras de Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice têm fome. A velhice é santa! Ponha esse contraste do passado e do presente perante os olhos dos opulentos e ditosos, para que se lembrem com alguns cruzados das pobres que gemem debaixo destas abobadas, escondidas no meio dos montes ladeirentos e agrestes do concelho de Penacova. Ao governo não peça nem diga nada; deixe esses homens ao seu destino, deixe-os estofar poltronas e dormir nellas. Deus e os vindouros hão de julgar-nos a todos...

Si entender que esta carta de uma testemunha ocular pôde servir de thema ás suas considerações, publique-a. O homem que vê o que eu vi e abafa no peito o grito da indignação, ou é um malvado ou um covarde, e eu espero não merecer jamais nenhum destes titulos. Imprima esta carta no todo ou em parte, si quizer: porque folgarei com isso. O que importa é ver si obtemos despertar a compaixão publica a favor destas infelizes. A. HERCULANO.

Carta de pesame que escreveu o Padre Antonio Vieira a certo fidalgo da Côrte

Meu sr. — Uma das maximas que se deviam evitar entre os politicos, é esta: que mais serve de renovar a dor, que de diminuir a pena; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece não admitte allivio. Nem

eu me atrevo a intima-lo a V. S.^a, pois conheço não pôde a minha persuasão ser poderosa para desvanecer o que V. S.^a por todas as razões deve sentir.

Deus, admiravel sempre em suas disposições, guarde a V. S.^a por muitos annos e lhe dê na mais resignada conformidade o mais justificado merecimento. — Creado de V. S.^a — *Antonio Vieira*. — Bahia, 19 de julho de 1661.

Segunda parte

Narrações, Apologos, Parabolas, Allegorias

A rosa e a açucena

Disse uma rosa corada:
„O que vales, açucena,
Symbolizando a candura?
Quasi nada.“

A flor responde agastada:
„O que vales tu, ó rosa,
Exprimindo a formosura? . . .
Quasi nada.“

Diz a moral assisada:
„O que vale a formosura
Sem a pureza, a virtude? . . .
Nada, nada.“

ANASTACIO LUIZ DO BOMSUCCESSO.

O sapoty

Deixado sobre a relva, o sapoty
A doçura perdeu, seccou, morreu.

Luctando co'a miseria e o abandono,
Morre a virtude que feliz nasceu.

Idem.

Os meninos de Sparta

Continuos exercicios e o descanso
Sobre grosseira cama,
A refeição frugal, concisa a phrase,
Assim se comportavam
Os meninos de Sparta; pois Lycurgo,
Legislador prudente,
Viu que a fama do paiz estava
Na militar grandeza:
E, querendo guerreiros, fez soldados
Os filhos da republica.

Dá ao adolescente que educas,
As bases ou principios
Da futura missão que exercer deve.

(Idem.)

Os ossos

Os ossos de um nobre se encontraram
Com os ossos de um peão. Estando a sós,
Nas tristes solidões de um cemiterio,
Pergunta o nobre ao outro: „Os teus avós? . . .

„Por entre essas ossadas que embranquecem
Da lua ao clarão mostrai-me os vossos.“
Responde-lhe o plebeu: „Não os distingo;
São do nobre e plebeu eguaes os ossos.“

Nas pedras sepulchraes ainda brilham
Dos homens a vaidade e impostura!
Levantai-as, leitor, lêde nos ossos. . .
— Somos todos eguaes na sepultura!

(Idem.)

O cão e o tamanduá

Farejando a fazenda que o rendeiro
Lhe confiára um dia,
Ia um cão, sua cauda sacudindo,
Repleto de ufanía.

Eis vê na touça que crescia além
 No meio dum caminho,
 Tendo no chão fendido occulta a lingua,
 Tamanduá sózinho.

Pára e grita de longe: „O' bruto, ó fera,
 O que buscas aqui?
 Não estragues o campo prestimoso,
 Retira-te dahi.“



„Emquanto vigilante o tecto guardas,
 Diz-lhe o tamanduá,
 Eu mato o insectozinho que da canna
 O colmo estragará.“

„As formigas, que eu como, causariam
 A' terra grande mal:
 Bem vês, faço um serviço; ou bruto ou fera,
 A ti me julgo igual.“

Foi-se o cão, e correndo dizia,
 Ladrando sem maldade:
 „Necessario ao bifolco¹⁾, eis um bichinho
 Bem util á herdade.“

Sem um valor qualquer nada ha no mundo:
 Os grandes e os pequenos
 Todos podem ser uteis; só differem
 Num pouco mais ou menos!

(Idem.)

Os dous colleiros

Um dia, numa gaiola
 Foi um colleiro trancado,
 E por humano capricho
 Viu-se assim escravizado.

Chorando dizia o triste:
 „Maldicta, maldicta sorte!
 Em lugar da escravidão
 Antes me dêsses a morte!“

Um cutro colleiro, livre.
 De ramo em ramo saltando,
 Ouvindo queixumes taes,
 Ia sonoro cantando:

„Tenho o ar, flores e fructos,
 Ameno campo divino.
 Amores e liberdade,
 Eu bemdigo o meu destino.“

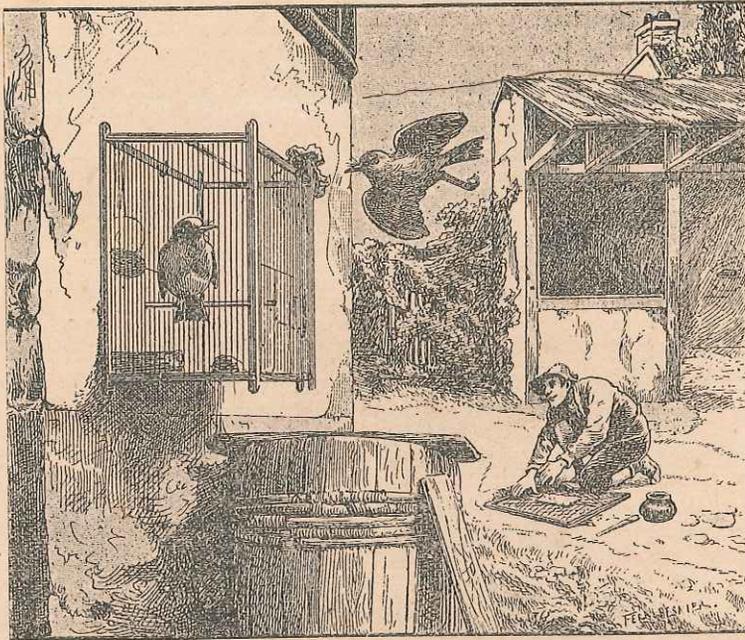
Eis que num dia dous homens
 (Que diversa inclinação!)
 Um abria uma gaiola.
 Outro armava um alçapão.

Ligeiro sae da gaiola
 Pobre, escravo passarinho;
 No traiçoeiro alçapão
 Cae o livre colleirinho;

¹⁾ *Bifolco* — italianismo, usado na linguagem poetica — lavrador.

Que as sortes foram mudadas
 Não é preciso dizer:
 Si o que gemia hoje canta,
 A quem compete gemer?

Quando a ventura sorri-nos,
 E' justo viver contente;
 Porém respeitando as dores
 Do que vive descontente.



Assim também, quando a sorte
 Não nos quer favorecer,
 Chorando nunca devemos
 As esperanças perder.

Pois na vida transitoria
 Lembrar este dito cabe:
 „Não ha bem que sempre dure
 Nem mal que se não acabe. . .“

(Idem.)

O passarinho preso

Na gaiola empoleirado,
 Um mimoso passarinho
 Trinava brandos quixumes
 Com saudades do seu ninho.

„Nasci para ser escravo
 (Carpia o cantor plumoso),
 „Não ha ninguem neste mundo
 „Que seja tão desditoso.

„Qu' é do tempo que eu passava,
 „Ora descantando amores,
 „Ora brincando nos ares,
 „Ora pousando entre flores?

„Mal haja a minha imprudencia,
 „Mal haja o visco traidor!
 „Um raio, um raio te abraze,
 „Fraudulento caçador.

„Em que pequei? por ventura
 „Fiz-te á scára algum mal?
 „Encetei, mordi teus fructos
 „Como damnhinho pardal?

„Agrestes, incultas plantas
 „Produziam meu sustento,
 „Inutil aos que se prezam
 „Do alto dom do entendimento. . . .

„Do entendimento! ah malignos!
 „Vós possuindo a razão
 „Tendes de vicios sem conto
 „Recheado o coração.

„Ah! si a vossa liberdade
 „Zelosamente guardais,

„Como sois usurpadores
„Da liberdade dos mais?

„O que em vós é um thesouro,
„Nos outros perde o valor?
„Destróc-se o jus do opprimido
„Pela força do oppressor!

„Não tem por base a justiça,
„Funda-se em nossa fraqueza
„A lei que a vós nos submette,
„Tyrannos da natureza!

„Em offensa das deidades,
„Em nosso damno abusais
„Da primazia que tendes
„Entre os outros animaes.

„Mas ah triste! ah malfadado!
„Para que me queixo em vão?
„Que espero, si contra a força
„De nada serve a razão!“

Aqui parou de cançado
O volatil carpidor;
Eis que vê chegar da caça
O seu barbaro senhor.

Trazia encostado ao hombro
O arcabuz fatal e horrendo,
E alguns passaros no cinto,
Uns mortos, outros morrendo.

Das penetrantes feridas
Ainda o sangue pingava,
E do cruento verdugo
As curtas vestes manchava.

O preso vendo a tragedia,
Coitadinho! estremeceu:
E de susto e de piedade
Quasi os sentidos perdeu.

Mas apenas do sossobro
Repentino a si tornou,
C'os olhos nos seus finados
Estas palavras soltou:

„Entendi que dos viventes
„Eu era o mais infeliz:
„Que outros têm peor destino
„Aquelle exemplo me diz.

„Da minha sorte já'gora
„Queixas não torno a fazer;
„Antes gaiola que um tiro,
„Antes penar que morrer.“

M. M. B. DU BOCAGE.

A cigarra e a formiga

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em penuria¹⁾ extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarella
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto della.

Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brio,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o acceso estio.

¹⁾ Penuria — syn. indigencia, pobreza.

„Amiga (diz a cigarra),
Prometto á fé d'animal,
Pagar-vos antes de Agosto
Os juros e o principal.“



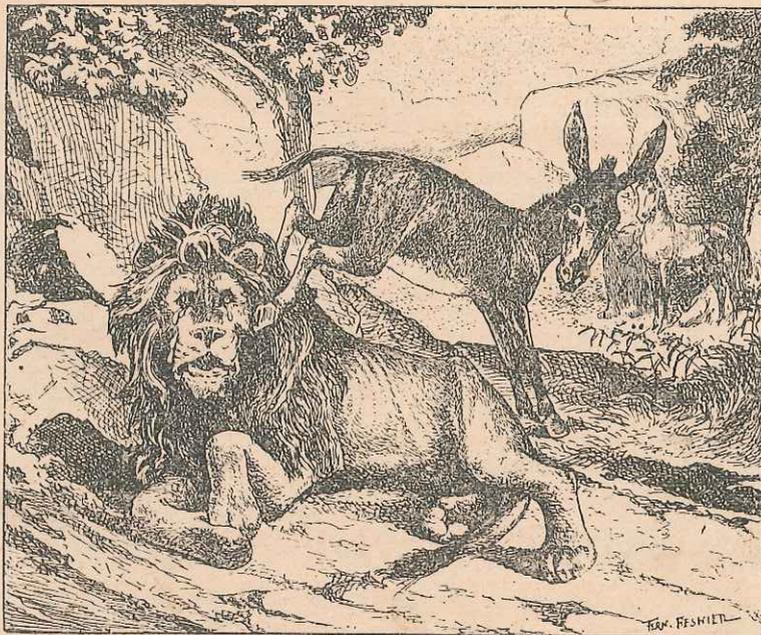
A formiga nunca empresta,
Nunca dá, por isso ajunta. . .
„No verão em que lidavas?“
A' pedinte ella pergunta.

Responde a outra: „Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.“
„Oh! Bravo! (torna a formiga)
Cantavas? pois dança agora!“

(Idem.)

O leão velho

Decrepito¹⁾ o leão, terror dos bosques,
E saudoso da antiga fortaleza,
Viu-se atacado pelos outros brutos,
Que intrepidos tornou sua fraqueza.



Eis o lobo c'os dentes o maltrata,
O cavallo c'os pés, o boi co'as pontas;
E o misero leão, rugindo apenas,
Paciente digere²⁾ estas affrontas.

Não se queixa dos fados: porém vindo
Vir o burro, animal d'infima sorte,
„Ah! vil raça! (Ihe diz) morrer não temo;
Mas soffrer-te uma injuria é mais que morte.“

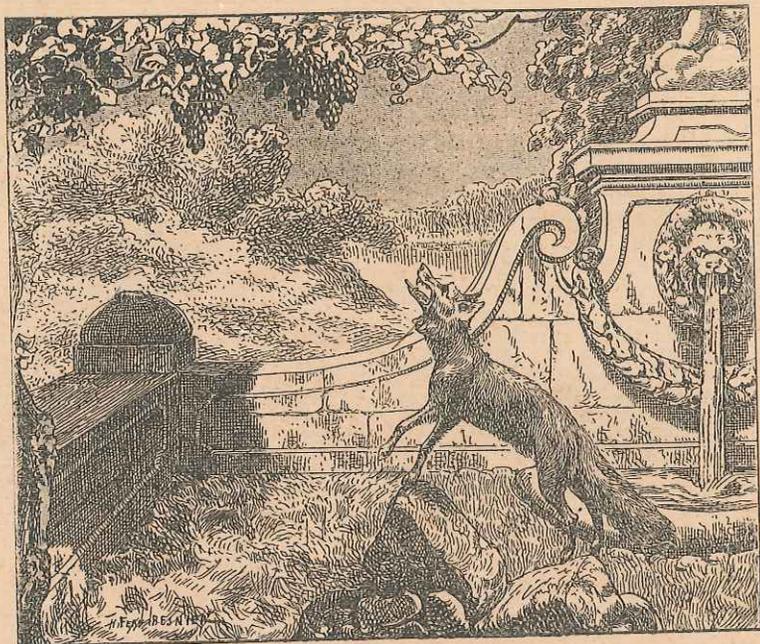
(Idem.)

¹⁾ *Decrepito* — velho e fraco.

²⁾ *Digere* — syn. supporta com resignação.

A raposa e as uvas

Contam que certa raposa,
Andando muito esfaimada,
Viui roxos, maduros cachos
Pendentes d'alta latada.



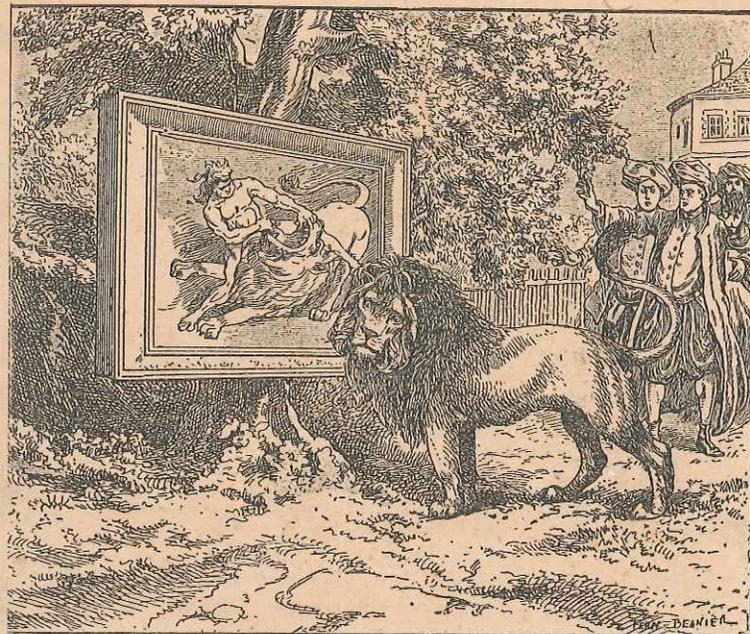
De bom grado os trincaria:
Mas sem lhes poder chegar,
Disse: „Estão verdes, não prestam,
Só cães os podem tragar.“

Eis cae uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

(Idem.)

O leão e o pintor

Poz-se em venda uma pintura
Onde estava figurado
Leão de enorme estatura
Por mãos humanas prostrado.



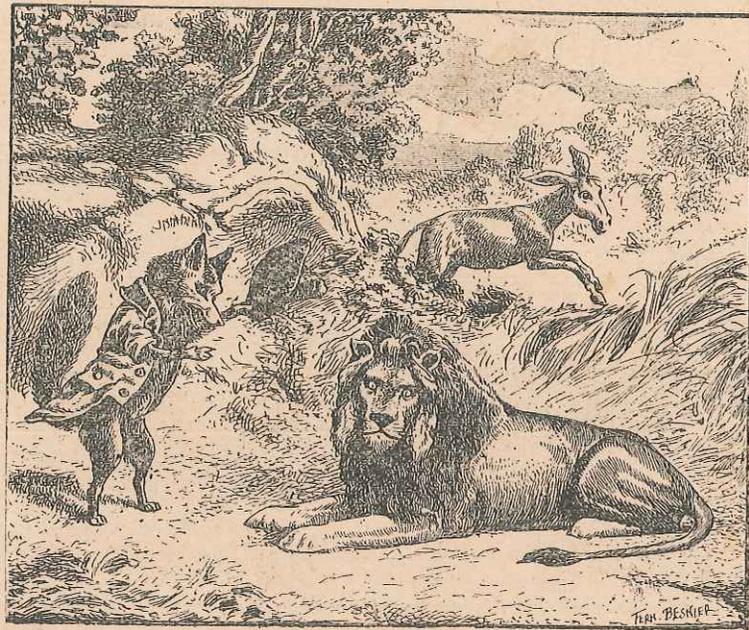
Mirava a gente com gloria
O painel: eis sinão quando
Um leão, que ia passando,
Lhe diz: „E' falsa a victoria.

„Deveis o triumpho vosso
A' ficção, blasonadores;
Com mais razão fôra nosso,
Si os leões fossem pintores.“

(Idem.)

O leão e a raposa

„Meu Senhor“, disse a raposa
Falando um dia ao leão,
„Eu não sou mexeriqueira,
Mas calar-me é sem razão.



Sabe que mais? Anda um burro,
Aqui por toda a cidade,
A dizer mil insolencias
Contra Vossa Magestade.

Elle diz que não percebe
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandeza
Desses seus merecimentos.

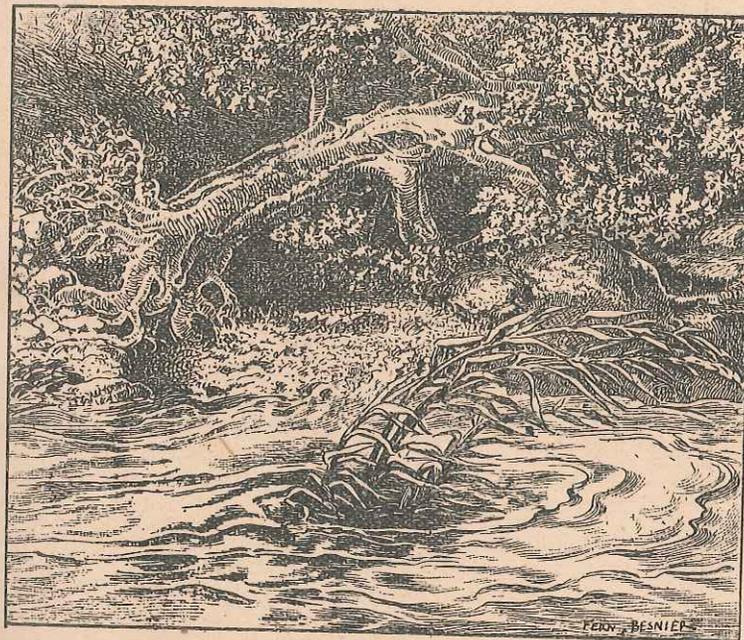
Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade,
Quando vence facilmente,
Ostentar heroicidade.“

Calou-se um pouco o leão,
E depois, sorrindo, disse:
„Que importa o que diz um asno?
Enfadar-se é parvoice.“

MARQUEZA D'ALORNA.

O carvalho e o canniço

Ao canniço o carvalho disse um dia:
Razão vos sobra contra a natureza.
Para vós peso immenso é a carriça ¹⁾



Ventinho que ao acaso
Encrespa a flor das aguas,
Vos faz baixar a cabeça,

¹⁾ Carriça — passarinho.

Emquanto que esta fronte, egual ao Caucaso,
Além de repellir do sol os raios,

As tormentas affronta.

Achais tudo Aquilão, Zephyros sinto.

Si ao menos vós nascesseis sob as folhas

Com que os vizinhos cubro,

Não soffrerieis tanto;

No tufão vos escudára:

Mas quasi sempre vindes

Nas frias margens donde throna o vento;

Comvosco a natureza foi bem dura.“

„A vossa compaixão“, responde o arbusto,

„Prova bom natural. Porém deixai-me;

Por vós mais que por mim temam-se os ventos;

Acurvo, mas não quebro. Vós, por ora,

Os golpes seus medonhos

Soffrestes sem dobrardes;

Aguardemos o fim.“ Nestas palavras,

De um ponto do horizonte corre em furia

O mais terrivel filho

Que nas entranhas suas tinha o Noto.

O carvalho se firma, o outro se acurva;

Duplica de esforço o vento,

E neste esforço arranca

Quem quasi ao céu chegava com a cabeça

E tocava com os pés da morte a estancia.

LA FONTAINE, traduzido por Joaquim José Teixeira.

Os rafeiros e o gozo

Morreu um nedio cabrito,
E o guardador, dono d'elle,
Depois de tirar-lhe a pelle,
Aos cães no campo o deitou.

Logo dum monte chegado,
Tomando os ventos¹⁾ e o cheiro,
Veiu um possante rafeiro,
Que da presa se apossou.

¹⁾ Tomando os ventos — farejando.

Depois um gozo chegando,
Quiz tambem ser camarada:
Mas levou tanta dentada,
Que na empresa desmaiou.

Ganindo e lambendo os beiços,
Poz-se de parte sentado,
Até que, desenganado,
Outrou partido buscou.

Foi-se ao casal mais vizinho,
E ao cão que guardava a porta,
De que havia uma rez morta,
Naquelle campo, avisou.

Sem que a nova agradecesse,
O convidado rafeiro,
Atraz do gozo matreiro
De corrida caminhou.

Eis que á presa se approxima
Ladrando e os arcos mordendo;
Mas o que estava comendo
Adeante se atravessou.

Mostrando os mordazes dentes,
Um ao outro se avizinha:
Entre o que estava e o que vinha
Pendencia¹⁾ atroz se travou.

Ei-los nas pernas se empinam,
Salto agora, agora tomo,
Dentes ferrados no lombo,
Largou este, este filou.

Emtanto o ladino gozo
Esta aberta²⁾ aproveitando,
Nos restos da rez saltando,
Nem migalha esperdiçou.

¹⁾ Pendencia — syn. lucta.

²⁾ Aberta — occasião, oportunidade, ensejo.

Depois de bem lacerados,
Os dous á presa voltaram;
Mas só o sitio lhe acharam,
Que nada o gozo deixou.

Ah! quantos destes exemplos
Não vemos na redondeza,
Depois que a torpe avareza
Seu veneno propagou!

B. M. CURVO SEMMEDO.

O rei e o sapateiro

Era uma vez. . . quando foi
Eu bem ao certo não sei!
Porém sei que era uma vez
Um sapateiro e um rei.

Olha, Helena, o sapateiro
Era um pobre remendão,
Casado e com quatro filhos
Que via quasi sem pão.

No recanto de uma escada
Noite e dia trabalhava,
E por allivio de maguas
Esta cantiga cantava:

„Ribeiros correm aos rios,
Os rios correm ao mar;
São tudo leis deste mundo
Que ninguem póde atalhar:
Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar!“

O rei tinha montes d'ouro
E joias em profusão,
E tinha mais que ouro e joias,
Pois tinha um bom coração.

Em vendo um pobre, acudia-lhe
Sem que o soubesse ninguem,
Que assim quer Deus que se faça,
E assim o faz tua mãe.

Por muitas vezes saía
Sem creados de libré,
E sózinho e disfarçado
Corria a cidade a pé.

Na rua do sapateiro
Passa o rei e ouve cantar:
„Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar.“

Isto uma vez e mais duma
Com voz que o pranto cortava,
E o rei condeou-se d'alma
Do velho que assim cantava.

Chegado ao palacio ordena
Que lhe arranje o seu copeiro
Um bolo, do melhorio,
E que o mande ao sapateiro.

No melhorio do bolo
E' que estava o delicado,
Pois era de peças d'ouro
Todo, todo recheado.

Os pequenos quando o viram,
Helena, imagina então
Os olhos que lhe deitaram,
Elles que nem tinham pão! . . .

Mas o pae a um seu compadre,
Que ás vezes o soccorria,
Foi dar de presente o bolo,
Sem ver o que nelle havia!

No dia seguinte o rei
Torna de novo a passar,
E com grande espanto seu
Ouve inda o velho cantar:

„Ribeiros correm aos rios,
Os rios correm ao mar:
Quem nasce para ser pobre
Não lhe vale o trabalhar.“

Manda-o chamar ao palacio,
E agastado então o rei
Lhe diz: „Que é das peças d'ouro
Que no bolo te mandei?“

O pobre do sapateiro
Tremendo conta a verdade:
Abalou-se novamente
O rei na sua piedade.

„Toma esta sacca“, lhe diz,
„Ao erario vae d'aqui
Enche-la de peças d'ouro.
Que as peças são para ti.“

O' Helena, suppõe tu
Qual foi a sua alegria
Vendo que um thesouro aos filhos
Naquella sacca traria! . . .

Encheu-a a mais não poder,
Pô-la ás costas e partiu;
Deu quatro passos. . . nem tantos,
E nisto morto caiu! . . .

Na mão direita lhe acharam
Um papel onde se lia
Esta sentença, que o povo
Ser sobrehumana dizia:

„Eu para pobre o creci,
Tu rico faze-lo queres;
Agora alli o tens morto:
Dá-lhe a vida, si puderes.“

A esmola do pobre

Nos toscos degraus da porta
De egreja rustica, antiga,
Velha, tremula mendiga
Implorava compaixão:
Quasi um seculo contado
De atribulada existencia,
Ei-la, enferma e na indigencia,
Que á piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A' distancia, na alameda;
Uma trajava de seda,
Da outra humilde era o trajar:
Uma era rica, outra pobre;
Ambas loiras e formosas;
Nas faces a côr das rosas
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos
Vencida pelo canção,
Viu a mendiga, e ao regaço
Uma esmola lhe lançou:
Ella recebe-a e a creança,
Que a soccorre compassiva,
Em prece fervente e viva
Aos anjos encommendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
A' creança mal vestida
Disse a do rico trajar:
„O prazer de dar esmolas,
A ti e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado!
Aos pobres o que has de dar?“

Então a creança pobre,
Sem mais sombras de desgosto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da egreja se aproximou:

E após, serena, em silencio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrimdo-se, ajoelha,
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada
Ao collo os braços lhe lança,
E beija a pobre creança,
Chorando de commoção;
E assim é que a caridade
Do pobre ao pobre consola:
Nem só da mão sac a esmola:
Sac tambem do coração.

JULIO DINIZ.

O leão e o rato

Saiu da toca aturdido,
Danninho, pequeno rato,
E foi cair insensato
Entre as garras dum leão.

Eis o monarcha das feras
Lhe concedeu liberdade,
Ou por ter delle piedade,
Ou por não ter fome então.

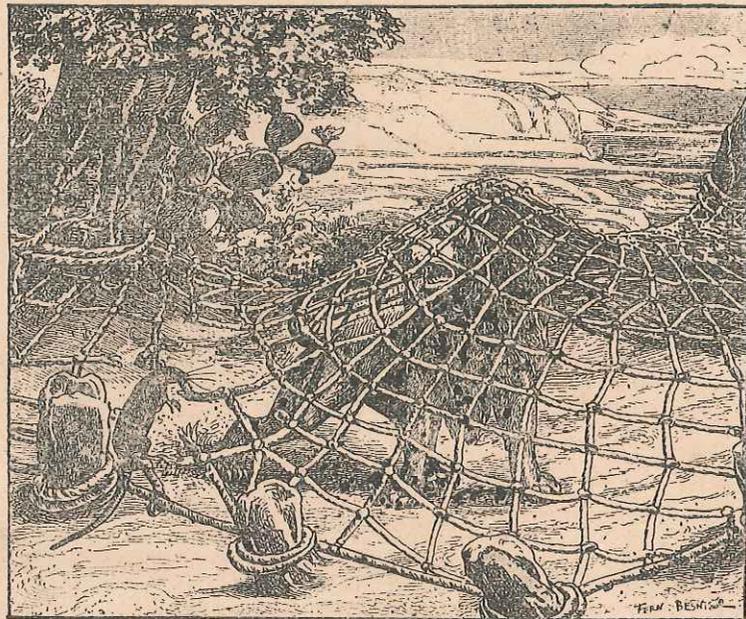
Mas esta beneficencia
Foi bem paga; e quem diria
Que o rei das feras teria
Dum vil rato precisão? . . .

Uma vez que elle ia entrando
Por uma selva frondosa,
Caiu em rede enganosa
Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo
Balda¹⁾ sem poder fugir-lhe,
Mas vem o rato acudir-lhe,
Entra a roer-lhe a prisão.

¹⁾ *Baldar* — verbo trans. — empregar inutilmente.

Rompe com os finos dentes
Primeira e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais tambem rotas são.



O seu bemfeitor liberta,
Uma dívida pagando,
E assim á gente ensinando
De ser grato a obrigação.

Tambem mostra aos insoffridos¹⁾
Que o trabalho com paciencia
Faz mais que a força, imprudencia
Dos que em furia sempre estão.

B. M. CURVO SEMMEDO.

¹⁾ *Insoffrido* — impaciente.

O rio e o regato

A um manso regato um dia
Soberbo rio dizia:
„Desgraçado, eu te lamento,
„Em teu curso pobre e lento;
„Pois, fazendo voltas tantas
„Por entre rasteiras plantas,
„Corres sem nome, escondido,
„E tanto que eu, conhecido,
„Nas cidades mais formosas
„Minhas ondas copiosas
„Metto, levando abundancia
„A' mais remota distancia.
„Cem regatos orgulhosos
„De minha alliança, anciosos
„Se vem metter no meu seio
„Sem fazer um só rodeio.
„Demais, eu tenho coragem,
„E nada em minha passagem
„Encontro que eu não arrede.“
Disse; e ainda mais fallára,
Quer da sua origem rara,
Quer das suas qualidades,
Quando a tacs fatuidades,
Mais sabio, o pobre regato
Lhe responde, mui pacato:
„Que, amigo! da matriz
„Ou lago donde saís,
„Não tenho eu tambem saído?
„Logo depois de nascido
„Um e outro nesta selva,
„Debaixo da mesma relva
„Nossas aguas não correram?
„Donde é, pois, que vos vieram
„Tantos fumos de altivez?
„Só o acaso é que vos fez,
„Deixando o materno berço,
„Correr por lugar diverso.
„Vós em terreno inclinado
„Caminhais mais apressado
„Absorvendo estes ribeiros

„Que em vós se mettem ligeiros,
„Vossas aguas engrossando.
„Eu, ao longo costeando
„Estas formosas collinas,
„Minhas aguas crystallinas
„Conduzo tranquillamente;
„Mas por isto, francamente,
„Julgais ser mais do que eu nobre?
„E' verdade que mais pobre
„Eu sou d'agua; porém ella
„Não é clara, pura, bella?
„Vós causais o medo e espanto
„Por onde passais: emtanto
„Que eu com murmurio sereno,
„Regando mais de um terreno,
„Fertilizo estas campinas
„Sem causar essas ruinas,
„Que por vós causadas vejo;
„Antes sempre bemfazejo;
„Até que a minha corrente
„Se confunda finalmente
„Nesse mar vasto e profundo,
„Onde um dia, sem segundo,
„Tocando os mesmos extremos,
„Ambos juntar-nos devemos.“

MARQUEZ DE PARANAGUÁ.

Quando eu era pequenino

Quando eu era pequenino
Tinha um covado d'altura!
(Em me isto lembrando, choro,
E no choro acho doçura!)

Era o brinquinho de todos;
Era da casa o regalo;
A mãe me trazia ao collo,
O pae no hombro a cavallo.

Tristezas, penas, cuidados
Eram tanto para mim,
Como o riso das mulheres,
Como dinheiro e o latim,

Fazia idéa do mundo
Ser mais pequeno¹⁾ do que é;
Mas suppunha-o mais alegre,
E cheio de boa fé.

Nuvem da aurora ou poente
Sempre cuidei ser papoulas¹⁾,
O iris pedras mui finas
As estrellas lentejoulas²⁾!

Custava-me em tantas joias
Não poder pôr as mãosinhas;
Que inveja vos tive ás azas,
O' mosquitos e andorinhas!

Si um monte apanhava a lua,
Quem me lá déra. dizia,
A ver si é bem redondinha,
E de que é feita, e si é fria!

Pois o sol! como eu scismava
De ver cada tarde ao certo
Ir todo alegre apagar-se
No mar dourado e deserto!

E logo a manhan seguinte,
Das nuvens rasgando o véo,
Traze-lo de novo acceso
Já doutra parte do céo!

Mil cousas então pensava,
No meu juizinho estreito,
A'cerca do Pae Celeste
Que ao sol e a mim tinha feito!

Com devoção de creança
Punha as mãos e ajoelhava,
E as orações repetia
Que a boa mãe me ensinava!

¹⁾ *Papoula* — flor da papoula, chamada tambem dormideira, de côr vermelha.

²⁾ *Lentejoula* — palheta, ou laminas pequenas, de qualquer metal, que servem para adorno de vestidos etc.

„Pae do céo, fazei que eu siga
As santas leis que me dais,
Que seja amigo de todos,
Que vos agrade e a meus pacs.“

Depois rezava por elles,
Por minha irman, pela gente
Que morava em cada choça
Da nossa aldeia innocente;

Pelo rei, que eu nunca vira,
E velhos pobres, que eu via
Pagar-nos com suas rezas
A esmola de cada dia.

Tempo de paz e de gosto,
De vós que resta? A saudade.
Esta, ao menos, Deus piedoso,
Me conserva em toda a idade.

A. F. DE CASTILHO.

A parábola das varas

Um velho sabio e prudente,
Vendo-se vizinho á morte,
Chama tres filhos que tem,
E fala-lhes desta sorte:

„Eia, vêde, amados filhos,
Si quebrais, por força ou geito,
Este emblema;“ e tira um mólho
De varas de vime feito.

Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a parti-lo;
Mas, por mais força que emprega,
Nunca pôde consegui-lo.

Pega-lhe o filho segundo,
Destro e valente rapaz,
Que parti-lo não consegue,
Por mais esforços que faz.

Entregam-no ao mais pequeno,
Que blasonava de mui forte.
Torce-o, dobra-o, córa e súa,
E deixa-o da mesma sorte.

„Fracos filhos! diz o pae,
Vossa fraqueza celebre!
Vêde como desta idade
Essas varas todas quebro.“

Depois desatando o mólho.
Prompto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vac partindo.

E diz: „Vêde neste exemplo,
Filhos de meu coração,
Os desastres da discórdia
E as vantagens da união.

Partir não podeis, ó moços,
As varas estando unidas;
Mas, depois de separadas,
São por fracas mãos partidas.

Si unidos vos conservardes,
Assim, ó filhos, sereis,
E aos baldões impios da sorte
Sem custo resistireis.

Mas, si algum dia a desgraça
Vos chegar a desunir,
Qualquer de vós aos seus golpes
Não poderá resistir.“

Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo
Sua carreira termina.

Os filhos choram-lhe a morte
Com lamentos^odeploraveis,
Porém lembram-se mui pouco
De seus conselhos saudaveis.

Porque damnoso interesse
Em partilhas os envolve,
Um credor, outro credor
Os bens paternos dissolve.

Depois, vomitando injurias,
Uns contra os outros litigam;
E os ministros com prisões
E com multas os castigam.

Pobres por fim, noite e dia,
Com pranto e queixas amaras,
Recordam, mas sem remedio,
O sabio exemplo das varas.

B. M. CURVO SEMMEDO.

Quem pagará o pato?

Origem deste rifão popular

Iam dous estudantes caminhando,
De fome a bocejar de quando em quando;
Dizia um para o outro: „Ah! meu collega,
Quando a fome é demais até me cega!
Que havemos de fazer? pobre reptil,
Na algibeira não trago um só ceitil! . . .“
„O mesmo me acontece,“ o outro dizia;
„Mas não deve estar longe a hospedaria,
E embora, como tu, eu seja um fona,¹⁾
O credito que temos nos abona. . .
Porém lembra-me agora um expediente,
Que talvez venha a ser-nos excellente.

¹⁾ *Fona* — é syn. de sovina, avarento; aqui diria melhor o vocabulo *pinga*, que significa homem que costuma andar sem vintem.

Por exemplo, si queres, me adanto,
Entro, peço o jantar, sentó me e janto:
Chegas tu ao depois, me cumprimentas,
Offereço-te o jantar e tu te assentas;
Depois para pagar trabalharemos,
E nem eu e nem tu jámais cedemos.“
„Muito bem“, diz o outro, „a idéa abraço;
Por minha conta o mais, que o mais eu faço.“
Eis que ao longe um hotel então deparam, ¹⁾
E, conforme o ajuste, se separam.
Primeiro chega um á tal paragem;
Pede que o sirva ao moço da estalagem.
„Senhor, já nada ha, tudo acabou-se;
O fogo até que havia, ora apagou-se;“
„Não sei, estou com fome,“ brada aquelle,
„Dá-me já de comer ou vou-te á pelle.“
E mal a phrase tinha elle acabada,
Quando ouviu por alli certa grasnada.
„Um pato! um pato aqui!“ exclama logo,
„E dizes que não ha nem mesmo fogo! . . .
„Isso lá, não senhor, porque esse pato
„E' o pato do amo, e eu não o mato.“
„Ora deixa-te disso, meu brejeiro!
„Eu não faço questão, lá por dinheiro!“
„Veja lá o que diz! Olhe que eu mato,
Mas são vinte mil réis, que custa o pato!“
„Seja lá quanto fôr, prepara, anda,
Que a barriga ou a fome é quem o manda.“

Em breve põe-se a mesa e num instante
Prompto a jantar se poz o estudante;
Mas nisto o outro chega, conhecendo
Que a cousa muito bem ia correndo.
Jantaram; quando ergueu-se o tal primeiro,
E num tom magistral disse ao caixeiro:
„Não receba daquelle nem vintem,
Sou eu quem paga o pato; entendeu bem?“

¹⁾ „Eu deparo alguma cousa ou com alguma cousa são locuções erradas. Nos bons escriptores encontramos: *A sorte, o acaso, a Providencia deparou-me um bom amigo*; e não: *eu deparei um bom amigo*. Bernardes diz: *A Providencia deparou-lhes no porto mais vizinho uma embarcação que levantava ferro.*

„Sim, Senhor“, disse o moço, e lá comsigo
Não pensava que houvesse alli perigo;
Porém senta-se aquelle, e, disfarçando,
Vae o outro ao caixeiro; e, o encarando,
Diz em tom de ameaça: „Olhe que o mato,
Si não for eu quem paga aquelle pato! . . .“
Então travou-se a lucta em vozzeria,
E ceder um ao outro não queria.
O pobre do caixeiro andava afflicto,
A ver si accommodava tal conflicto;
Mas até que afinal, a muito custo
(O caixeiro tremia então de susto),
Convieram que um delles só pagasse
A quem em *cabra-cega* elle agarrasse;
E, apertando-lhe aos olhos uma venda,
Começou o caixeiro na contenda:
„Quem pagará o pato?“ repetindo,
E ás cegas para os dous se dirigindo.
E emquanto, com os braços á porfia,
Como um louco gritava e repetia:
„Quem pagará o pato, o pato, o pato?“
Os autores daquelle desacato
Se mandaram mudar, vindo o creado
Ficar daquelle modo assim logrado.
Nisto vem vindo o lorpa do hospedeiro,
Que, vendo em tal estado o seu caixeiro,
Approxima-se delle, enfurecido,
Perguntando si tinha endoudecido.
O caixeiro segura-o pelo fato
E alegre exclama: „E's tu, pagaste o pato!“

Conceito

Isto nos mostra muito claramente
Que é quasi sempre o dono que mais sente.

L. M. PECUEIRO.

Eu, Antão Verissimo e a mosca

Eu tive um condiscipulo amantissimo,
Que era um santo rapaz e nada cábula,¹⁾
Transmontano, por nome Antão Verissimo
E, como eu, estudava para rábula;
Tinha por vil a herdada vida agricola,
E, rindo-se, assignava na matricula.

Sapato engraxadinho e meia fina
Substitui á tamanca costumada;
A' vestea de burel — capa e batina,
Gorro ao grosso chapéo, Pachoaes²⁾ á enxada,
A senhoria ao tu, á bróa ô trigo. . .
E um viver novo ao seu viver antigo.

Si o habito por si fizesse o monge,
Sem precisar disposições internas;
Si para um coxo, em pouco tempo, ir longe,
Lhe bastasse o cuidar que tinha pernas:
Sem duvida seria Antão Verissimo
Estudante, e estudante chapadissimo.³⁾

Como, lavrando, desbancava a mil,
Suppoz que estudar leis e segar erva
Seria o mesmo, não sabendo o: — *nil*
*Invita dices faciesve Minerva,*⁴⁾
E um canon do Genuense que diz muito:
Não tentes o que excede ao teu bestunto.

Os termos de Paschoal⁵⁾ e Cavallario⁶⁾
Gastava a procurar o dia inteiro
No martyr, descosido dictionario,
E á noite, decorava ao candieiro;

¹⁾ *Cábula* — termo escolastico — gazeteiro.

²⁾ *Paschoaes* — os compendios de Paschoal.

³⁾ *Estudante chapado* — estudante completo, rematado.

⁴⁾ Traducção litteral: — Nada digas nem faças contra a vontade de Minerva; isto é, contra a natureza, genio, aptidão; e corresponde ao adagio: *Não vá o sapateiro além da chinela.*

⁵⁾ *Paschoal de Mello Freire dos Reis* — jurisconsulto portuguez (1738—1798).

⁶⁾ *Cavallario* — auctor italiano de diversas obras de direito ecclesiastico.

Ir á aula, almoçar, jantar, cear
Só tinha vago, o mais, era estudar.

Dizem que *quem porfia mata caça*;
Julgo proverbio de cabeça tôsea.
Vamos á historia: Um dia na vidraça
Viu o nosso doutor azoada mosca
Esvoaçar, zunir, andar marrando,
Passagem pelo vidro procurando.

Poz de parte um momento a Lei Mental,
E co's olhos no insecto exclama assim:
„Oh! que teimoso e estúpido animal!
„Embora teimes, teimarás sem fim:
„Por entre ti e o sol não vês que está
„Um vidro que passagem te não dá?!

„Segue o exemplo das mais que andam com gosto
„A dançar sobre aquelle assucarcero;
„Do amigo que allí dorme chucha o rosto,
„Depois esmôe¹⁾ a andar no travesseiro.“
Eu, que dormir fingia e não dormia,
De tal offerta em trôco assim dizia:

„Dêste á mosca um conselho prudentissimo,
„Tão bons os dê's tu sempre em sendo rábula!
„Mas és qual frei Thomaz, Antão Verissimo,
„Ou como o homem da tranca na parabola;
„Dez vidros furaria esse animal,
„Antes que entendas uma Lei Mental.

„Entre ti e a sciencia ha vidros baços.
„Nem tu, nem cem de ti os romperiam;
„Vende o candieiro, a loba²⁾ os calhamaços³⁾
„Torna-te ás terras que batatas criam.
„E' melhor ser um farto lavrador
„Do que um mirrado e estúpido doutor.

¹⁾ *Esmoer* — fazer a digestão.

²⁾ *Loba* — traje de estudante.

³⁾ *Calhamaço* — termo vulgar — livro grande e velho.

„Manda ao inferno os livros sybillinos,
 „Vem para cama conversar comigo;
 „De Horacio eu falarei, tu de pepinos,
 „Depois eu de Virgilio e tu de trigo.
 „Tira das leis com que dar uso aos queixos
 „Quem póde; e cada qual gire em seus eixos.“

Nesta fabula historica se intima
 O que ninguem ignora e não se observa:
 A tal sentença velha, obra mui prima,
 Do: *Nada faças, si o não quer Minerva;*
 Isto é, que um genio que nasceu de encólhas,¹⁾
 Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre afreguezado
 Não vá ser na tragedia actor primeiro,
 Que em transportes de principe ultrajado,
 Ralhará como mestre sapateiro;
 Quem nasceu para chufas e chalaça
 Nem epopéas nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,
 Seja ladrão de estrada, e não juiz,
 Procurador, lettrado ou escrivão;
 Que um bóde se não metta a ser derviz,²⁾
 Nem um burro academico; nem . . . nem . . .
 Exemplos disto numero não têm.

VISCONDE DE CASTILHO.

A leôa

Não ha quem a emoção não dobre e vença,
 Lendo o episodio da leôa brava,
 Que, sedenta e famelica, bramava,
 Vagando pelas ruas de Florença.

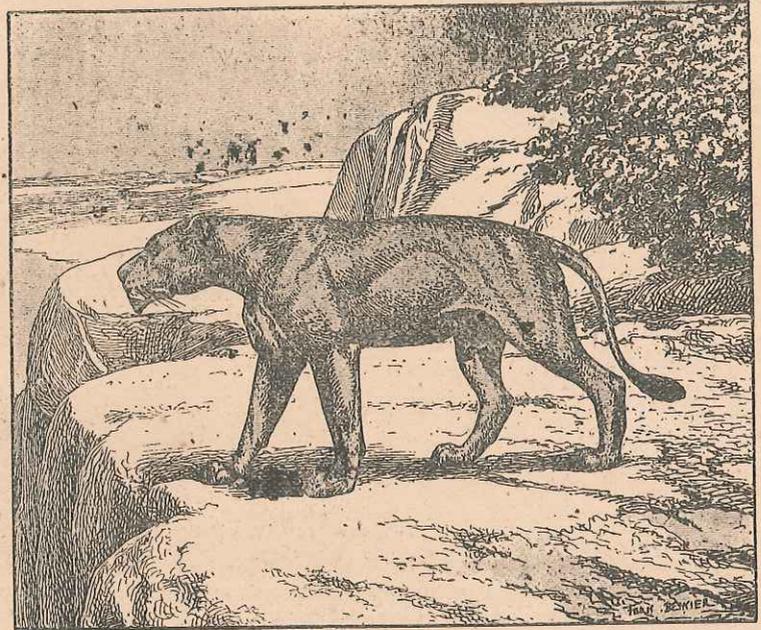
Foge a população espavorida,
 E na cidade deploravel e erma
 Topa a leôa só, quasi sem vida,
 Uma infeliz mulher debil e enferma.

¹⁾ *Nascer de encólhas* — nascer apoucado, de fraca intelligencia.

²⁾ *Derviz* — ou *derviche* palavra persica — monge musulmano.

Em frente á fera, um estupor do assombro
 Não já por si tremia, ella, a mesquinha,
 Porém porque era mãe, e o peso tinha,
 Sempre caro p'r'as mães, de um filho ao hombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o choro,
 Desvairava-a o pavor! . . . e emtanto, o lindo,
 O tenro infante, pequenino e louro,
 Placido estava nos seus braços rindo.



E o olhar desfeito em perolas celestes
 Crava a mãe no animal, que pára e hesita,
 Aquelle olhar de supplica infinita,
 Que é só proprio das mães em transes destes.

Mas a leôa, como si entendesse
 O amor da mãe, incolume deixou-a. . .
 E' que esse amor até nas feras vê-se!
 E é que era mãe talvez essa leôa!

RAYMUNDO CORRÊA.

O prazer da esmola

Quando os meus quinze contei
Um tio velho que eu tinha,
Que indo choro e chorarei
Toda inteira a vida minha,
Disse-me um dia: „Olhe cá;
Está quasi um homem já:
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente,
Com que um homem. . .
Com que um homem se apresente.“

Julguei, nesta oração toda,
Que o tal *quasi* sobejava
E sondei o beijo em roda,
A ver si o buço apontava.
Extranhára o tratamento!
E o programma, que um portento
No tom me estava indicar,
Fez-me logo á introducção
Palpitar. . .
Palpitar o coração!

Fiquei-me desvanecido.
E, aprumando-me vaidoso,
Ouvi, meio distraído,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom do meu tio então,
Acções juntando a promessas.
Deu-me, para meu thesouro,
Duas peças. . .
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade
E o valor que este incidente
Outorgára á minha idade,
Dei dous pulos de contente.
As peças mirei de perto:
E não trocava de certo,

Desdenhando regias sinas,
O meu erario infantil
Pelas minas. . .
Pelas minas do Brazil!

A scismar no que faria
De tão grosso cabedal,
Passei o resto do dia,
E de noite dormi mal.
No meu somno a cada instante,
Via um grupo fulgurante
D'effigies taes, que não sei
Quem as tivera inventado;
E sonhei. . .
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
Posto a pé antes do sol,
Quiz tomar por alli fóra
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito,
. . . Para mim. . .
Para mim era inda estreito! . . .

Meditava seriamente
Si faria acquisição
Dum relógio com corrente,
Ou dum cavallo rabão.
Como escolhesse o cavallo,
Entrei logo a ajaeza-lo.
Mas. . . mas o relógio! . . . Aqui,
Pensando com mais estudo,
Resolvi. . .
Resolvi-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol posto,
Já fresca, outoniça aragem
De um dia depois d'agosto
Ciciava entre a folhagem.

Fui ao moinho do outeiro,
Onde o Dominges moleiro,
Porque ás vezes me deixára
Trotar do seu macho em cima
 Conquistára. . .
Conquistára a minha estima.

De o deslumbrar d'apparatos,
A pia tenção levava;
Mas fui acha-lo nos tratos
Duma terçan¹⁾ que o prostrava.
Cessára o motim festivo:
Solitario e semivivo
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarellas,
 Num montão. . .
Num montão das rotas velas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu afflicto saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dous penando! . . .
Em tal desarrimo e dôr,
Tirando a peça primeira,
 Fui-lh'a pôr. . .
Fui-lh'a pôr á cabeceira.

Que nunca ninguem se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saudades da peça,
Mas tinha orgulho da acção!
Ficára aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei,
Bem que no caso a scismar,
 Caminhei. . .
Caminhei para o lugar.

¹⁾ *Terçan* — ou febre terçan, que apparece de tres em tres dias.

Um pardieiro¹⁾ entre rosas,
Havia do povoá entrada,
Junto ás ruinas musgosas
Duma ermida derrocada.
Vivia nesta casinha
A tia Anna, uma velhinha
Que sabia muita historia,
E m'as contava ao serão,
 Co'a memoria. . .
Co'a memoria da afeição.

Em versos um tanto baldos,²⁾
Modulava-me ella ainda
As trovas de *D. Reinaldos*,
E o romance da *Florinda*.
Fugia a noite apressada
Ao sabor dessa toada,
Em tão suspenso escutar
Que o meu sentido primeiro
 Foi chegar. . .
Foi chegar a cavalleiro.

Uma vaquinha leiteira,
D'alvas malhas, pello nedio,
Era a sua companheira
E tambem o seu remedio.
Conhecia-lhe a canção
E vinha comer-lhe á mão,
Quando não pascia á porta.
Chego, e a fala me abandona! . . .
 Vejo-a morta. . .
Vejo-a morta aos pés da dona!

Déra-lhe o mal de repente;
Para morrer allí fóra!
Meigo o olhar, intelligente,
Inda carinhos implora! . . .
A pobre velha, coitada!
Sem voz, tremula e parada,

¹⁾ *Pardieiro* — edificio velho e em ruinas.
²⁾ *Versos baldos* — versos de pé quebrado.

Olhava, olhava tambem,
Como quem da dor que encerra,
 Mais não tem. . .
Mais não tem que ver na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas
Que da propria sympathia
São as vozes indiscretas. . .
A velha não se moveu. . .
E chorava! . . . E chorei eu! . . .
Que havia determinar,
Em miseria tão expressa,
 Sinão dar. . .
Sinão dar-lhe a outra peça? . . .

Puz-lh'a, mudo, no regaço;
E volvi a passos lentos,
Apagando, num só traço,
Desejos com sentimentos!
Senti o fausto perdido,
Mas não foi de arrependido! . . .
Dissipada já deixava
A phantastica opulencia;
 Mas levava. . .
Mas levava a consciencia!

MENDES LEAL.

Recordações da infancia

Saudades! . . . Tenho saudades
Desses tempos que lá vão!
Quando á porta do quinteiro
Eu jogava o meu pião;
Quando no campo eu corria,
C'um papagaio na mão!

Oh! que então eram, na terra,
Tudo venturas pr'a mim!
Meu pae me dava biscoutos,
Minha mãe beijos sem fim;
Minha avó me defumava,
De manhan, com alecrim!

Por entre os prados amenos
Como, contente, eu saltei,
Com meu chapéo de dous bicos,
Que dum papel arranjei,
E em grosso pau a cavallo,
Mais orgulhoso que um rei!

De ser christão, nessa idade,
Tendo já nobre altivez,
De papelão com a mitra
Que o mano Antonio me fez,
Ao pé da minha egrejinha
Bispo fui por muita vez!

Noz innocentes folguedos
Eu' via o tempo voar;
Si um dia vinha um sopapo
Que me obrigava a chorar,
Depois, de mimos coberto,
Eis-me a rir, eis-me a brincar!

Meu pião idolatrado,
Que será feito de ti?
Papagaio da minha alma,
Ha que tempo te não vi! . . .
Doces biscoutos d'outr'ora
Quem m'os déra agora aqui!

Meigos beijos, innocentes,
Como ainda me lembrais!
Cheirosos defumadouros,
Que saudade me inspirais!
Meu lindo chapéo de bicos,
Não me enfeitarás jámais!

Grosso pau em que eu montava
Em cinzas, talvez, será!
A mitra com que fui bispo
Esfarrapada foi já!
E a minha bella egrejinha
Em que mãos, hoje estará?!

Da infancia a negra saudade,
Que á desgraça me reduz,
A minha alma espevitando,
Tem quasi apagada a luz;
Só vivo até que meu peito,
A's escuras, diga: „truz!“

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Meus oito annos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquellas tardes fagueiras,
A' sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
Respira a alma innocencia,
Como perfumes a flor;
O mar é lago sereno;
O céo, um manto azulado;
O mundo, um sonho dourado;
A vida, um hymno de amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noite de melodia
Naquella doce alegria,
Naquelle ingenuo folgar!
O céo bordado de estrellas,
A terra d'aromas cheia,
As ondas beijando a areia,
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céo de primavera!
Que doce vida não era
Nessa risonha manhan!

Em vez das maguas d'agora,
Eu tinha nessas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irman!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
Pés descalços, braços nus,
Correndo pelas campinas
A' roda das cachoeiras.
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues!

Naquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Rezava ás Ave-Marias,
Achava o céo sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida,
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores
Naquellas tardes fagueiras,
A' sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

CASIMIRO D'ABREU.

Sudorifero infallivel

No meu tempo, em Coimbra, para medico,
Estudava um rapaz,
Moço bem comportado, nada cábula,
E bastante sagaz.
Num acto perguntou-lhe um cathedratico,
Que spremê-lo mais quiz:

„Si em tal doença. . . (e deu-lhe um nome hellenico
Dos que a gente maldiz)
„Quizesse ao seu doente, em abundancia
„Promover-lhe suor,
„Que remedio empregava então, sollicito?
„Diga, faça favor.“
Corre o estudante a escala aos sudoriferos,
Apontando um a um,
E a todos diz-lhe o lente, com tom rispido,
Sem lhe agradar nenhum:
„Mas si inda não suasse?“ — Volve ironico
O rapaz singular:
„Mando-o aqui fazer acto, pois de marmore
„Que seja, ha-de suar.“

JOÃO DE LEMOS.

A torrente

Da serra azul, onde a palmeira medra,
Onde paira a neblina, se deriva,
Entre abertos lisins de esconsa pedra,
Um fio de agua viva;
Exiguo e frouxo, palmo a palmo, avança
Pela escarpada; a folha, de passagem,
Leva, rodeia os troncos, não descança
Não pára na viagem.
Ora entre os lichens verdes serpentêa,
Corre entre os fetos, geme na fragura,
Ora caminho aberto em livre areia
Acha, — avança, murmura,
Desce, depois mais volumoso, arreda
Quanto encontra e, augmentado em cada fragua,
Recúa e salta, erguendo em cada queda
O seu pennacho d'agua;
Com a chuva engrossa, rue no chão da gruta,
Cascata agora, — a penedia bronca
Mina-a em redor, desloca-a, immensa e bruta,
Leva-a, espumeja e ronca;
A tudo investe, abala, desimplanta,
Destróe, derruba, na evulsão crescente,
E ruge das quebradas na garganta
A impetuosa torrente.

Negra socava, tetrica, soturna,
Treme e retumba; as aguas passam; — tudo
Geme, — os ninhos, a flor, o antro, a furna,
A'quelle embate rudo.
No valle, emfim, torcendo a crystallina
Juba, se atira e em echos se propaga
A torrente caudal, e ora a campina
E a floresta alaga
Em rio audaz, que as fertiliza e banha,
Calma agora volvendo as ondas fundas:
Pois, como a idéa, as aguas da montanha
Querem ser livres para ser fecundas.

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Lyras, Canções, Hymnos, Odes

Hymno de amor

Andava um dia, Em pequenino Nos arredores De Nazaré, Em companhia De São José, O Deus-Menino O bom Jesus. Eis sinão quando Vê num silvado Andar piando, Arripiado E esvoaçando Um rouxinol, Que uma serpente, De olhar de luz Resplandecente Como a do sol, E penetrante Como diamante, Tinha attrahido Tinha encantado. Jesus doído Do desgraçado Do passarinho. Sae do caminho, Corre apressado, Quebra o encanto:	Foge a serpente; E de repente O pobrezinho, Salvo e contente, Rompe num canto Tão requebrado, Ou antes pranto Tão soluçado, Tão repassado De gratidão, Duma alegria, Uma expansão, Uma vehemencia, Uma expressão, Uma cadencia, Que commovia O coração! Jesus caminha No seu passeio; E a avezinha Continuando No seu gorgoio, Emquanto o via: De vez em quando Lá lhe passava A deanteira; E mal pousava Não affrouxava
---	---

Nem repetia,
Que redobrava
De melodia!
Assim foi indo
E o foi seguindo,
De tal maneira
Que noite e dia
Numa palmeira,
Que havia perto
Donde morava

Nosso Senhor,
Em pequenino
(Era já certo)
Ella lá estava,
A pobre ave,
Cantando o hymno
Terno e suave
Do seu amor
Ao Salvador!

JOÃO DE DEUS.

A' minha filha

Põe na virtude,
Filha querida,
De tua vida
Todo o primor.
Não dês á sorte,
Que tanto illude,
Sem a virtude
Algun valor.
Tudo perece;
Murcha a belleza,
Foge a riqueza,
Esfria o amor.

Mas a virtude
Zomba da sorte,
E até da morte
Disfarça o horror.
Brilha a virtude
Na vida pura,
Qual na espessura
Do lyrio a côr.
Cultiva attenta,
Filha mimosa,
Sempre viçosa
Tão linda flor.

DOMINGOS BORGES DE BARROS (*Barão da Pedra Branca*).

A uma menina no dia em que fazia 15 annos

Fugiu de ti hoje a infancia
E rebenta a flor da idade;
Co'a infancia fugir não deixes
A meiga simplicidade.

Seus modos dão mais realce
Aos dotes da gentileza;
Não ha bello verdadeiro,
Quando falta a natureza.

De tua mãe carinhosa
O conselho, o exemplo acceita,
Que te protesto, Clemene,
Que sempre serás perfeita.

(Idem.)

Ave Maria

Maria. doce Mãe dos desvalidos,
 A ti clamo, a ti brado!
 A ti sobem, Senhora, os meus gemidos,
 A ti o hymno sagrado
 Do coração de um pae vóá, ó Maria,
 Pela filha innocente,
 Com sua debil voz que balbucia,
 Piedosa Mãe clemente.
 Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
 Pedir ao Pac dos céos
 O pão de cada dia. As preces minhas,
 Como irão ao meu Deus,
 Ao meu Deus. que é teu Filho e tens nos braços,
 Si tu, Mãe de piedade,
 Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
 Da velha humanidade;
 Despe de mim todo outro pensamento,
 A van tenção da terra;
 Outra gloria, outro amor, outro contento
 De minha alma desterra.
 Mãe, oh! Mãe, salva o filho que te implora
 Pela filha querida.
 Demais tenho vivido, e só agora
 Sei o preço da vida,
 Desta vida tão mal gasta e prezada,
 Porque minha só era. . .
 Salva-a que a um santo amor está votada,
 Nelle se regenera.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT.

Hymno á Senhora das Dores

O' Virgem dolorosa,	Tu, sim, que viste afflicta
Inclina á desditosa	Pender, ó Mãe bemdicta,
O teu benigno olhar!	O Filho teu na Cruz,
Só tu, com sete espadas	E alçaste, com dois rios,
No coração cravadas,	Aos céos teus olhos pios
Sabes o que é penar:	Chamando em vão Jesus.

Da dor que me lacera	o Antes que a aurora assome,
Mortal nenhum pudéra	Já o mal que me consome,
Sondar a profundez.	O somno me quebrou:
O que este peito chora,	Sentada já no leito,
Treme, receia, implora,	Regando afflicta o peito,
Só tu, Senhora, o vês! . . .	Co'as lagrimas estou.

Que dor!... Nos sonhos cevo-a;	Quando hoje abro a janella,
Corro a fugir-lhe, levo-a;	Para dos vasos della
Que dor, oh Mãe, que dor!...	Trazer-te um ramo aqui,
Sósinha a ti me abraço,	E a vejo apedrejada. . .
E em pranto me desfaço	Co' choro suffocada.
Mercê! perdão! favor!	Sem luz no chão caí.

O' Virgem dolorosa,
 Inclina á desditosa
 O teu benigno olhar!
 Só tu, com sete espadas
 No coração cravadas,
 Sabes o que é penar.

GOETHE, traduzido por Antonio F. de Castilho.

Cantico de David

Quanto ao longe em toda a terra,
 O' meu Deus e meu Senhor,
 Resplandece de teu nome
 O magnifico esplendor!

Sobre os céos sóbe e se eleva
 Tua ineffavel grandeza,
 E por modos mil a entoa
 Toda a vasta natureza.

Os meninos que de leite
 Molham os beiços recentes,
 Desatam para louvar-te,
 Suas linguas innocentes.

Assim os impios confundes,
 De temor sobresaltados:
 Teus inimigos se abatem,
 De teu ser maravilhados.

Olho e vejo o sol brilhando,
Lavor de tuas mãos bellas,
Da lua o luzente globo,
E as rutilantes estrellas.

O que é, meu Deus, o homem,
Para d'elle te lembrares?!
E com dons de tanto preço
Tão pequeno ser ornares?!

Quasi egual aos mesmos anjos
O fizeste, e mcigamente,
Gloriosa, honrada c'róa
Lhe cingiste sobre a frente.

De todo o extenso universo
Soberano o declaraste;
Os bois e as tenras ovelhas
Sob os seus pés collocaste.

Quantas aves ao céo voam,
Quantos peixes que, a milhares,
Volvem corpos escamosos
Pelos vastos fundos mares!

Tudo, ó Deus, tudo lhe déste!
Como é certo, ó meu Senhor,
Que transluz por toda a terra
De teu nome o resplendor!

P. ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

Marilia de Dirceu

De que te queixas,
Lingua importuna!
De que a fortuna
Roubar-te queira
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos
Que vis nasceram
Nem mereceram,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens e os damnos;
E a quem se devam
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo
Jámais se dobra;
Nem egual obra
C'os mesmos deuses
Do claro céo.
Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao céo Venus
Num carro ufano;
E cae Vulcano
Da pura esphera
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude;
Que o mais é della,
Mas isto é meu.
Este foi sempre
O genio seu.

II

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A' estação chuvosa e fria
A' quente, secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos;
Só a minha sorte não?

Os troncos, nas primaveras,
Brotam em flores, viçosos;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marília, cortam
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto, afflicção.

Muda-se a sorte dos homens;
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses moveram
Soberbos gigantes guerra;
No mais tempo o céu e a terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos deuses;
Só a minha sorte não?

Ha de Marília, mudar-se
Do destino a inclemencia;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.

Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!

Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não?

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Lyra

Meigo sabiá mimoso,
Junto á terna companhia,
Soltando na lorangeira
Doce canto harmonioso,
Se expandia,
Extasiava
Nos trinados
Que soltava. . .

Por mão fera disparada
Dura bala num instante
Fez cair a sua amante,
Em quente sangue banhada;
N'ancia da morte
Se debatendo,
Na dura terra
Se revolvendo.

Seu trinado suffocando
O cantor melodioso,
Deixa o bosque pavoroso,
Novos sitios demandando;
E sempre triste,
Desesperado,
Vive carpindo
Seu negro fado.

Vivo de Marcia privado,
Como elle, por fatal sorte,
Como elle, esperando a morte,
Vivo carpindo o meu fado!
A dura e feza
Melancholia
Me rala e punge
De noite e dia.

FERNANDO PINTO DA COSTA.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeariam,
Não gorgeariam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas varzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida, mais amores.

Em scismar, sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem primores,
Que taes não encontro eu cá;
Em scismar, sózinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que eu desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem que inda aviste as palmeiras
Onde canta o sabiá.

ANTONIO GONÇALVES DIAS.

Anjinho

Não chorem! que não morreu!
Era um anjinho do céu,
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

Pobre creança! dormia!
A belleza reluzia
No carmim da face della!
Tinha uns olhos que choravam,
E uns risos que encantavam!
Ai! meu Deus! era tão bella!

Um anjo d'azas azues,
Todo vestido de luz,
Sussurrou-lhe num segredo
Os mysterios doutra vida!
E a creança adormecida
Sorria de se ir tão cedo!

Tão cedo, que ainda o mundo
O labio visguento, immundo,
Lhe não passára na roupa!
Que só o vento do céu
Batia no barco seu
As velas d'ouro da pôpa!

Tão cedo, que o vestuario
Levou do anjo solitario
Que velava seu dormir! . . .
Que lhe beijava risonho,
E essa florzinha no sonho
Toda orvalhada no abrir!

Não chorem! Lembro-me ainda
Como a creança era linda
No frio da facezinha!
Com seus labios azulados,
Com os seus olhos vidrados,
Como da morta andorinha!

Pobrezinho! que soffreu! . . .
Como convulso tremeu
Na febre dessa agonia!
Nem gemia o anjo lindo! . . .
Só os olhos expandindo,
Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança,
Que embalava essa creança?
Alguma estrella perdida,
Do céu c'roada donzella,
Toda a chorar-se por ella,
Que a chamava doutra vida?

Não chorem! que não morreu!
Que era um anjinho do céu,
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrella divina
Que ao firmamento voou!

MANUEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO.

Hymno á tarde

Que hora amavel! Espiram os favonios:
Transmonta o sol; o rio se espreguiça;
E a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues, diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde.
Salve, moça tão meiga e socegada!
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinuas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa, abrazadora chamma!
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulo.

Lasso o colono, mal avista ao longe
A irman da noite, cõa-lhe nos membros
Placido allivio: posta a dura enxada,
Limpo o suor que em bagas vac caíndo.
Que ventura! A mulher o espera ansiosa
Co'os filhinhos em braços: já deslembra
O homem dos campos a diurna lida;
Com entranhas de pae lido abençoa
A progenic gentil que a olho pula.

Não vês como o phantasma do silencio
Erra, e pára o bulício dos viventes?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que trazendo o rebanho dos pastios,
Co'a suspirosa flauta ameiga os bosques.
Feliz! que nunca o ruido dos banquetes,
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi á porta bater de alheio albergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios;
Alli tambem no ouvido lhe estremecem
De mãe, de amigo os maviosos nomes;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas:
O homem nascer, morrer e deixar prantos.

.....
Tarde sorena e pura! . . . Que lembranças
Não nos vens despertar no seio d'alma?! . . .
Amiga terna, diz-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração?! . . . Que apenas dás rebate,
Cala-se a dor; só geras no imo peito
Mansa melancholia, qual resumbrá
Em quem sob os seus pés tem visto as flores
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condensar-se.
Longe dos patrios lares, quem não sente,
Os arreboes da tarde, contemplando,
Um subito alvoroço?! . . . Então pendiamos
Dos contos arroubados que verteram
Propicios deuses nos maternos labios;
E branda mão apercebia o berço,
Em que tenros vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva,
Que vezes attentei, chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta e pressurosa acode!
Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,

A casta lua eomo mãe saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita ao ar rompíamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpoz a montanha; e com seus risos
Recentes gerações vae bafejando:
A quem ficou a angustia, que moderas,
O' compassiva tarde! Olha-te o escravo,
Sopcia em si os agros pesadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quanto (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o echo da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadencia harmonica lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida! . . .

Não mais, ó Musa! . . . basta; que na noite
Os pardos horizontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade! . . .
Oh! venha a feliz era que, da patria
Nessas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei de ao valle ensinar canções mellifluas
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos:
Do ardor da esposa, do sorrir da filha;
Do rio que espontaneo se offerece:
Da terra que dá fructo sem o arado;
Da arvore agreste, que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobreolhar aprenderei haveres;
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante.
Lá extendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro
Entreverei o derradeiro dia. . .

Venha; que acha os despojos do homem justo.
O' esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da Patria me consola!

MANOEL ODORICO MENDES

Hymno dos bravos

Brazileiros, ás armas corramos,
Que hoje a Patria affrontada nos chama.
Não ouvis esses echos terriveis?
E' a voz do canhão que rebrama!
Impia gente, de sangue sedenta,
Contra nós arrogante se ostenta!

Eia, ás armas e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Defendendo este solo sagrado,
Aggredido por hordas de escravos,
Corajosos á lucta corramos,
Que homens somos e livres e bravos.
Tremam elles ao ver-nos unidos,
A vencer ou morrer decididos.

Eia, ás armas e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Nossos paes, nossas mães, nossa Patria
Stão vingança, vingança bradando;
Que salvemos a honra ultrajada,
Do inimigo a insolencia domando.
Pois que louco chamou-nos á guerra,
Com seu sangue lavemos a terra.

Eia, ás armas e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

Um só grito, que atroa espantoso,
Pelo immenso Brazil se dilata;
E da terra se elevam guerreiros,
Do longinquo Amazonas ao Prata;
Todos querem, correndo á victoria,
Colher louros no campo da gloria.

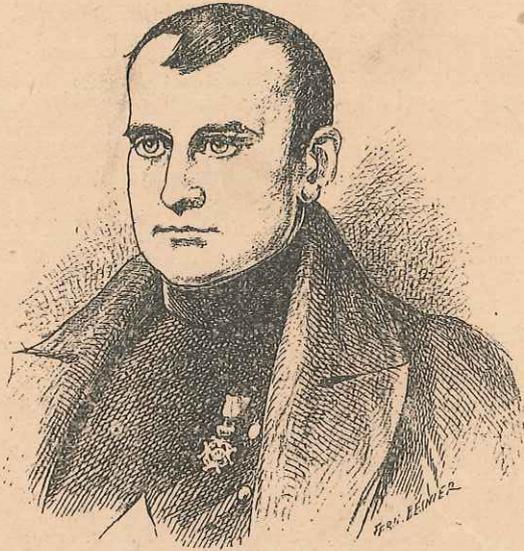
Eia, ás armas e á Patria juremos
Que o inimigo feroz venceremos.

VISCONDE DE ARAGUAYA.

Napoleão ¹⁾ em Waterloo ²⁾

Ode^{ss}

Eis aqui o lugar onde eclipsou-se
O Meteoro fatal ás regias fronte!
E nessa hora em que a gloria se obumbrava,
Além o sol em trevas se envolvia!
Rubro estava o horizonte e a terra rubra!
Dous astros ao occaso caminhavam;



Tocado ao seu zenith haviam ambos;
Ambos eguaes no brilho, ambos na quédá.
Tão grandes como em horas de triumpho!
Waterloo! . . . Waterloo! . . . Licção sublime
Este nome revela á Humanidade!
Um oceano de pó, de fogo e fumo,

Aqui varreu o exercito invencivel,
Como a explosão outr'ora do Vesuvio ¹⁾
Até seus tectos inundou Pompeia.
O pastor que apascenta o seu rebanho;
O curvo que sanguíneo pasto busca,
Sobre o leão de granito esvoaçando;
O echo da floresta, e o peregrino
Que indagador visita estes lugares:
„Waterloo! . . . Waterloo! . . .“ dizendo, passam.

Aqui morreram de Marengo ²⁾ os bravos!
Entretanto esse heroe de mil batalhas,
Que o destino dos reis nas mãos continha:
Esse heroe, que co'a ponta do seu gladio
No mappa das nações traçava as raias,
Entre seus marechaes ordens dictava.
O halito inflammado de seu peito
Suffocava as phalanges inimigas
E a coragem nas suas accendia.
Sim, aqui estava o Genio das victorias,
Medindo o campo com seus olhos de aguia!
O infernal retintim do embate de armas,
Os trovões dos canhões que ribombavam,
O sibilo das balas que gemiam,
O horror, a confusão, gritos, suspiros,
Eram como uma orchestra a seus ouvidos!
Nada o turbava! Abobadas de balas,
Pelo inimigo aos centos disparadas,
A seus pés se curvam respeitosas,
Quaes submissos leões, e, nem ousando
Tocal-o ao seu ginete os pés lambiam.

Oh! porque não venceu? Facil lhe fôra!
Foi destino ou traição? A aguia sublime,
Que devassava o céu com vôo altivo
Desde as margens do Sena até ao Nilo,
Assombrando as nações co'as largas azas,
Porque se nivelou aqui co'os homens?

¹⁾ *Napoleão* — Napoleão Bonaparte; aclamado, em 1804, imperador de França com o nome de Napoleão I, foi derrotado na batalha de Waterloo (18 de Junho de 1815).

²⁾ *Waterloo* — villa na Bélgica a 10 km. de Bruxellas, celebre pela batalha a que deu o nome.

¹⁾ *Vesuvio* — vulcão a 10 km. de Napoles (Italia). A sua primeira erupção foi no anno 79 dep. de Chr., sendo destruidas as cidades de Herculano, Pompeia e Stabias.

²⁾ *Marengo* — villa no Piemonte, celebre pela victoria alcançada por Bonaparte sobre o general Mélas em 1800.

Oh! porque não venceu? O anjo da gloria
O hymno da victoria ouviu tres vezes;
E tres vezes bradou: „E' cedo ainda!“
A espada lhe gemia na bainha,
E inquieto relinchava o audaz ginete,
Que soia escutar o horror da guerra,
E o fumo respirar de mil bombardas;
Na pugna os esquadrões se encarniçavam;
Roncavam pelos arcs os pelouros.
Mil vermelhos fuzis se emmaranhavam;
Encruzadas espadas e as baionetas,
E as lanças faiscavam retinindo.
Elle só impassivel como a rocha,
Ou de ferro fundida estatua equestre,
Que invisivel poder magico anima,
Via seus batalhões cair feridos,
Como muro de bronze, por cem raios,
E no céo seu destino decifrava.

Pela ultima vez co'a espada em punho,
Rutilante na pugna se arremessa;
Seu braço é tempestade, a espada é raio! . . .
Mas invencivel mão lhe toça o peito!
E' a mão do Senhor! barreira ingente:
„Basta, guerreiro! Tua gloria é minha;
Tua força em mim está. Tens completado
Tua augusta missão. E's homem, pára.“

Eram poucos, é certo: mas que importa?
Que importa que Grouchy,¹⁾ surdo ás trombetas,
Surdo aos trovões da guerra que bradavam:
„Grouchy, Grouchy, a nós, cia ligeiro;
O teu imperador aqui te aguarda;
Ah! não deixes teus bravos companheiros
Contra a enchente luctar, que mal vencida
Uma após outra em turbilhões se eleva,
Como vagas do oceano encapellado,
Que furibundas se alçam, luctam, batem
Contra o penedo, e como em pó recuam,
E de novo no pleito se arremessam.“

¹⁾ *Grouchy* — general francez (1766—1847).

Eram poucos, é certo; e contra os poucos
Armadas as nações aqui pugnavam!
Mas esses poucos vencedores foram
Em Jena ¹⁾, em Montmirail ²⁾, em Austerlitz; ³⁾
Ante elles o Thabor, e os Alpes curvos
Viram passar as aguias vencedoras!
E o Rheno e o Manzanar e o Adige e o Euphrates
Embalde á sua marcha se oppuzeram.

Eram os poucos, que, jamais vencidos,
Os dias seus contavam por batalhas,
E de cans se cobriram nos combates;
O sol do Egipto ardente assoberbaram,
A peste em Jaffa, a sêde nos desertos,
A fome e os gelos dos Moscovios campos;
Poucos que se não rendem, mas que morrem!
Oh! que para vencer bastantes eram!
A terra em vão contra elles pleiteára,
Si Deus, que os via, não dissesse: „Basta“.
Dia fatal! de opprobrio aos vencedores!
Vergonha eterna á geração que insulta
O leão que magnanimo se entrega . . .

Ei-lo sentado em cima do rochedo,
Ouvindo o echo funebre das ondas,
Que murmuram seu cantico de morte!
Braços cruzados sobre o largo peito,
Qual naufrago escapado da tormenta,
Que as vagas sobre o escolho rejeitaram,
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo;
Que grande idéa occupa e turbilhona
Naquella alma tão grande como o mundo?

Elle vê esses reis, que levantára
Da linha de seus bravos, o trahirem.

¹⁾ *Jena* — cidade no grão-ducado de Saxe-Weimar, tem uma universidade celebre. Aqui alcançou Bonaparte uma victoria sobre os Prussianos (1806).

²⁾ *Montmirail* — lugarejo no departamento de Marne (França), tornou-se celebre pela victoria alcançada por Bonaparte em 1814, sobre os Alliados.

³⁾ *Austerlitz* — cidade na Moravia (Austria); ahi alcançou Bonaparte uma grande victoria sobre os Austriacos e Russos (1805).

Ao longe mil pygmeus riyaes divisa,
Que mutilam sua obra gigantesca,
Como do Macedonio ¹⁾ outr'ora o imperio
Entre si repartiram vis escravos! . . .

Então um riso de ira e de despeito
Lhe salpica o semblante de piedade.
O grito ainda innocente de seu filho
Soa em seu coração, e de seus olhos
A lagrima primeira se desliza.
E de tantas coroas que juntára
Para dotar seu filho, só lhe resta
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!
Ah! tudo elle perdeu! a esposa, o filho,
A patria, o mundo, e seus fieis soldados!
Mas firme era sua alma como o marmor,
Onde o raio batia e recuava!

Jamais, jamais mortal subiu tão alto!
Elle foi o primeiro sobre a terra! . . .
Só elle brilha sobranceiro a tudo,
Como sobre a columna de Vendôme
Sua estatua de bronze ao céo se eleva;
Acima delle . . . Deus! . . . Deus tão sómente!

(Idem.)

Saudosas recordações de Marilia

A estas horas	Ah! que assim mesmo,
Eu procurava	Sem compostura.
Os meus amores:	E' mais formosa
Tinham-me inveja	Que a estrella d'alva,
Os mais pastores.	Que a fresca rosa.

A porta abria.	Mal eu a via,
Inda esfregando	Um ar mais leve
Os olhos bellos,	(Que doce effeito!)
Sem flor, sem fita,	Já respirava
Nos seus cabellos.	Mcu terno peito.

¹⁾ Alexandre Magno, rei de Macedonia, 356—323 antes de Chr.

Do cerco apenas	Ah! quantas vezes,
Soltava o gado,	No chão sentado,
Eu lhe amimava	Eu lhe lavrava
Aquella ovelha	As finas rocas,
Que mais amava.	Em que fiava!

Dava-lhe sempre	Da mesma sorte
No rio e fonte,	Que á sua amada,
No prado e selva,	Que está no ninho,
Agua mais clara,	Fronteira canta
Mais branda relva.	O passarinho.

No collo a punha;	Na quente sesta,
Então brincando,	Della defronte,
A mim a unia;	Eu me entretinha
Mil cousas ternas	Movendo o ferro
Aqui dizia.	Da sanfoninha ¹⁾ ,

Marilia vendo	Assim vivia! . . .
Que eu só com ella	Hoje, em suspiros
E' que falava,	O canto mudo!
Ria-se a furto,	Assim, Marilia,
E disfarçava.	Se acaba tudo.

Dirceu te deixa, ó bella
De padecer cançado:
Frio suor já banha
Seu rosto descorado;
O sangue já não gira pela veia;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se baccá;
A lagrima sentida já lhe corre;
Já para a convulsão, suspira e morre.

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

¹⁾ *Sanfoninha* — dim. de *sanfona*, instrumento musico de cordas; toca-se pondo em movimento uma manivella, a qual, por seu turno, faz mover um cylindro que fricciona as cordas. E' instrumento usado pelos pastores.

Adeus ao mundo

Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte;
E perto avisto o porto
Immenso, nebuloso, e sempre noite,
Chamado — Eternidade!
Como é tão bello o sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recedentes os aromas
Que se exhalam das flores! Que harmonia.
Não se desfructa no cantar das aves,
No embater do mar e das cascatas,
No sussurrar dos limpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quasi extinctos, bebem
Seus ultimos encantos!

.....
A morte é dura!
Porém longe da patria é dupla a morte!
Desgraçado do misero que expira
Longe dos seus, que molha a lingua, secca
Pelo fogo da febre, em caldo extranho;
Que vigílias de amor não tem comsigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tedio dos remedios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados,
Onde descance a languida cabeça!
Feliz, feliz aquelle, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indifferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia dextra da amizade
Num aperto de dôr prender-lhe a vida!

Feliz o que, no arfar da ancia extrema,
De desvelada irman piedoso lenço,
Humido de saudades, vem limpar-lhe
As frias bagas dos finaes suores!

Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ella, e beijar póde
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim! . . . Talvez bem cedo,
Longe da mãe, de irraões, longe da patria,
Tenha de me finar. . . Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de genio máu á plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os Céos o querem,
Os Céos são immutaveis; aos decretos
Dó Senhor curvarei a fronte humilde,
Como christão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo! . . . Adeus, ó mundo!

Já sinto da geada dos sepulchros
O pavoroso frio enregelar-me. . .
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me. . .
Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte. . .
Quem sempre a morte achou no lar da vida,
Deve a vida encontrar no lar da morte.

.....
LAURINDO J. DA SILVA RABELLO.

A ponte dos suspiros

Mais uma pobre misera
De respirar cançou!
E temeraria e soffrega
A' morte se arrojou!
Colhei-a com doçura,
Erguei-a com cautela;
O' fragil creatura,
Tão joven e tão bella!
Sudario, o seu vestido
Ao corpo se collou;
Cae delle, gotta a gotta
A onda que a afogou.
Piedosa compaixão
Levante-a brandamente,
Sem desdenhoso olhar,
Sem gesto impaciente.
Lavou-se a mancha: agora
Vêde a mulher sómente.

Não perscruteis cruel
Si aquelle anjo revel
Ao seu dever falhou:
Ouro que sae da liga,¹⁾
Só a belleza antiga
A morte lhe deixou.

Não recordeis seus erros:
Como a mulher primeva,
Foi fragil e foi Eva,
No visgo escorregou.
Limpai-lhe os pobres labios,
Que a vasa enlameou;
Arrebanhai-lhe as tranças
Que soltas, fluctuantes,
A's ondas murmurantes
O pente abandonou.

E neste afan o espirito,
Trabalhador activo,
Indaga pensativo
Qual era o lar domestico
Onde ella se lhe acolhia?
O pae que a doutrinava,
A mãe que a dirigia?
Tinha de irmão, de irman,
Meiguices e carinhos?
Ou, mais querida ainda,
Um sancto, um doce ninho,
Onde ao cair da tarde,
Quando a tarefa finda,
Tranquilla se acolhesse,
E, alegre e protegida,
Do labutar da vida
As azas recolhesse?

O' Deus, christan piedade,
Triste e cruel verdade,
E' raro apparecer!
Numa cidade inteira
Um palmo de lareira
Ella não pode obter!

¹⁾ Qual ouro que sae da liga.

Sem pae, sem mãe, sózinha,
Do mundo entrou no exilio;
De irmão, de irman, não tinha
Caricia, amparo, auxilio. . .

Colhei-a com doçura,
Erguei-a com cautela. . .
O' fragil creatura,
Tão joven e tão bella!
Antes que os membros frigidoss
Se immobilizem rigidoss,
Componde, amaciai-os,
De compaixão tomados:
Seus olhos, oh! fechai-os,
Que encaram, dilatados,
Sem vêr, da luz os raios:
Por entre o lôdo impuro
Agora inda retendo
Aquelle olhar tremendo,
Fitado no futuro!

Si tão sinistra morte
Da culpa a não exime,
Daquella triste sorte
Foi seu, sómente, o crime?
Do mundo a contumelia,
A gelida inclemencia
Trouxeram-lhe a demencia. . .
E mesmo neste enleio
Do que era bem e mal,
No arquejo seu final
As mãos cruzou no seio,
Em tímida oração
Como a pedir perdão!

THOMAS HOOD, traduzido por F. Octaviano.

A Caridade

Eu podia falar todas as linguas
Dos homens e dos anjos;
Logo que não tivesse caridade,
Já não passava de um metal que tine,
De um sino vão que sóa.

Podia ter o dom da prophecia,
Saber o mais possivel,
Ter fé capaz de transportar montanhas:
Logo que eu não tivesse caridade,
Já não valia nada!

Eu podia gastar toda a fortuna
A bem dos miseraveis,
Deixar que me arrojassem vivo ás chammas.
Logo que eu não tivesse caridade,
De nada me servia!

A caridade é docil, é benevola,
Nunca foi invejosa,
Nunca procede temerariamente,
Nunca se ensoberbece!

Não é ambiciosa; não trabalha
Em seu proveito proprio; não se irrita;
Nunca suspeita mal!
Nunca folgou de ver uma injustiça.
Folga com a verdade!

Tolera tudo! Tudo crê e espera!
Em summa, tudo soffre!

JOÃO DE DEUS.

A vida

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,
A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;
A vida é sonho tão leve
Que se desfaz como a neve.
É como o fumo se esvae:
A vida dura um momento
Mais leve que o pensamento,
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!

A vida é flor na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Voa mais leve que a ave;
Nuvem que o vento nos arcs,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida — penna caída
Da aza da ave ferida —
De valle em valle impellida,
A vida o vento a levou!

(Idem.)

Sonetos

I

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,
Em cuja fé protesto de viver;
Em cuja santa lei hei de morrer
Amoroso, constante, firme e inteiro;

Neste transe por ser o derradeiro,
Pois veiu a minha vida anoitecer,
E', meu Jesus, a hora de se ver
A brandura de um pae, manso cordeiro.

Mui grande é o vosso amor e o meu delicto,
Porém pôde ter fim todo o peccar,
Mas não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, neste conflicto
Espero em vosso amor de me salvar.

GREGORIO DE MATTOS.

II

Eis já dos mausoléos silencio horrendo
Me impede o respirar, a voz me esfria;
Eis chega a noite eterna, eis morre o dia,
E ao nada a natureza vaõ descendo.

No da anniquilação passo tremendo
Escudo-me da san philosophia;
Terror humilde o rosto não me enfia,
Como Catão morreu eu vou morrendo.

Mas oh! tu, d'alma nobre qualidade,
Saudade cruel, com o soffrimento
Me arremessas a mãres d'anciedade!

Mulher. . . filhos. . . amigos, num momento,
No momento do adeus para a Eternidade,
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.¹⁾

MARECHAL L. P. P. DA FRANÇA.

III

Na presença de uma grande trovoada

Tremei, humanos; toda a natureza,
Do seu Deus ao aceno convocada,
Sobre negros trovões surge sentada,
Em cruel furia contra nós accesa.

Do rosto seu escondem a belleza,
Medonha escuridade acompanhada
De abrazadores raios, e pesada
Saraiva, que no ar estava presa.

Agora perde a côr, de medo cheio,
O monarcha feliz e poderoso,
Que o vil orgulho abriga no seu seio.

Tu descoras tambem, atheu vaidoso,
E menos cego, sem achar esteio,
A mão que negas, beijas duvidoso.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

IV

Sagrada emanação da Divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com revezes mudo,
Fui teu votario e sou, ó Liberdade!

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo;
Mas das furias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

¹⁾ O marechal França fez este bello soneto duas horas antes de morrer.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incutir pôde horror a um peito fero,
Que aos fracos tão sómente a morte é dura.

ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADE.

V

Aos annos de uma menina

A Assembléa Geral Legislativa
Do Parnaso decreta: „O dez de Julho,
„O natal de Marilia (algum barulho),
„Será dia de gala. (Viva! viva!)

„Apollo assistirá co'a chamma activa
„Té que no mar se metta de mergulho;
„Neptuno apagará todo o marulho;
„Marte suspenderá guerra oppressiva.

„Flora aos campos dará mais lindas flores;
„E Ericina ao cinto enamorado
„A's Graças prenderá louções Amores.

„Fica todo o contrario revogado:
„Nada de discussão; hymnos, louvores,
„Festejem-se os seus annos! (Apoiado!)“

P. J. DA C. BARROS.

VI

Não creias, gentil Marcia, na pintura
Com que malignos genios figuraram
O veloz Tempo, quando a mão lhe armaram
De cruenta, implacavel fouce dura.

Inimigo fatal da formosura,
Com plantasticas côres o pintaram,
E nem ser elle ao menos acenaram
Quem desenvolve as graças da figura.

Qual cerrado botão de fresca rosa,
Que o ligeiro volver de um novo dia
Abre e transforma em flor a mais mimosa;

Tal a infantil belleza, inerte e fria,
De anno em anno se torna mais formosa,
E novo brilho, novas graças cria.

PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUXA CALDAS.

VII

Despedida a um filho

Filho, vem cá, escuta um pae amante,
Que este ultimo adcus vem dar-te triste;
Que sempre te amei muito, tu o viste,
Que honrado te criei, isso é constante.

Hoje, tomando a região distante,
Que te mando estudar, tu já me ouviste:
Si tens empenho igual ao que me assiste,
Filho, vem cá, escuta um pae amante.

Vae, filho, estuda; e fazê cuidadoso
Com que pagues a um pae, que antes ausente
Te quer ver do que ver-te em seu repouso.

Permitta, emfim, o Céu Omnipotente,
Que os olhos que hoje arraso de saudoso,
Algum dia os arrase de contente.

A. G. FERRÃO CASTILHO.

VIII

Em resposta a seu pae

Pae e Senhor, si um filho teu amante
Póde hoje achar-se alegremente triste,
Que me entristeço ao apartamento viste,
Mas em obedecer-te estou constante.

Vou, com effeito, á região distante,
E que quero estudar, tu já me ouviste;
Empenho igual ao teu respeito assiste,
Pae e Senhor, de um filho tão amante.

Prometto ir estudar, e cuidadoso
Farei por consolar o pae ausente,
A's lettras dando todo o meu repouso.

Ao pae enxuga o pranto, ó Céu potente,
Que si hoje faço o pac saudoso,
Em um dia o farei de mim contente.

IX

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu pensava
Em mim quasi immortal a essencia humana!

De que innumerous soes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava!
Mas eis succumbe a natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus e meus tyrannos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus! ó Deus! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

M. M. B. DU BOCAGE.

X

Pobre ou rico, vassallo ou soberano,
Eguae são todos, todos são parentes;
Todos nasceram ramos descendentes
Do antigo tronco do primeiro humano.

Saiba quem de seus titulos ufano
Toma por qualidade os accidentes,
Que duas gerações ha só diff'rentes,
Virtude e vicio; tudo o mais é engano,

Por mais que affecte a van genealogia
Introduzir nas veias a nobreza
De melhor sangue do que Adão teria:

Não fará desmentindo a nobreza,
Que seja sem virtude a fidalguia
Mais que um triste phantasma de grandeza.

J. XAVIER DE MATTOS.

XI

Ternos queixumes

Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso floccentes,
Então me vêm as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dor, mais agonia. . .

Aquelle mesmo objecto que desvia
Do humano peito as maguas inclementes,
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Si das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma idéa da ventura;

Como, ó Céos! para os ver terei constancia,
Si cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora de minha ancia? . . .

CLAUDIO MANUEL DA COSTA.

XII

Um quadro sentimental

Em uma lapa, toda tenebrosa,
Aonde bate o mar com furia brava,
Sobre uma mão o rosto vi que estava
Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Egualmente que linda, lastimosa:
Aljofar dos seus olhos distillava;
O mar os seus furores aplacava
Com ver cousa tão triste e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz assim dizia:
— „Ah! que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza.“

LUIZ DE CAMÕES.

XIII

Uma partida de gamão

Em escura botica encantoados,
Ao som de grossa chuva que caia,
Passavam de janeiro um triste dia
Dous ginjas no gamão encarniçados.

„Corra, vizinho, corra-me esses dados“,
Gritava um delles, que nem boia via.
De sangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins naquelle jogo usados.

Dez vezes falla o misero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario.

O mal seguro golpe erra o caminho,
Quebra a melhor garrafa ao boticario,
Que foi só quem perdeu no tal joguinho.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA.

XIV

Um toucado

Chaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena,
Que o furtado colxão fofo e de penna,
A filha o ponha alli, ou a creada.

A filha, moça esbelta e aperaltada,
Lhe diz co'a doce voz, que o ar serena:
„Sumiu-se-lhe um colxão, é forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada.“

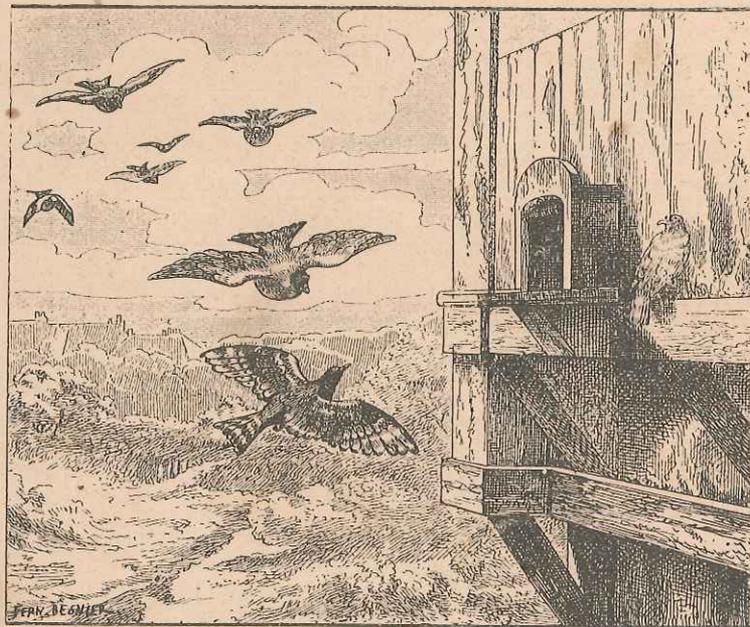
„Tu respondes-me assim? tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter o pae embarcado,
Já a mãe não tem mãos?“ E dizendo isto,
Arremette-lhe á cara e ao penteado;
Eis sinão quando (caso nunca visto!)
Sae-lhe o colxão de dentro do toucado.

(Idem.)

XV

As pombas

Vae-se a primeira pomba despertada. . .
Vae-se outra. . . Inda mais outra. . . Emfim dezenas
De pombas vão-se dos pombaes, apenas
Raia sanguinea e fresca a madrugada.



E á tarde, quando a rigida nortada
Sopra, aos pombaes, de novo, ellas serenas,
Ruflando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em doida revoada.

Assim nos corações onde abotoam,
Os sonhos um por um céleres voam
Como voam as pombas dos pombaes. . .

No azul da adolescencia as azas soltam,
Fogem. . . Mas aos pombaes as pombas voltam
E elles aos corações não voltam mais. . .

RAYMUNDO CORRÊA.

XVI

Alvares de Azevedo

Qu'importa a campa que a meus pés negreja,
Si a cinza apenas de seu corpo encerra,
Emquanto a alma, abandonando a terra,
Da gloria os raios sobre nós dardeja!

Não morre o genio! Mirabeau treveja,
E ainda os thronos o seu nome aterra!
O povo as portas do Pantheon descerra,
E o busto heróico de Rousseau corteja!

Oh! não morreu! Os fructos do talento,
O pó, que não os dá, não os consome;
De Deus veio, a Deus volta o pensamento!

A terra, embora, o que foi seu, retome:
Tem no seu livro a patria um monumento,
E o livro do porvir tem mais um nome.

FELIX XAVIER DA CUNHA.

XVII

Sete de Setembro

Silencio. . . não turbeis na paz da morte
Os manes, que o Brazil quasi esquecia! . . .
E' tarde! . . . Eis que espedaça a lousa fria
De um vultó venerando o braço forte! . . .

Surgiu! . . . A majestade traz no porte,
Onde o astro da gloria s'irradia! . . .
Vem, grande Andrada, adivinhaste o dia! . . .
Vem juntar ao da patria o teu transporte!

Recua?! . . . Não se apressa em vir saudá-la!
Cobre a fronte brilhante de heroismo,
E soluça! . . . O que tem?! . . . Ei-lo que fala:

„Oh! patria que eu salvei do despotismo!
Lá vejo a corrupção que te avassalla!
Não te conheço! . . .“ E se afundou no abysmo! . . .

(Idem.)

XVIII

A noite

Mysteriosa noite! Quando da terra outr'ora
Nossos primeiros paes no céu te aperceberam,
Pela extincção total acaso não tremeram
Deste docel de azul que o almo sol colora?

Porém, de sob um véo translucido, ness'hora
Em que os raios do occaso em nevoas se envolveram,
Vesper sé ergueu; após, estrellas mil se ergueram,
E a vista em pasmo olhou pelo universo em fóra.

Quem vendo, oh! sol, por ti, o seixo, a hervinha, o insecto,
Pudéra acreditar que em trevas nos mudasse
Tua luz de orbes sem conta o resplendente aspecto?

Quem pudéra suppor que um sol mil sóes velasse?
Porque, pois, tanto a morte os homens intimida?
Si a luz póde enganar, porque o não póde a vida?

JOSÉ MARIA BLACO, traduzido do inglez pelo Dr. *Ferreira da Luz*.

XIX

Visita á casa paterna

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quiz tambem rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo:

Entrei. Um genio carinhoso e amigo,
E fantasma talvez do amor materno,
Tomou-me as mãos, — olhou-me, grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala. . . (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que da luz nocturna á claridade,
Minhas irmans e minha mãe. . . O pranto

Jorrou-me em ondas. . . Resistir quem ha de?
Uma illusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade!

LUIZ GUIMARÃES.

XX

Tertuliano, frivolo, peralta,
Que foi um paspalhão desde fedelho.
Typo incapaz de ouvir um bom conselho,
Typo que, morto não faria falta,

Lá um dia deixou de andar á malta
E indo á casa do pae, honrado velho,
A sós na sala, em frente de um espelho,
A' propria imagem disse em voz bem altá:

— Tertuliano, és um rapaz formoso!
E's sympathico, és rico, és talentoso!
Que mais no mundo se te faz precizo?

Penetrando na sala o pae sisudo,
Que por traz da cortina ouvia tudo,
Serenamente respondeu: — juizo.

ARTHUR AZEVEDO.

Descripções e Retratos

A vida do campo

Ecloga

Oh! doce soledade
Oh! patria do descanso!
De paz e de concordia
Grosseira habitação, tosco palacio!
Quantos a meus delirios
Tu dictas desenganos,
Oraculos fazendo
Das arvores, dos troncos, dos penhascos!
Não fere os meus ouvidos
O estrondo caçado
Que levanta a lisonja!
Junto aos porticos d'ouro em regio paço:
A macilenta inveja
Não derrama o contagio
Nas innocentes almas,
Que são de seu furor misero estrago.
Dos olhos se retira
O objecto sempre ingrato
Dos que suspiram mudos,
Em vez do premio, as semrazões do damno.
Aqui tem a virtude
Erguido o seu theatro;
E nas rusticas scenas
Aqui mostra a pobreza os apparatus.

As mal seguras cannas,
Que move o vento brandõ,
Da pobre rede tecem
Ao misero pastor o abrigo caro.
Colhida a tenra fructa
Vem de seu proprio ramo
A adornar a choupana,
Em vez dos altos capiteis dourados.
O' sitio venturoso!
Quanto te invejo, quanto!
Ditoso quem possue
O suave prazer de teu descanso!
Si tu bem alcançaras,
Pastor, um bem tão raro,
Não cessára o teu culto
De consagrar obsequios a teu fado.
Infeliz o que, envolto
No trafego humano
Da aborrecida cõrte,
Só vê da confusão o rosto infausto!
Imagina do amigo
Seguir os doces laços;
E a torpe aleivosia¹⁾
Lhe abre o sepulchro, onde buscou o amparo.
Si o valimento encontra
Teme com justo espanto,
Quanto é grande a subida,
Que o despenho tambem seja mais alto.
Não ha frente segura,
Que, emfim dissimulando,
Não veja os seus affectos,
Como a flor entre os aspides ingratos.
Ah! mede, pastor bello,
O bem que alcanças: tanto
Dar-te não pôde a cõrte;
Só pôde a soledade deste campo.

CLAUDIO MANUEL DE COSTA.

¹⁾ *Aleivosia* — syn. fingimento, traição.

Marilia

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro.
Que vive de guardar alheio gado;
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos e dos soes queimado.
Tenho proprio casal, e nelle assisto:¹⁾
Dá-me vinho, legume, fructa, azeite,
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,
E mais as finas lans, de que me visto.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Eu vi o meu semblante numa fonte;
Dos annos inda não está cortado;
Os pastores que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste:
Ao som della concerto a voz celeste;
Nem canto lettra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Mas, tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado;
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais q'um rebanho, e mais q'um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Os teus olhos espalham luz divina,
A quem a luz do sol em vão se atreve:
Papoula, ou rosa delicada e fina,
Te cobre as faces, que são cõr da neve.

¹⁾ *Assistir em* — morar.

Os teus cabellos são uns fios d'ouro;
Teu lindo corpo balsamos vāpora.
Ah! não, não fez o céo, gentil pastora,
Para gloria de amor igual thesouro.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado;
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nedio gado.
Já destes bens, Marilia, não preciso:
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta:
Para viver feliz, Marilia, basta
Que os olhos movas, e me dês um riso.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou seja neste monte ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
„Quem quizer ser feliz nos seus amores,
Siga os exemplos que nos deram estes.“

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

Irás a divertir-te na floresta,
Sustentada, Marilia, no meu braço:
Alli descansaréi a quente sesta,
Dormindo um leve somno em teu regaço.
Emquanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella!

THOMAZ ANTONIO GONZAGA.

Retrato de Marilia

Para pintares' ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lirio, e fez a neve.

A pintar as negras tranças,
Peço que mais te desveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando,
Uns tecendo cordas delles,
Outros com elles brincando.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada,
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondêam,
São que os de Apollo mais bellos;
Mas de loura còr não são.
Têm a còr da negra noite;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e liza testa,
Arqueadas sobranceilhas;
A voz meiga, a vista honesta,
E seus olhos são uns soes.
Aqui vence amor ao céo,
Que no dia luminoso
O céo tem um sol formoso,
E o travesso amor tem dous.

Na sua face mimosa,
Marilia, estão misturadas
Purpureas folhas de rosa,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

(Idem.)

Retrato de Gonzaga

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa;



Este mesmo, que alveja, vae caíndo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando;
Vae fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vae mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam:
As forças dos meus membros já se gastam;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Si algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não poz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

(Idem.)

Uma tarde triste

Como esta matta escura está medonha!
Não é tão feia a habitação dos Manes!¹⁾
Este ribeiro triste como soa
Por entre o pardo, emmaranhado bosque;
E como corre vagaroso e pobre!
O sol, que já se esconde no horizonte,
O quadro afeia mais. O vento surdo
De quando em quando só as folhas move!
A rouca voz pararam temerosos
Os esquivos „jacús“ nos bastos galhos,
Cheios de „caraguatás“ das „upiubas“.
Das azas vae lançando a fusca noite
Terror gelado; o grito, agudo e triste,
Nos velhos „sapezaes“ dos verdes grillos
Sómente soa; e o ar cheio de trevas,
Que as arvores augmentam, vem cortando
Do agoureiro morcego as tenuous azas.
E' este da tristeza o negro albergue!
Tudo é medonho e triste! só minha alma
Não farta o triste peito da tristeza!

JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA.

¹⁾ *Manes* — divindades infernaes que os antigos invocavam sobre os tumulos.

Os primeiros annos da vida do auctor >

Entre faixas de pobreza
Meus tristes paes me envolveram.
Desde então, em crua empresa,
Contra mim as mãos se deram
A fortuna e a natureza.

Da terna mãe abraçado
Fui em silencio profundo
Com triste pranto banhado;
Já antevia que o mundo
Tinha mais um desgraçado.

Meu bom pae de balde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, diz:
„Vem, ó victima innocente,
„De um amor casto e infeliz.

„Toma os tristes cabedaes,
„Em que teu fado te lança;
„Tomá pranto e inúteis ais,
„Entra na funesta herança
„De teus desgraçados paes.“

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando vae,
Pobre alfaiate vizinho,
De um capote de meu pae,
Me engenhou um capotinho.

Talhando a obra, maldiz
A empresa que lhe incumbiram;
Fez nigromancias¹⁾ com giz;
Sete vezes lhe caíram
Os oculos do nariz.

Sua obra se consagre
No portal das Barraquinhas
Com grossas lettras de almagre;
Tapou geiras, passou linhas,
Fez um capote e um milagre.

¹⁾ *Nigromancias* — garatujas.

Colchete no cabeção,
Saí novo Adonis bello,
Figa no cós do calção,
Carrapito no cabelo,
E um biscoutinho na mão.

Sobre sisudo gallego,¹⁾
Que vaza barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego:
E, em triste pranto lavado,
A' porta de um mestre chego.

Debalde o bom mariola
Dourava razões pequenas;
Minha dôr não se consola,
Presagio talvez das penas
De outro tempo e de outra escola.

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA.

¹⁾ *Gallego* — aguadeiro.

Satiras e Epigrammas

Os arlequins

(Satira. 1864.)

Que deviendra dans l'éternité
l'âme d'un homme qui a fait Poli-
chinelle toute sa vie? ¹⁾

(M.me de Stael.)

Musa, depõe a lyra!
Cantos de amor, cantos de gloria esquece,
Novo assumpto apparece,
Que o genio move, a indignação inspira.
Esta esphera é mais vasta,
E vence a lettra nova á lettra antiga!
Musa, toma a vergasta,
E os arlequins fustiga!

Como aos olhos de Roma,
Cadaver do que foi, pavido imperio
De Caio e de Tiberio,
O filho ²⁾ de Agrippina ousado assoma,
E a lyra sobraçando,
Ante o povo idiota e amedrontado,
Pedia, ameaçando,
O applauso costumado;

¹⁾ *Que será, na eternidade, da alma de um homem que levou a vida toda a fazer o papel de polichinello?*

²⁾ *Nero* — verdadeiro monstro em fôrma humana; reinou em Roma 54—68 depois de Chr.).

E o povo que beijava
Outr'ora ao Deus Caligula ¹⁾ o vestido,
De novo submettido,
Ao regio saltimbanco o applauso dava.
E tu, tu não te abrias,
O' céo de Roma, á scena degradante!
E tu, tu não caías,
O' raio chammejante!

Tal na historia que passa
Neste de luzes seculo famoso,
O engenho portentoso
Sabe illudir a nescia populaça;
Não busca o mal tecido
Canto de outr'ora; a moderna insolencia
Não encanta o ouvido,
Fascina a consciencia!

Vêde o aspecto vistoso,
O olhar seguro, altivo e penetrante,
E certo ar arrogante,
Que impõe com apparencias de assombroso.
Não vacilla, não tomba,
Caminha sobre a corda firme e alerta:
Tem comsigo a maromba
E a ovação é certa.

Tamanha gentileza,
Tal segurança, ostentação tão grande,
A multidão expande
Com ares de legitima grandeza.
O gosto pervertido
Acha o sublime neste abatimento,
E dá-lhe, agradecido,
O louro e o monumento,

Do saber, da virtude,
Logra fazer, em premio dos trabalhos,
Um manto de retalhos
Que a consciencia universal illude.

¹⁾ *Caligula* — outro monstro que occupou o throno em Roma (37—41 depois de Chr.).

Não córa, não se peja
Do papel, nem da máscara indecente,
E ainda inspira inveja
Esta gloria insolente!

Não são contrastes novos;
Já vêm de longe; e de remotos dias
Tornam em cinzas frias
O amor da patria e as illusões dos povos.
Torpe ambição sem péas
De mocidade em mocidade corre,
E o culto das idéas
Treme, convulsa e morre.

Que sonho appetecido
Leva o animo vil a taes empresas?
O sonho das baixezas:
Um fumo que se esvae e um vão ruido,
Uma sombra illusoria
Que a turba adora ignorante e rude;
E a esta infausta gloria
Immola-se a virtude.

A tão extranha liça
Chega a hora por fim do encerramento,
E lá sôa o momento
Em que reluz a espada da justiça.
Então, musa da historia,
Abres o grande livro, e sem detença
A' envilecida gloria
Fulminas a sentença.

MACHADO DE ASSIS.

A um esfaimado

Levou um livreiro a dente
D'alfaces todo um canteiro,
E comeu, sendo livreiro,
Desencadernadamente.

Porém eu digo que mente
A quem disse o quer taxar:
Antes é para notar
Que trabalhou como um Mouro;
Pois metter folhas no couro
Tambem é encadernar.

GREGÓRIO DE MATTOS.

Uma tunda

Uma grave entoação
Vos cantaram, Braz Luiz.
Segundo se conta e diz,
Por solfa de fá bordão.
Pelo compasso da mão,
Onde a valia se apura,
Parecia solfa escura;
Porque a mão nunca parava:
Nem no ar, nem no chão dava,
Sempre em cima da figura.

(Idem.)

Ignorante diplomado

P.

Ouvi dizer que da Europa
Voltaste feito Doutor?!

R.

Parece-te isso impossivel?! . . .
E' verdade, sim, senhor!

P.

E por que academia?
E qual a sciencia então?

R.

Isso não sei; o diploma
E' escripto em Allemão.

(Idem.)

Aviso aos decoradores

Um pio religioso^f
Numa quaresma prégava,
E lá do inferno os tormentos
Com negras côres pintava.

Eis que de repente o padre
Neste ponto se calou,
De modo que do sermão
De nada mais se lembrou.

Coitado! (diz um taful,
Que até alli o attendeu,¹⁾
Tanto metteu-se no inferno,
Que até por lá se perdeu.

DR. D. J. G. DE MAGALHÃES (*Visconde de Araguaya*).

Os dous consortes

„Para que, céos, desposei
Homem tão desenxabido?
Logo não vi que um pandorga
Não servia p'ra marido?“

„Minha Eva, é só a raiva
Que te faz guinchar assim:
Si acaso eu fosse pandorga,
Não te agradavas de mim.“

„Não se ufane por ter sido
O alvo de meu amor;
Todos sabem que a mulher
Péga sempre no peor.“

¹⁾ *Attendeu* — no sentido de *ouviu attentamente*.

A um maldizente

Tu, que com a lingua feres, monstro és,
Não animal; c'os dentes fere o Cão,
Co'a ponta o Cervo, tu Cervo não és;
O Leão co'as unhas, tu não és Leão:
E si Leão, ou Cão, ou Cervo és,
Si Leão, vae-te onde os Leões estão;
Si Cão, o mesmo Leão te despedace;
Si Cervo, o mesmo Cão te corra e cace.

ANTONIO FERREIRA.

A um homem extremamente feio

Podés ter com Narciso¹⁾ igual ventura,
Mas na causa haverá desigualdade:
Elle morreu de sua figura,
Morrerás vendo a tua na verdade.
Elle d'amor de sua formosura,
Tu de medo de tua fealdade;
E outra gran' differença em ti veremos:
Por elle se chorou, por ti riremos.

CAMINHA.

A um procurador

Com tão má gambia²⁾ andas tanto,
Tanto daqui para alli!
Procurador, não me enganas:
Tu procuras para ti.

A molestia e a cura

Aqui jaz um homem rico
Nesta rica sepultura:
Escapava da molestia
Si não morresse da cura.

¹⁾ *Narciso* — entidade mythologica. Era tão formoso que todas as nymphas o amavam, sem que elle, porém, de nenhuma dellas fizesse caso. Viu-se uma vez em uma fonte e ficou de si proprio tão enamorado que de desgosto acabou, sendo transformado em uma flor, que ficou sendo chamada Narciso.

²⁾ *Gambia* — corrupção de *gamba*, palavra italiana, que significa perna.

O letrado

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
„Em Cujacios,¹⁾ em Menochios,¹⁾
Em Pêgas¹⁾ e Ordenação,
Em reinicolas²⁾ extranhos
Tem carradas de razão;
Sim, sim, por toda essa estante
Tem razão de mais.“
„Ah, senhor! (o homem replica)
Te-la-ei nos tribunaes?“

A um avarento

Fabio, ao cair da noite humida e fria,
Do chupado carão despe a alegria;
Não porque chore o sol, do dia enfeite;
Mas porque accende a luz, que gasta azeite.

FRANCISCO MANUEL.

O não posso dos negligentes, e o não quero dos contumazes

A noz, o burro, o sino e o preguiçoso
Sem pancada nenhum faz seu officio:
Esta é fechada, aquelle vagaroso;
Um cala, o outro jaz sem exercicio;
Mas tanto que o ferro, ou pau nodoso,
A duros golpes lhes sacode o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiuda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

BERNARDES, *Floresta*.

¹⁾ *Cujacio* — *Menochio* — *Pêgas* — nomes de jurisconsultos.

²⁾ *Reinicola* — jurisconsulto.

Poesias Epicas

Descobrimto da America

Mais um' hora velou.¹⁾ Deu meia noite,
Rendeu-se o quarto no maior silencio.
Acalmada a emoção, é mais convicto,
Fez signal, e a esquadra poz á capa,²⁾
Sem que alguém da manobra visse a causa.
Sentado e enfraquecido por vigalias,
Ainda olhava; mas, cedendo ao corpo,
Alli mesmo dormiu, té que de um salto,
Erguido ao trom de festival bombarda
E da grita dos seus, que repetiam
Com Bermejo, na Pinta: — Terra! Terra! —
Sem olhâr, convencido da verdade,
Por grato impulso, ajoelhou-se orando,
Antes que a terra lhe alegrasse a vista!
Vinha o dia rompendo e descobrindo
Sobre a linha do mar a terra anciada!
Como a empaste das fecundas tintas
A natureza e a luz na tela fulgem,
Assim fulgia o ondulado aspecto
De frondente floresta, e pouco a pouco,
Ao sorriso das horas fugitivas,
No ar se abriam graciosas palmas,
Como guerreiros de emplumados elmos,
Vindos á plaga a festejar as naves.
Com o prumo na mão, sondando a costa,
Entrou n'uma abra que no fundo tinha

¹⁾ Suj. de *velou* — Colombo.

²⁾ *Pôr á capa um navio* — desfraldar poucas velas, para andar com pequena velocidade.

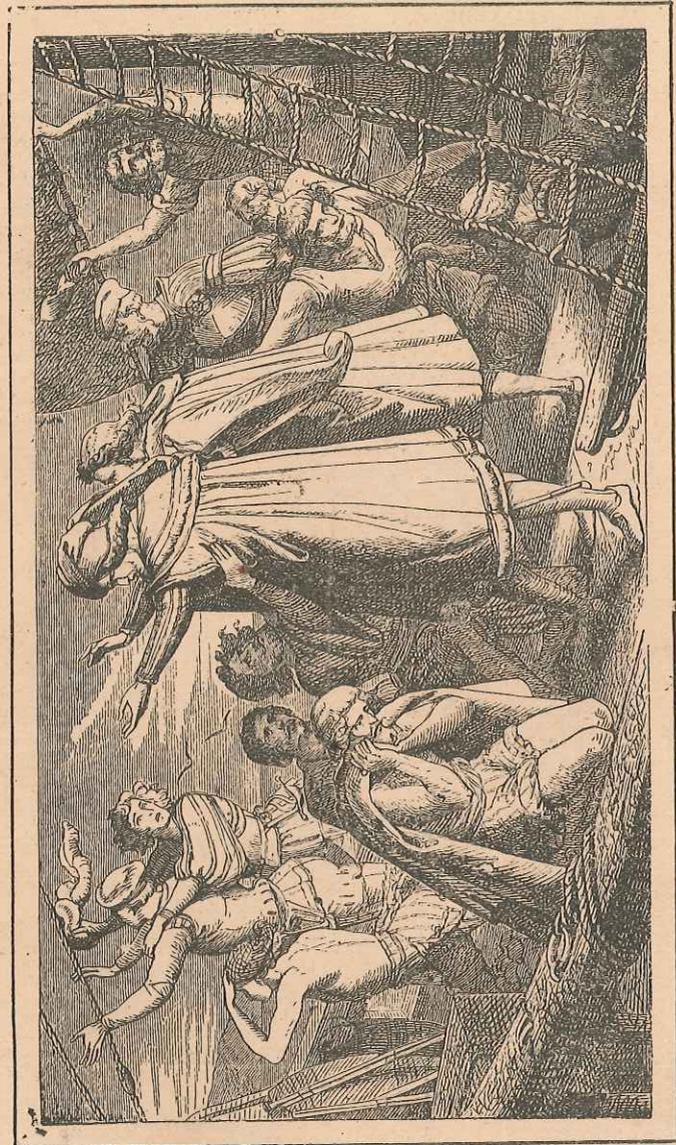
Surgidouro seguro. Manda o chefe
A manobra de paz; e a um tempo viu-se
Cair o panno, atravessar a frota,
Morder o ferro a desejada areia.
Os descrentes então se convenceram
De que um homem de Deus vê mais que os outros;
Baixam dos turcos o ligeiro esquite
E o real escaler apendoado.

O prazer que remoça, agita o Nauta.
Larga o burel da devoção, e o peito,
De lucida couraça veste; cinge
A espada de almirante, e sobre os hombros
Traça um manto escarlata, mimo regio.
Protege a fronte co'um brilhante almafre,¹⁾
De cujo cimo ponteagudo rompe
Trífida²⁾ palma de recurvas plumas.
Toma o pacto real, feito em Granada,
E o pendão de Isabel, o novo lábaro,
Que ha de em breve vencer mais que o de Roma.
Descem com elle os empregados regios,
E os Pinzões, a quem dera a honra e guarda
Do estandarte real. Acena ao mestre;
Alam as promptas vagas á ribeira;
Qual amplexo de amor, todos sentiram
O doce abalo do encontrão da praia! . . .

De um salto juvenil pisa Colombo
A nova terra, e, com seguro braço,
A bandeira real no solo planta.
Beija a plaga almejada. ledor chora:
Foi geral a emoção. Disse o silencio,
Na mudez respeitosa, mais que a lingua,
Ao céo erguendo os lacrimosos olhos,
Na mão sustendo o Crucifixo, disse:
„Deus Eterno, Senhor Omnipotente,
A cujo verbo creador o espaço
Fecundo soltou o firmamento,
O sol, e a terra, e os ventos do oceano,
Bemdicto sejas, Sancto, Sancto, Sancto!
Sempre bemdicto em toda parte sejas!

¹⁾ *Almafre* — parte da armadura que protegia a cabeça; barrete.

²⁾ *Trífida* — que se divide em tres.



Que se exalte tua alta majestade,
 Por haver concedido ao servo humilde
 O teu nome louvar nestas distancias! . . .
 Permite, ó meu Senhor, que agora mesmo,
 Como primicias deste santo empenho,
 A teu Filho Divino humilde off'reça
 Esta terra, e que o mundo sempre a chame
Terra da Vera Cruz! E que assim seja.“

Ergue-se, e o laço do estandarte affrouxa:
 Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem
 De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro
 As armas hespanholas. Como assenso
 Da divina mansão, esparge a briza
 Um chuveiro de flores sobre a imagem,
 Flores não vistas da européa gente!
 BARÃO DE SANTO ANGELO (*Manuel de Araujo Porto Alegre*).

Poema de Uruguay

Introdução

Fumam ainda nas desertas praias
 Lagos de sangue tepidos e impuros,
 Em que ondeiam cadaveres despídos,
 Pasto de corvos; dura ainda nos valles
 O rouco som da irada artilharia.
 Musa! Honremos o Heroe que o povo rude
 Subjugou do Uruguay, e no seu sangue
 Dos decretos reaes lavou a affronta.
 Ai! tanto custas, ambição do imperio!
 E vós, por quem o Maranhão pendura
 Rotas cadéas e grilhões pesados,
 Heroe e irmão de heroes, saudosa e triste,
 Si ao longe a vossa America vos lembra,
 Protegei os meus versos. Possa em tanto
 Acostumar ao vôo as novas azas,
 Em que um dia vos leve. Desta sorte
 Medrosa deixa o ninho a vez primeira
 Aguia, que depois foge á humilde terra,
 E vae ver de mais perto no ar vazio
 O espaço azul onde não chega o raio.

JOSÉ BASILIO DA CAMA.

Morte de Lindoya, a Cleopatra Guarany

Um frio susto cofre pelas veias
 De Caitutú,¹⁾ que deixa os seus no campo:
 E a irman por entre as sombras do arvoredo
 Busca com a vista e treme d'encontra-la.
 Entram, emfim, na mais remota e interna
 Parte do antigo bosque, escuro e negro,
 Onde ao pé duma lapa²⁾ cavernosa,
 Cobre uma rouca fonte que murmura,
 Curva latada de jasmins e rosas.
 Este lugar delicioso e triste,
 Cançada de viver, finha escolhido
 Para morrer a misera Lindoya! . . .
 Lá reclinada, como que dormia
 Na branda relva e nas mimosas flores;
 Tinha a face na mão, e a mão no tronco
 Dum funebre cypreste, que espalhava
 Melancholica sombra. Mais de perto
 Descobrem que se enrola no seu corpo
 Verde serpente, e lhe passeia e cinge
 Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
 Fogem de a ver assim, sobresaltados,
 E param cheios de temor ao longe;
 E nem se atrevem a chama-la, e temem
 Que desperte assustada e irrite o monstro,
 E fuja e apresse no fugir a morte.
 Porém o destro Caitutú, que treme
 Do perigo da irman, sem mais demora
 Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
 Soltar o tiro, vacillou tres vezès
 Entre a ira e o temor. Emfim, sacode
 O arco e faz voar a aguda setta,
 Que toca o peito de Lindoya e fere
 A serpente na testa, e a bocca e os dentes
 Deixou cravados no vizinho tronco.
 Açouta o campo com a ligeira cauda
 O irado monstro, e em tortuosos giros
 S'enrosca no cypreste, e verte envolto
 Em negro sangue o livido veneno.

¹⁾ *Caitutú* — príncipe dos indios, irmão de Lindoya.

²⁾ *Lapa* — syn. gruta.

Leva nos braços a infeliz Lindoya
 O desgraçado irmão, que, ao desperta-la,
 Conhece (com que dor!) no frio rosto
 Os signaes de veneno, e vê ferido
 Pelo dente subtil o brando peito;
 Os olhos, em que amor reinava um dia,
 Cheios de morte; e muda aquella lingua
 Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes
 Contou a larga historia dos seus males.
 Nos olhos Caitutú não soffre¹⁾ o pranto
 E rompe em profundissimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já tremula gravado
 O alheio crime e a voluntaria morte.
 E por todas as partes repetido
 O suspirado nome de Cacambo.²⁾
 Inda conserva o pallido semblante
 Um não sei que de maguado e triste,
 Que os corações mais duros enternece,
 Tanto era bella no seu rosto a morte!

(Idem.)

Partida de Vasco da Gama de Lisboa

E já no porto da inclita Ulysséa³⁾
 Co'um alvoroço nobre e co'um desejo
 (Onde o liquor mistura e branca arêa,
 Co'salgado Neptuno⁴⁾ o doce Tejo),
 As naus prestes estão; e não refrêa
 Temor nenhum o juvenil despejo,⁵⁾
 Porque a gente maritima e a de Marte⁶⁾
 Estão para seguir-me a toda parte.

Pelas praias vestidos os soldados
 De varias côres vêm, e varias artes;
 E não menos de esforço aparelhados,
 Para buscar do mundo novas partes.

¹⁾ *Soffre* — syn. retém.

²⁾ *Cacambo* — rei dos indios.

³⁾ *Ulysséa* — Lisboa, que, segundo a lenda, foi edificada por Ulysses.

⁴⁾ *Neptuno* — deus do mar, aqui tomado pelo mesmo mar.

⁵⁾ *Despejo* — entusiasmo.

⁶⁾ *Marte* — deus da guerra; a gente de Marte = os soldados.

Nas fortes naus os ventos socegados
 Ondêam os aercoos estandartes;
 Ellas promettem, vendo os mares largos,
 De ser no Olympo¹⁾ estrellas como a de Argos²⁾

Depois de aparelhados desta sorte,
 De quanto tal viagem pede e manda,
 Aparelhámos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
 Para o Summo Poder, que a etherea côrte
 Sustenta só co'a vista veneranda,
 Implorámos favor que nos guiasse,
 E que nossos começos³⁾ aspirasse.

Partimo-nos assim do santo templo,⁴⁾
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Onde Deus foi em carne ao mundo dado.
 Certifico-te, ó rei, que, si contemplo⁵⁾
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida e receio,
 Que⁶⁾ apenas nos meus olhos ponho o freio.⁷⁾

A gente da cidade aquelle dia
 (Uns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sómente) concorria,
 Saudosos na vista e descontentes;
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil religiosos diligentes,
 Em precissão solemne a Deus orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

¹⁾ *Olympo* — mythol, habitação dos deuses — aqui tomado pelo firmamento ou abobada celeste.

²⁾ *Argos* — nau em que os principes gregos foram conquistar o vello de ouro. Os astrónomos deram este nome a uma constellação, chamada tambem *navio*.

³⁾ *Começos* — syn. empresa, commettimento; *aspirasse os nossos começos*: — favorecesse a nossa empresa.

⁴⁾ *O templo de Belém*.

⁵⁾ *Contemplo* — considero, penso, lembro.

⁶⁾ *Que* — expletivo.

⁷⁾ *Pôr o freio nos olhos* — conter as lagrimas.

Em tão longo caminho e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres co'um choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavam;
 Mães, esposas, irmans, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperação e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

Qual¹⁾ vac dizendo: O' filho, a quem eu tinha
 „Só para refrigerio e doce amparo
 „Desta cançada já velhice minha,
 „Que em choro acabará penoso e amaro;
 „Porque me deixas misera e mesquinha?
 „Porque de mim te vás,²⁾ ó filho caro,
 „A fazer o funereo enterramento
 „Onde sejas de peixes mantimento?“

Qual em cabelo:³⁾ „O' doce amado esposo,
 „Sem quem não quiz amor que viver possa;
 „Porque is⁴⁾ aventurar ao mar iroso
 „Essa vida que é minha, e não é vossa?
 „Como por um caminho duvidoso
 „Vos esquece⁵⁾ a affeição tão doce nossa?
 „Nosso amor, nosso vão contentamento
 „Quereis que com as velas leve o vento?“

Nestas e outras palavras que diziam
 De amor e de piedosa humanidade,
 Os velhos e os meninos as seguiam,
 Em quem menos esforço põe⁶⁾ a idade.

¹⁾ *Qual... qual...*; pronomes distributivos e podem substituir-se por — esta... aquella.

²⁾ *Vás* — forma antiquada de *vais*.

³⁾ *Qual em cabelo* — locução caída em desuso; é o mesmo que: *qual com os cabellos soltos*.

⁴⁾ *Is* — forma archaica de *ides*.

⁵⁾ *Vos esquece a affeição tão doce nossa*. Repare-se para o emprego do verbo que aqui está tomado unipessoalmente, tendo como sujeito — *a affeição tão doce* —, e *vos* — como complemento terminativo.

⁶⁾ *Põe* — syn. admittir, consentir.

Os montes de mais perto respondiam,
 Quasi movidos de alta piedade;
 A branca arcia as lagrimas banhavam,
 Que em multidão com ella se egualavam.

Nós outros, sem a vista alevantarmos
 Nem á mãe nem á esposa neste estado,
 Por¹⁾ nos não maguarmos ou mudarmos
 Do proposito firme começado;
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado,
 Que, posto que é de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

LUIZ DE CAMÕES.

Batalha de Aljubarrôta²⁾

Deu signal a trombeta castelhana
 Horrendo, fero, ingente e temeroso:
 Ouviu-o o monte Artábro,³⁾ e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso;
 Ouviu-o o Douro e a terra Transtagana,⁴⁾
 Correu ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mães, que o som terrivel escutaram,
 Aos peitos os filhinhos apertaram.

Quantos rostos alli se vcem sem còr,
 Que ao coração acode o sangue amigo!
 Que nos perigos grandes o temor
 É' maior muitas vezes que o perigo,
 E, si o não é, parece-o; que o furor
 De offender ou vencer o duro imigo
 Faz não sentir que é perda grande e rara,
 Dos membros corporaes, da vida cara.

Começa-se a travar a incerta guerra;
 De ambas partes se move a primeira ala;
 Uns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganha-la:

¹⁾ *Por* — em lugar de *para*.

²⁾ *Aljubarrôta* — povoação na Extremadura (Portugal); a batalha feriu-se em 1385.

³⁾ *Artábro* — monte a que chamam Finisterra.

⁴⁾ *Transtagana* — *trans* (além) *Tagus* (Tejo) — além do Tejo.

Logo o grande Pereira,¹⁾ em quem se encerra
 Todo o valor, primeiro se assignala;
 Derriba e encontra, e a terra, em fim, semêa
 Dos que a tanto desejam, sendo alhêa.

Já pelo espesso ar os estridentes
 Farpões, settas e varios tiros vóam;
 Debaixo dos pés duros dos ardentes
 Cavallos treme a terra, os valles sóam;
 Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
 Quedas co'as duras armas tudo atróam;
 Recrescem os inimigos sobre a pouca
 Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
 (Caso feio e cruel!) Mas não se espanta;
 Que menos é querer matar o irmão,
 Quem contra o rei e a patria se alevanta.
 Destes arrenegados muitos são²⁾
 No primeiro esquadrão, que se adeanta
 Contra irmãos e parentes (caso extranho!),
 Quaes nas guerras civis de Julio³⁾ e Magno.⁴⁾

O' tu, Sertorio,⁵⁾ ó nobre Coriolano,⁶⁾
 Catilina,⁷⁾ e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias com profano
 Coração vos fizestes inimigos,

¹⁾ O condestavel D. Nuno Alvares Pereira, um dos mais esforçados cavalleiros portuguezes no reinado de D. João I. e o que mais se distinguuiu na jornada de Aljubarrôta.

²⁾ São — acham-se.

³⁾ Julio Cesar. — ⁴⁾ Pompeo, cognominado Magno, que se lê Manho.

⁵⁾ Sertorio, capitão romano, partidario de Mario; banido pelo tyranno Sylla, retirou-se para Hespanha. Formou em Evora uma republica, á imitação de Roma, e sustentou largos annos a guerra contra esta, derrotando os generaes Metello e Pompeo. Foi assassinado por Perpenna, um dos seus officiaes (79 antes de Chr.).

⁶⁾ Coriolano, Caio Marcio, general romano, cognominado Coriolano por haver tomado aos Volseos a cidade de Coriolos. Tomou depois as armas contra Roma, causando-lhe immensos estragos.

⁷⁾ Catilina, cidadão romano, de costumes estragados, tendo trahido a ruina de Roma, e, descoberto por Cicero o seu plano, morreu combatendo contra a patria.

Si lá no reino escuro de Sumano¹⁾
 Recceberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe que também dos portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está alli Nuno; qual pelos outeiros
 De Ceuta está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão;
 Perseguem-no co'as lanças; e elle, iroso,
 Turbado um pouco está, mas não medroso;

Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê: mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrescem:
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio. Alli perecem
 Alguns dos seus, que o animo valente
 Perde a virtude²⁾ contra tanta gente.

Sentiu Joanne³⁾ a affronta que passava
 Nuno; que, como sabio capitão,
 Tudo corria, e via e a todos dava,
 Com presença e palavras, coração.
 Qual parida leoa, fera e brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estão,
 Sentiu que, emquanto pasto lhe⁴⁾ buscára,
 O pastor de Massyllia⁵⁾ lh'os furtára:

Corre raivosa, e com bramidos
 Os montes Sete-Irmãos⁶⁾ atrôa e abala:
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala.

¹⁾ Sumano — Plutão; seu reino é o inferno.

²⁾ Virtude — syn. coragem, valor, valentia.

³⁾ D. João I — filho de D. Pedro I, o crú, — rei de Portugal, 1385—1433.

⁴⁾ Lhe — Os escriptores antigos empregam fréquentemente esta fórma em lugar de lhes.

⁵⁾ Massyllia ou Mauritania Barbaria, região ao Norte d'África.

⁶⁾ Os montes Sete-Irmãos — montanhas na Mauritania.

„O' fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se eguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

„Vedes-me aqui rei vosso e companheiro.
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros portuguezes.“¹⁾
Isto disse o magnanimo guerreiro:
E, sopesando²⁾ a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

Porque eis os seus accesos novamente
Duma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,³⁾
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assim recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não dóe perder as vidas.

A muitos mandam ver o Estygio lago,⁴⁾
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sant'Iago,⁵⁾
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:⁶⁾
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o céo e os fados.

¹⁾ *Pelejai verdadeiros portuguezes* — Pelejai como verdadeiros portuguezes.

²⁾ *Sopesando a lança* — vibrando, agitando.

³⁾ *Marcio jogo* — guerra.

⁴⁾ *Estygio lago* — lago ou rio no inferno; é tomado aqui pelo mesmo inferno.

⁵⁾ *D. Pedro Nunes* — Grão-mestre da ordem de cavallaria de Sant'Iago.

⁶⁾ *Pedro Alvares Pereira* — Grão-mestre da ordem de Cala-

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão¹⁾ perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo;
E, porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do inimigo furibundo,
A sublime bandeira castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão e as vidas; já fallece
O furor e sobejam as lançadas:
Já de Castella o rei desbaratado
Se vê, e do seu proposito mudado.

O campo vae deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magua, da deshõna e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo.
Que por tomar o alheio, o miserando
Poço aventura ás penas do profundo;
Deixando tantas mães, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos desditosas.

(Idem.)

¹⁾ *Trifauce cão* — Cérbero, segundo a mythologia, cão com tres cabeças que guardava a porta do inferno.

A morte de Tapyr

Foi assim que morreu Moggar-Tapyr-Grauna

I

Caía lentamente a tarde. Uma columna
De chammas, faixas de ouro e purpuras ondeantes
Subia o firmamento. Accesos véos, radiantes,
Rubras nuvens, do sol á viva luz, do Poente
Vinham soltas, correr o espaço resplendente.
Foi a essa hora, ás mãos o arco possante, á cinta
Do leve enduape a tanga em varias côres tinta,
A aiucára ao pescoço, o kanitar á testa,
Que Tapyr penetrou no seio da floresta.
Era de vê-lo assim, com o vulto enorme ao peso
Dos annos acurvado, o olhar faiscando acceso,
Firme o passo, apesar da extrema idade, e forte.
Ninguem, como elle, em face, altivo e herculeo, a morte
Tantas vezes fitou. . . Ninguem, como elle, o braço
Erguendo, a lança aguda atirava no espaço.
Quanta vez, do uapy ao rouco troar, ligeiro
Como a corça, ao rugir do estrepito guerreiro,
O tacape brutal rodando no ar terrível,
Incolume, vibrando os golpes, insensível
A's preces, ao clamor dos gritos, surdo ao pranto
Das victimas, passou, como um tufão, o espanto,
O exterminio, o terror atraz de si deixando!
Quanta vez do inimigo o embate rechaçando
Por si só, foi seu peito uma muralha erguida,
Em que vinha bater e quebrar-se, vencida,
De uma tribu contraria a onda medonha e bruta!
Onde um pulso que, tal como seu pulso, á lucta
Costumado, um por um, ao chão arremessasse
Dez combatentes? Onde um arco que atirasse
Mais celere, a zunir, a fina flecha hervada?
Quanta vez, a vagar na floresta cerrada,
Peito a peito luctou com as fulvas onças bravas,
E as onças a seus pés, tombaram como escravas,
Nadando em sangue quente, e em roda o echo infinito
Despertando, ao morrer, com o derradeiro grito! . . .
Quanta vez! E hoje velho, hoje abatido!

II

E o día,

Entre os sanguineos tons do Occaso decaía . . .
E era tudo em silencio, adormecido e quedo . . .
De subito um tremor correu todo o arvoredor:
E o que ha pouco era calma, agora é movimento,
Treme, agita-se, accorda. e se lastima. . . . O vento
Fala: „Tapyr! Tapyr! E' finda a tua raça!“
E em tudo a mesma voz mysteriosa passa;
As arvores o chão despertam repetindo:
„Tapyr! Tapyr! Tapyr! O teu poder é findo!“
E, essa hora, ao fulgor do derradeiro raio
Do sol, o disco de ouro, em lucido desmaio,
Quasi no extremo céu de todo mergulhava,
Aquella extranha voz pela floresta echoava
Num confuso rumor entrecortado, insano . . .
Como que em cada tronco havia um peito humano
Que se queixava. . . . E o velho, humido o olhar, seguia.
E, a cada passo assim dado na matta, via
Surgir de cada canto uma lembrança. . . . Fôra
Desta immensa mangueira á sombra protectora
Que um dia repousára. . . . Além a arvore annosa,
Em cujos galhos, no ar erguidos, a formosa,
A doce Juracy a rêde suspendêra,
A rêde que, com as mãos finissimas, tecêra
Para elle, seu senhor e seu guerreiro amado.

III

E Tapyr caminhava. . . . Ante elle agora um rio
Corria; e a agua tambem, ao crebro murmurio
Da corrente, a rolar, gemia anciosa e clara:
„Tapyr! Tapyr! Tapyr! Que é da veloz igara,
Que é dos remos dos teus? Não mais as rêdes finas
Vêm na pesca sondar-me as aguas crystallinas. . . .
Não mais! Depois dos teus de bronzea pelle tinta
Com os succos do urucú, de pelle branca vieram
Outros que a ti e aos teus nas selvas succederam. . . .
Ai! Tapyr! ai Tapyr! A tua raça é morta!“
E o indio, tremulo, ouvindo aquillo tudo, absorta
A alma em scismas, seguia, curva a cabeça ao peito. . . .
Agora da floresta o chão não mais direito
Extendia-se, e plano; era um declive, e quando

Pelo tortuoso anfracto, a custo caminhando
 Ao crepusculo, poude o velho, passo a passo,
 A montanha alcançar, viu que a noite no espaço
 Vinha a negra legião das sombras esparzindo. . . .
 Crescia a treva. A medo entre as nuvens luzindo,
 No alto a primeira estrella o calix de ouro abria;
 Outra após scintillou na esphera immensa e fria . . .
 Outras vieram . . . e, em breve, o céu de lado a lado,
 Foi como um cofre real de perolas coalhado.

IV

Então, Tapyr, de pé, no arco apoiado, a fronte
 Ergueu, e o olhar passou no infinito horizonte:
 Acima o abysmo, abaixo o abysmo, o abysmo adiante. . .
 E, longe, entre o negro da noite, viu distante,
 Alvejando no valle, as tabas do estrangeiro. . . .
 Tudo extinto . . . era elle o ultimo guerreiro!
 E do valle, do céu, do rio, da montanha,
 Rouca, extrema, rompeu a mesma voz:

„E' finda

Toda raça dos teus; só tu és vivo ainda!
 Tapyr! Tapyr! Tapyr! morre tambem com ella!
 Já não fala Tupan no ullular da procella. . . .
 As batalhas de outr'ora, os arcos e os tacapes,
 As florestas sem fim de flechas e acanguapes,
 Tudo passou! Não mais a fera inubia ¹⁾ á bocca
 Dos guerreiros, Tapyr, sôa medonha e rouca.
 E' mudo o maracá. A tribu exterminada
 Dorme agora feliz na Montanha sagrada . . .
 Nem uma rêde o vento entre os galhos agita!
 Não mais o vivo som da extranha dança e a grita
 Dos Pagés ao luar, por baixo das folhagens,
 As guerras e os festins, tudou passou! E' finda!“
 E num longo soluço a voz mysteriosa
 Expirou. . . . Caminhava a noite silenciosa:
 E era tranquillo o céu; era tranquilla em roda,
 Immersa em plumbeo somno, a natureza toda.
 E no tope do monte, era de ver erguido
 O vulto de Tapyr. . . . Inesperado, um ruido

¹⁾ *Inubia* — instrumento musical de guerra.

Secco, surdo, sóou, e o corpo de guerreiro
 De subito rolou pelo despenhadeiro. . . .
 E o silencio outra vez caíu.

Neste momento,

Apontava o luar no curvo firmamento.

OLAVO BILAC.

Poema da Assumpção

Rio de Janeiro

A cidade que alli vedes traçada,
 E que a mente vos traz tão occupada,
 Será nobre colonia, rica e forte,
 Fecunda em genios, que assim quiz a sorte.
 Será pelo seu porto desmarcado
 A feira do ouro, o emporio frequentado
 Amplissimo ao commercio; pois profundo,
 Póde as frotas conter de todo o mundo.
 Será de um povo excelso, germe airoso
 Lá da Lysia, o lugar mais venturoso,
 Pois dos Lusos Brazileiros um dia
 O centro deve ser da monarchia.
 Alçarão outras no porvir da edade
 Os trophéos que tiverem por vaidade.
 Umás nas artes levarão a palma
 De aos marmores, dar vida, aos bronzes alma.
 Outras irão beber sua nobreza
 Nos tratos mercantis. Tal que se preza
 De ver nas suas scenas e tribunas,
 Maior brazão, mas inclitas columnas.
 Aquella do Timanthes ¹⁾ o extremoso
 Pincel com estro imitará fogoso.
 Muitas serão destras no compasso,
 Que as linhas medo do celeste espaço;
 Mas cuidar do seu rei, ser sua côrte,
 Dar ás outras a lei, eis desta a sorte.
 Gravaram de rigor de impostos novos
 Os dynastas crueis a terra e os povos
 Egypcios, por alçar massas extranhas,
 Que tu, transpondo o leito, ó Nilo, banhas.

¹⁾ *Timanthes* — celebre pintor grego.

Fosse superstição ou só vaidade
Da fama dilatar por longa idade,
E' certo que o sentiu o povo santo ¹⁾
Que tanto allí gemeu por tempo tanto.
Hoje busca o viajor o immenso lago
De Méris ²⁾, mas só topa um campo vago.
E, si restam taes obras peregrinas,
São sobejos do tempo, e só ruinas.
Aqui, pelo contrario, pôz natura,
Por brazões da primeva architectura,
Volumes collossaes, corpos enormes,
Cylindros de granito desconformes,
Massa que não ergueram ³⁾ nunca humanos, ⁷⁰
Mil braços a gastar, gastar mil annos.

Vêdes na foz aquelle ⁴⁾ que apparece
Pont'agudo e escarpado? Pois parece
Que deu-lhe a providente natureza
(Além das obras d'arte) por defesa
Na derrocada penha transformado
Nubigena ⁵⁾ membrudo; sempre armado
De face negra e torva; e mais si o c'roa
Neve, trovões e raios, com que atroa:
Que, co'a frente no céu, no mar os rastros,
Atrevitdo ameaça o pégo ⁶⁾ e os astros.
Si os delirios da van mythologia
Na terra inda vagassem, dir-se-ia
Que cra um desses Alóidas, gigante,
Que intentou escalar o céu brilhante,
Que, das deusas do Olympo namorado,
Foi no mar por audaz precipitado.
E as deusas por acinte lá da altura
Lhe enxovalham de neve a catadura.
Do seio, pois, das nuvens, onde a fronte
Esconde, vendo o mar, té o horizonte,
Mal que espreita surgir lenho inimigo,
Prompto avisa e previne-se o perigo.

¹⁾ O povo santo — o povo hebreu.

²⁾ Lago de Méris — (Meride) — lago artificial no Egypto.

³⁾ Ergueram por ergueriam.

⁴⁾ O pão de Assucar á entrada do porto do Rio de Janeiro.

⁵⁾ Nubigena — empregado só na poesia — que nasce das nuvens.

⁶⁾ Pégo — abysmo, profundeza.

Por uma e outra parte ao céu subindo
Vão mil rochas e picos, que existindo
Desde o berço do mundo, e de então vendo
Os sec'los renascer, e irem morrendo,
Por tanta duração, tanta firmeza,
Deuses parecem ser da natureza,
Ossos da grande mãe, que ao ar saíram
Na voz da criação; e, mal que ouviram
Que deviam parar, logo pararam
Nas fórmãs e extensões, em que se acharam;
Que figuram exercitos cerrados
De mil negros Typhêos ¹⁾ petrificados.
Ao resto sobressae co'a fronte erguida
Dos Orgãos a montanha, abastecida
De grossas mattas, de sonoras fontes,
Que despenhando-se de alpestres montes,
Vêm engrossar o lago d'agua amara
Do grão Nictheroy, do Guanabára.
Tal a fabula diz de Alpheo ²⁾ que o rio
Faz por baixo do mar longo desvió
Té Ortygia ³⁾ em demanda de Arethusa,
Que abraçar-se com elle não recusa.

FR. FRANCISCO DE S. CARLOS

O Brazil, seus fructos e passaros

Então, Brazil, virá tua ventura:
O sec'lo d'ouro teu, tua cultura.
Pelas largas espaduas penduradas
Não te verão mais settas aguçadas,
Nem de pennas multicolor textura
Teus braços cingirá, tua cintura.
Debalde o caiman ⁴⁾ se pinte enorme
De rojo ás tuas plantas, qual o informe

¹⁾ Typhêos — Typhêo, um dos gigantes que escalaram o céu e que fóram transformados em rochedos.

²⁾ Alpheo — caçador de profissão perseguindo Arethusa nympha, foi transformado por Diana em rio, e Arethusa em fonte.

³⁾ Ortygia — ilha no mar da Sicilia.

⁴⁾ Caiman — é o mesmo que jacaré.

„Si já nas brutas feras, cuja mente¹⁾
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas aereas têm o intento,
 Com pequenas creanças viu a gente
 Terem tão piedoso sentimento,
 Como co'a mãe de Nino²⁾ já mostraram,
 E co'os irmãos³⁾ que Roma edificaram:

„O' tu, que tens de humano o gesto e o peito
 (Si de humano é matar uma donzella⁴⁾)
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vence-la),
 A estas creancinhas tem respeito,
 Pois não tens á morte escura della:
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

„E, si, vencendo a maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia,
 A quem, para perde-la, não fez erro;
 Mas, si t'ó assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

„Põe-me onde se use toda a feridade,⁵⁾
 Entre leões e tigres; e verei
 Si nelles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli, co'o amor intrinseco e vontade
 Naquelle por quem morro, crearei
 Estas reliquias suas, que aqui viste,
 Que refrigeiro⁶⁾ sejam da mãe triste.

1) *Mente* — indole.
 2) *Mãe de Nino* — Semiramis, rainha dos Assyrios, que, segundo a lenda, em creança foi alimentada por pombas.
 3) *Romulo e Remo* — que, conforme a lenda, foram amamentados por uma loba.
 4) *Donzella* = mulher ainda moça.
 5) *Feridade* — por *ferocidade*, é fórma archaica.
 6) *Refrigeiro* — consolo, allivio.

Queria perdoar-lhe o rei benino,
 Movido das palavras que o magoam,
 Mas o pertinaz povo e seu destino
 (Que desta sorte, o quiz) lhe não perdoam:
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito alli apregoam.
 Contra uma dama, ó peitos carneiros,
 Feros vos amostrais e cavalleiros?!

Qual contra a linda moça Polyxena,¹⁾
 Consolação extrema da mãe velha;
 Porque a sombra de Achilles²⁾ a condemna,
 Co'o ferro o duro Pyrrho³⁾ se aparelha:
 Mas ella, os olhos, com que o ar serena
 (Bem como paciente e mansa ovelha),
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sustinha
 As obras, com que amor matou de amores
 Aquelle⁴⁾ que depois a fez rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarniçavam férvidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem pudéras,⁵⁾ ó sol, da vista destes
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da seva mesa de Thyestes,⁶⁾
 Quando os filhos por mão de Atreo⁷⁾ comia!
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da bocca fria,
 O nome de seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

1) *Polyxena* — filha do rei Priamo, immolada por Pyrrho sobre o tumulo de seu pae Achilles.
 2) *Achilles* — filho de Peleo, rei da Thessalia, e de Thetis; tomou parte no cerco de Troya.
 3) *Pyrrho* — filho de Achilles.
 4) *D. Pedro* que, subindo ao throno, fe-la reconhecer como rainha.
 5) *Pudéras* em lugar de *poderias*. Vide nota a pags. 93, 109.
 6) e 7) *Atreo*, rei de Mycene, fez comer a seu irmão Thyestes os proprios filhos.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, cãdida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cõr murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cõr, co'a doce vida.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que ainda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vêde, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores!

LUIZ DE CAMÕES.

Caramurú

Assumpto e invocação

De um varão em mil casos agitado
Que as praias discorrendo do occidente,
Descobriu o reconcavo afamado
Da capital brazilica potente:
Do *filho do trovão* denominado,
Que o peito domar soube á fera gente,
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço heroe quem nella é forte.

Santo esplendor, que do Grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bella;
Si da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãe Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tu do grão caso a pura luz revela;
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra, que por fim foi tua.

E vós, principe¹⁾ excelso, do céu dado
Para base immortal do luso throno,
Vós, que, do aureo Brazil no principado,
Da real successão sois alto abono,
Emquanto o imperio tendes descansado,
Sobre o seio da paz com doce somno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admitti-lo ao sceptro.

Nelle vereis nações desconhecidas,
Que em meio dos sertões a fé não doma,
E, que poderão ser-vos, convertidas,
Maior imperio que houve em Grecia ou Roma;
Gentes vereis e terras escondidas,
Onde, si um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro reino, maior que a Europa extensa.

Devora-se a infeliz misera gente;
E, sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente,
Sendo em campo menor, maior a guerra;
Olhai, senhor, com reflexão clemente
Para tantos mortaes que a brenha encerra;
E, que livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser monarcha de outro mundo.

Principe, do Brazil futuro dono,
A' mãe da Patria, que administra o mando,
Ponde, excelso senhor, aos pés do throno
As desgraças do povo miserando;
Para tanta esperanza é justo abono
Vosso titulo e nome, que, invocando,
Chamará, como o outro o egyptio povo,
D. José salvador de um mundo novo.

Nem podereis temer que ao santo intento
Não se nutrem heroes no luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brazil renascido, como em novo.

¹⁾ D. José I, rei de Portugal (1750—1777).

Vereis no domador do indico assento
Nas guerras do Brazil alto renovo,
E que os seguem nas bellas idéas
Os Viciras, Barretos e os Corrêas.

Dai, portanto, senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da brazilica gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto imperio ao vosso sceptro:
É, enquanto o povo do Brazil convulso
Em nova lyra canto, em novo plectro,
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso throno em propagar-se a Egreja.

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO.

Morte de Moema

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa nau de gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando
É a proa mette sobre a propria esteira:
Vem seguindo a canôa, signaes dando
Até que aborda a embarcação veleira:
E, de paz dando a mostra conhecida,
A's praias da Bahia a nau convida.

A Gupeva entretanto, e Taparica¹⁾
Dava o ultimo abraço e á forte esposa
A intenção de leva-la significa.
A ver de Europa a região famosa:
Suspensa entre alvoroço e pena fica
Paraguassú contente, mas saudosa:
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lh'o enxuga.

E' fama então que a multidão formosa
Das damas que Diogo pretendiam,
Vendo avançar-se a nau na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam,

1) Pae de Paraguassu e sogro de Diogo Alvares.

Entre as ondas com ancia furiosa
Nadando, o esposo pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando, apaga.

Copiosa multidão da nau franceza
Corre a ver o spectaculo assombrada;
E, ignorando a occasião da extranha empresa,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada;
Era Moema, que de inveja geme,
E, já vizinha á nau, se apega ao leme.

„Barbaro, a bella diz, tigre e não homem. . .
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças amor, que emfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consumem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco. . .
Ah! que o corisco és tu. . . raio. . . penhasco. . .

„Bem pudéras,¹⁾ cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano
Nem me offendéras²⁾ a escutar-me altivo,
(Que é favor, dado a tempo, um desengano):
Porém deixando o coração captivo,
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

„Tão dura ingratidão menos sentira³⁾
E este fado cruel doce me fôra,⁴⁾
Si a meu despeito triumphar não víra⁵⁾
Essa indigna, essa infame, essa traidora;
Por serva, por escrava te seguira,⁶⁾
Si não temêra⁷⁾ de chamar senhora
A vil Paraguassú que, sem que o creia,
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

1) Pudéras, 2) Offendéras, 3) Sentíra, 4) Fôra, 5) Víra, 6) Seguira,
7) Temêra. — Vide nota a pag. 109.

„Emfim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar moribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai sómente, com que aos meus respondas:
Barbaro, si esta fé teu peito irrita,
(Disse vendo-o fugir) oh! não te escondas
Dispara sobre mim teu cruel raio! . . .“
E, indo, a dizer o mais, cae num desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pallida a côr, o aspecto moribundo.
Com mão já sem vigor soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo:
„Ah! Diogo cruel!“ disse com mágua,
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

Choraram da Bahia as nymphas bellas,
Que, nadando, a Moema acompanhavam;
E, vendo que sem dor navegam dellas,
A' branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro heroe sem pena vê-las,
Com tantas provas que de amor lhe davam:
Nem mais lhe lembra¹⁾ o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

(Idem.)

O gigante Adamastor

Porém já cinco soes eram passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados,
Na cortadora prova vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

¹⁾ Lembra — empregado unipessoalmente, tendo por sujeito o nome de Moema.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações um grande medo:
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se dêsse em vão nalgum rochedo.
„O' Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?“

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A bocca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres¹⁾ foi do mundo:
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceo sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi, e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

E disse: „O' gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas;
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'extranho, ou proprio lenho:

„Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento;

¹⁾ Milagres = maravilhas.

Ouve os damnos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevidamento
 Por todo o largo mar e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

„Sabe que quantas náos esta viagem
 Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farci d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno que o perigo.

„Aqui espero tomar, si não me engano,
 De quem¹⁾ me descobrio summa vingança;
 E não se acabará só nisto o damno
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Si é verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda a sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

„E do primeiro illustre,²⁾ que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os céos,
 Serei eterna e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deus:
 Aqui porá da Turca armada dura
 Os soberbos e prosperos trophéos;
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quíloa com Mombaça.

„Outro³⁾ tambem virá de honrada fama,
 Liberal, cavalleiro, enamorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
 Triste ventura e negro fado os chama
 Neste terreno meu, que duro e irado
 Os deixará dum crú naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

1) Bartholomeu Dias. 2) D. Francisco de Almeida. 3) D. Manuel de Souza Sepulveda.

„Verão morrer com fome os filhos caros,
 Em tanto amor gerados e nascidos;
 Verão os Cafres, asperos e avaros,
 Tirar á linda dama seus vestidos:
 Os crystallinos membros e preclaros
 A' calma, ao frio, ao ar verão despídos,
 Depois de ter pisada longamente
 Co'os delicados pés a arêa ardente.

„E verão mais os olhos que escaparem
 De tanto mal, de tanta desventura,
 Os dous amantes miseros ficarem
 Na fervida e implacabil¹⁾ espessura.
 Allí, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magua pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.“

Mais ia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: „Quem és tu? que esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado.“
 A bocca e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezára:

„Eu sou aquelle occulto e grande Cabo
 A quem chamais vós outros Tormentorio;
 Que nunca a Ptolomeo,²⁾ Pomponio,²⁾ Estrabo,²⁾
 Plinio,²⁾ e quantos passaram, fui notorio:
 Aquí toda a Africana costa acabo.
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo Antaretico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

„Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado,³⁾ Egeo³⁾ e o Centimano;³⁾

1) *Implacabil* = forma archaica de implacavel.

2) *Ptolomeo, Pomponio, Estrabo, Plinio* — geographos da anti-guidade.

3) *Encelado, Egeo, Centimano*; gigantes que, segundo a mythologia, tentaram desthronar Jupiter.

Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas, conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

„Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o céu não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus dosgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis¹⁾ cercando destas agoas.“

Assi contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar sòou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

Um tempestade no mar

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordam despertando
Os marinheiros duma e doutra banda:

¹⁾ Thetis — nereida ou deusa maritima.

E, porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
„Alerta, disse, stae, que o vento cresce
Daquella nuvem negra que apparece.“

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande e subita procella:
„Amaina, disse o mestre a grandes brados,
„Amaina, disse, amaina a grande vela.“
Não esperam os ventos indignados
Que amainassem; mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem c'um ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

O céu fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a não pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
„Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não fallê acordo;
Vão outros dar á bomba, não cessando:
A' bomba! que nos imos alagando.“

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náó, num bordo os derribaram;
Tres marinheiros duros e forçosos,
A manear o leme não bastaram;
Talhas lhe punham duma e doutra parte,
Sem aproveitar dos homens força e arte.

Os ventos eram taes, que não puderam¹⁾
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Si para derribar então vieram²⁾
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram
A pequena grandura dum batel
Mostra a possante náó, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tanto.

¹⁾ Puderam = poderião. ²⁾ Vieram = viessem.

A não grande em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a não de Coelho, com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver, parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto,¹⁾ Austro,¹⁾ Boreas,¹⁾ Aquilo¹⁾ queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e fea se alumia
Co'os raios em que o polo²⁾ todo ardia.

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram.
Lembrando-se do seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados, entretanto,
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro³⁾ sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante⁴⁾ arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram,
Os dous, que em gente as pedras converteram.

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!

¹⁾ *Noto, Austro, Boreas, Aquilo* — nomes de ventos.

²⁾ *Polo* — espaço.

³⁾ Vulcano. ⁴⁾ Jupiter.

As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o céu fossem viradas;
Nem as fundas arêas que podessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

Vendo Vasco da Gama que tão perto
Do fim do seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céu subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil¹⁾ pode, desta sorte:

„Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar e terra senhorêas,
Tu, que a todo Israel refugio déste
Por metade²⁾ das aguas Erythreas:
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas e ondas fêas,
E guardaste co'os filhos o segundo
Povoador³⁾ do alagado e vacuo mundo:

„Si tenho novos medos perigosos
D'outra Scylla, e Charybdis já passados,
Outros syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos
Porque somos de ti desamparados,
Si este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

„Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, emquanto fortes sustiveram
A sancta Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas.
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!“

¹⁾ *Impossibil* — fôrma archaica de possível; assim os mais adjectivos em *vcl.*, como *amabil*, *sensibil*, etc.; dahi o superlativo absol. — *amabilissimo*, *sensibilissimo*, etc.

²⁾ *Por metade das aguas* — pelo meio das ondas.

³⁾ Nôe.

Assi dizendo, os ventos, que lutavam,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta acrescentavam,
 Pela miuda enxarcia assoviando:
 Relampagos medonhos não cessavam,
 Feros trovões, que vêm representando
 Cair o céu dos eixos sobre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

A existencia de Deus

Um Deus, diz, um Tupá,¹⁾ um ser possante,
 Quem poderá negar que reja o mundo,
 Ou veja a nuvem fulminar tonante,
 Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
 Quem enche o céu de tanta luz brilhante?
 Quem borda a terra dum matiz fecundo?
 E aquella sala azul, vasta, infinita,
 Si não está lá Tupá, quem é que a habita?

A chuva, a neve, o vento, a tempestade,
 Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
 Quem nos derrama a bella claridade?
 Quem tantas trevas sobre o mundo chove?
 E este espirito amante da verdade,
 Inimigo do mal, que o bem promove,
 Cousa tão grande, como fôra obrada,
 Si não lhe dera o ser quem vence o nada?

Quem seja este grande Ente e qual seu nome,
 Feliz quem saber póde? Eu cego o ignoro:
 E, sem que a empresa de sabe-lo tome,
 Sei que é quem fez tudo, e humilde adoro;
 Nem duvido que os céos a terra dome,
 Quando nas nuvens com terror o exploro,
 Deixando o mortal peito em vil desmaio
 Ameaçar no trovão, punir no raio.

FR. JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO.

¹⁾ *Tupá* — para os selvagens do Brazil esta palavra significa:
Ser por excellencia, cousa grande que a todos domina.

F I M

INDICE

Prologo III

1.ª PARTE

PROSA

Contos — Narrações — Lendas:		Exemplo de amor da patria	
Christovão Colombo e o ovo	1	de outra brasileira.....	56
Um juiz ás direitas.....	2	Outro exemplo de valor de	
A herança de nosso pae ..	3	uma brasileira.....	58
A união faz a força	4	O terremoto de Lisboa....	61
O derviche astucioso.....	6	O castello de Faria.....	64
Ninguem deve rir-se dos po-		Parabolas, Apologos e Fabulas:	
bres	8	O filho prodigo.....	69
O assobio ou não gastes o		O rico avarento.....	71
teu dinheiro em cousas		O Filho do Homem.....	72
inuteis.....	9	Apologo das arvores.....	74
Arrependimento infantil... ..	11	As cotovias.....	75
Os passarinhos.....	15	O lobo e o cordeiro.....	75
Os dous meninos.....	17	O leão doente e a raposa..	77
O presente da fada.....	18	A raposa e o bode.....	78
Resignação de mãe.....	20	Os dous leões.....	79
O alfaiate e o banqueiro ..	21	As rans pedindo um rei... ..	81
O khalifa e o plantador octo-		As duas bilhas.....	83
genario	24	Anecdotas:	84
O emprego dos domingos e		Descripções:	
dias santos.....	26	A Tijuca.....	90
Gratidão de um filho e in-		A ilha dos Nheengahibas,	
gratidão de outro.....	31	na bocca do Amazonas..	92
Exemplo de bons amigos..	33	Descripção de varios rios,	
O Tamborzinho.....	34	lugares, arvoredos, cam-	
Os restos do naufragio....	41	pinas, etc., no interior do	
Teima de um poeta.....	41	Pará.....	94
O que póde a educação... ..	45	Costumes dos povos daquel-	
A vingança de um pintor..	49	les lugares.....	96
Exemplo de valor de uma		Noticia acerca dos jacarés	
brazileira	54	e seus ovos, etc.....	97

A cidade do Rio de Janeiro	98
A matta virgem	102
Queima da matta	105
As tartarugas marinhas	107
O esquilo	109
A flor	111
A tülipa	112
A rosa	113
A cachoeira de Paulo Affonso	114
O Ceará	115
O Rio Grande do Norte	116
A baleia	117
A piranha	119
O caranguejo	119
Uma visita a Roma	122
Magnificencia dos triumphos romanos	125
O pampeiro	126
Alcacer	128
As formigas pastoras	129
A arte da palavra	131
O carteiro	133
O tocador de realejo	135
Descripção da igreja de S. Francisco de Assis, em S. João d'El-Rey (Minas Geraes)	136
Belém do Pará	137
Paizagem da Judéa	139
Vianna de Castello	141
O Amazonas	143
A gruta „Casa de pedra“ em Minas Geraes	147
Panico na população do Rio durante a revolta	149
Sertão bruto	154
Descripção de um aguaceiro numa fazenda	155
A alma	157
A formosura	159
A admiração	159
Um triste	159
O amor	160
A auctoridade	161
A necessidade	161
A fortuna	162
A guerra	163
A peste	163
Historia, Biographia, Retratos e Caracteres:	
José Bonifacio	165
D. Vasco da Gama	168

Monte-Alverne	168
O Visconde de Jequitinhonha	170
Marquez de Maricá	173
João Francisco Lisboa	174
Padre Antonio Vieira	175
O estudante hollandez	177
Descobrimto do Brazil	178
Descripção geographica do Brazil	182
Colonização do Brazil	184
Os jesuitas no Brazil	186
Manuel Ignacio da Silva Al- varenga	189
Primeiros triumphos orato- rios do Padre Vieira	192
Sublevação do povo no Ma- ranhão e no Pará. — Pri- são e desacatos que sof- reram o Padre Vieira e os demais jesuitas	194
Barão do Triumpho	196
Morte do Barão do Triumpho	196
Duque de Caxias	197
Qualidades moraes do duque de Caxias	199
Religião — Moral:	
Apparecimento de Jesus Christo	200
Vida de Jesus Christo	203
O atheismo	205
Maximas extrahidas da Sa- grada Escripura	206
Amor da família	209
Adagios populares	209
Cartas:	
Carta de um professor de bellas-lettas dando con- selhos a um seu discipulo	212
Um tio a seu sobrinho, re- prehenndo-o e aconselhan- do-o	215
Resposta do P. Antonio Vi- eira a D. Maria da Cunha, não deferindo o que ella lhe pedira	216
Carta em que o Padre An- tonio Vieira se empenha com o Marquez de Gou- vêa a favor de um pre- tendente a certo lugar	216
A. F. de Castilho a fr. F. do Monte-Alverne	217

Fr. F. do Monte-Alverne a A. F. de Castilho	219
Carta de Alexandre Hercu- lano a Antonio Serpa Pimentel	222

Carta de pesame que escre- veu o Padre Antonio Vi- eira a certo fidalgo da Côrte	224
---	-----

2.ª PARTE

VERSO

Navrações, Apologos, Parabolas,

Allegorias:

A rosa e a açucena	226
O sapoty	226
Os meninos de Sparta	227
Os ossos	227
O cão e o tamanduá	227
Os dous colleiros	229
O passarinho preso	231
A cigarra e a formiga	233
O leão velho	235
A raposa e as uvas	236
O leão e o pintor	237
O leão e a raposa	238
O carvalho e o canniço	239
Os rafeiros e o gozo	240
O rei e o sapateiro	242
A esmola do pobre	245
O leão e o rato	246
O rio e o regato	248
Quando eu era pequenino	249
A parabolá das varas	251
Quem pagará o pato?	253
Eu, Antão Verissimo e a mosca	256
A leõa	258
O prazer da esmola	260
Recordações da infancia	264
Meus oito annos	266
Sudorifero infallivel	267
A torrente	268
Lyras, Canções, Hymnos, Odes:	
Hymno de amor	270
A minha filha	271
A uma menina no dia em que fazia 15 annos	271
Avé Maria	272
Hymno á Senhora das Dores	272
Cantico de David	273
Marília de Dirceu	274
Lyra	277
Canção do exilio	278

Anjinho	278
Hymno á tarde	280
Hymno dos bravos	283
Napoleão em Waterloo	284
Saudosas recordações de Marília	288
Adeus ao mundo	290
A ponte dos suspiros	291
A Caridade	293
A vida	294

Sonetos:

Na presença de uma grande trovoada	297
Aos annos de uma menina	298
Despedida a um filho	299
Em resposta a seu pae	299
Ternos queixumes	301
Um quadro sentimental	301
Uma partida de gamão	302
Um toucado	302
As pombas	303
Alvares de Azevedo	304
Sete de Setembro	304
A noite	305
Visita á casa paterna	305

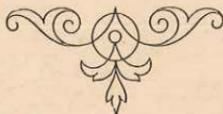
Descripções e Retratos:

A vida do campo	307
Marília	309
Retrato de Marília	311
Retrato de Gonzaga	312
Uma tarde triste	313
Os primeiros annos da vida do auctor	314

Satiras e Epigrammas:

Os arlequins	316
A um esfaimado	318
Uma tunda	319
Ignorante diplomado	319
Aviso aos decoradores	320
Os dous consortes	320
A um maldizente	321

A um homem extremamente feio.....	321	Partida de Vasco da Gama de Lisboa.....	328
A um procurador.....	321	Batalha de Aljubarrota ...	331
A molestia e a cura.....	321	A morte de Tapyr.....	336
O letrado.....	322	Poema da Assumpção (Rio de Janeiro).....	339
A um avaro.....	322	O Brazil, seus fructos e passaros.....	341
O não posso dos negligentes, e o não quero dos contumazes.....	322	Episodio de D. Ignez de Castro.....	342
Poesias Epicas:		Caramurú (assumpto e invocação).....	346
Descobrimto da America.....	323	Morte de Moema.....	348
Poema do Uruguay.....	326	O gigante Adamastor.....	350
Morte de Lindoya, a Cleopatra Guarany.....	327	Um tempestade no mar ...	354
		A existencia de Deus.....	358



Obras do mesmo auctor

Selecta em prosa e verso dos melhores auctores brazileiros e portuguezes. Livro de leitura e analyse para as aulas primarias e secundarias. — 20.^a edição.

Leituras escolhidas para as aulas primarias com um appendice de exercicios de composicao. — 29.^a edição.

A lingua materna. 1.^o Curso: Primeiras noções de grammatica. — 2.^a edição.
2.^o Curso: Primeiras noções de grammatica e exercicios preparatorios. — 2.^a edição.

Traduções

Obras de hydropathia do **Monsenhor Sebastião Knapp**:

A minha cura d'agua. Compilada por uma experiencia de mais de 45 annos e escripta para o tratamento de todas as doencas e conservação da saude. — 3.^a edição.

O meu testamento — dedicado aos saos e aos doentes. Ornado com 20 phototypias.

O cuidado das creanças — obra destinada especialmente aos paes de familias e aos directores de estabelecimentos de educaçao.

No prelo:

Os Muckers. Episodio historico extrahido da vida contemporanea nas colonias allemãs do Rio Grande do Sul, pelo Rev. mo P. A. Schupp. Tradução brazileira auctorizada pelo auctor.

A venda

na casa de **Selbach & Mayer** — Porto Alegre